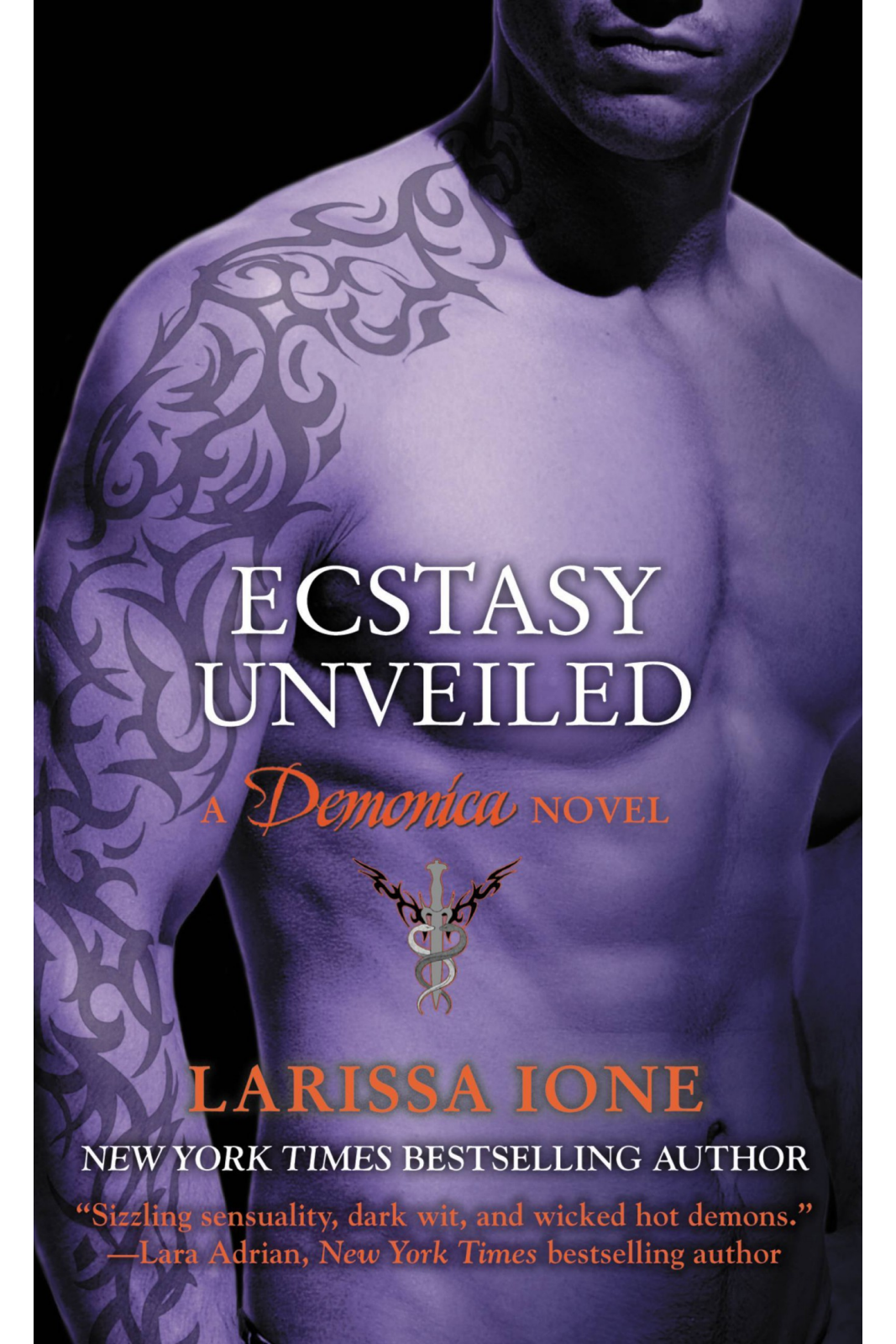




ECSTASY UNVEILED

A *Demonica* NOVEL



LARISSA IONE

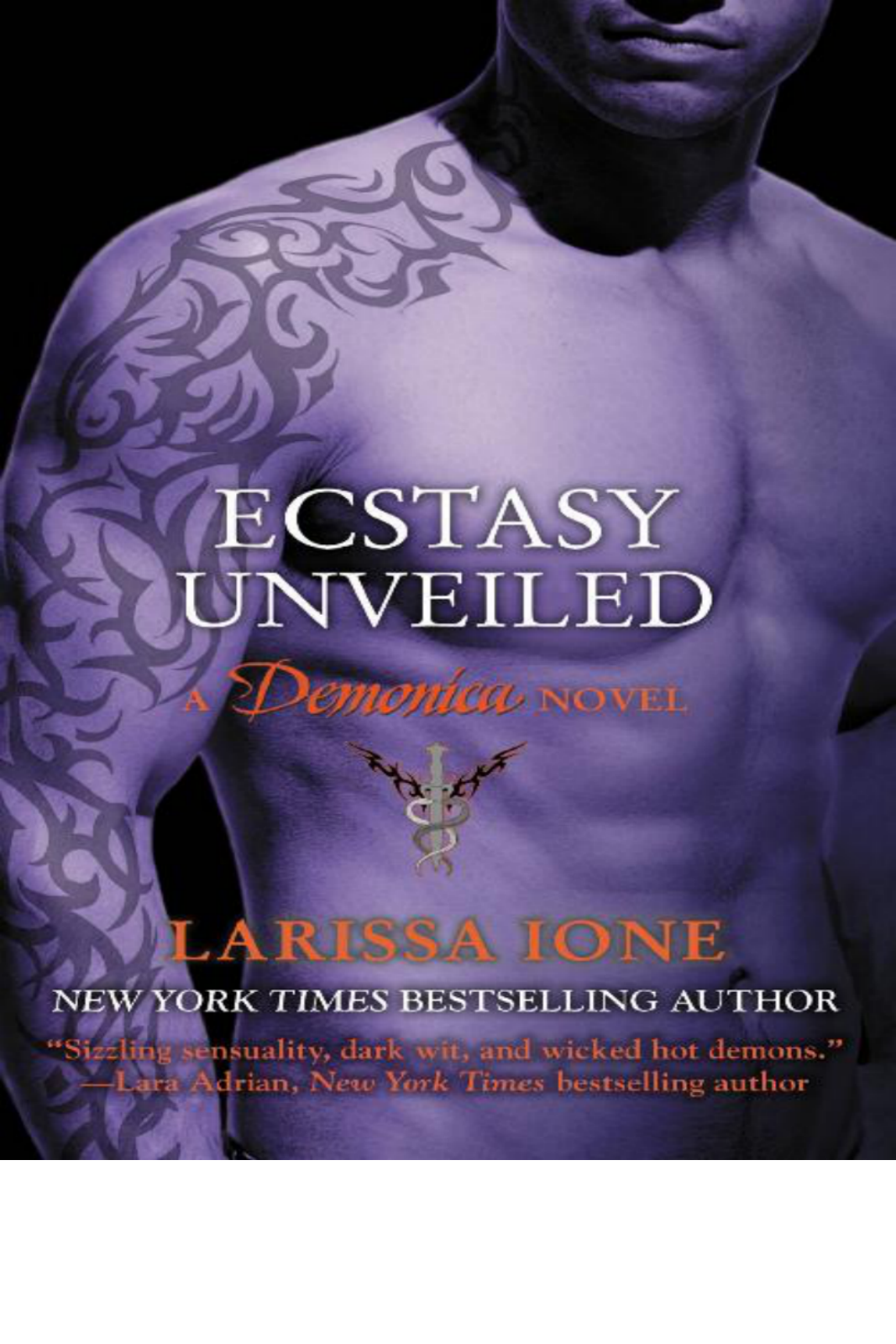
NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

“Sizzling sensuality, dark wit, and wicked hot demons.”

—Lara Adrian, *New York Times* bestselling author

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



ECSTASY UNVEILED

A *Demonica* NOVEL



LARISSA IONE

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

"Sizzling sensuality, dark wit, and wicked hot demons."

—Lara Adrian, *New York Times* bestselling author

Larissa Ione

Demonica 04

Ecstasy Unveiled

Desejo ...

Caçadora de demonios Andrea Cole tem matado demônios e vampiros que persegue sem piedade. Mas quando um caçador companheiro é capturado e transformado em vampiro por um monstro sádico, ela deve escolher entre a lealdade à família e o homem que ela ama.

Versus instinto ...

Kaden Quinn tem dedicado sua vida para matar vampiros, então quando ele é transformado em um, o seu maior pesadelo ganha vida. E quando a mulher que ele ama é atirada em um calabouço com ele - como alimento - ele tem de lutar contra os novos instintos e antigos desejos, e escolher entre sua vida e a dela.

Glossário

O Aegis – Sociedade de guerreiros humanos dedicados a proteger o mundo do mal. Veja: Guardiões, regente, Sigil.

Carceris – Os carcereiros do submundo. Todas as espécies de demônios enviam representantes para servir no Carceris. Os membros do Carceris são responsáveis pela apreensão de demônios acusados de violar a lei dos demônios e por atuar como guardas nas prisões dos Carceris.

Conselho – Todas as espécies e raças de demônios são regidas por um Conselho, que faz as leis e aplica a punição para cada membro de sua espécie ou raça.

Dresdiin – O equivalente a demônio dos anjos.

Guardiões – Guerreiros para o Aegis, treinados em técnicas de combate, armas, magia. Após a introdução no Aegis, todos os Guardiões são presenteados com um pedaço encantado de jóias contendo o escudo Aegis, que, entre outras coisas, permite a visão noturna e capacidade de ver através do encantamento de invisibilidade demoníaca.

Harrowgate – Portais verticais, invisível para

os seres humanos, que os demônios usam para viajar entre locais na Terra e Sheoul.

Infadre – A fêmea de qualquer espécie de demônio, que tem sido fecundada por um demônio Seminus.

Maleconcio – Mais alto nível de regras de demônio, servido por um representante de cada uma das espécies do Conselho. Como as Nações Unidas, do mundo dos demônios.

Orgesu – A escrava sexual demônio, muitas vezes tomada de raças criadas especificamente para a finalidade de fornecer sexo.

Regente – Chefe de uma célula Aegis local.

S'genesis – Ciclo de maturação final de demônios Seminus. Ocorre com cem anos de idade. Os machos S'genesis são capazes de procriar e possuem a habilidade de mudar de forma para qualquer espécie de demônio masculino.

Sheoul – Reino Demoníaco. Localizado nas entranhas da terra, acessível somente por Harrowgates.

Sheoulic – Língua universal dos demônios, falada por todos, embora muitas espécies falem sua própria língua.

Sigil – Junta de doze humanos conhecidos como Anciães, que servem como os líderes supremos do Aegis. Com sede em Berlim, supervisionam todas as células Aegis por todo o mundo.

Ter'taceo – Demônios que podem se passar por humanos, porque sua espécie tem a aparência naturalmente humana, ou também porque eles podem se transformar na forma humana.

Therionidryo – Termo que uma besta usa para uma pessoa que ele/ela mordeu e se transformou em outra besta.

Therionidrysi – Qualquer sobrevivente de um ataque de uma besta. Termo usado para explicar a relação entre o pai e seu therionidryo.

Ufelskala - Um sistema de pontuação para os demônios, com base no seu grau de maldade. Todas as criaturas sobrenaturais e todos os humanos do mal podem ser categorizados em cinco Tiers, com o Quinto Tier composto pelo pior dos perversos.

Classificação dos demônios, enumeradas por Baradoc, demônio Umber, utilizando a raça demônio, Seminus, como exemplo:

Reino: Animalia

Classe: Demônio

Família: Demônio Sexual

Gênero: Terrestre

Espécie: Incubus

Raça: Seminus

Um

Ele que não vê os anjos e demônios na beleza e malícia da vida será de longe desprovido de conhecimento, e seu espírito estará vazio de afeto.

--Kahlil Gibran

Lore sempre acreditou que quando se tratava de sexo, quanto mais, melhor. Muito ruim para ele que quando *mais* significava mais do que apenas ele mesmo, as pessoas tendiam a morrer.

Então, o que diabos ele estava fazendo na cama com uma funcionária da loja de bebidas curvada, a qual ele pegou durante sua terceira corrida por tequila em alguns dias.

Claro, tecnicamente, ele não estava na cama. Ele estava de pé, próximo do demônio de aparência humana da California King, batendo nela por trás enquanto ela se ajoelhou no colchão, gemendo através de seu quarto orgasmo.

Pressão construindo em suas bolas e seu eixo latejava com a necessidade de explodir, mas não importava o que ele fizesse, ele não poderia incendiar-se. Ele agarrou os quadris dela mais duro, o impulso mais profundo. Mais rápido.

Nada.

Ele a levantou, então seus joelhos saíram da cama, dando a ele controle absoluto à medida que avançava contra ela com giros febril.

Nada ainda.

Suor escorria pelo seu rosto, e seus pulmões queimavam com a

força de sua respiração ofegante. — Vamos lá, baby — a fêmea, ele achava que seu nome era April... ou May... talvez June, gritou. Ela rebojava, ainda consumida por outro clímax, e depois abaixou a cabeça em exaustão, seu cabelo loiro minando nos lençóis de cetim pretos.

Ela era linda, não tão linda quanto Gem, mas então, ninguém era. Lore balançou a imagem da médica gótica meio-soulshredder fora de sua cabeça, porque ela estava apaixonada por um humano idiota chamado Kynan, e Lore não tinha realmente uma chance com ela de qualquer maneira.

Que ele não pudesse chegar ao clímax porque estava preocupado em apagar essa espécie de demônio era foddidamente muito engraçado, considerando que ele matava por dinheiro, sem escrúpulos, nenhum arrependimento, e definitivamente havia maneiras piores de ir do que morte-por-orgasmo.

Mas parecia que Gem abrira uma veia nele, uma que corria com estúpidos sentimentos femininos ao invés de sangue. E na verdade, havia uma razão para ele não ter tido sexo em décadas, muito embora sua criação Seminus desse a ele uma necessidade esmagadora de foder com cada fêmea que cruzasse seu caminho. Felizmente para ele, seu lado humano permitia lidar com esses impulsos, ao contrário dos Seminus de raça pura que precisavam ter uma parceira ou morrer.

Quando Lore tinha parceiras, *elas* morriam.

Com um rugido frustrado, ele rasgou-se para longe de AprilMayJune e manobrou seu pau em sua mão enluvada. Sua liberação foi dura e rápida... e, como esperado, não mais satisfatório do que se tivesse sido por ele mesmo. E agora, sem nada para distraí-lo, ele não poderia ignorar o impresso vergão em forma de mão que queimava em seu peito.

Lore precisava ir. Sem mais adiamento. Depois de três semanas de revogação, principalmente para irritar seu chefe, era hora de ser punido como um homem. Bem, meio-homem, meio-incubus. A fêmea rolou, e o observou com olhos sonolentos. Ele ainda não tinha certeza porque caíra fora do vagão do celibato por ela, exceto talvez pelo fato de que ela estava no lugar certo, na hora certa quando ele ainda havia conseguido outra mensagem de texto de *Eidolon*, M.D. Cristo, o cara só *precisava* incluir o M.D. em sua assinatura, como se o submundo inteiro não soubesse o que ele era.

A lembrança de que seu irmão era um médico respeitado que salvava vidas, enquanto Lore não passava de um desprezível assassino mestiço, o enviou para baixo, em uma espiral destrutiva que envolvia muito álcool e proposição para AprilMayJune.

Ainda assim, ele eventualmente teria que encarar Eidolon e seus outros irmãos de novo, não importa o que Lore prometeu para sua irmã, porque ele tinha uma sensação de que se seus novos irmãos descobertos quisessem encontrá-lo, eles iriam. E eles não pareciam do tipo que respeitavam espaço e privacidade.

— Eu disse a você que não estou na época. — AprilMayJune disse, sua voz sonolenta com saciedade sexual. — Eu não posso engravidar.

— Não importa. — Ele enfiou-se de volta em suas calças de couro. — Eu sou estéril. — Ao menos, isso era o que um dos outros irmãos, Shade, dissera a ele. Lore não tinha certeza como ele se sentiu sobre isso, mas era definitivamente o melhor.

Ela suspirou e caiu para trás contra os travesseiros. — Então porque você gozou por todo o meu chão? E porque você ainda está vestindo aquela luva?

— Para reduzir as chances de matar você. — Qualquer um que tocou a pele nua de seu braço e mão direita marcada pelos hieróglifos de cor diluída chamados *dermoire* que serpenteavam do ombro à unha, caía morto pelo contato. Ele havia vestido uma jaqueta e luvas ao redor de todos, exceto sua irmã, por décadas, mas se ele tivesse um orgasmo ou convocasse seu *dom*, ele poderia matar diretamente através do couro protetor, o que era porque, durante sexo, ele tentava não tocar suas parceiras quando ele se aproximava do clímax. Tentava, porque com algumas poucas exceções, algo sempre dava errado. A fêmea mostrou os dentes, o que, no último par de segundos, cresceram mais afiados. E maiores. — Você acha que pode me pegar?

Acabei de fazer, querida. — Eu sei que posso. — Ele bateu no bolso para se certificar que ela não roubou sua carteira, em seguida, verificou seu cinto de armas pela mesma razão. Ele teria que matá-la se ela tivesse pegado sua adaga de osso de Gargantua.

Graciosamente ela ficou em pé, os quais estavam agora inclinados com unhas curvadas, assim como suas mãos. Inferno, que tipo de demônio ela era? — Arrogante de merda. — Sua pronúncia era mole agora, as palavras ditas através de uma linha extra de dentes que

não estiveram lá antes.

— Você está mexendo com a porra do arrogante errado, garotinha. — Lore se moveu em direção à porta. — Obrigado pelos risos. Vejo você por aí.

— Garotinha? — ela se lançou para ele, pegando-o pelas costas e batendo-o na parede.

Como ele virou para longe, ela buscou suas garras no peito dele, rasgando sua camiseta aberta e deixando um rastro de sangue de arranhões para trás.

Fome brilhava nos olhos negros dela quando ela rastejou em direção a ele como um gato preparando para atacar. — Eu vou comer seu cérebro cru.

Lore bateu a mão sobre seus cortes pungentes. — Jesus. Você é uma fodida Dire Mantis. — Percebeu que depois de sessenta anos de celibato, a primeira parceira que ele escolheu seria uma que comia as cabeças de demônios machos.

— Se serve de consolo — ela ronronou, — esse foi o melhor sexo que qualquer um dos meus companheiros já me deu.

— Bem, dão. — Ele a observou lamber os lábios como se já estivesse degustando seu cérebro. Repugnante. — Eu não posso acreditar que estava preocupado em matar você.

Ela se lançou. Ele se esquivou. Ele poderia matá-la com um estalo no pescoço, mas as mordidas de Dire Mantis eram paralisantes, e ele não queria arriscar ficar em qualquer lugar perto daquela boca. Ela veio a ele novamente, dentes rangendo. Quando ela o alcançou, ele girou para o lado e agarrou seu antebraço. O poder de matar chiando como um relâmpago do seu ombro até os dedos, e ela caiu no chão, seu corpo sem vida fazendo um barulho seco. Ela contraiu-se algumas vezes antes de cair em silêncio.

A maioria dos demônios puros que morriam na superfície desintegrava em segundos, mas ele não ficou por perto para assistir. Ou se importar. Ele saiu do quarto e da casa sem olhar para trás. Ele era, afinal, um assassino. Nas três semanas desde que testemunhou o fim iminente do mundo, encontrando seus irmãos, e trazendo de volta a vida uma humana que ele preferiria ter deixado morta, ele não fizera nada além de afogar-se em garrafas de licor. Mas não mais. Perdendo a si mesmo e sua mente quase custaram sua vida no quarto

de AprilMayJune. Ele não cometeria esse erro nunca mais.

— Me dê uma razão pela qual eu não deva matar você.

Batendo com o piercing da língua contra os dentes, Lore considerou sua resposta enquanto parava diante de seu senhor e chefe idiota. A etiqueta de cafetão também poderia se aplicar ao demônio, vendo como Deth permitia seus assassinos pegar trabalhos de freelance... desde de que ele recebesse sessenta por cento do dinheiro ganho. E nenhuns dos assassinos fizeram contratos, fora os contados para a obrigação de Lore com Deth, embora o demônio exigisse que os seus assassinos aceitassem três trabalhos fora por ano. Babaca.

Lore manteve seu olhar ao nível de Deth, mais para manter-se fundamentado do que para mostrar que ele não estava nervoso. Ele viera direto da casa de mantis, mas foi ontem. Ele esteve preso no tronco e ajoelhado em cacos de vidro por doze horas na câmara principal.

O que significava que ele não foi capaz de satisfazer as necessidades sexuais de seu corpo, e ele podia sentir a tensão resultante, a ira crescente que ameaçava transformá-lo em uma besta arranhando o interior de sua pele. O resto de seu corpo não se sentia muito melhor. Suas articulações doíam, suas bolas estavam sensíveis, e cada centímetro de sua pele queimava.

Mas toda aquela dor era pouca comparada a tortura que ele sofreu enquanto estava no tronco, uma punição que ele ganhou quando usou seu dom da ressurreição. Antes de Lore entregar sua alma a Deth, gastaria umas vinte e quatro horas em agonia sangrenta após trazer alguém da morte. Mas agora, por causa do seu laço de escravo, foi seu mestre, Detharu, quem experimentou o preço agonizante que Lore pagou por trazer um humano de volta à vida. E Deth garantiu que Lore pagasse caro por seu sofrimento.

Engraçado como suas duas habilidades especiais, tirando e dando a vida, eram tão opostas, mas apenas a habilidade *boa* vinha com dor. Ele supunha que fazia sentido: vida fodidamente dolorida.

— Bem — ele finalmente falou pausadamente, com uma calma que ele não sentia, — sou seu assassino mais bonito, e sem mim, você teria que olhar para gente como Hadrian Maggotface o dia todo.

Detharu, um demônio cuja espécie Lore nunca determinou, principalmente porque ele aparentava diferente para todos que o viam, sorriu. Pelo menos, a revolvida de seus lábios negros incrustados era a coisa mais perto de um sorriso que Lore já viu no cara. O que quer que isso fosse, não fez nada para conter a agitação de desconforto no intestino de Lore, um mal-estar que era ainda mais esmagador do que o habitual.

— Você fez um bom ponto. Mas não bom o suficiente. — Mudando em seu trono construído de ossos de várias espécies de demônios e pelo menos um humano, Detharu fez um gesto com seu punho com luva de aço.

Dois de seus sentinelas, demônios Ramreel enormes com chifres curvados e um amor profano a facões, descolaram das paredes de pedra irregular. Seus pequenos olhos de porco brilhavam com antecipação de assassinato quando vieram para Lore de ambos os lados. Mais quatro Ramreels observavam de suas posições na entrada da câmara, baba escorrendo de seus focinhos como se Pavlov tivesse tocado o sino do jantar. E nas sombras atrás de Detharu, outro macho estava em pé, a expressão em seu rosto ilegível, mas Lore sentiu uma certa... antecipação. Estranho. Lore vira o cara antes, saindo com seu irmão insano, Roag, e Byzamoth, um anjo caído igualmente insano que tentou começar o Armagedon.

Mas ambos os malucos se foram agora, e não havia nenhum ponto em se perguntar por que o demônio estava lá, porque nesse momento, o maior mistério na sua frente era se ele estava mantendo sua cabeça.

Lore revirou seus ombros, fazendo sua melhor impressão de um cara que não estava de todo preocupado que sua próxima respiração poderia ser a última. — Olha, Deth, não precisa ter sua cueca torcida[1]. Vou fazer isso para você...

— Você deu a alguém a vida, então eu passaria dois pôr do sol em agonia!

Apenas Deth pensaria que a ressurreição de Kynan era tudo sobre ele. — Sim, mas...

— Nós somos assassinos, seu imbecil! Nós não *damos vida*! Você

fez de mim uma piada. — Detharu ficou em pé com um rosnado, o fogo do enorme forno no meio da sala lançando fogos, piscando para as sombras nos vales entre suas costelas, que estavam do lado de fora de seu corpo. — Pior ainda, você e Zaw falharam em matar os demônios *Seminus* como foram contratados para fazer!

Lore cerrou os punhos ao seu lado para não fazer algo estúpido, como estrangular seu chefe. — Eu posso conseguir o dinheiro.

Essa era uma enorme e gorda mentira. Não havia nenhuma maneira no inferno que ele pudesse vir com os vinte milhões que ele pegaria do executor dos bens de Roag mediante prova da morte de Wraith, Eidolon, e Shade. Metade daquilo, talvez, mas não a quantia toda.

— Mas você não pode conseguir de volta o respeito que eu perdi aos olhos da Corporação de Assassinos — Deth rugiu.

— Tem que haver uma maneira.

— Há. — Detharu afundou de volta para baixo como se sua exibição de comportamento nunca tivesse acontecido. — Sua cabeça em um pique, exibida no hall da Corporação.

— Sim, isso não funciona para mim. — Lore enfiou sua mão enluvada pelo cabelo, mas isso não massageou a tensão para fora de seu crânio. — Pega leve comigo, ok? Eles eram meus irmãos.

Felizmente, Lore falhou em matá-los. Depois da tentativa e da consequente revelação dos laços de sangue, Lore ficou em torno de seus irmãos apenas tempo suficiente para pegar um pouco da história da raça *Seminus* e ver o que acontecia com a fêmea de Wraith, e então ele saiu do hospital como se isso estivesse queimando.

Não viu ou falou com seus irmãos desde então, pois as constantes mensagens de Eidolon eram tão irritantes quanto passar as unhas em um quadro-negro.

— Família? — Detharu se inclinou para frente em seu assento. — Então porque você concordou em matá-los?

— Eu não sabia que eles eram meus irmãos no momento que o trabalho foi oferecido. — Não, aquele pequeno segredo foi tão retorcido quanto Roag.

A cadeira rangeu quando Detharu sentou de volta e esfregou o

queixo pontudo. — Eu tenho irmãos. Eu matei dois deles. Gostei de fazer isso.

Isso não parecia bom. — Sem dúvida eles mereciam isso. — Sim, Lore poderia beijar o traseiro com o melhor deles.

Detharu encolheu os ombros. Por um longo momento, o único som na sala era o crepitar do fogo e um ocasional escorrer de baba de Ramreel. Lore olhou para a saída, reunindo as pressas um plano de fuga. Ele poderia tirar o demônio mais perto dele, senão seu facão, e então pedir a Deus para que ele pudesse cortar os outros antes que Detharu o prendesse. Se ele fizesse isso do lado de fora da câmara, outros escravos-assassinos de Detharu o ajudariam a escapar. Não que ele estaria livre por muito tempo. O laço-escravo, a mão impressa queimada em sua carne sobre seu coração, acabaria eventualmente a obrigá-lo a voltar aqui ou encarar o sofrimento inimaginável quando a primeira ligação cauterizasse sua pele, e então trabalhasse seu caminho para seus músculos e órgãos. Ou você voltava a cova, ou cozinava para a morte.

Lentamente.

Finalmente, Detharu balançou a cabeça. — Eu não vou executá-lo por não matar seus irmãos.

— Grande de você — Lore murmurou.

Um grunhido dentado retumbou do peito esquelético de Deth. — O que você disse?

— Eu disse obrigado. — Lore fez uma careta para os Ramreels. — Vocês o ouviram. Superem isso. Sem assassinato para vocês hoje. — Os agentes Ramreel atuavam mais como guardas do que como executores, mas eles praticamente faziam tudo o que Deth queria que fizessem, e quanto mais sangrenta a tarefa, mais feliz eles ficavam. Os brilhantes olhos laranja de Detharu estreitaram. — Há um preço, é claro.

— Naturalmente.

— Eu tenho um trabalho para você.

O que significava que apesar das ameaças e postura, Deth não teve a intenção de empalar a cabeça de Lore sobre um pedaço de pau afinal. — O que eu tenho que fazer? — Lore perguntou através dos dentes cerrados. — Coletar outra dívida? Entregar um aviso sangrento

para alguém? Quer que eu vá buscar uma pizza? Porque você sabe o quanto eu amo bancar o entregador.

Ele odiava bancar o criado da pizza.

— Você pode me trazer uma carne-toda coberta com certa cabeça humana. Estou dando a você sua centésima morte.

Lore parou de respirar mesmo quando seu pulso acelerou. Ele estivera esperando trinta anos por isso. Depois que completasse sua centésima morte, Deth não teria mais qualquer domínio sobre ele. Ele seria um homem livre. Mas espera... alguma coisa não estava certa. Detharu havia evitado dar a ele um trabalho de assassinato por anos, sem vontade de entregar essa última atribuição que libertaria ambos, Lore e sua irmã, Sin, para sempre.

Lore estudou o rosto impassível de Deth, procurando, mas não encontrando nenhuma ideia do que ele estava pensando. — Qual é o truque?

Os dedos ossudos de Deth fizeram barulhos de cliques irritantes quando ele batia no braço de sua cadeira. — Você violou os termos do nosso negócio quebrando o subcontrato com Roag e não matando seus irmãos Seminus. Eu perdi a minha parte e pareci um idiota. Portanto, estou alterando o nosso acordo.

Porra. Ele sabia disso. — E quais são seus novos termos? — ele aterrou.

— No passado, você foi autorizado a recusar trabalhos.

— E eu paguei o preço em sangue. — Muito sangue.

— Você não recusará esse.

Uh-oh. Um calafrio deslizou pela espinha de Lore. Deth estava esperando que ele recusasse, o que significava que o alvo seria uma criança ou mulher grávida ou algo assim. — E se eu recusar?

— Se você recusar ou não tiver sucesso, então terei a cabeça de Sin no lugar de vocês, pela sua falha ao matar seus irmãos.

Uma cortina vermelha desceu sobre sua visão. *Fique calmo. Fique... calmo.* Não funcionou. A ira dentro de Lore gritou para a superfície, perdendo completamente o período normal de transição, e ele se lançou para o demônio. — Seu filho da puta!

Os sentinelas o pegaram, um em cada braço. Instinto e raiva se fundiram, e sem pensar, ele carregou seu dom. O Ramreel segurando o bíceps direito de Lore não teve nem tempo de gritar. Ele caiu no chão, olhos maiores na morte do que foi em vida.

Instantaneamente, o outro rodou para longe, desenhando seu facão, o qual ele apontou nas costelas de Lore.

Deth chegou a seus pés, e a próxima coisa que Lore soube, o punho enluvado de aço de Deth estava em seu rosto. A cabeça de Lore estalou para trás e a dor explodiu em seu crânio. A expressão de fúria contorcia o rosto de Detharu, descamando seus lábios de seus dentes escurecidos e afiados.

— Isso foi estúpido, Lore. Mesmo depois de todo esse tempo, você ainda não aprendeu a controlar seu temperamento.

Irritava admitir isso, mas Detharu estava certo em ambos os casos. A raiva de Lore era um problema desde que ele tinha vinte anos, quando passou pela estranha transformação que deu a ele um braço coberto por tatuagens. Mas isso foi apenas para iniciantes. Ele também ganhou um *dom* de matar tudo o que tocava com o braço tatuado; a habilidade de ressurreição da morte ou *sentir* como uma pessoa havia morrido, e uma libido desenfreada que precisava ser tratada várias vezes por dia para não entrar em fúria, e que não terminava até que matasse ou tivesse sexo, sexo que resultava na morte de sua parceira.

Mas ser sexualmente saciado não era uma garantia contra a ira. Dor e raiva ainda poderiam colocá-lo fora, não importa quantas vezes ou como ele recentemente havia se aliviado.

Respirando profundamente, ele se forçou a se acalmar antes que a raiva o levasse ao ponto sem volta, ou antes que ele fizesse algo estúpido de novo. O movimento que ele fez contra Detharu trazia consigo uma pena de morte.

A coisa era, de qualquer maneira, Lore não poderia ter machucado Detharu. A magia do laço prevenia violência contra o mestre. Lore não poderia nem sequer tocar Detharu a menos que o demônio quisesse ser tocado.

E graças a Deus, Deth há muito tempo decidira que Lore não era permitido tocar. Poucos dos assassinos de Deth eram tão sortudos.

Lore cerrou os dentes, determinado a manter-se calado, mas se

recusando a desculpar-se. Ao invés, ele rangeu, — Quem é o alvo? Quem é meu centésimo assassinato?

Lore esqueceu tudo sobre o macho nas sombras, mas agora ele se mudou um pouco, seu cabelo preto na altura da cintura parecendo absorver toda a luz na sala. Era como se o cara usasse sua sombra como um manto. Isso era seriamente fodido.

Um sorriso sinistro dividiu o rosto de Deth amplamente aberto. — O alvo — ele disse, — é Kynan Morgan. O próprio humano que você trouxe de volta a vida.

O chão moveu debaixo dos pés de Lore. *Oh, santo inferno.* Embora Lore tivesse salvado a vida de Kynan, ele o odiava, e realmente não se importaria em colocá-lo ao chão. Mas Jesus... se ele matasse o humano, Lore passaria o resto da sua vida triste, olhando sobre seu ombro. Ele teria cada Guardião Aegis no planeta com o objetivo de destripá-lo com um stang, o que seria um prazer comparado ao que Gem e seus irmãos fariam com ele.

Deth inclinou-se perto, tão perto que Lore podia sentir o calor do feio demônio em seu rosto. — Você tem sua tarefa. Vai matar Morgan usando seu toque de morte, e recuperar seu amuleto dentro de noventa e seis horas. E se você recusar ou falhar, Sin morrerá.

Sin, cujas palavras favoritas estavam agora se tornando ironicamente realidade.

Nenhuma boa ação deve ficar impune.

Não porra.

Por poupar seus irmãos, Lore poderia ter condenado sua irmã à morte.

[1] É uma expressão, ditas a pessoas agitadas ou ansiosas por algo.

— Me dê uma razão pela qual eu não deva matar você.

Batendo com o piercing da língua contra os dentes, Lore considerou sua resposta enquanto parava diante de seu senhor e chefe idiota. A etiqueta de cafetão também poderia se aplicar ao demônio, vendo como Deth permitia seus assassinos pegar trabalhos de freelance... desde de que ele recebesse sessenta por cento do dinheiro ganho. E nenhuns dos assassinos fizeram contratos, fora os contados para a obrigação de Lore com Deth, embora o demônio exigisse que os seus assassinos aceitassem três trabalhos fora por ano. Babaca.

Lore manteve seu olhar ao nível de Deth, mais para manter-se fundamentado do que para mostrar que ele não estava nervoso. Ele viera direto da casa de mantis, mas foi ontem. Ele esteve preso no tronco e ajoelhado em cacos de vidro por doze horas na câmara principal.

O que significava que ele não foi capaz de satisfazer as necessidades sexuais de seu corpo, e ele podia sentir a tensão resultante, a ira crescente que ameaçava transformá-lo em uma besta arranhando o interior de sua pele. O resto de seu corpo não se sentia muito melhor. Suas articulações doíam, suas bolas estavam sensíveis, e cada centímetro de sua pele queimava.

Mas toda aquela dor era pouca comparada a tortura que ele sofreu enquanto estava no tronco, uma punição que ele ganhou quando usou seu dom da ressurreição. Antes de Lore entregar sua alma a Deth, gastaria umas boas vinte e quatro horas em agonia sangrenta após trazer alguém da morte. Mas agora, por causa do seu laço de escravo, foi seu mestre, Detharu, quem experimentou o preço agonizante que Lore pagou por trazer um humano de volta à vida. E Deth garantiu que Lore pagasse caro por seu sofrimento.

Engraçado como suas duas habilidades especiais, tirando e dando a vida, eram tão opostas, mas apenas a habilidade *boa* vinha com dor. Ele supunha que fazia sentido: vida fodidamente dolorida.

— Bem — ele finalmente falou pausadamente, com uma calma que ele não sentia, — sou seu assassino mais bonito, e sem mim, você teria que olhar para gente como Hadrian Maggotface o dia todo.

Detharu, um demônio cuja espécie Lore nunca determinou, principalmente porque ele aparentava diferente para todos que o viam, sorriu. Pelo menos, a revolvida de seus lábios negros incrustados era a coisa mais perto de um sorriso que Lore já viu no

cara. O que quer que isso fosse, não fez nada para conter a agitação de desconforto no intestino de Lore, um mal-estar que era ainda mais esmagador do que o habitual.

— Você fez um bom ponto. Mas não bom o suficiente. — Mudando em seu trono construído de ossos de várias espécies de demônios e pelo menos um humano, Detharu fez um gesto com seu punho com luva de aço.

Dois de seus sentinelas, demônios Ramreel enormes com chifres curvados e um amor profano a facões, descolaram das paredes de pedra irregular. Seus pequenos olhos de porco brilhavam com antecipação de assassinato quando vieram para Lore de ambos os lados. Mais quatro Ramreels observavam de suas posições na entrada da câmara, baba escorrendo de seus focinhos como se Pavlov tivesse tocado o sino do jantar. E nas sombras atrás de Detharu, outro macho estava em pé, a expressão em seu rosto ilegível, mas Lore sentiu uma certa... antecipação. Estranho. Lore vira o cara antes, saindo com seu irmão insano, Roag, e Byzamoth, um anjo caído igualmente insano que tentou começar o Armagedon.

Mas ambos os malucos se foram agora, e não havia nenhum ponto em se perguntar por que o demônio estava lá, porque nesse momento, o maior mistério na sua frente era se ele estava mantendo sua cabeça.

Lore revirou seus ombros, fazendo sua melhor impressão de um cara que não estava de todo preocupado que sua próxima respiração poderia ser a última. — Olha, Deth, não precisa ter sua cueca torcida[1]. Vou fazer isso para você...

— Você deu a alguém a vida, então eu passaria dois pôr do sol em agonia!

Apenas Deth pensaria que a ressurreição de Kynan era tudo sobre ele. — Sim, mas...

— Nós somos assassinos, seu imbecil! Nós não *damos vida*! Você fez de mim uma piada. — Detharu ficou em pé com um rosnado, o fogo do enorme forno no meio da sala lançando fogos, piscando para as sombras nos vales entre suas costelas, que estavam do lado de fora de seu corpo. — Pior ainda, você e Zaw falharam em matar os demônios *Seminus* como foram contratados para fazer!

Lore cerrou os punhos ao seu lado para não fazer algo estúpido, como estrangular seu chefe. — Eu posso conseguir o dinheiro.

Essa era uma enorme e gorda mentira. Não havia nenhuma maneira no inferno que ele pudesse vir com os vinte milhões que ele pegaria do executor dos bens de Roag mediante prova da morte de Wraith, Eidolon, e Shade. Metade daquilo, talvez, mas não a quantia toda.

— Mas você não pode conseguir de volta o respeito que eu perdi aos olhos da Corporação de Assassinos — Deth rugiu.

— Tem que haver uma maneira.

— Há. — Detharu afundou de volta para baixo como se sua exibição de comportamento nunca tivesse acontecido. — Sua cabeça em um pique, exibida no hall da Corporação.

— Sim, isso não funciona para mim. — Lore enfiou sua mão enluvada pelo cabelo, mas isso não massageou a tensão para fora de seu crânio. — Pega leve comigo, ok? Eles eram meus irmãos.

Felizmente, Lore falhou em matá-los. Depois da tentativa e da consequente revelação dos laços de sangue, Lore ficou em torno de seus irmãos apenas tempo suficiente para pegar um pouco da história da raça Seminus e ver o que acontecia com a fêmea de Wraith, e então ele saiu do hospital como se isso estivesse queimando.

Não viu ou falou com seus irmãos desde então, pois as constantes mensagens de Eidolon eram tão irritantes quanto passar as unhas em um quadro-negro.

— Família? — Detharu se inclinou para frente em seu assento. — Então porque você concordou em matá-los?

— Eu não sabia que eles eram meus irmãos no momento que o trabalho foi oferecido. — Não, aquele pequeno segredo foi tão retorcido quanto Roag.

A cadeira rangeu quando Detharu sentou de volta e esfregou o queixo pontudo. — Eu tenho irmãos. Eu matei dois deles. Gostei de fazer isso.

Isso não parecia bom. — Sem dúvida eles mereciam isso. — Sim, Lore poderia beijar o traseiro com o melhor deles.

Detharu encolheu os ombros. Por um longo momento, o único som na sala era o crepitar do fogo e um ocasional escorrer de baba de Ramreel. Lore olhou para a saída, reunindo as pressas um plano de

fuga. Ele poderia tirar o demônio mais perto dele, senão seu facão, e então pedir a Deus para que ele pudesse cortar os outros antes que Detharu o prendesse. Se ele fizesse isso do lado de fora da câmara, outros escravos-assassinos de Detharu o ajudariam a escapar. Não que ele estaria livre por muito tempo. O laço-escravo, a mão impressa queimada em sua carne sobre seu coração, acabaria eventualmente a obrigá-lo a voltar aqui ou encarar o sofrimento inimaginável quando a primeira ligação cauterizasse sua pele, e então trabalhasse seu caminho para seus músculos e órgãos. Ou você voltava a cova, ou cozinhava para a morte.

Lentamente.

Finalmente, Detharu balançou a cabeça. — Eu não vou executá-lo por não matar seus irmãos.

— Grande de você — Lore murmurou.

Um grunhido dentado retumbou do peito esquelético de Deth. — O que você disse?

— Eu disse obrigado. — Lore fez uma careta para os Ramreels. — Vocês o ouviram. Superem isso. Sem assassinato para vocês hoje. — Os agentes Ramreel atuavam mais como guardas do que como executores, mas eles praticamente faziam tudo o que Deth queria que fizessem, e quanto mais sangrenta a tarefa, mais feliz eles ficavam. Os brilhantes olhos laranja de Detharu estreitaram. — Há um preço, é claro.

— Naturalmente.

— Eu tenho um trabalho para você.

O que significava que apesar das ameaças e postura, Deth não teve a intenção de empalar a cabeça de Lore sobre um pedaço de pau afinal. — O que eu tenho que fazer? — Lore perguntou através dos dentes cerrados. — Coletar outra dívida? Entregar um aviso sangrento para alguém? Quer que eu vá buscar uma pizza? Porque você sabe o quanto eu amo bancar o entregador.

Ele odiava bancar o criado da pizza.

— Você pode me trazer uma carne-toda coberta com certa cabeça humana. Estou dando a você sua centésima morte.

Lore parou de respirar mesmo quando seu pulso acelerou. Ele

estivera esperando trinta anos por isso. Depois que completasse sua centésima morte, Deth não teria mais qualquer domínio sobre ele. Ele seria um homem livre. Mas espera... alguma coisa não estava certa. Detharu havia evitado dar a ele um trabalho de assassinato por anos, sem vontade de entregar essa última atribuição que libertaria ambos, Lore e sua irmã, Sin, para sempre.

Lore estudou o rosto impassível de Deth, procurando, mas não encontrando nenhuma ideia do que ele estava pensando. — Qual é o truque?

Os dedos ossudos de Deth fizeram barulhos de cliques irritantes quando ele batia no braço de sua cadeira. — Você violou os termos do nosso negócio quebrando o subcontrato com Roag e não matando seus irmãos Seminus. Eu perdi a minha parte e pareci um idiota. Portanto, estou alterando o nosso acordo.

Porra. Ele sabia disso. — E quais são seus novos termos? — ele aterrou.

— No passado, você foi autorizado a recusar trabalhos.

— E eu paguei o preço em sangue. — Muito sangue.

— Você não recusará esse.

Uh-oh. Um calafrio deslizou pela espinha de Lore. Deth estava esperando que ele recusasse, o que significava que o alvo seria uma criança ou mulher grávida ou algo assim. — E se eu recusar?

— Se você recusar ou não tiver sucesso, então terei a cabeça de Sin no lugar de vocês, pela sua falha ao matar seus irmãos.

Uma cortina vermelha desceu sobre sua visão. *Fique calmo. Fique... calmo.* Não funcionou. A ira dentro de Lore gritou para a superfície, perdendo completamente o período normal de transição, e ele se lançou para o demônio. — Seu filho da puta!

Os sentinelas o pegaram, um em cada braço. Instinto e raiva se fundiram, e sem pensar, ele carregou seu dom. O Ramreel segurando o bíceps direito de Lore não teve nem tempo de gritar. Ele caiu no chão, olhos maiores na morte do que foi em vida.

Instantaneamente, o outro rodou para longe, desenhando seu facão, o qual ele apontou nas costelas de Lore.

Deth chegou a seus pés, e a próxima coisa que Lore soube, o punho enluvado de aço de Deth estava em seu rosto. A cabeça de Lore estalou para trás e a dor explodiu em seu crânio. A expressão de fúria contorcia o rosto de Detharu, descamando seus lábios de seus dentes escurecidos e afiados.

— Isso foi estúpido, Lore. Mesmo depois de todo esse tempo, você ainda não aprendeu a controlar seu temperamento.

Irritava admitir isso, mas Detharu estava certo em ambos os casos. A raiva de Lore era um problema desde que ele tinha vinte anos, quando passou pela estranha transformação que deu a ele um braço coberto por tatuagens. Mas isso foi apenas para iniciantes. Ele também ganhou um *dom* de matar tudo o que tocava com o braço tatuado; a habilidade de ressurreição da morte ou *sentir* como uma pessoa havia morrido, e uma libido desenfreada que precisava ser tratada várias vezes por dia para não entrar em fúria, e que não terminava até que matasse ou tivesse sexo, sexo que resultava na morte de sua parceira.

Mas ser sexualmente saciado não era uma garantia contra a ira. Dor e raiva ainda poderiam colocá-lo fora, não importa quantas vezes ou como ele recentemente havia se aliviado.

Respirando profundamente, ele se forçou a se acalmar antes que a raiva o levasse ao ponto sem volta, ou antes que ele fizesse algo estúpido de novo. O movimento que ele fez contra Detharu trazia consigo uma pena de morte.

A coisa era, de qualquer maneira, Lore não poderia ter machucado Detharu. A magia do laço prevenia violência contra o mestre. Lore não poderia nem sequer tocar Detharu a menos que o demônio quisesse ser tocado.

E graças a Deus, Deth há muito tempo decidira que Lore não era permitido tocar. Poucos dos assassinos de Deth eram tão sortudos.

Lore cerrou os dentes, determinado a manter-se calado, mas se recusando a desculpar-se. Ao invés, ele rangeu, — Quem é o alvo? Quem é meu centésimo assassinato?

Lore esqueceu tudo sobre o macho nas sombras, mas agora ele se mudou um pouco, seu cabelo preto na altura da cintura parecendo absorver toda a luz na sala. Era como se o cara usasse sua sombra como um manto. Isso era seriamente fodido.

Um sorriso sinistro dividiu o rosto de Deth amplamente aberto. — O alvo — ele disse, — é Kynan Morgan. O próprio humano que você trouxe de volta a vida.

O chão moveu debaixo dos pés de Lore. *Oh, santo inferno.* Embora Lore tivesse salvado a vida de Kynan, ele o odiava, e realmente não se importaria em colocá-lo ao chão. Mas Jesus... se ele matasse o humano, Lore passaria o resto da sua vida triste, olhando sobre seu ombro. Ele teria cada Guardião Aegis no planeta com o objetivo de destripá-lo com um stang, o que seria um prazer comparado ao que Gem e seus irmãos fariam com ele.

Deth inclinou-se perto, tão perto que Lore podia sentir o calor do feio demônio em seu rosto. — Você tem sua tarefa. Vai matar Morgan usando seu toque de morte, e recuperar seu amuleto dentro de noventa e seis horas. E se você recusar ou falhar, Sin morrerá.

Sin, cujas palavras favoritas estavam agora se tornando ironicamente realidade.

Nenhuma boa ação deve ficar impune.

Não porra.

Por poupar seus irmãos, Lore poderia ter condenado sua irmã à morte.

[1] É uma expressão, ditas a pessoas agitadas ou ansiosas por algo.

Dois

Idess estava perto do fim. Ela podia sentir isso. Podia praticamente saborear isso, e como ela ficou no topo do Monte Everest e olhou para o céu, ela podia imaginá-lo.

Um vendaval gelado chicoteou a neve ao redor dela, mas ela não notou, apesar do fato de estar usando calças de cintura baixa, um top revelando a barriga e botas. Como uma Memitim, a única classe de anjos que nascia não feito diretamente pelas mãos de Deus, ela era imune aos elementos. Era imune a maioria das coisas que poderiam prejudicar os outros. Logo, mesmo aquelas poucas coisas que poderia machucar ou feri-la seriam não mais que uma ameaça. Em breve, ela Ascenderia[1], ganharia suas asas e se juntaria a sua mãe, irmãos e irmãs, anjos completamente transformados no Paraíso.

Não que ela se importasse em ver muitos deles. Com a exceção de seu irmão Rami, ela conhecia alguns de seus irmãos muito bem, mas não todos. Mas ela não podia esperar para ver Rami, passou os últimos quinhentos anos desde que ele Ascendeu em solidão e isolamento. O único contato que ela teve com pessoas era quando ia as compras, um passatempo favorito, e quando se alimentava, um mal necessário que ela desprezava. *Se alimentar é a maldição de nosso pai*, Rami dissera. *Isso nos lembra que ninguém é perfeito, e que nós todos devemos resistir às tentações da carne para não permitir que a corrupção manche as nossas almas.*

Rami temeu que ela desfrutasse do contato físico se alimentando do Primori obrigatório, e que gradualmente iria sucumbir ao pecado.

Ele estava certo em se preocupar. Beber sangue fez mais do que entregar a breve infusão de poder que Memitim precisavam para manter suas habilidades da carne. Isso também os conectava,

temporariamente, psiquicamente ao seu hospedeiro, forçando Memitim a, por horas, sentir o que o Primori sentia; seja raiva, tristeza, luxúria...

Oh, Idess não podia esperar até o dia em que ela Ascendesse e não precisasse mais se envolver em tais intimidades. Como era, ela desprezava tanto a alimentação que tinha a tendência de andar em uma linha fina com isso, adiando até o último momento possível.

— Está quase acabado — ela gritou para o céu. O vento comeu suas palavras, mas ela sabia que foi ouvida. No Paraíso, eles ouviam tudo.

O pensamento trouxe uma pontada instantânea de medo ao seu intestino, porque na verdade, ela esperava que não fosse o caso. Ela não foi exatamente... um anjo.

Ainda assim, ela estava perto de ser um. Ela tinha agora apenas dois Primoris para vigiar, e um deles era a jóia em sua coroa.

Kynan Morgan era um Sentinela Marcado, um humano que foi encantado por um anjo. Sentinelas não poderiam ser machucados ou mortos, exceto por um ser de origem angelical, o que geralmente significava que eles não consideravam Memitim observadores. Mas por alguma razão ele fez, e ela foi escolhida para protegê-lo de uma possibilidade infinitesimal que alguém pudesse passar o seu encanto. Por outro lado, ele era imortal, o que significava que ela poderia ter que protegê-lo por centenas de anos. Até mesmo, milhares.

Mas ela não pensava assim. Seu outro Primori, um lobisomem, era de longa duração, mas não imortal, então uma vez que ele morresse ou tivesse cumprido o que quer que o destino exigisse a ele para o bem do mundo, ela seria deixada apenas com Kynan... e todos sabiam que Memitim nunca guardava apenas um Primori.

Certamente a honra em manter Kynan seguro cairia para um de seus irmãos, e ela ganharia suas asas por um trabalho bem feito.

Ela não podia esperar.

Merda de Terra, como os humanos de hoje em dia gostavam de dizer.

Suspirando, ela visualizou a sala de estar de sua Vila Italiana e cintilou para a montanha de sua casa. Ela nasceu nas proximidades, e mesmo depois de milhares de anos, ela ainda sentia a força que a

trouxe para a casa todos os dias.

As solas de suas botas estalavam sobre as telhas de pedra bege e ouro quando ela se moveu em direção à cozinha. Normalmente ela ligaria o rádio, ter um pouco de Mozart tocando, mas a excitação ainda agitava seu sangue, e fome rugia seu estômago.

Ela olhou a tigela de frutas na mesa da sala de jantar e o prato de chocolate fino italiano no balcão da cozinha... e depois pegou uma romã.

Fruta é uma benção da natureza, Rami costumava dizer. Não devemos contaminar os corpos que Deus nos deu com espíritos e doces que não são saudáveis.

Claro, nada disso poderia machucá-la, mas Rami foi devoto e puro, mesmo antes de ter sido arrancado de sua vida humana na idade habitual de dezenove anos para se tornar um Memitim, e como seu professor em todas as coisas santas, ele foi um tirano rigoroso. O qual, ela pensou, enquanto pegava um doce, era mais uma razão para ceder agora e depois. Ela na verdade esperava com expectativa poder dar a ele um sermão quando finalmente o visse de novo.

Uma pontada fraca riscou seu pulso direito. Estranho. Ela virou seu braço para ver as duas marcas Primori de $\frac{1}{4}$ de tamanho no lado de baixo. *Heraldi* de Chase esteve lá por oito anos, era da mesma cor de sua pele, as linhas finas cresceram como uma marca ou o esboço de uma tatuagem nova. Mas a de Kynan era nova, apenas três semanas de idade, e ela ainda não se acostumou a vê-la. Franzindo a testa, ela olhou mais perto. As bordas estavam rosas... inchando rapidamente... começou a queimar, brilhou, e ela deixou cair o doce com um suspiro.

Kynan, uma das poucas pessoas intocáveis no planeta, estava em perigo.

Lore estava em pé na entrada norte de uma mansão do estado de Nova York, punhos cerrados e observando Kynan procurar a porra da sala enorme, em forma de S, stang em uma mão e água benta em outra. Aparentemente, demônios Croucher se instalaram na residência,

e Kynan tinha a intenção de tirá-los de lá antes que a família rica que morava lá comentasse sobre o que estava acontecendo. E antes que alguém se machucasse.

O Aegis para o resgate.

Bando de bem-feitores hipócritas, mais-santos-que-você. Lore nunca gostou muito dos Guardiões, mas a aversão se tornou ódio absoluto duas décadas atrás, quando um de seus alvos contratados foi um Guardião que irritara o demônio errado. O Guardião foi bom o suficiente em seu trabalho que quase tirou Lore do jogo.

Quase ter sido espancado não foi o que irritou Lore, ele mereceu isso por ter baixado sua guarda. O que irritou Lore no trabalho foi o fato do Guardião usar alguns métodos seriamente desleais e desprezíveis para pegar e matar demônios, incluindo manter gaiolas cheias de bebês demônios para torturar até que os adultos viessem para salvar os pequeninos.

Lore não abrigava uma série de amor por demônios, mas havia algumas coisas que você apenas não fazia. *Er... yeah.* O interruptor de hipocrisia de Lore é desligado para isso, porque algumas dessas coisas que você apenas não fazia, foi feita por ele durante seus infernais anos como um assassino. Ele atirou um olhar a Kynan, e tudo bem, Lore não tinha dúvidas sobre matar o cara. Eles foram inimigos desde que se identificaram como competidores para a mesma mulher. Naquela época, Lore esperou por uma oportunidade para arrancar a cabeça do cara, o que tornou o fato de Lore trazer Kynan de volta à vida após ele sangrar, tão irônico. Então, novamente, ele só ressuscitou Kynan porque odiava ver Gem sofrer.

Desta vez, ele não teria que vê-lo.

O laço de escravidão no peito de Lore pulsou, marcando o tempo na contagem regressiva para seu prazo, e não havia razão em esperar. Lore caminhou para dentro, suas botas batendo no mármore preto e vermelho envernizado e anunciando sua presença, sem sutileza alguma. Lore nunca foi sutil. Instantaneamente, Kynan virou. — Que diabos você está fazendo aqui? — sua voz era um nó de suspeita e rosnado, e sim, não havia amor perdido entre eles.

Lore não removeu sua luva; muito óbvio. Ele tinha poder de soco, sua morte especial através do couro. — Eu quero pedir uma trégua.

Kynan bufou. — Eu não ouvi que o inferno congelou.

Cara engraçado. Lore quase lamentou ter que matá-lo. Quase. — História verdadeira. Eu acho que quanto mais eu conheça meus irmãos, mais você e eu teremos que ver um ao outro, e estou pensando que brigas de família em piqueniques são mal vistos.

— Claramente você não conhece seus irmãos — Kynan disse ironicamente, e Lore experimentou uma sensação estranha... como se talvez ele pudesse gostar do humano sobre as circunstâncias certas.

Impiedosamente, ele empurrou de lado os sentimentos doces e se preparou. A vida de sua irmã estava em jogo aqui. — Bem, isso é a razão de sair por aí com eles. — Nada disso aconteceria. Ele fizera uma promessa a Sin, e dessa vez, ele não falharia com ela. — Então o que você diz?

Ceticismo colocou sombras nos olhos azuis de Kynan, e as palmas de Lore umedeceram com suor.

— Eu não te agradei por salvar a minha vida.

— Não há necessidade. — Na verdade, algumas sérias chupadas seria legal, considerando quanta dor Deth causou em Lore por usar o seu poder de ressurreição.

— Besteira. — Kynan apertou seu stang nos arreios para armas que cruzavam seu peito, o som de metal escorregando em seu invólucro de couro tocando no espaço poroso. — De modo nenhum deixarei você segurar *aquilo* sobre minha cabeça pela eternidade. Eu agradecerei você, e de algum modo nos deixarei quites.

Eles estariam quites quando Kynan fosse o convidado de honra em seu próprio velório. E espera... eternidade? O que inferno ele quis dizer com eternidade? Lore olhou a corrente de ouro pendurada no pescoço de Kynan, aquela que era para Lore pegar depois de matá-lo. Wraith havia dado a ele o amuleto de cristal... isso concedia proteção mágica ou longevidade?

Bem, só havia uma forma de descobrir. — Ótimo. Eu aceito suas desculpas. Trégua? — Lore ofereceu sua mão, deixando seu dom de fogo com tanto poder que seu braço queimou do topo do símbolo na curva de seu pescoço até as pontas de seus dedos. Se ele tirasse sua jaqueta, ele sabia que cada hieróglifo estaria brilhando como uma marca.

Por um longo tempo, Kynan só ficou lá. *Pegue-o, pegue-o...* Lore fez um gesto de venha com seus dedos, esperando que o cara ficasse

com o programa. Finalmente, Kynan assentiu.

E estendeu a mão. — Trégua.

Idess se materializou dentro da casa, uma cara, julgando pela decoração. Instantaneamente, uma coceira intensa irrompeu entre as omoplatas ao longo das marcas gêmeas onde um dia suas asas brotariam. Elas eram como gêmeos sensores de demônios, e bem agora elas estavam gritando advertências.

No centro de uma sala ricamente decorada, mas espaçosa, Kynan encarava um homem enorme vestido de couro preto. O macho devia ser um demônio, e de alguma forma a fonte das vibes de perigo que zumbiam através dela como se ela estivesse segurando um fio elétrico. Mas como ele poderia ser uma ameaça para Kynan? O macho não era um anjo caído, ela teria sentido isso.

Ainda, o *Heraldi* de Kynan estava escaldando seu braço, então a impossibilidade da situação não importava. Ela brilhou entre os dois homens, usando o elemento surpresa e sua força superior para bater as palmas das mãos no peito maciço do estranho e mandando-o através da sala.

— O que... — ele bateu na parede com um crack retumbante, o impacto tão forte que poeira e gesso caíram nele. Ele balançou sua cabeça, atirando partículas brancas da parede de seu cabelo curto e quase negro.

Idess convocou uma foice, a arma de assinatura de Memitim e muito útil para separar a cabeça de um corpo. Ela odiava matar, como filha de um anjo, ela era uma doadora e protetora da vida, pela natureza, mas ela faria qualquer coisa para garantir a segurança de seu Primori. *Qualquer coisa*, obrigada pelos genes mais violentos passados por seu pai.

Ela balançou a arma em um arco gracioso, Kynan bateu nela por trás, e seu objetivo não deu certo quando ele a jogou no chão.

— Idiota! — ela cuspiu. Kynan claramente não percebeu que ela

estava lá para protegê-lo, e não apenas não notou como viera em auxílio do mesmo homem que estava lá para matá-lo. Ela rolou, viu o flash de um stang quando este mergulhou para baixo, sentiu o sussurro do metal quando este arranhou seu ombro.

Então o demônio estava lá, seu punho enluvado vindo para ela tão rápido que ela mal teve tempo de rodopiar para longe. Bloqueando seu próximo soco, ela ficou de pé e levantou sua perna, pegando-o pela canela, e embora ele grunhissem, não caiu.

Kynan a atacou pelo flanco, aterrissando o que, para um humano, teria sido uma batida de quebrar o joelho, e maldito, ela não precisava estar lutando com ambos os caras. Girando, ela pegou Kynan na mandíbula com um poderoso, mas medido, soco. Choque cintilou em seus olhos antes deles rolarem para cima e ele caiu no chão.

Girando, ela enfrentou o macho restante. Ele jogou-se para ela. Ela bloqueou. Cortou com a foice. O pegou com um pontapé como machado que o derrubou para trás, mas apenas por um momento. Ele era grande, mas se movia como uma pantera, dançando levemente em seus pés, cada golpe controlado, e na maioria das vezes acertava o corpo dela.

Surpreendida pelas habilidades dele, ela perdeu um momento, e em uma série de movimentos impressionantes, ele a pressionou contra a parede e estava nela, seu antebraço preso na garganta dela e seu corpo de dois metros e um de altura, pregando-a. Os dedos dele circularam seu pulso e o segurou em seu quadril, deixando a arma inútil. Para o momento.

— Quem diabos é você? — os olhos de ébano do macho, emoldurados por longos e exuberantes cílios que qualquer fêmea mataria por ter, brilharam com raiva e pequenas manchas de ouro.

— Vendo como você é um assassino, eu diria que você não tem o direito de estar indignado.

— Vendo como eu poderia matá-la com mais um quilo de pressão em sua laringe, eu diria que você estar sendo uma imbecil esperta é muito malditamente estúpida. — Ele se inclinou para ela um pouco mais, então eles estavam peito a peito e os lábios dele escovavam sua bochecha. — Mas você é quente, e eu aposto que você fode como luta, então eu posso perdoar a sua falta de cérebro.

Esse cretino estava, qual era o ditado popular nessa década, em apuros[1]? Sim, esse cretino estava em apuros.

— Eu vou apreciar matar você.

Ele aumentou o aperto em seu pulso. — Quem a enviou?

— *Deus*. — Ela ergueu o joelho. Ele moveu-se, e ela atingiu apenas um golpe de relance em sua virilha. Ainda assim, ele sugou o ar. Bom.

— Garota má. — ele rosnou, levando-a para o chão com um gancho na parte de trás de sua perna e um empurrão firme em seu pescoço.

Ele caiu, descendo em cima dela. Com um pensamento rápido e um movimento de mão, a foice se transformou em um punhal. Ela golpeou, pegando-o no ombro. Ele assobiou e girou para o lado quando a lâmina cortou através de sua jaqueta de couro e pela sua carne.

Um ponto para a menina má. Ela rolou para fora de debaixo dele, esfaqueando-o na coxa em seu caminho. O cheiro metálico de sangue encheu suas narinas, um aroma irresistível para a parte dela que deve se alimentar uma vez por mês, mas mais importante, isso disse a ela que esse macho era ambos, humano e descendente de demônio.

A espécie de demônio era ainda desconhecida, mas dada a forma de como impossivelmente lindo ele era, ela diria que ele era de uma raça de incubus.

Se lançando, ela o cortou novamente, mas em um movimento rápido como o gato, ele achatou-se para o chão. Ele se salvou de um corte feio, mas sua posição deu a ela a oportunidade de ficar em pé e esmagar um calcanhar em sua caixa torácica. Osso cedeu sob a sua bota, e ele resmungou quando agarrou o tornozelo dela com ambas as mãos.

— O que é isso com as mulheres tentando me matar ultimamente?

— Diz muito sobre você, não acha? — sentindo uma pontada de arrependimento por ter que destruir uma espécie de macho tão bom, ela encostou o punhal para baixo.

Um senso de presságio formigou sua pele uma fração de segundo antes do distinto clique de um arco disparado perfurar o ar. Idess sacudiu sob a força do que parecia como uma bala de canhão perfurando sua espinha. Sangue explodiu em uma nuvem de névoa

final de seu peito, e vapor sibilou do buraco logo abaixo do osso de seu esterno onde a flecha havia atravessado.

Agonia a lançou, dilacerando, e única em sua intensidade. Ela provou bile. Sangue. O que poderia ter feito isso? Ofegando por respiração, Idess cambaleou ao redor da fêmea segurando o arco. Vestida em couro cor de vermelho sangue que confrontavam com seus cabelos cor merlot[2], ela ficou em pé protetoramente sobre a forma propensa de Kynan. Outra Guardiã.

Realização e horror cortaram através da névoa de dor. A flecha foi revestida de *qeres*, um perfume ancião de mumificação Egípcia usado pelos Aegis para combater anjos caídos. Isso não os mataria, mas o veneno poderia afetar e incapacitar por anos.

Poderia, no entanto, matar Memitim em pré-Acensão.

O macho demônio rolou para longe de Idess e se arrastou em direção a Kynan.

Os músculos de Idess viraram borracha, mas estimulada por uma necessidade desesperada de manter o demônio longe de Kynan, ela reuniu o resto de sua força e puxou o macho para ficar de pé. Ela os lançou para o lugar mais remoto que poderia pensar, uma densa floresta na Ucrânia. Muitos demônios morriam no frio. Ela esperava que ele fosse um desses.

Quando eles se materializaram em meio metro de neve, isso ficou óbvio que ele não era um deles, e se ele estava surpreso com sua repentina aventura selvagem, ele não demonstrou. Mas então, sua visão começou a borrar, e mesmo a paisagem branca imaculada assumiu um tom de cinza felpudo. Seus dedos ficaram dormientes, e a adaga desapareceu quando sua habilidade para manter a arma conjurada falhou. Um tremor de medo percorreu sua alma. Era isso. O fim. Ela sobreviveu a queda de Roma. A Inquisição. A Segunda Guerra Mundial. E uma pequena assassina, que jogava no mesmo lado do Time Bom do Espírito Santo, acabou de matá-la.

Escurecimento rodou em sua visão, ultrapassando seus sentidos, e ela caiu. Uma voz soou em seus ouvidos, muda e distante, e então ela estava sendo levantada, mas de alguma forma ela duvidou que os braços ao redor dela fossem de um salvador.

[1] N.T.: ela diz toast, que pode ser traduzido como torrado, porém na gíria é em apuros.

[2] N.T.: cor de vinho.

Três

Mas. Que. Porra.

Lore ficou como um drogado, joelho afundado na neve no meio de alguma floresta esquecida por Deus, embalando a sua aspirante a assassina em seu peito e se perguntando como as coisas foram ao inferno tão rápido. Ele estivera a uma batida de coração de completar a sua tarefa, e agora ele estava no meio do nada, confuso, e em um monte de merda de dor.

Agonia gritava em seu peito a cada respiração. As malditas costelas estavam quebradas. Um gemido rouco o lembrou que a fêmea em seus braços estava muito pior. Seja o que for que Tayla atirou nela fizera alguns sérios danos. Obviamente, sua cunhada Guardiã acreditou que a fêmea era a ameaça a Kynan, ao invés de Lore.

Ele ainda não tinha certeza porque segurava a pequena encenqueira ao invés de matá-la. A vadia era insolente, ela tentou matá-lo, e seu traseiro pesado estava um inferno em suas costelas.

Embora para ser justo, ela não era tão pesada. Apenas... alta. E curvilínea. E atleticamente sólida. Inferno, ela parecia ter se exercitado com alguns sérios pesos.

Tanto quanto respondona... maldição, ela tinha uma boca atraente. Vasta, com lábios cheios, feitos para fazer um homem implorar. Suas características eram perfeitas; finamente trabalhada, delicada, feminina de um jeito que estava completamente fora de sincronia com o poder perigoso que ela exercia. E ela cheirava como se tivesse se banhado em canela e açúcar. Exótica. Sexy. Comestível.

Mas o que diabos ela era, porque ela estava atrás dele, e porra, porque ele de repente suplicava por cookies[1] na cama?

A necessidade em conseguir respostas para suas perguntas o sondou para o Harrowgate mais próximo. Seus sentidos de demônio pegaram um portão nas proximidades, o que era bom, porque carregá-la estava começando a doer. Tanto quanto ele odiava fazer isso, ele teria que levá-la para o Underworld General, então seus irmãos poderiam costurá-la bem o suficiente para interrogação. Se alguém colocou um alvo nele, ele precisava saber.

Quem enviou você?

Deus.

Sim, certo. Quantos mestres assassinos ele conhecia que insistia em ser chamado de Deus? Essa garota poderia estar trabalhando para qualquer um de uma dúzia de idiotas.

Ele trançou através das árvores, deixando um rastro de sangue, ambos, dele e dela, na neve, enquanto ele mancava em direção ao portão. Por duas vezes ele teve que parar para recolher seu rabo de cavalo na altura da cintura então ele não pisaria nisso. Ao menos estava fortemente preso, a grossa corda marrom amarrada a cada seis centímetros ou assim por faixas de ouro elaborada em jóias. O efeito, combinado com sua pele de porcelana suave e olhos amendoados cor de mel, fez dela uma das mulheres mais impressionantes que ele já tinha visto.

Mas hey, se alguém estava tentando matá-lo, ele preferia que fosse uma garota quente e sanguinária do que algum cara imbecil e feio. Ele a ergueu mais alto para evitar empalá-la em um galho de árvore, e sim, definitivamente melhor que a sua aspirante a assassina era uma fêmea de penas leves.

O Harrowgate pairava à frente, uma cortina vertical brilhante de luz, visível apenas para demônios. Deus, ele odiava aquelas coisas. Cada vez que ele pisava em um, ele sentia como se sua humanidade estivesse sendo evaporada. Ele sempre estava um pouco mais primitivo, um pouco mais na borda quando ele surgia do outro lado, e ele se perguntou quando viria o dia em que ele chegasse ao seu destino como nada, além de um monstro.

Ele esperava que não fosse esse dia.

Ele mancou para dentro e foi imediatamente engolido pela escuridão quase completa quando o portão fechou. Paredes obsidianas gravadas com mapas brutos que representavam a Terra e Sheoul cercaram-no por todos os lados, as linhas finas que compunham os

mapas brilhando na palheta de cores de um pintor.

Em seus braços, a fêmea sofreu um espasmo, a força de sua convulsão batendo-o duro na parede. Dor rasgou pela parte superior de seu corpo e seu braço ficou mole, e filha da puta, seu ombro esquerdo saiu do lugar. Sugando o ar entre os dentes, ele gentilmente abaixou a fêmea para o chão e usou sua mão boa para chamar o mapa; América do Norte, Estados Unidos, estado de Nova York, cidade de Nova York, até que ele encontrou o emblema médico que o levaria ao Hospital Underworld General, o qual existia sob as ruas da Grande Maçã, bem embaixo do inocente nariz humano.

O portão abriu em uma sala de emergência iluminada por luzes vermelhas em gaiolas em linhas no teto. Um tremor de desconforto tropeçou através dele, o que não era uma surpresa, dado que a última vez que ele esteve aqui, ele viera para matar seus irmãos.

Fale sobre estranho.

Cookie ainda estava deitada imóvel no chão do Harrowgate, e ela ia ficar lá a menos que Lore conseguisse uma ajuda. Ele embalou seu braço inútil e cerrou os olhos em uma das colunas suportando o portão de entrada. Merda. Isso iria doer como uma mãe.

Preparando-se, ele enfiou o ombro no pilar. Dor bombeou agrupada em seu braço quando ele o colocou no lugar. Uma onda de náusea rolou sobre ele, mas ele recolheu a fêmea e mancou em direção ao balcão de triagem.

A enfermeira tripulando a estação, de pele escura, demônio humanóide Bedim, olhou por cima de uma pilha de papel. Uma espécie extremamente sensual cujas fêmeas eram geralmente mantidas em um harem, os Bedim raramente se aventuravam no mundo exterior, independente do palácio Sheoulin em que vivessem. Lore poderia ter apreciado sua tentativa de independência, se ele não estivesse sangrando até a morte.

— Vocês dois estão feridos — ela disse.

— Você acha?

Ela apontou a caneta para ele. — Uma atitude como essa não levará você a nada, a não ser um chute no traseiro, senhor.

Jesus. Bedim eram geralmente um povo pacífico e amigável, mas dê a demônios um pouco de poder, e eles se tornavam... bem,

demônios. — O que quer que seja. Apenas nos dê alguma ajuda.

A Bedim cheirou arrogantemente, mas a equipe médica já estava ao redor deles. Um cara em roupa cirúrgica gesticulou para Lore seguir. Lore fez, para o quarto de trauma onde ele deitou Cookie na mesa de exames. Uma enfermeira fêmea Trillah colocou seus dedos no pulso da mulher.

— O que você está fazendo? — o cara em roupa cirúrgica gritou com a Trillah, surpreendendo Lore. — VRC, seu idiota! Vias aéreas, respiração, circulação... nessa ordem. Você tem sido um enfermeiro por quanto tempo?

Rosnando, bigodes se retorcendo, a enfermeira mordeu algumas maldições escolhidas, e Lore jurou que o cara de roupa cirúrgica estava indo exatamente sobre a mesa de exames para ela.

— Hey — Lore agarrou. — Este é um hospital ou não?

O cara cirúrgico e a Trillah proferiram mais obscenidades, mas ao menos eles voltaram para a crise em mãos. — O que aconteceu? — o cara cirúrgico tinha um sinal em forma de estrela atrás da orelha, o que significava que ele era algum tipo de metamorfo. Ele cortou a camisa de Cookie pelo meio com uma tesoura e retirou os retalhos do tecido de sua pele.

— Tiro com arco. — *Ooh, sutiã preto.* — Eu não conheço que tipo de flecha.

— O que espécie ela é?

De cetim, e não de renda. — Nem idéia. — *E fechamento frontal. Legal.*

Eidolon, vestido em roupas cirúrgicas verdes e botas pretas, entrou no quarto com a autoridade de um rei entrando em seu castelo. — Ela é um anjo caído.

De uma só vez, em um movimento coordenado que parecia ensaiado e quase cômico, todo mundo se afastou dela, mãos para cima.

Lore se virou para Eidolon. — Como você sabe?

— Tayla ligou. Essa é a fêmea que feriu você e Kynan?

— A própria.

Eidolon baixou a voz para que ninguém pudesse ouvir além de Lore. — Ky só pode ser ferido por anjos, e apenas os caídos iriam *querer* prejudicá-lo.

O que? Era melhor Eidolon estar errado sobre isso, ou o trabalho de Lore apenas deu uma virada pela Estrada Majestosamente Fodida, e não havia saída *naquela* estrada para o inferno. — Você tem certeza?

— Há uma maneira de confirmar isso.

Eidolon foi para o lado da fêmea e tocou seu braço. Sua *dermoire* iluminou, e ela gemeu.

— Fêmea? Qual o seu nome?

Ela gemeu de novo, e Eidolon se inclinou mais perto. Ela sussurrou algo, e Eidolon acentiu enquanto se endireitou a sua máxima altura. Concentração colocou linhas em sua testa enquanto ele canalizava poder através de sua mão. O dom Seminus de Eidolon permitia a ele sondar profundamente dentro de um corpo por lesões e feridas curadas, mas quando sua boca apertou em um golpe severo, Lore sabia que as notícias não eram boas.

— O que há de errado com ela?

— Envenenada. Coluna quebrada e ela conseguiu grandes ferimentos internos. — Eidolon latiu algumas ordens para os funcionários próximos, e quando ninguém se moveu, Eidolon retrucou, — Agora! É seguro tocá-la. Vocês nunca tiveram problema com Reaver.

Reaver... certo. O anjo caído que ajudou na grande batalha mês passado. Exceto, aparentemente, ele não estava mais caído. Ainda assim, o que isso tem a ver com Kynan? Cuidadosamente, a equipe médica virou a garota anjo em seu estômago. Os dedos de Eidolon escovaram sobre duas cicatrizes como cortes entre as omoplatas. — Definitivamente anjo. — Ele olhou para Lore. — Esses são abrigos de asas. — Ele continuou, suavizando seus longos dedos para baixo da coluna dela para sondar a entrada da ferida da flecha. Diante dos olhos de Lore, carne e osso começaram a remendar. — Bip o Dr. Shakvhan. Precisamos colocá-la em uma banheira de cura.

Uma banheira de cura soava ótimo para Lore, com a forma como seus intestinos faziam ginástica e o quarto girava. — É, uh... eu

poderia ter uma ajudinha aqui? O biscoito de açúcar[2] não é a única sangrando até a morte.

Eidolon pegou Lore pelo braço e o guiou para o quarto próximo ao da fêmea. — O que aconteceu?

— Esfaqueado. Meu braço e perna. — Lore tirou sua jaqueta. — Tenho muita certeza que consegui algumas costelas quebradas, também.

— Deuses, você está tão ruim quanto Wraith. — Eidolon sacudiu seu queixo em direção a cama enquanto lavava suas mãos na pia. — Senta. E se você puder tirar suas roupas, faça.

Enquanto *E* colocava as luvas, Lore tirou as roupas, estremecendo ao puxão de seus músculos contra as costelas e ao redor das facadas. Eidolon arqueou uma sobrancelha para a pilha de armas que Lore colocou perto de suas roupas, mas ele não disse nada.

Nu, exceto por suas cuecas boxes, Lore sentou na cama e matou tempo estudando uma rachadura que serpenteava vários metros ao longo de uma parede cinza, dividindo os símbolos de proteção e letras escritas em sangue. — Pensei que vocês tivessem consertado o local depois de toda aquela merda no mês passado.

— Nós fizemos — Eidolon disse, enquanto agarrou uma toalha. — Mas nós ainda estamos tendo alguns problemas. Temos empreiteiros olhando isso. A integridade do prédio pode ter sido comprometida.

Lore olhou o teto. — Então você está dizendo que o prédio pode vir abaixo em cima de nós?

— Você realmente acha que eu manteria o hospital funcionando se não fosse seguro? — Eidolon envolveu a toalha ao redor do braço direito de Lore, cobrindo a tatuagem que, com a exceção da ausência de um símbolo pessoal, era quase idêntica a de seus irmãos. Eles descobriram que aquele toque da morte de Lore não afetava Eidolon, Shade ou Wraith, mas todos os outros funcionários estariam expostos. E desde que a exposição seria acidental, o feitiço Haven, o qual previnha violência e ferimento intencional dentro do hospital, não ofereceria nenhuma proteção.

— Eu não sei — Lore disse, que rendeu um olhar sujo para ele. Melindroso. — Então, não são os anjos, mesmo os caídos, um tipo de imortais?

— Sim.

— Porque você se incomoda em consertá-la, então? Ela vai se curar sozinha.

— Eu quero respostas, e não quero esperar. A arma que Tayla usou poderia colocar um anjo no seu traseiro por anos.

Lore franziu o cenho. — Porque Tayla estaria em posse de algo que pode derrubar um anjo caído?

— Porque ela é um dos guarda-costas de Kynan.

Guarda-costas? Que porra. — E Kynan precisa de proteção, por quê?

— Porque os Aegis é um bando de rainhas do drama paranóico. — Eidolon rasgou um pacote de gaze. — Exceto, nesse caso, parece que a paranóia deles era justificada.

— Porque anjos caídos seria uma ameaça a ele? — quando Eidolon não disse nada, Lore amaldiçoou. — Você pode, pelo menos, me dizer por que somente os anjos podem prejudicá-lo?

— E anjos caídos — Eidolon disse, o que não era a resposta para sua pergunta, mas Lore tinha a sensação de que era tudo o que ele obteria de seu irmão. Eidolon rodou uma bandeja contendo várias ferramentas médicas ao lado de sua cama. — Então o que você estava fazendo com Kynan, afinal?

— Apenas tentando fazer as pazes.

Eidolon soltou um bufo duvidoso, e por dentro, Lore ficou tenso. Ele precisava que seu irmão comprasse sua inocência.

— Estou falando sério.

— Então você está dizendo que isso não tem nada a ver com Gem. — Eidolon beliscou a carne de Lore perto da omoplata. — Segure-se. Isso vai doer.

Aliviado que as suspeitas de Eidolon eram equivocadas, Lore relaxou. — Sim, estou dizendo, ai! Porra!

— Eu te avisei.

— Você é um babaca.

— Você quer que eu te remende, ou não?

— Você é rude assim com todos os seus pacientes? Ou apenas com irmãos perdidos há tempos?

Eidolon limpou a garganta. — Quem chamou quem de babaca?

Se o sapato se encaixa... — Tanto faz. Preciso de cirurgia?

— Não. As dilacerações são superficiais, e nada foi atingido que eu não possa consertar aqui. — Ele pegou um instrumento que parecia do mal da bandeja. — Uma pequena picada...

Lore quase saiu da maldita mesa. Pequena picada, seu traseiro. — Porque você não está apenas fazendo a coisa de cura com seu dom?

— Eu usei muito poder com o anjo caído. Tive um dia ocupado e eu já estava quase virado antes de ter trabalhado nela. Eu não quero desperdiçar muito do que sobrou em lesões que não ameaçam a vida como essa. Segure ainda.

Lore rangeu os dentes quando Eidolon voltou a trabalhar, remendendo sua carne com a combinação de ferramentas manuais, e no final, um pouco do seu dom, um processo que queimou e foi quase tão doloroso quanto os ferimentos iniciais. Quando ele terminou, Lore precisava admitir, a contragosto, que o cara fizera um bom trabalho, e sua eficiência e profissionalismo foram absolutamente surpreendentes. Ele ainda era um babaca.

— Obrigado — Lore murmurou, e Eidolon deu um breve aceno antes de chamar uma enfermeira para limpar Lore.

A enfermeira se movia devagar, e isso não pareceu que seria um macho. Era Slogthu, o que significava peluda e *feia*.

Lore esperou para fazer qualquer outra sondagem até que a enfermeira terminasse de limpar o sangue dele e saísse. Quando Eidolon e ele estavam sozinhos, Lore falou casualmente. — Então... como está Kynan? — com alguma sorte, morto.

Um rosnado baixo retumbou do peito de Eidolon. — Eu não sei. Shade e Tay estão trazendo ele. Eles devem estar aqui a qualquer segundo. O que aconteceu com Idess?

— Idess? Esse é o nome da anja? — bonito. Idess. Olho-dess[3]. Idess. Idess. Idess. Ele gostou do jeito que isso rolou por sua língua. —

Idess.

Eidolon olhou para Lore como se ele estivesse louco. — Ah, sim. Idess. O que aconteceu?

— Ela saiu do nada e nos atacou.

Eidolon franziu o cenho. — Porque ela desapareceu da mansão com você? Onde ela te levou?

O cheiro de açúcar e canela voltou para Lore, pegando carona na memória do corpo alto e esquivo de Idess vestido em calças baixas de equitação cammy[4] e combinando com uma blusa verde oliva e pink que revelaram uma longa extensão de barriga tonificada e lisa.

— Ela me levou a alguma porra de floresta ordinária, e eu não tenho nenhuma idéia do porque ela fez isso. — Lore disse, agora mais confuso que nunca. Ele imaginou que ela estava atrás dele, mas se o que *E* dissera sobre anjos sendo as únicas criaturas que podiam machucar Kynan fosse verdade, então talvez Lore fosse apenas danos colaterais. — Eu pensei que eu fosse o alvo. Ela disse que estava indo me matar. Por isso que eu a trouxe aqui ao invés de acabar com ela. Eu preciso saber se algum imbecil colocou um alvo em mim. — Eidolon riu, o que foi muito malditamente rude. — O que é tão foddidamente engraçado?

— Você é um assassino, mas você está indignado com o fato de que alguém pode estar tentando assassinar *você*?

— Dupla moral tem uma má reputação. — Um frio assustador sussurrou através da pele de Lore, mas Eidolon não pareceu notar enquanto vasculhou em uma gaveta. — Veja, porque você não me dá o frágil Kynan. Se eu souber o que você está escondendo de mim, nós podemos ser capazes de juntar o que há com essa garota Idess.

Eidolon atirou um conjunto de roupas cirúrgicas para ele. — Não é que eu quero esconder qualquer coisa de você, mas é a história de Kynan para contar. Não a minha.

Cara, Lore odiava demônios com ética. Ele puxou as oh-tão-masculinas calças verde menta enquanto seu irmão despejava as ferramentas ensanguentadas em uma caixa de risco biológico. Ele estava colocando a camisa sobre a cabeça quando aquele zumbido estranho de desconforto que ele sentiu quando chegou inundou-o de novo.

— Você sente isso, *E*? É como se eu estivesse sendo observado.
— *Ou caçado.*

A cabeça de Eidolon chicoteou ao redor. — Como uma lixa sobre as terminações nervosas?

Lore não poderia ter dito isso melhor. Encolhendo os ombros em sua jaqueta, ele assentiu.

— Todo mundo está sentindo isso. Shade, Wraith, a equipe. Nós todos temos estado na borda.

O que explicava a presunçosa enfermeira de triagem e o pessoal irritado que examinou Idess quando Lore a trouxe aqui. Novamente, então poderia ser o fato que eles eram demônios.

Vozes elevadas do lado de fora do quarto estalou o olhar de Lore para a porta, onde Tayla estava, olhos verdes em chamas. — Onde está aquela puta?

— Se recuperando. — Eidolon disse, e quando Tayla abriu sua boca, ele levantou uma mão. — Eu sei o que você vai dizer, mas eu tenho que consertá-la então nós podemos descobrir o que ela está fazendo. — Ele olhou para Lore. — E atrás de quem ela está na verdade. Onde está Ky?

Shade passou por Tayla. — Ele está na sala de exame três. Ele perdeu a consciência por alguns minutos, mas eu fiz uma sondagem rápida em sua cabeça e com exceção uma concussão leve, ele está bem. Entretanto você pode querer dar a ele um ajuste, com uma onda de cura. — Ele virou para Lore. — Que porra você estava fazendo lá?

Okaaay. Lore não havia esperado um abraço ou qualquer coisa, mas da última vez que ele viu Shade, o cara foi, pelo menos, de conversação. Mais ou menos.

— Olá para você também, mano.

— Responda a pergunta.

Já no limite das vibrações malévolas e tudo mais que aconteceu hoje, Lore se levantou através das besteiras de Shade. — Não é da sua fodida conta.

Sombras escritas nos olhos de Shade. — Eu disse a você para ficar longe da Gem.

Como se Lore precisasse ser lembrado. O aviso foi a última coisa que Shade disse a ele quando Lore deixou o hospital três semanas atrás. *Não seja um estranho, Lore. Oh, e fique um inferno longe da Gem.*

— Da última vez que verifiquei — Lore rangeu para fora, — você não era meu chefe.

Os punhos de Shade cerraram ao seu lado quando ele deu um passo ameaçador para frente, e maldição, se o garoto queria lutar, Lore estava mais que pronto. A estranha vibração venenosa emaranhou com seu temperamento, e ele encontrou Shade de frente. O primeiro lance era dele. A violência de irmão-para-irmão Seminus não estava coberta pelo feitiço Haven.

Eidolon se colocou entre eles, e Tayla o acompanhou. Muito ruim. — Shade... — o aviso na voz de Eidolon foi gentil, mas inconfundível. — Se afaste. Isso não é sobre a Gem.

— Você acredita seriamente nisso? — Shade exigiu.

— O que eu acho não importa, mas sim, eu acredito. Lore lutou contra o anjo, o que pode ter salvado a vida de Kynan. Então o deixe ir.

Houve um silêncio longo e tenso durante o qual uma pequena facada de culpa picou a consciência de Lore. Lore limpou a garganta, mais para fazer barulho em sua mente do que terminar o silêncio. — Ah, hey, alguém finalmente pode me dizer o que está acontecendo com o Kynan e a coisa do anjo?

— Não é da sua fodida conta — Shade disse, jogando as palavras de Lore de volta a ele.

Lore atirou a Eidolon um olhar penetrante. — Se você está se perguntando por que eu não respondi nenhuma de suas mensagens, aí está sua resposta. Vocês todos têm sido tão acolhedores. — Claro, o fato de que ele tentara matá-los pode ter algo a ver com isso.

— Eu só queria fazer alguns testes, descobrir porque seu dom era mutante — Eidolon disse.

— Eu pensei que tudo estava fodido porque sou meio humano, e Seminus e humanos não se misturam.

— Estou certo que é por isso, mas se eu puder determinar com

precisão exatamente o que deu errado, eu poderia ser capaz de consertar isso.

O coração de Lore deu um baque animado. Seu *dom* causou uma vida de miséria e solidão a ele, e ele daria sua última noz para se livrar da maldita coisa.

Mas uma vida de decepção também o ensinou a ser cético, então ele se inclinou com um riso amargo. — E então eu seria grato, e nós estaríamos ligados e seríamos uma família grande e feliz?

— Você tem um monte de outras opções, então? — Eidolon falou lentamente.

— Eu gerencio bem sozinho.

Eidolon levantou uma sobancelha para a pilha de roupas sangrentas no chão. — Obviamente.

Imbecil sarcástico. Então novamente, Eidolon pode ter um sentido de humor astuto, mas ao menos ele tinha um. Tanto quanto Lore podia contar, Shade mal sabia o que era um sorriso, e Wraith não foi um monte de risos, também.

Nada disso importava, entretanto, porque mesmo se Lore não tivesse prometido à sua irmã que ficaria longe deles, eles nunca o perdoariam por matar Kynan.

Assumindo que ele pudesse. O fato de Kynan ter guarda-costas demônios cuidando dele era uma complicação que ele não precisava. Lore podia lidar com isso, ele derrotou Buffies antes. Mas uma vez que ele os passasse, havia um problema muito maior para ele lidar, como o fato de apenas anjos poder matar Kynan.

Sufocando sobre o esmagamento de tantos olhares hostis, Lore se moveu em direção à porta. — Estou fora daqui.

— Com pressa em matar alguém? — Shade perguntou.

A pergunta bateu muito perto de casa, mas Lore rolou com isso, feliz em espetar Shade.

— Sim.

Eidolon cruzou os braços sobre o peito largo. — Você não vai esperar pelo nosso anjo ferido acordar? Não é como se quem quer que

seja que você tem que matar ficará mais vivo. Mate ele depois. Talvez enquanto você está esperando, ele será atingido por um raio ou coisa assim. Se poupe de um pouco de trabalho. — Sim, Eidolon era um comediante.

— Deixei-o ir — Shade disse. — Obviamente, ele tem trabalho a fazer.

A falsa gentileza de Shade fez Lore querer ficar fora do rancor. — O que vocês caras planejam fazer com Idess?

— Assim que ela estiver acordada, nós conseguiremos algumas respostas dela. — Eidolon nivelou a Lore um olhar frio, provocou mais arrepios pelo fato de que não havia emoção nisso. — De uma forma ou de outra.

Lore deu pontapés em direção ao Harrowgate do UGH, longe de seus irmãos, e longe de Kynan. Mas ele não estava indo para casa. Não ainda.

Lançando um olhar secreto por cima do ombro para ter certeza que seus irmãos intrometidos não estavam observando, ele conseguiu passar pelo balcão de triagem e descer um corredor, sabendo exatamente onde ele estava indo. Ele havia interrogado os funcionários e memorizado a planta do hospital quando ele teve Shade e Eidolon como alvos. Os quartos de recuperação, três suítes equipadas com vários tipos de banheiras, cadeiras, e camas aquecidas e refrigeradas, estavam no final da ala, apenas passando pela piscina de água salgada que era grande suficiente para uma baleia assassina fazer voltas dentro.

Ele encontrou Idess no primeiro quarto de recuperação.

Tudo, exceto sua cabeça foi imersa em um tanque de água que era provavelmente infundida com ervas mágicas. Uma fragrância picante e medicinal permeou o ar e o fez querer espirrar quando fechou a porta atrás de si e se moveu em direção a ela. A água borbulhava em torno de Idess, e vapor rodava sobre a superfície, mas nada disso escondeu o fato de que ela estava nua. Sombras lançadas

pela luz fraca acentuaram seus seios fartos e quadris esbeltos, mas deixaram os detalhes tentadoramente à imaginação.

Lore sempre teve uma ótima imaginação. Alguém tirou as argolas de ouro do cabelo dela, e agora sua cabeleira castanha se espalhava por um travesseiro inflável e no chão de azulejos atrás de sua cabeça, e ele teve a mais estranha urgência de tocá-lo e ver se era tão sedoso quanto parecia. Ao invés, ele se agachou na beira da piscina e estudou seu perfil, tão feminino e pacífico, como se ela estivesse descansando em uma Jacuzzi ao invés de se recuperando de uma lesão que teria matado qualquer outra pessoa. Seus longos cílios negros projetavam sombras ao longo da delicada pele marfim sob seus olhos, e suas bochechas estavam coradas, talvez por causa do calor da água, ou um sonho sensual.

— Não suponho que você pode me ouvir?

Suas pálpebras tremeram, mas não abriram.

— Qual é o seu negócio? — ele perguntou calmamente. — Você estava atrás de Kynan ou de mim? — desta vez, seus olhos se abriram e fixaram nele. Não houve reconhecimento lá, nenhum sinal de que ela sequer sabia onde estava.

— Rami? — havia esperança e desespero em sua voz, ambos faziam uma pessoa vulnerável. Explorável.

Ele poderia usar isso. — Sim — ele disse, correndo com a coisa de exploração. — É o Rami.

Seus lábios exuberantes curvaram em um sorriso que o socou bem no estômago. Aquela era uma boca que qualquer homem mataria para provar, ou para *ter* provado.

— Você veio por mim?

Ele não poderia ajudar com isso; deixou seu olhar deslizar para baixo, ao longo do tamanho magro dela. *Pirando de linda.*

— Sim — ele respondeu asperamente. — Eu vim por você. — Eu vim *com* você.

— Bom — ela suspirou. — Leve-me para o paraíso.

Seu pau estremeceu todo, *Claro, nós seguraremos essa oferta*, e Lore precisava admitir, se as circunstâncias fossem diferentes, ou seja,

se ela não tivesse tentado matá-lo, ele estaria completamente nisso. — Primeiro, porque você não me conta qual é a sua missão?

Ela franziu o cenho. — Eu falhei?

— Falhou em matar Kynan?

— Matar? — ela se moveu, e uma mecha de cabelo escorregou na água, espalhando como sangue sobre seu peito. — Proteger.

Ácido borbulhou na garganta de Lore. Ela era a *protetora* de Kynan?

— Me leve, irmão. — ela disse, e uouu, *isso* esfriou seus gracejos. — Me leve para o Paraíso, então eu posso conseguir minhas asas.

Lore balançou para trás, se lembrando do que ela dissera para ele na mansão.

Quem te mandou?

Deus.

Oh, Jesus, ela estava realmente falando sobre Paraíso. O Paraíso. Não um anjo caído. Um *anjo*. Não que isso importasse. Ela era uma ameaça para ele se estava verdadeiramente protegendo Kynan.

Entorpecidamente, ele tirou sua luva. O hospital era salvaguardado pelo feitiço Haven, mas ele estava disposto a arriscar uma dor de cabeça de dividir o crânio se isso significasse salvar a vida de sua irmã. Para ele seria pior, com certeza.

Ele estendeu a mão para Idess. Tudo o que ele precisava fazer era escovar com a ponta dos dedos em sua bochecha... a carícia de um amante que a enviaria ao Paraíso, assim como ela pediu. Ela fechou seus olhos, como se antecipando seu toque, e a mão dele começou a tremer.

Que inferno? Ele era um assassino. Um assassino de sangue frio. E ela era perigosa, alguém que não só estava entre ele e seu objetivo, mas que tentou golpeá-lo. Mas bem agora, ela não parecia perigosa. Ela parecia doce e angelical. Frágil. Desamparada.

Quatro

— *Eu preciso da sua ajuda. Por favor, Idess.* — Agarrando seu antebraço, Rami se curvou por cima da beirada do Rio Nilo. Idess se ajoelhou ao lado dele.

— *O que está errado? — mas até mesmo enquanto ela falava, ela sabia. Dois de seus heraldi brilhavam nervosamente. Dois? Isso era além de raro, tanto que ela nunca ouviu disso acontecendo. Quando um único Primori estava com problemas, a dor era insuportável. Ela não podia imaginar tendo dois em perigo ao mesmo tempo.* — *O que eu posso fazer?*

— *Ajuda... o Viking.*

— *Claro.* — *Ela passou seus dedos levemente em cima de um heraldi no braço de Rami, e instantaneamente, ela estava sendo transportada para algum tipo de batalha.*

O fedor de morte era tão espesso quanto à névoa ao seu redor. O chão estava encharcado de sangue, repleto de partes de corpos e entranhas. As vítimas... oh, meu Deus, as vítimas... mulheres. Crianças. Isso não era uma batalha. Era um massacre. E no centro de tudo, destruindo um homem moribundo com um machado, estava o Primori de Rami, um Viking cuja aura maléfica se envolvia ao redor dele como uma mortalha, quase apagando o brilho azul que lhe dava o status de Primori. Apesar dos humanos poderem ser tão maus quanto qualquer criatura do submundo, este fazia as marcas em suas asas coçarem e mandava arrepios serpentarem por sua espinha. O sangue de demônio fluía pelas veias deste Primori.

Uma mulher vestida com trapos esfarrapados rastejava em direção ao Viking, assassinato queimando em seus olhos e uma adaga agarrada firmemente em seu punho. Ela era a ameaça ao Primori. A mulher deveria

matá-lo, qualquer que fosse o destino que ele supostamente deveria trazer ao mundo, seja ruim ou bom, não aconteceria.

Se ela o matasse, Rami teria uma marca negra em seu histórico, seria forçado a fazer reparações e permanecer preso a Terra por um tempo ainda maior.

O que significava que ele poderia ficar com Idess. Talvez até por tempo suficiente para que pudessem Ascender juntos.

O pensamento cintilou por Idess com excitação, seguido imediatamente por vergonha. Ela queria que Rami ganhasse suas asas e encontrasse a felicidade eterna no Céu. Mas uma vez que ele fosse, Idess seria deixada na Terra, sozinha e miserável sem o irmão em quem ela havia confiado por séculos.

A mulher se arrastou pelo sangue e pelas entranhas, vingança e dor pregados em seu rosto enquanto ela se aproximava por trás do Viking e erguia sua faca...

Pare-a. A compulsão de fazer o seu trabalho açoitou Idess, mas também o conhecimento de que se ela salvasse a vida do Primori, ele mataria a mulher, provavelmente depois de estuprá-la e torturá-la. Um tremor se agitou bem na alma de Idess. A metade dela que era filha de sua mãe exigia misericórdia por esta mulher apesar de que o dever de Idess requeresse que ela fizesse o que fosse certo para o mundo, não para um indivíduo.

Mas ela havia visto os horrores que os homens infligiam nas mulheres. As provas estavam espalhadas ao redor dela.

Idess fechou seus olhos.

E não fez nada.

A mulher afundou a lâmina profundamente nas costas do Viking. Seu rugido de fúria e dor percorreu o véu da neblina, silenciando os sons da batalha ao longe. A mulher o esfaqueou de novo, acertando o pescoço do Viking, e ele caiu de joelhos. Idess não queria esperar para ver mais. Ela desapareceu e reapareceu para o seu irmão, que estava de pé do lado de fora do templo Asiático, perto do corpo de um homem cuja cabeça estava caída há alguns metros longe. Perto dali, a Primori fêmea estava sentada empoleirada contra uma árvore, chocada, mas viva.

Rami se virou para Idess, sem fôlego, agarrando seu antebraço. — Obrigado, Deus — ele sussurrou. — Você não está ferida. Quando eu senti

o meu Primori morrer, eu me preocupei que você havia sido ferida...

— Sinto muito — ela falou roucamente. — Eu... falhei.

— Você tentou. Isso é tudo o que eu posso pedir. — Rami deslizou seus braços ao redor dela e a segurou perto. — Estou tão orgulhoso de você, irmã. Você veio me ajudar quantas vezes agora? Você é um crédito a todos os Memitim, e eu sei que o nosso Senhor irá te recompensar bem.

Culpa se acumulou nela como um cobertor de duas toneladas, e seus joelhos cederam pelo peso do erro gigante e repugnante que ela havia cometido. Ela traiu seu irmão. Sua raça. Seu Deus...

Idess sentou-se com um grito. Seus pulmões queimavam com a força de suas respirações arfadas, e seu pulso retumbava em suas veias. Ela odiava aquele sonho. Aquele pesadelo. Ela não podia acreditar que mesmo depois de duzentos anos ele ainda tinha o poder de reduzi-la a uma bagunça trêmula.

Não podia acreditar que mesmo agora, a culpa abrasadora se retorcia, agarrando-a em torno da tristeza mais uma vez. Especialmente já que ela há muito tempo havia se convencido que Rami a perdoaria uma vez que ela explicasse o que fizera. Ele sempre foi uma alma que perdoa, gentil e carinhoso. E o mais importante, ele operou na mesma onda que ela. Ele a entendia como ninguém, e ele estivera relutante em deixá-la sozinha quando ele Ascendesse. Tão relutante que ele evitara pisar no farol de luz por meses, mesmo correndo o risco de ficar exposto à ira do Conselho de Memitim.

Isso aconteceu há quinhentos anos, e mesmo assim, as pontadas de traição percorreram por ela. Agarrando seu estômago com uma mão e esfregando seus olhos com a outra, ela se forçou a sair do passado. O presente era melhor. Muito, muito melhor. Humanos tinham café agora. E sorvete. Ela podia tomar um litro dos dois.

Com a boca salivando, ela abriu seus olhos, fazendo uma careta para a sensação de areia dentro de suas pálpebras, e para a luz avermelhada que preenchia sua visão. Onde ela estava? Forçando os olhos, ela conseguiu definir os equipamentos alinhados na parede cinza, que estavam salpicados com o que parecia ser feitiços de proteção escritos em sangue. Caveiras e coisas assustadoras em frascos estavam enfileiradas perfeitamente em prateleiras altas. Ela olhou para si mesma, para a roupa fina de hospital que cobria o seu corpo enfaixado.

Ela era uma paciente no Underworld General. Este deveria ser

aquele infame hospital de demônio. Como ela chegou aqui? Algo passou por ela em um borrão. Assustada, ela rolou a cabeça para o lado. Dois fantasmas pairavam perto da parede na parede mais distante, tão claros para ela como seres sólidos.

Ele está de volta. Volte! Rápido! A voz do homem era pequena, fina, e pingando pânico.

A mulher lançou a si em um ataque contra a parede, uma enxurrada de punhos contra a longa fissura que corria horizontalmente de um canto ao outro. Idess assistiu secretamente, porque logo que eles perceberam que ela podia vê-los e ouvi-los, eles a atacaram, seja com pedidos para ajudá-los a atravessar ou com mensagens para ser entregues aos seus entes queridos sobreviventes.

Depreeeeessa! A fissura ficou mais larga e se transformou em uma profunda fissura embaixo de seus punhos. O terror emanando dos fantasmas era um zumbido baixo de eletricidade por cima da pele de Idess. O que poderia apavorar os mortos dessa forma? E ainda mais misterioso era o fato de que eles eram humanos. Como eles chegaram aqui? Eles estavam presos porque a *luz* não podia penetrar na instalação construída por demônios?

Se arrepiando com o pensamento, ela tentou tirar suas pernas para fora da cama... e foi parada repentinamente. Ela havia sido acorrentada. Tolos. Restrições não poderiam segurá-la. Com um rosnado, ela conjurou dois de seus inatos poderes Memitim: super força e velocidade.

Nada aconteceu. Ela não conseguia quebrar as correntes. Ela tentou de novo. Ainda nada. Bem, infernos. Franzindo a sobancelha, ela tentou se teletransportar para fora do hospital. De novo, falhou. Ela renovou seus esforços com uma sensação de urgência, puxando as correntes que conectavam seus pulsos no que parecia ser grandes ferrolhos no chão. Ela até tentou se transformar em sua forma alternativa, mas ela não conseguia fazer crescer uma garra.

— Lutar é inútil, fêmea. Estas são Algemas Bracken, usadas por demônios encarceradores e Negociadores da Justiça para anular qualquer poder que você possa ter.

Um Demônio Seminus de cabelos escuros em roupas de médico entrou no quarto, tudo sobre ele emanava confiança, desde a sua marcha segura até a inteligência perspicaz em seu olhar. Ele tinha uma impressionante semelhança com o demônio que tentou matar

Kynan, e ela se perguntou se eles eram parentes. Ela não sabia muito sobre a raça de incubus, mas ela sabia que aqueles relacionados dentro de algumas gerações tinham a tendência de carregar semelhanças familiares, e irmãos poderiam ser frequentemente confundidos por gêmeos.

— E — ele continuou, — você deveria saber que no sistema legal demoníaco, você é culpada até que se prove inocente. O ônus da prova é daquele usando as algemas, não a vítima. — Um arco de um sorriso torceu em um canto de sua boca. — É um ótimo sistema. Bem poucos reincidentes.

— Liberte-me — ela estourou. — Você não tem direito de me deter, não importa o quão idiota sejam as leis demoníacas.

— Este é o meu hospital. Eu tenho o direito de fazer o que eu quiser.

— Quem é você?

— Eu sou um médico. O nome é Eidolon. Eu sei que o seu nome é Idess, mas quem é você?

— Eu não vou te contar nada. — Os fantasmas batendo contra a parede deslizaram por ela e desapareceram. Outro pulou de dentro da parede do lado oposto. — Por que você tem fantasmas humanos?

— Como?

— Fantasmas. Sabe, pessoas mortas. O seu hospital está infestado de humanos. Por quê?

O seu olhar era enlouquecedoramente calmo, seu tom condescendente. — Algumas espécies, como metamorfos e vampiros, possuem alma humana.

Claro. Se eles morressem aqui, eles ficavam presos. Que horrível.

A porta abriu, e mais dois demônios Seminus entraram, um com cabelo escuro e vestindo um uniforme de paramédico preto, e o outro era um loiro grande, com jeans e uma camiseta Jack Daniels. Ambos tinham cabelo comprido que caía até os ombros, e todos tinham glifos percorrendo desde a ponta de seus dedos da direita até seus pescoços, onde os dois se ligavam, anéis tatuados circulavam seus pescoços.

— A única maneira de você ser libertada é se nós te levarmos lá

para fora e separar a sua cabeça de seu corpo — o loiro falou com uma voz sem emoção, como se ele fosse o especialista em decapitação do hospital e estivesse se preparando para outro trabalho rotineiro.

E decapitação iria definitivamente ser uma das cinco maneiras certas de matá-la. Ela abriu sua boca para responder... e a deixou aberta quando Kynan entrou. Seguindo-os estava a Guardiã que havia atirado a flecha, e esposa de Kynan, Gem, a quem Idess só viu uma vez, quando ela foi recolher informações, basicamente, espionar, seu novo Primori. Gem estava vestida do mesmo jeito que ela havia se vestido então, com calças pretas góticas, botas afiveladas, um corpete com caveiras desenhadas, e uma coleira de cachorro. Somente seu cabelo estava diferente; ao invés de preto e rosa, suas tranças eram pretas e um violeta elétrico.

O que Kynan e Gem estavam fazendo em um hospital de demônios? O que um Guardiã estava fazendo aqui? Eles deveriam, supostamente, matar os demônios, não andar com eles. Idess esfregou seus olhos, se perguntando se ela estava dormindo. Mas quando ela olhou novamente, todos eles ainda estavam ali, cercando-a como hienas prestes de atacar.

Ela puxou futilmente suas correntes. — O que está acontecendo?

Gem empurrou Eidolon para o lado com o ombro para chegar à cara de Idess. Ela mais do que qualquer um parecia como se ela quisesse causar em Idess algum tipo sério de dor, e seus lábios pintados de negro se curvaram de seus dentes, parecia que talvez ela quisesse dar algumas mordidas em Idess também. — Por que você tentou matar Kynan?

Idess resfolegou. — Matá-lo? Eu estava tentando salvar a vida dele.

— E foi por isso que você me nocauteou? — a voz de Kynan estava rouca, e apesar de Idess não ter aprendido muito ainda sobre o passado de Kynan, ela suspeitava que a grande quantidade de cicatrizes em seu pescoço tinha algo a ver com isso.

— Você atacou a *mim*. Eu só te atingi para tirá-lo do caminho e assim pudesse te proteger.

— Eu não preciso de proteção.

O paramédico cruzou seus braços em cima do peito e olhou afiadamente para ela. — Exceto de anjos caídos.

— Anjo caído? É isso que você pensa que sou? — ela fungou. — Por favor. Aqueles imprestáveis não levantariam um dedo para proteger nem suas próprias mães. Se eles tivessem uma.

— Então o que é você, e por que você afirma estar cuidando de Kynan? — Gem gesticulou para o demônio loiro. — Wraith não conseguiu entrar na sua cabeça para conseguir informação, então nós sabemos que você é algum tipo de poderoso mal.

— Eu não sou mal — ela falou com os dentes cerrados, mas era só isso que ela iria dizer, porque de maneira nenhuma ela iria deixar demônios saberem sobre o estado de Sentinela Marcado de Kynan.

— Então é melhor você começar a falar — Kynan disse. — Você sabe que eu estou amaldiçoado. E você sabe que somente anjos e anjos caídos podem me ferir. Então eu quero saber por que e como você soube sobre mim. E eu espero, para o seu bem, que você não esteja planejando algum tipo de apocalipse, porque nós ainda estamos nos recuperando do último.

O sangue de Idess congelou em suas veias com a palavra *amaldiçoado*, porque a única razão que ele se sentiria confortável em admitir tão enorme segredo era se os demônios já soubessem, e que ele não se sentia em risco com Idess sabendo sobre isso.

O que significava que eles planejavam matá-la. — Eu não estou querendo começar o apocalipse, eu te asseguro.

— Então você pensou em aparecer em uma mansão infestada de demônios e me dar um soco? Se não fosse a Tayla e o Lore, quem sabe o que teria acontecido?

Tayla deve ter sido a Guardiã com o arco perto de Eidolon, mas... — Lore?

— O demônio que estava comigo. O que nos trouxe para cá.

O demônio que ela tentou matar a salvou? — Tolos — ela murmurou. — Seus imbecis! Eu fui designada para te proteger. Eu sou um Memitim, uma guardiã Primori.

Eidolon repetiu a palavra, — Memitim — baixinho.

Gem se virou para o médico, suas tranças batendo delicadamente contra a pele nua de seus ombros. — O que é um Memitim?

O quarto ficou em silêncio enquanto Eidolon passava suas mãos pelo seu cabelo algumas vezes. — De acordo com alguns sábios religiosos, Memitim são anjos que presidem sobre humanos moribundos que não estão mais aos cuidados de anjos da guarda.

Ele estava certo, de certa forma. Mas o que ele descreveu era o dever de um Memitim *depois* da Ascensão. Nesse momento ela estava presa à Terra, e era um pouco mais do que um guarda-costas glorificado. Ela trancou olhares com Kynan. — Posso falar com você sozinho?

— Não. — Kynan gesticulou para os demônios cercando-o. — Eles são meus amigos e meus parentes, e eles sabem tudo sobre mim.

Oh, não era *nada* bom. Kynan não era somente um Ancião, o topo mais alto do escalão dos Guardiões, mas como um Sentinela Marcado, ele estava em posse de algo tão importante para a sobrevivência da raça humana que ele foi amaldiçoado por anjos com imortalidade para proteger o item, um item que os demônios podiam usar contra os humanos para escravizá-los, destruí-los, ou pior.

— Há coisas que eu não posso discutir na frente de demônios.

— Estes *demônios* me fizeram o que sou. Eu até me casei com um. Então supere isso.

O paramédico bateu suas juntas em suas correntes. — Não é como se você tivesse escolha.

Ela fez uma careta. Para ele. — Qual é o seu nome?

— Shade.

— Bem, Shade, eu posso não ter uma escolha, mas vocês também não. Kynan está em grande perigo, e se você não me libertar, ele pode morrer.

Kynan deslizou a ela um olhar duvidoso. — Quem está atrás de mim? Um anjo caído? Como você viu, eu estou preparado.

— Não um anjo caído. O demônio que você chamou de Lore.

Eidolon arqueou uma sobrancelha. — Isso é impossível.

— Eu teria pensado isso também, mas eu não teria sido convocada para o Kynan se ele não estivesse em perigo real.

O grupo inteiro trocou olhares, e então Kynan soltou suas correntes dos pregos no chão. — Somente uma maneira de descobrir.

— Reaver? — Shade perguntou.

— Aham.

Eles a arrastaram sem cerimônia pelas portas deslizantes do PS para dentro de um estacionamento subterrâneo, as Algemas Bracken ainda circulando seus pulsos, o que significava que não haveria maneira de se teletransportar para fora daqui. Não que ela faria isso. Ela precisava que Kynan entendesse a seriedade da situação dele. Mas por que o estacionamento?

— Há um feitiço protegendo a entrada e a saída do hospital por todos os meios necessários, a não ser pelo Harrowgate e a garagem — Eidolon disse, obviamente antecipando sua pergunta. — Já que Reaver não pode mais usar o Harrowgate, ele tem que se materializar em algum lugar desprotegido.

Kynan estava de pé na parte de trás de uma ambulância preta no meio do estacionamento gritando por Reaver.

— Quem é Reaver? — ela perguntou.

— Um anjo.

Um anjo? Certamente ele queria dizer um anjo caído...

Uma luz brilhante inundou o estacionamento, cegando com sua intensidade. Idess se encolheu, protegendo seus olhos até que ela desaparecesse. E lá, de pé na frente de Kynan, estava um lindo anjo, seu cabelo dourado flutuando como uma cortina impossivelmente perfeita ao redor de seus amplos ombros. Suas roupas eram modernas, roupas para negócios informais... calça preta e uma camisa azul escura que combinava com seus olhos, e não tinha jeito de ele ser um anjo caído.

Idess ficou de boca aberta igual uma idiota. Já que anjos completos costumavam ficar no Céu, ela havia visto poucos, e estes estavam apenas de passagem e de longe.

— Ei, cara — Kynan disse com um sorriso. — Bom te ver.

Reaver enfiou suas mãos nos bolsos e ofereceu uma boa olhada em todos, seu olhar se demorando uns segundos extras em Idess. — Eu

queria poder dizer o mesmo — ele disse rispidamente, apesar de que a leve inclinação de sua boca entregou o fato de que ele não estava totalmente incomodado em ter sido chamado. — Não é muito legal para mim andar com demônios em um hospital de demônios.

— Oh, claro — Wraith arrastou. — Agora que você está todo anjonalizado, você é muito bom para nós, hein?

Reaver pareceu considerar isso. Então ele assentiu. — Bem isso.

Wraith fungou, revelando suas presas. Ele era parte vampiro?

— Deixe-me ver suas asas — ele disse, e quando Reaver ofereceu um olhar sem emoção para ele, Wraith revirou seus olhos. — Ah, vamos lá. Eu salvei o mundo. Eu deveria pelo menos poder ver suas asas.

Ele salvou o mundo? Certamente este demônio de sexo insolente não era aquele que os rumores diziam ter prevenido o Armagedon. Nas últimas semanas, a história se espalhara como fogo do inferno por todos os clãs de Memitim presos à Terra, mas a informação que ela havia catado de seus irmãos era somente especulação. E diziam que o demônio que supostamente lutava no lado do bem contra o anjo caído, Byzamoth, possuía sete metros, era humilde, e um servo de Deus.

— Eu te mostro o meu se você me mostrar o seu — o demônio cantarolou, com uma sacudida de sobranceiras, e isso definitivamente não poderia ser o campeão profano que já era uma lenda. — Mostre ao salvador da raça humana algumas penas.

— Nós nunca chegaremos ao final disso, não é? — Reaver perguntou, e Eidolon balançou sua cabeça.

Meu Deus, é verdade.

— Nós teremos que escutar isso todo o dia.

O Sem loiro sorriu. — O Conselho Vampiro pendurou um retrato meu na sua parede de heróis. Que tal a ironia disso?

— Especialmente já que eles te mostraram um pouco antes de torturarem você em troca da transformação de Serena. — Shade disse.

Wraith fungou novamente. — Cuzões.

— Nós não te prenderemos — Eidolon interrompeu. Ele gesticulou para Idess, que ainda estava processando o que ela acabara de descobrir. — Mas nós precisamos saber se o que esta... *pessoa* nos falou é verdade.

— O que ela falou?

Idess ergueu seu queixo e deu um passo para frente. — Eu sou Memitim, e Kynan é o meu Primori atribuído.

Reaver estreitou seus olhos para ela antes de assentir. — Ela é Memitim. — Ele se virou para o Kynan, que estava com seus braços ao redor da cintura de Gem. — Você é Primori.

— O que é um Primori? — Kynan perguntou.

Reaver deu de ombros como se não fosse grande coisa. Provavelmente porque ele era um anjo completo e não um Memitim pré-Ascensão de baixa posição, do final do barril como ela era.

— Primori são humanos e, ocasionalmente demônios, que possuem um destino a cumprir. Eles podem mudar o curso da história ou causar, através de suas ações, mudanças na lei, etc. Uma vez que seus destinos são cumpridos, ou eles morrem ou voltam a ser pessoas normais. Mas até lá, eles possuem guardiões designados a mantê-los de qualquer coisa que interfira com suas mortes prematuras.

— Então o que você está dizendo é que ela é um dos mocinhos? — Kynan perguntou.

— Sim. Um aprendiz de anjo, mais ou menos. — Reaver atirou ao Kynan um olhar irritado. — No que você se meteu agora?

Idess resistiu a vontade imatura de dizer. — Eu falei — para todos eles. Ao invés disso, ela deu um passo à frente. — Ele está em perigo. Mas não por causa de um anjo caído.

A cabeça de Reaver girou para Idess, seus olhos piscando. — Então quem? Ninguém a não ser um anjo...

— Lore — Gem disse abruptamente. — Idess diz que é o Lore.

Reaver se virou novamente para Kynan. — Aquele que te ressucitou?

— Eu poderia ter passado sem o lembrete, mas sim.

A expressão de Reaver ficou contemplativa. — É possível. Ele te deu vida com poderes místicos que não deveriam existir. É a ordem do universo que ele possa tirar essa vida novamente. — Os olhos de Reaver se trancaram nos olhos de Idess tão intensamente que o ar escapou de seus pulmões. — Você sabe que Kynan é um Sentinela, e que o amuleto que ele usa é o objeto mais importante no universo, mas você entende que *ele* é tão importante quanto? — claro que ela sabia... mais ou menos... mas quando ela abriu sua boca para dizer isso, o anjo a cortou. — Se você falhar em mantê-lo seguro, Memitim, você falhará com a raça humana, e você *nunca* vai Ascender.

— Cara. — Wraith olhou para ela. — Sem pressão, certo?

Eidolon xingou baixinho. — Eu falarei com o Lore.

— Kynan deve ser protegido a qualquer custo — Reaver disse. — Falar não é o bastante. — O rosto de Reaver se transformou em pedra, mas seus olhos queimavam com um fogo celestial enquanto ele estreitava seu olhar no médico. — *Você deve matá-lo.*

Lore deu pontapés em direção ao Harrowgate do UGH, longe de seus irmãos, e longe de Kynan. Mas ele não estava indo para casa. Não ainda.

Lançando um olhar secreto por cima do ombro para ter certeza que seus irmãos intrometidos não estavam observando, ele conseguiu passar pelo balcão de triagem e descer um corredor, sabendo exatamente onde ele estava indo. Ele havia interrogado os funcionários e memorizado a planta do hospital quando ele teve Shade e Eidolon como alvos. Os quartos de recuperação, três suítes equipadas com vários tipos de banheiras, cadeiras, e camas aquecidas e refrigeradas, estavam no final da ala, apenas passando pela piscina de água salgada que era grande suficiente para uma baleia assassina fazer voltas dentro.

Ele encontrou Idess no primeiro quarto de recuperação.

Tudo, exceto sua cabeça foi imersa em um tanque de água que era provavelmente infundida com ervas mágicas. Uma fragrância

picante e medicinal permeou o ar e o fez querer espirrar quando fechou a porta atrás de si e se moveu em direção a ela. A água borbulhava em torno de Idess, e vapor rodava sobre a superfície, mas nada disso escondeu o fato de que ela estava nua. Sombras lançadas pela luz fraca acentuaram seus seios fartos e quadris esbeltos, mas deixaram os detalhes tentadoramente à imaginação.

Lore sempre teve uma ótima imaginação. Alguém tirou as argolas de ouro do cabelo dela, e agora sua cabeleira castanha se espalhava por um travesseiro inflável e no chão de azulejos atrás de sua cabeça, e ele teve a mais estranha urgência de tocá-lo e ver se era tão sedoso quanto parecia. Ao invés, ele se agachou na beira da piscina e estudou seu perfil, tão feminino e pacífico, como se ela estivesse descansando em uma Jacuzzi ao invés de se recuperando de uma lesão que teria matado qualquer outra pessoa. Seus longos cílios negros projetavam sombras ao longo da delicada pele marfim sob seus olhos, e suas bochechas estavam coradas, talvez por causa do calor da água, ou um sonho sensual.

— Não suponho que você pode me ouvir?

Suas pálpebras tremeram, mas não abriram.

— Qual é o seu negócio? — ele perguntou calmamente. — Você estava atrás de Kynan ou de mim? — desta vez, seus olhos se abriram e fixaram nele. Não houve reconhecimento lá, nenhum sinal de que ela sequer sabia onde estava.

— Rami? — havia esperança e desespero em sua voz, ambos faziam uma pessoa vulnerável. Explorável.

Ele poderia usar isso. — Sim — ele disse, correndo com a coisa de exploração. — É o Rami.

Seus lábios exuberantes curvaram em um sorriso que o socou bem no estômago. Aquela era uma boca que qualquer homem mataria para provar, ou para *ter* provado.

— Você veio por mim?

Ele não poderia ajudar com isso; deixou seu olhar deslizar para baixo, ao longo do tamanho magro dela. *Pirando de linda.*

— Sim — ele respondeu asperamente. — Eu vim por você. — Eu vim *com* você.

— Bom — ela suspirou. — Leve-me para o paraíso.

Seu pau estremeceu todo, *Claro, nós seguraremos essa oferta*, e Lore precisava admitir, se as circunstâncias fossem diferentes, ou seja, se ela não tivesse tentado matá-lo, ele estaria completamente nisso. — Primeiro, porque você não me conta qual é a sua missão?

Ela franziu o cenho. — Eu falhei?

— Falhou em matar Kynan?

— Matar? — ela se moveu, e uma mecha de cabelo escorregou na água, espalhando como sangue sobre seu peito. — Proteger.

Ácido borbulhou na garganta de Lore. Ela era a *protetora* de Kynan?

— Me leve, irmão. — ela disse, e uouu, isso esfriou seus gracejos. — Me leve para o Paraíso, então eu posso conseguir minhas asas.

Lore balançou para trás, se lembrando do que ela dissera para ele na mansão.

Quem te mandou?

Deus.

Oh, Jesus, ela estava realmente falando sobre Paraíso. O Paraíso. Não um anjo caído. Um *anjo*. Não que isso importasse. Ela era uma ameaça para ele se estava verdadeiramente protegendo Kynan.

Entorpecidamente, ele tirou sua luva. O hospital era salvaguardado pelo feitiço Haven, mas ele estava disposto a arriscar uma dor de cabeça de dividir o crânio se isso significasse salvar a vida de sua irmã. Para ele seria pior, com certeza.

Ele estendeu a mão para Idess. Tudo o que ele precisava fazer era escovar com a ponta dos dedos em sua bochecha... a carícia de um amante que a enviaria ao Paraíso, assim como ela pediu. Ela fechou seus olhos, como se antecipando seu toque, e a mão dele começou a tremer.

Que inferno? Ele era um assassino. Um assassino de sangue frio. E ela era perigosa, alguém que não só estava entre ele e seu objetivo, mas que tentou golpeá-lo. Mas bem agora, ela não parecia perigosa. Ela parecia doce e angelical. Frágil. Desamparada.

Cinco

Lore estava do lado de fora da porta de Eidolon, incapaz de afastar a sensação de que ele estava entrando em uma armadilha. E ainda assim, como um gato com uma corda balançando diante de si, ele não podia resistir.

Mas isso não significava que ele era um idiota completo. Ele jogaria isto a sua vantagem, usaria esta oportunidade para aproveitar para aprender qualquer coisa que pudesse sobre Kynan. Normalmente Lore tinha semanas para planejar um ataque, para se educar sobre o trabalho, amigos, famílias, vulnerabilidades e hábitos de seus alvos, mas a data de expiração nessa tarefa estava caindo sobre ele rápido demais para o conforto e com complicações extras, e toda a coisa estava prestes a azedar.

Quando ele levantou o punho para bater na porta, uma sensação de formigamento picou a parte de trás de seu pescoço.

— Bem, bem — uma voz feminina ronronou. — Imaginei vê-lo aqui.

— Idess. — Ele girou ao redor. Ela estava a poucos metros de distância, suas calças jeans rasgadas e desbotadas revelando partes tentadoras de pele das suas coxas finas até seus joelhos, onde o jeans desaparecia em botas de couro de salto alto. Lore se viu imaginando estar deitado no chão com ela montada sobre ele, uma bota sexy em cada lado de seu peito enquanto ela se abaixou em cima dele, e merda, seus hormônios estavam fora de controle ultimamente.

Ela inclinou a cabeça para o lado, e seu rabo de cavalo balançou atrás dela, a ponta enrolada roçando seu quadril e apenas acrescentando à fantasia de montá-lo. — O que você está fazendo?

— Eu acho que você sabe.

Seu sorriso dissimulado fez os olhos brilharem. — Você quer ver o quanto seus irmãos sabem sobre você estar tentando matar o Kynan.

— Eu não quero matá-lo — disse ele facilmente. — Eu não tenho idéia do que está falando.

Idess debochou. — Eu não nasci ontem, demônio.

— Anjos nascem? — respirou profundamente para assimilar seu aroma rico e picante, ele deu um passo mais perto, testando seus limites. O queixo dela subiu uma fração de uma polegada, mas ela não se moveu. — Então toda a merda de puros, mais-santos-que-tu é besteira? Vocês são fodidos à existência como todo mundo? Como nós humildes demônios?

Aquela pecaminosa e perversa boca se franziu. — Você sabe o que eu quis dizer. Não há necessidade de ser grosseiro.

— Há sempre uma necessidade de ser grosseiro. — Ele arrastou o olhar da cabeça dela aos dedos dos pés, detendo-se em todos os pontos doces. Em sua maior parte, ele só estava sendo desagradável. Em sua maior parte. Seus pontos doces realmente merecem olhares extras. — Especialmente quando você quiser chocar à merda alguma anjinha puritana.

— Puritana? — ela trouxe seu rabo de cavalo por cima do ombro e brincou com ele futilmente, seus dedos acariciando as faixas douradas que amarravam o comprimento exótico em intervalos igualmente espaçados. — Fique longe de Kynan, porque da próxima vez que você tentar prejudicá-lo, eu vou lhe dar umas palmadas. E não da maneira divertida, também. Que tal esta puritana? — piscando, ela balançou os dedos para ele e sumiu do corredor com um poof.

Homem, ele odiava os poofers. Você não conseguia segurá-los embaixo. Não que ele não gostaria de segurá-la.

E o que foi aquilo sobre palmadas? Porque todas as palmadas eram do tipo bom. Se ela iria ameaçá-lo, tinha muito a aprender.

Ele bateu na porta, e Eidolon devia estar ali mesmo, porque ela

se abriu. Sem ao menos um olá, Eidolon se virou e seguiu pelo corredor, esperando obviamente ser seguido. Como se um PhD o tornasse Deus.

Lore foi atrás dele, alcançando seu irmão na enorme sala de estar, onde um vira-lata preto e moreno estava deitado no sofá de couro, valentemente tentando ignorar o furão brincando com sua cauda.

Eidolon rodeou Lore. — O que há entre você e Kynan? E não me venha com besteira. Nós sabemos que você quer vê-lo morto. Quero que prometa deixá-lo em paz, porra.

Idess, sua traidora. — Olha, seja o que a Cookie lhe disse, é mentira. Eu não quero ter nada a ver com o Kynan.

De repente, suas costas estavam beijando a parede e o punho de Eidolon estava emaranhado em sua camisa. Olhos dourados brilhavam com fúria. — Eu disse, não me venha com besteira — ele rosnou. — Nós *sabemos*. Você precisa esquecer essa obsessão com a Gem. Ela é do Kynan, e isso não vai mudar, mesmo que ele esteja morto.

O próprio temperamento de Lore inflamou, e ele inspirou uma respiração profunda, lutando para se manter calmo. Enfurecer-se com seu irmão não ia ajudar em nada, e realmente, o fato de que *E* pensasse que isto era sobre Gem era uma coisa boa. — Tudo bem. Ok, eu entendo. A Gem tem dono. — Ele já havia superado, e se seus irmãos acreditassem, eles podiam deixá-lo em paz se ele promettesse deixar para lá. — Agora sai fora.

Músculos se contraíram na mandíbula de Eidolon, e Lore ouviu o ranger do esmalte enquanto ele trabalhava seus molares juntos. Finalmente, com um empurrão, ele soltou Lore. — Eu estou falando sério. Não se trata de proteger um amigo. Isto é sobre salvar um irmão.

— Sim, eu sei que você é muito próximo de Kynan...

— Não. É sobre salvar *você*. — Eidolon apunhalou o dedo no peito de Lore. — Você apenas respire na direção de Kynan, e sua vida não vai significar merda nenhuma. Você entendeu?

— Eu posso lidar com Idess.

O rosto de Eidolon estava severo. — Apenas me prometa, Lore. Prometa-me que vai ficar longe de Kynan. E enquanto você estiver no

modo evitar, adicione Shade e Wraith à sua lista.

— Isso não vai ser fácil — Wraith arrastou as palavras da entrada, onde ele, Shade e Kynan estavam, todos mostrando punhais para ele. Perfeito. Simplesmente perfeito.

Shade passou por Wraith e Kynan. — Que porra é essa *E*? Muito bom que Idess teve que nos dar uma pista de sua reuniãozinha.

— Talvez o seu convite se perdeu no correio — Lore ofereceu.

Eidolon se colocou entre Lore e seus outros irmãos. — Acalmem-se. Lore concordou em ficar longe de Kynan.

Wraith cravou Lore com um olhar duro. — Eu não acredito nele.

— Eu não me importo com o que você acredita — Lore revidou. — Vocês podem ir se fuder. Eu estou fora daqui. — Ele ativou seu dom e foi em direção ao hall. Ele poderia simplesmente roçar por Ky...

Um punho bateu em sua mandíbula, girando-o para cima de Eidolon.

Idess estava ali, parecendo muito orgulhosa de si mesma, e ele supôs que ela devia estar, ela deu um baita de um gancho direito no queixo.

Wraith apareceu do nada, imitando um linebacker[1] e levando Lore ao tapete. Lore rosnou, avançando contra seu irmão com força suficiente para jogá-lo, mas Wraith se movia como um fantasma, de alguma forma evitando o mortal chute giratório de Lore. Shade levou sua bota à lateral de Lore, e Lore grunhiu, mas ele saltou a seus pés e conseguiu seu próprio pontapé bem colocado na coxa de Shade. Agora, ele poderia correr até Kynan...

— *Parem!* — o rugido de Eidolon congelou a todos, exceto os animais, que correram para fora da sala. — O deixem ir embora.

— Ele não estava tentando sair — disse Idess. — Ele estava mirando Kynan. — Ela esfregou seu antebraço como se ele doesse. — Ele ainda está planejando matá-lo.

Os olhos de Eidolon foram de dourado a vermelho, e ele empurrou Wraith e Shade para longe, agarrou a camisa de Lore novamente, e os deixou nariz-a-nariz, todo o seu corpo tremendo. — Você disse que havia terminado com a história da Gem. — Havia tanta

fúria em sua voz que ela estava deformada, difícil de entender. — Por que você está fazendo isso? Responda-me, maldito!

— Porque eu não tenho escolha — Lore gritou. — Ele é um serviço.

Um lampejo de incerteza atravessou o rosto de Eidolon, e Lore aproveitou o momento para batê-lo na parede e correr para Kynan. Ele precisava acabar com isto, de uma vez por todas. Se seus irmãos o matassem depois, quem se importava? Inferno, podem vir. Pelo menos ele morreria sabendo que Sin estaria segura.

E livre.

Uma pontada feroz na base de seu crânio o fez tropeçar, e o aperto de Idess em seu bíceps o parou totalmente.

— Dê mais um passo e eu libero o verme perfurador — ela disse, e gelo congelou a medula em seus ossos. Ser comido vivo de dentro para fora não estava na sua lista de maneiras divertidas de morrer.

Ela pressionou o comprimento de seu corpo contra a lateral esquerda dele, colando-se a ele para que assim ela pudesse sentir até a menor contração, o menor aviso de que ele pudesse contratacar. Biscoitinho esperto.

Os dedos dela apertavam seu braço. — Não posso permitir que Lore machuque Kynan. Então, qualquer um de vocês o mata, ou eu vou.

Shade, Wraith, e Kynan levantaram as mãos para ser voluntários. Que especial. Amor fraternal corria como xarope na sala.

Lore pesou suas opções. Ele poderia matar Idess... mas uma vez que ela estivesse morta, ele duvidava que conseguiria passar pela parede avançada de demônio irmãos para chegar à Kynan.

E se falhasse em matá-la, ele teria um verme perfurador ligado a sua espinha. Se ela o lançasse em seu corpo, um dos efeitos colaterais de ser comido vivo era que iria torná-lo suscetível a comandos, e ela poderia fazer Lore fazer qualquer coisa que quisesse, de cacarejar como uma galinha até pisar na frente de um ônibus.

O lado positivo era que ela estaria relutante em usá-lo. Enquanto a criatura estivesse dentro de seu hospedeiro, o convocador sofria uma dor quase debilitante. Vermes perfuradores eram medidas

temporárias, na melhor das hipóteses.

Enquanto seus irmãos e Kynan se aproximavam dele como lobos raivosos, os primeiros sinais de apreensão de que ele poderia não sair dessa merda vivo se agitaram através dele. Ele não temia a morte; ele temia morrer antes que pudesse garantir que Sin estava segura.

A possibilidade muito real de que ele ia morrer agora mesmo trouxe um véu de lava vermelha em cascata descendo sobre sua visão. Ele respirou profundamente, querendo que o véu recuasse quando olhou para seus irmãos. — Inferno, afastem-se...

Idess o girou para a parede, assim ele estava comendo gesso, sua pélvis abraçando o traseiro dele, em um ótimo ajuste, ele não podia deixar de notar, apesar de sua raiva crescente. Os fartos seios roçaram suas costas, e ele estalou uma ereção quando o efeito colateral sexual de sua fúria tomou conta.

— É um pouco tarde para se afastar — ela murmurou contra seu ouvido, e seu sangue engrossou com fúria e desejo. — A única razão por eu não tê-lo matado ainda é por que quero saber quem quer Kynan morto. Além disso, eu pensei que devia conceder a seus irmãos esta honra.

— Você não é cruel — ele rosnou. — Isso é quente. — *Eu vou matar essas caras e então foder você forte.* O pensamento explodiu em seu cérebro, se alimentando da raiva que estava envenenando seu sistema. Ele ofegou, desesperado para sair disso, porque ele estava a apenas um insulto ou uma pontada de dor de distância do ponto de não retorno.

E então ele poderia garantir que os machos iriam morrer. A fêmea...

Idess apertou seu joelho em um ponto de pressão na coxa dele e tropeçou em sua mina terrestre. Lore explodiu para fora de seu aperto, jogando-a em Shade. Ambos caíram. *Kynan. Mate o humano primeiro...*

Idess saltou a seus pés, cuspidando comandos na linguagem demoníaca universal, Sheoulic.

Lore ficou imóvel de uma vez quando uma dor se lançou de seu tronco cerebral para o seu cóccix. Seus pulmões se trancaram e seus músculos cimentaram no lugar. Ele era um homem morto agora.

Seu último pensamento semicoerente enquanto sua função

cerebral se desligava como a tela azul da morte de um computador foi que ele devia ter negociado com Detharu por noventa e nove mortes em vez de cem.

Idess se dobrou quando a enxaqueca de corpo inteiro a atingiu, espremendo seu cérebro, seu fluido espinhal, e até a medula em seus ossos. Ela odiava usar vermes perfurantes, mas gostava de vencer, e ela faria a troca em qualquer dia.

Estremecendo, olhos em fenda contra a luz que esfaqueava suas terminações nervosas, ela levantou a cabeça, e ofegou. Lore estava ali, rodeado por seus irmãos perplexos, olhar vago, graças à influência do verme. Isto era de se esperar. O que era inesperado, e um monte de problemas, era o fato de que ele estava cercado por um fraco brilho azulado.

No espaço de tempo que levava para um anjo bater suas asas, ele se tornara um Primori, importante para a própria construção do mundo. O que significava que ela não podia matá-lo. E pior, seu braço queimava novamente como um símbolo circular colocado em seu pulso...

Impossível. *Não, não, não!* Náusea girava em seu estômago, mas se pela agonia torcendo seu cérebro e ossos ou pelo medo crescente de que o *heraldi* se formando em sua pele era má notícia, ela não sabia.

Mas enquanto a marca se embutia firmemente em seu braço acima das outras duas para formar um triângulo de círculos, ela não podia negar o novo vínculo que se estendia como uma corda invisível dela com uma nova incumbência.

Lore não era apenas Primori; ele era *seu* Primori.

Oh, isso era uma piada doentia.

Seu símbolo começou a latejar mais forte, um aviso gritante de que Lore estava em perigo. Ela olhou a tempo de ver Kynan tirar uma pistola do coldre no peito, a intenção assassina transformou o azul em seus olhos em gelo glacial ártico. Fracamente, porque o verme

perfurante estava minando sua energia, ela agarrou o pulso de Lore e o teletransportou para sua casa.

Ela teve que contê-lo, e rápido, antes que o verme causasse danos permanentes a ele, e antes que sua própria dor se tornasse tão subjungante que ela perdesse o controle sobre a criatura.

Rapidamente, ela levou Lore para o quarto e ordenou que ele retirasse as luvas e jaqueta, e seu peitoral de couro que estava carregado de arma... e a proteção do pulso... e o coldre do tornozelo com a pistola, e a outra bainha no tornozelo com a lâmina... e as estrelas de lançar nos bolsos das calças...

Ela olhou uma arma em particular enquanto caía no chão, um extraordinário e raro punhal de osso de Gargantua. Essas belezinhas inestimáveis eram praticamente indestrutíveis, e uma vez molhado com o sangue de uma vítima desejada, o punhal iria virtualmente guiar a mão do manejador a golpes infalivelmente precisos contra esta vítima. Uau, Lore era um assassino bem equipado.

Quando ele levantou a camisa para remover uma lâmina de cerâmica colada em suas costelas, ela inspirou em respirações difíceis à visão de seu abdômen muscular e o peito de corte duro. Sim, *muito* bem equipado. Ele era enorme, uma montanha de poder que ela queria tocar, mesmo se para apenas ver se ela sentiria o choque deles através de seus dedos.

Ela franziu, olhos fixos na estranha marca em forma de mão sobre seu coração. Um vínculo assassino?

Falando em vínculos, o *heraldi* de Lore havia se acalmado, mas outra começou a formigar. A do lobisomem. O zumbido era leve, o que significava que a ameaça era real, mas não imediata, e poderia até passar. Ainda assim, isto era realmente inacreditável. Mesmo em seu momento mais movimentado, quando ela era responsável por uma dúzia de Primori, ela raramente respondia a mais de um incidente por mês. Agora ela tinha três Primori com problemas em questão de horas.

Não é bom. — Vá para a cama — ela disse a Lore. — De costas contra a cabeceira da cama.

Ele obedeceu como um zumbi bonzinho, mas ela jurava que ouviu o mais fraco ressoar de um rosnado. Incrível. Poucos podiam manter qualquer tipo de consciência enquanto estavam sob o feitiço de um verme perfurador.

Uma explosão particularmente acentuada de dor causada pelo verme esfaqueou seu cérebro e, estremecendo, ela se teletransportou para a garagem, onde ela deixara às Algemas Bracken que roubou de Eidolon quando deixou o hospital demônio. Que dispositivos úteis. Todo mundo deveria ter um conjunto.

A pontada do *heraldi* do warg se intensificou. *Rápido, rápido...*

Urgência a jogou em alta velocidade enquanto ela cavava através das pilhas arrumadas dos pertences de seu irmão até que encontrou o que estava procurando; seis metros de comprimento de uma corrente finamente trabalhada, mas forte. Recolhendo-a e as Algemas Bracken, ela correu de volta para Lore e ordenou para ele colocar os próprios pulsos nas algemas, enquanto ela enrolava a corrente por cima de sua cama de dossel e amarrava as extremidades de cada alga. O resultado o deixou sentado com os braços esticados para cima e para fora, com pouca folga na corrente para lhe permitir alavancagem. Ele era forte, sem dúvida, mas não era páreo para a cama que ela fizera especialmente para amortecer seus pesadelos.

— *Estalila enalt.*

O feitiço do verme perfurador quebrou, e instantaneamente, a enxaqueca desapareceu de seu corpo, mas o mesmo aconteceu com a sua força. Ela precisava se alimentar muito em breve. O rosnado de Lore a seguiu enquanto ela pegava o punhal de osso de Gargantua, tocava o *heraldi* de seu warg, e se materializou no quintal arborizado de um pequeno trailer que servia de casa.

Orando que não fosse tarde demais, ela irrompeu pela porta de trás aberta. Ela encontrou Chase Barnstead na sala de estar, nu e dobrado, braços envolvidos apertadamente em torno de seu abdômen. Uma mulher vestindo apenas roupas de baixo segurava seu ombro, quase como se estivesse preocupada, tentando ajudá-lo... mas as marcas no braço direito dela se contorciam ferozmente.

Essas eram marcações Seminus. Uma companheira de Sem? Tantas coincidências, e nenhuma delas boas. Seja o que for que ela estava fazendo a Chase o estava matando, e o dano já havia sido feito. A marca do warg sobre braço de Idess estava desaparecendo, e uma doentia luz cinza pulsou em torno dele, marcando-o como alguém que estava fadado a morrer. Seus poderes de cura não iriam ajudá-lo. A morte dele estava presa na teia da vida agora.

Fúria e a necessidade de vingança rugiram a vida totalmente

consumidora dentro de Idess. Ela se lançou, acertando a fêmea no peito, exatamente no centro, no meio de uma cicatriz em forma de mão com um chute giratório.

A fêmea voou para trás em uma cadeira reclinável colada com fita crepe, quebrando uma garrafa de cerveja, mas para Idess o chute pareceu desleixado, com nem perto do poder suficiente por trás dele. A prostituta de cabelos negros deveria ter atravessado direto pela parede.

Isso é o que recebo por não me alimentar. E todas essas lutas apenas a drenavam mais rápido. Ela se lançou na outra fêmea, preparando-se para conduzir o punhal de osso de Gargantua direto em seu coração. — Eu vou rir quando os *griminions* vierem por sua alma.

Idess levantou a lâmina... e um atizador quente de dor atravessou seu braço. *Lore.* Em perigo. Como? Ela cambaleou, deixando a adaga cair. A diaba de cabelos negros arrancou um pedaço sangrento de vidro de garrafa de sua coxa e, com um rosnado, veio em direção a Idess, um turbilhão de braços e pernas.

Sem equilíbrio pela dor e surpresa, Idess caiu para trás sob a chuva de golpes, esquivando-se, bloqueando e incapaz de conseguir um golpe próprio. Juntas bateram na boca de Idess, cortando seu lábio. Sua cabeça estalou para trás em sua coluna e *ow*, ela ia sentir essa por um mês.

Idess caiu e rolou para longe da outra fêmea, que de alguma forma tomou posse do punhal. A Sem atacou, e Idess sibilou à mordida de metal na carne de seu bíceps esquerdo. Agora que seu sangue havia molhado a lâmina, o punhal não erraria se balançassem em direção a Idess novamente.

Ela se atirou para trás, fora do alcance da fêmea do outro. Esta era uma batalha perdida. Chase estava praticamente morto, de qualquer maneira.

Na verdade... ele se foi. Enquanto ela estava lutando com essa assassina, ele fugiu.

Colocando uma palma sobre o corte feito pelo punhal Gargantua, Idess se teletransportou de lá, enojada por sua incapacidade de salvar Chase, e pelo conhecimento de que a morte dele acabara de lhe custar vários séculos na Terra.

A tensão no apartamento de Eidolon podia ter sido medida por um barômetro, mesmo vários minutos após Idess desaparecer com Lore. Que diabos ela fizera com ele?

Kynan finalmente se dirigiu para a porta da frente. — Eu estou indo para o QG do Aegis. Tem que haver uma maneira de neutralizar a habilidade de Lore. — Ele fez uma pausa antes de ir muito longe, e quando ele falou, havia determinação em sua voz, mas não indelicadeza. — Eu sei que ele é seu irmão. Mas eu vou fazer o que eu tenho que fazer para me proteger. Gem está grávida, e não vou deixá-la sozinha ou meu filho sem pai.

A respiração de Eidolon prendeu com a notícia inesperada, e Shade soltou uma intensa maldição.

— Isso não vai acontecer — jurou Wraith.

Kynan inclinou a cabeça e se arrastou para fora do apartamento, deixando *E* a sós com Shade e Wraith, ambos irradiavam raiva em fortes explosões que Eidolon podia sentir como pequenos chicotes contra sua pele.

— Bem? — Shade incitou, e se ele esperava um pedido de desculpas por cortar a ele e Wraith da conversa com Lore, esperaria por um longo tempo. Eidolon havia feito o que precisava fazer para manter sua família intacta. — Você quer explicar porque Idess teve que nos contar sobre sua reuniãozinha?

— Não importa. Nós temos que encontrá-la — *E* disse. — Antes que ela mate Lore.

— Foda-se — Shade rosnou. — Eu digo que nós a deixemos.

— Ele é nosso irmão, Shade.

— Assim como Ky — Shade apontou. — Ele não é de sangue ou sequer a maldita espécie correta, mas ele deu a vida para nos salvar, nossas famílias, e a porra deste planeta inteiro. Nós não sabemos merda nenhuma sobre Lore, exceto que ele tentou nos matar.

Eidolon o encarou, incapaz de acreditar no que seu irmão

acabara de dizer. — Eu concordo com você sobre Kynan, mas sério? Você não se importa se Lore morrer?

— Melhor ele do que o Ky — Wraith soltou.

— Nós vamos lidar com isso. — O olhar de Eidolon voou para frente e para trás entre Wraith e Shade. — Temos que dar uma chance a ele.

Shade fez um som de desgosto. — Como você fez com o Roag? Repetidas vezes?

Deuses, ele estava cansado da conversa do Roag. Sim, Eidolon havia fodido tudo. Mas ele apenas podia pedir perdão tantas vezes. — Você nunca vai deixar isso passar, não é?

— *Deixar passar?* — Shade perguntou incredulamente. — Eu perdi a Skulk porque você continuou dando chances ao Roag. Ficava dizendo, *Ele é nosso irmão*. Bem, foda-se, *E*. Se tivéssemos tomado conta dele quando deveríamos, Skulk não estaria morta.

Skulk era irmã demônio Umber de Shade, e eles eram próximos. Tão próximos que ela trabalhava como paramédica no UG, assim Shade podia manter um olho nela. Eidolon sentia falta dela, e a cada dia seu coração se apertava com a culpa por seu papel involuntário na morte dela.

— E você não teria uma companheira e filhos se não fosse por Roag. — Era a coisa errada a dizer, e Eidolon sabia disso. Sabia mesmo quando o punho de Shade bateu em seu queixo.

A cabeça de Eidolon balançou para trás e dor se lançou através de seu rosto, provocando sua própria raiva. Ele revidou fogo com o poder de todo o seu corpo por trás do soco cruzado. Um estalo soou quando o nariz de Shade pulverizou sangue. Carmesim engoliu o preto nos olhos de Shade, sem dúvida combinando com os de *E*, e estava valendo.

Eles se encontraram com a força de dois touros. Distantemente, Eidolon ouviu mobília quebrando e imagens saindo das paredes, e então o choque da televisão.

Eles foram para o chão, esmurrando o inferno profano um do outro em uma luta sem-barreiras, quem-pode-machucar-mais, algo que *E* e Shade nunca fizeram.

Isso era o que Wraith e Shade faziam.

Um punho martelou particularmente para o lado a cabeça dura de Eidolon, e o fez ver estrelas e ouvir sinos. Rosnando, ele bateu o joelho para cima e para as entranhas de Shade. Shade bateu o crânio de Eidolon no chão, colocando a fúria de Eidolon em um nível totalmente novo de irritação.

— Parem com isso! — Tayla os separou, empurrando Shade tão forte que ele rodou para trás e caiu sobre a parte de trás do sofá. Então ela rodeou Wraith, que estava encostado na porta, braços cruzados sobre o peito e tornozelos travados casualmente juntos.

— Obrigado pela ajuda, idiota. Você não poderia ter impedido isso antes que eu?

— Parar com isso? — Wraith apontou seu polegar em direção à cozinha. — Inferno, eu estava prestes a ir fazer pipoca para combinar com o Jerry Springer.

Shade veio ao redor do sofá, pronto para começar novamente. Mais uma vez, Tayla se colocou entre eles, agachando-se em uma posição defensiva, e *E* teve que reprimir um sorriso a sua ferocidade.

Ele iria fazer amor com ela no segundo que conseguissem colocar seus irmãos porta afora. Agora mesmo, porém, ele não ia deixá-la lutar suas batalhas. Gentilmente, ele apertou seu ombro e a puxou para trás. — Ei, está tudo bem.

— *Não, Eidolon, não está.* Está longe de tudo bem. — Sangue correu em múltiplos fluxos do nariz de Shade e um feio corte em sua testa, e seus dentes à mostra estavam listrados de carmesim. Ativando seu dom, Eidolon estendeu a mão para curá-lo, mas Shade recuou. — Não me toque, porra.

Shade nunca esteve tão irritado que não deixasse Eidolon atender suas feridas.

— Shade, escuta-me...

O bipe de Eidolon disparou. Ele o ignorou, embora soubesse que seu plano de deixar Tayla nua teria que ser colocado em espera. — Nós não podemos deixar Lore morrer — ele completou.

Wraith se empurrou para longe da parede. — Não podemos deixar Kynan morrer também.

— Este não é um ou outro — Eidolon disse, subitamente cansado, apesar da adrenalina que ainda estava correndo através de seu sistema. — Ninguém morre. Nós colocaremos juízo na cabeça de Lore, e se isso não funcionar, vamos contê-lo.

Os olhos de Shade brilharam violentamente. — Faça o que você tem que fazer. Mas saiba que se isto chegar a uma escolha, eu escolho Kynan.

— Mas se...

Shade o cortou com um rosnado. — Você realmente não quer chegar a isto.

Com isso, Shade saiu do apartamento. Wraith lançou a *E* um olhar não-diga-uma-palavra e seguiu seu irmão para fora.

Liberando um sopro frustrado, Eidolon limpou o sangue de seu lábio cortado com as costas da mão,

Tay se envolveu em torno dele. — Você está bem?

— Sim — ele mentiu, mesmo ela sentindo a verdade através do vínculo de companheiros deles. E a verdade é que quando ele disse a Lore que sua equipe andava no limite ultimamente, isto não era nem a metade. Todos na UG estavam nas gargantas uns dos outros, o que levou a erros críticos e desleixava a assistência ao paciente.

— Você não pode mentir para mim, Hellboy — disse Tay.

— Eu sei — ele suspirou. — Eu apenas nunca vi Shade tão agitado. Eu acredito seriamente que ele deixaria isso nos afastar de vez.

— Isso não vai acontecer. Vocês sobreviveram a pior do que isso. Shade está com raiva agora, mas pela mesma razão dele estar bravo, a sua lealdade para com seus irmãos e familiares, é porque ele ama você. Dê-lhe uma chance para se acalmar.

Tayla era jovem, comparado à Eidolon, mas ela tem estado por aí, e compreendia as pessoas. E demônios... em parte porque ela era meio Soulshredder, e ela podia ver cicatrizes que a maioria não podia.

Mas neste caso, Eidolon tinha suas dúvidas sobre a previsão de Tayla. Onde Roag não conseguiu separá-los, Lore poderia ter sucesso.

A raiva era como se afogar em um oceano de sangue fervente. Envolvia-se em torno de Lore e assim apertava cada respiração com uma luta agonizante.

Ele voltou acorrentado a uma cama em um quarto com babados, sua cabeça martelando e ainda engajado no modo de luta. Ele não sabia onde estava, quem o levou, e queimava com a necessidade de matar.

Cada segundo que ele lutou contra as correntes o deixava mais irritado, e isto, combinado com a britadeira no cérebro e uma falta de liberações recente, o colocava em uma corda bamba onde a menor pressão o mergulharia direto no pavimento rígido da Avenida Noreturnsville.

Nenhuma rede à vista.

Adrenalina ondulava através dele como se uma represa tivesse estourado. Ele puxou as restrições. Não é bom. Ele puxou mais forte, até que ele sentiu o estalar de seu cotovelo e da articulação do ombro. Dor explodiu em um flash de luz por trás de seus olhos.

Sua virilha latejava, e porra, se ele pudesse apenas alcançar seu pênis, poderia acabar com isto antes que fosse longe demais...

Uma gota morna escorreu por seu pulso. Sangue. A sensação, visão, o cheiro... desencadeou sua necessidade de assassinar como se alguém tivesse virado um interruptor e ligado seu Jason Voorhees[1] interior.

Ele rugiu quando o único fio mantendo sua sanidade em cheque se rompeu.

Pelo menos ele estava contido, assim não poderia correr descontrolado. Não poderia matar inocentes.

Não, essa raiva iria matá-lo.

[1] Jason Voorhees, nascido em 13 de junho de 1946, é um personagem fictício, principal personagem dos filmes de terror da franquia Sexta-Feira 13.

Seis

O horripilante rosnado alcançou os ouvidos de Idess antes de ela se materializar completamente em sua sala de estar. Exausta, mas alimentada pelo medo, ela correu para o quarto, derrapando até parar na porta. Lore estava sozinho. Ninguém estava tentando matá-lo.

Mas... ele havia se transformado. Seus olhos, queimando como brasas de carvão, entediados dentro dela, e sua pele escurecida para um profundo tom de vermelho sombrio com veias escuras sobre o topo saliente do músculo. Ele arreganhou os dentes, como se quisesse mordê-la. Ele estava lindo e terrível, e um tremor correu através dela enquanto entrava no quarto.

O que no mundo aconteceu com ele? Fosse o que fosse, isso ameaçava a vida dele. O *heraldi* em seu braço ainda queimava, machucando muito mais do que a ferida de punhal. Ela ouvira falar que algumas espécies poderiam tornar-se incontrolavelmente enfurecidas quando presos.

Ou, aparentemente, mortos.

— Lore...

Seu violento rugido sacudiu os alicerces da casa. Sangue escorria de seus pulsos, os quais estavam em carne viva sob as algemas. As solas de suas botas rasgaram a colcha e os lençóis, todo o caminho até o colchão.

— O que posso fazer?

— Liberte-me. — Suas palavras foram distorcidas pela raiva e ódio.

Enrijecendo-se, ela disse. — Isso não é possível.

Uma enxurrada de maldições rasgou sua boca. — Maldita seja você e a puta que te pariu.

Ela avançou em direção a ele. — Não posso liberá-lo. O que mais pode aliviá-lo?

Ele enlouqueceu, suas algemas agitaram-se tão violentas que um estalo soou enquanto a estrutura da cama quebrava. Manchas vermelhas dançavam nos olhos que ficaram totalmente pretos, engolindo os brancos, o demônio através do rosto bonito vindo como uma espécie de sobreposição transparente.

Ela parou ao lado de seu quadril, um grande erro, porque apesar de seus pulsos estarem presos sob sua cabeça, suas pernas estavam livres, e ele esperneou, pegando-a nas costelas e batendo-a na porta do banheiro.

Esfregando seu peito dolorido, ela voltou para ele, desta vez parando ao lado de seus ombros e fora do alcance daquelas enormes botas. Ainda assim, ele chicoteou seus joelhos para trás e quase esmagou seu cérebro. O menino era notavelmente flexível.

Ele estava machucando a si mesmo, e estava apenas piorando. — Diga-me o que fará isso melhor.

Ele cerrou os dentes com tanta força que sua mandíbula estalou. — Foder.

Ela realmente odiava demônios e suas bocas sujas. — Diga-me — ela repetiu.

— Foder — ele rosnou. — Sexo.

— Sexo? — ela riu. — Se você acha que estou caindo nisso, você é além de estúpido.

Socando sua cabeça para trás com tanta força que deixou um amassado na parede, ele soltou um rugido agonizante que sacudiu através do interior dela. Uma onda de calor rolou de cima dele, uma onda de necessidade que ela sentiu como um afrouxamento de seus músculos, e um líquido de repente correu entre suas pernas. Um cheiro sombrio e pecador se envolveu ao redor dela, enchendo seus pulmões e fazendo-a inclinar-se em direção a ele. Ela se conteve, deu um desajeitado tropeço para trás. Ela esteve ao redor tempo suficiente para saber que um incubus poderia lançar feromônios para atrair parceiros, mas ela nunca experimentou isso... até agora.

Seu olhar cintilou involuntariamente para os quadris dele, onde, como era de se esperar, uma ereção sólida pressionava contra a braguilha de suas calças. De jeito nenhum. Não, não. Precisava haver outra maneira. Qualquer maneira.

— Apenas... fique parado. — Ela tomou outro fôlego daquele delicioso cheiro nela. — Vou liberá-lo, ou algo assim.

— Não! — sua cabeça estalou para frente, e seus olhos, brilhando com uma luminosidade estranha, fixo nela. — Não... posso... controlar... a mim mesmo. — Cada palavra foi dita entre dentes cerrados. — Não é seguro. Vou atacar. Ou pior.

Idess soltou uma respiração surpresa. Ele estava preocupado sobre o que ele faria com ela e para outros se ele escapasse desta situação. Ela não conheceu muito daqueles demônios, mas aqueles que ela conheceu não teriam se importado. Um fio de admiração subiu por ela, e o amaldiçoou, ela não tinha nenhum tipo de sentimento por esse macho, apenas ódio e nojo. Ela desprezava assassinos, não era excessivamente apaixonada por demônios, e ele lhe causou muitos problemas.

Então novamente, ele também salvou sua vida.

É claro, ele não teria salvado sua vida se ele não estivesse tentando matar Kynan em primeiro lugar.

O momento dele de clareza passou rapidamente, e de repente ele era uma massa de violência de novo, atirando-se contra as correntes, testando sua força, e a cama rachou um pouco mais.

Culpa picou nela; ela era a causa de sua miséria. Ela podia não gostar de demônios, mas não estava em sua natureza causar sofrimento. Sua mente trabalhou freneticamente em uma maneira de ajudá-lo. Primeiro, ela precisava pará-lo de machucar a si mesmo. Rapidamente, ela forçou as pernas dele para baixo com um aperto firme em suas coxas.

Ele entrou em um frenesi renovado, tentando mordê-la, seus braços sacudindo contra as algemas. Seus quadris se opondo, roçando a massiva ereção contra o braço dela. No momento em que ele fez contato, ele se acalmou um pouco. Ele fez de novo, desta vez com uma rotação controlada de sua pélvis.

Interessante. Tudo bem, então talvez abordar sua excitação era a única maneira de ajudá-lo. Ela olhou para a protuberância enorme em

suas calças. Oh, meu. Quanto tempo passou desde que ela tocou um homem intimamente? A resposta para essa questão era, muito tempo. Ela viveu os primeiros 19 anos de sua vida acreditando que era humana, e embora ela conhecesse sexo por apenas os dois últimos anos de sua existência humana, ela lembrava exatamente quão boa a carne masculina se sentia contra a dela.

Mesmo depois de mil anos de celibato. E nenhum orgasmo.

Não seja tentada pelos prazeres da carne, Idess. Ela ouvira Rami falar isso com frequência irritante sempre que ela pegava os homens para admirar. Tinha sido tão fácil para seu irmão dizer, desde que ele nunca tivera relações sexuais, ele foi celibatário mesmo durante seus anos humanos. Mas ela tivera um lado selvagem como humana, e por séculos depois, e ele havia sido implacável em sua busca para domá-la.

Isso foi interpretado por ela como a traição dele para finalmente colocá-la nos eixos.

Ela soltou um suspiro longo e lento. — Não seja tentada pelos prazeres da carne — ela sussurrou. Dizendo a si mesma que não tinha escolha e que não era grande coisa, ela passou a mão pelo grosso comprimento que pressionava tão duro contra o couro que ela podia distinguir a forma de seu pênis. A grossa cabeça. Ele gritou e enrijeceu, mas pelo menos parou de se debater. Os brancos voltaram para os olhos, e agora eles estavam selvagens, arregalados, como os de um cavalo assustado. Ele estava ofegante, mas permaneceu imóvel, como se esperando para ver o que ela faria em seguida.

Ele era extraordinário. Mesmo em sua fúria, ele era lindo. O corpo dela respondeu mais uma vez, aquecendo e formigando, ficando doloroso no mais primitivo dos instintos.

Instintos que devem ser ignorados. Era proibido para Memitim ter relações com humanos, então ela só poderia imaginar em quantos problemas ela estaria por ter relações sexuais com um demônio.

Ela franziu o cenho. Este era uma espécie de teste final? Rami enfrentara algo similar pouco antes de sua Ascensão, quando caiu de amor por uma mulher humana de quem cuidou após achá-la ferida com uma flecha de arqueiro. Quando, depois de uma séria luta interna, ele resistiu a seu convite à sua cama, foi oferecido a ele sua recompensa final.

E se esse era o teste final de Idess? Não que ela já estava em

perigo de se apaixonar por um demônio, mas este era um demônio do sexo, uma espécie conhecida por ser irresistível a todas as mulheres. Ele cedera a ela a fim de determinar sua capacidade de resistir? Isso explicaria por que ele de repente se tornou um Primori. *Seu Primori*.

E se for assim, isso era um pobre teste de sua força de vontade. Como todo Memitim, ela fizera voto de castidade, e nenhum macho, humano ou demônio, poderia fazê-la quebrar depois de milhares de anos.

Convencida de que poderia lidar com isso sem perder-se na luxúria, ela correu sua mão para baixo em seu pênis, deixando sua palma se moldar no firme comprimento dele. Os lábios dele se separaram em um suave suspiro, e loucamente suficiente, ela queria tocá-los. Com seus dedos, sua boca...

Amaldiçoando sua reação, mas incentivada pela dele, ela esfregou mais duro, e o suspiro dele tornou-se um gemido longo e torturado.

Ela tirou sua mão.

Instantaneamente, ele arqueou suas costas, puxou suas correntes, e uivou... um som de dor inimaginável.

— Tudo bem — ela disse rapidamente, e colocou a mão novamente. Mais uma vez ele se aquietou, mas seu corpo inteiro tremeu. — Sinto muito.

Talvez ela pudesse usar isso. Só um pouco...

— Diga-me — ela disse, enquanto se escarranchava nos joelhos dele e puxava o botão de suas calças. — Quem contratou você para matar Kynan?

Ele balançou a cabeça, e ela afastou sua mão.

O som de seus dentes estalando juntos estremeceu o ar. Ele sacudiu tão forte que ela quase desalojou de seu assento.

— Má idéia — ela murmurou, enquanto ela rasgava os demais botões e o liberou. Ele era enorme, uma grossa coluna profunda, marrom corado que desaparecia no V de sua braguilha. Apenas um sinal de cabelo escuro trilhava debaixo da bainha de sua camisa em seu abdômen, o qual era marcado com todos os tipos de cicatrizes, até sua virilha.

Necessidade proibida lavou sobre ela, e ao mesmo tempo, Lore empurrou seus quadris para cima, colocando a dura cabeça de seu pênis em contato com sua mão.

— Não estamos impacientes? — *Nós* estávamos certos, porque isso era o mais próximo que pode chegar a um macho, e ela queria isso quase tanto quanto ele. Usando apenas as pontas dos dedos, ela alisou o aveludado gorro até que a cabeça de Lore caiu contra a parede e seus olhos fecharam em alívio. — Isso é bom, não é? — Isso certamente era bom para ela. Oh, ela se lembrou disso. Exceto que ela não se lembrava de ter tanto prazer em tocar um homem.

— Hummm, hummm.

Ela apertou seu pênis, maravilhada com a pele acetinada que se alongava sobre uma grossa vara de ferro. Ela não se lembrava dos homens de seu tempo serem tão grandes. — Sobre Kynan...

Arreganhando os dentes, ele balançou a cabeça. Ela afastou sua mão mais uma vez.

Ele ficou louco, e seu coração apertou, e isto era suficiente para testá-lo. Rapidamente, ela o agarrou novamente, o efeito sobre ele tão dramático que ela mal podia imaginar quão crucial o sexo deveria ser para sua existência. A maneira como ele se aquietou tão rapidamente, sua expressão refletindo ambos, duro alívio e sofrimento... era fascinante. Por tanto tempo ela evitara qualquer coisa mesmo remotamente sensual ou sexual, porque enquanto não fizesse sexo com um homem era simples o suficiente, o voto de castidade também proibía auto-prazer, o que não foi tão fácil. E agora, como se seu corpo tivesse saído de um congelador profundo, isso explodia quente e ficava líquido, e ela poderia esperar para ver Lore vir, assistir o prazer tomá-lo na maioria dos êxtases masculinos.

— Bom menino — ela murmurou. Ajustando sua posição, ela abriu espaço para sua outra mão, para que ela pudesse alcançar atrás de seu pênis até suas bolas. Elas pesavam em sua mão, e quando ela começou a enrolá-las gentilmente, ele amaldiçoou em uma respiração baixa e irregular.

Ela arrastou sua outra mão para cima, da grossa base até a cabeça dilatada. Uma gota de cristal se formou na fenda, e ela passou seu polegar através dela, espalhando a sedosa umidade ao redor do topo. Lore balançou seus quadris, seu peito subindo e descendo em um ritmo irregular. Seu pênis inchado e vibrante, e ela sentiu que ele

estava perto.

— Rápido — ele disse com voz rouca. — Mais duro.

Ela obedeceu, bombeando do jeito que ele queria, amando a fricção construída entre sua palma e a pele dele. Ela afastou seu olhar do que sua mão estava fazendo para que ela pudesse avaliar cada reação.

E oh, que reações ele tinha. Seus olhos estavam abertos, famintos e focados em seu rosto. Os tendões em seu pescoço e os músculos em seus braços se destacavam fortemente enquanto ele se esforçava contra as correntes, e ela sabia que se ele se livrasse ela estaria embaixo dele em um piscar de olhos.

Desejo enrolou em seu intestino, e uma sensação excitante de poder atirou bem em sua cabeça com uma velocidade estonteante. Ela poderia mudar os intervalos entre as respirações dele, alterando a velocidade de seus golpes. Ela poderia fazê-lo gemer alterando a tensão de seu aperto. E quando ela passou seu polegar contra a área logo abaixo da cabeça, todo o corpo dele arqueou.

Loucamente, seu corpo arqueou também. Em direção a ele. Ela estava incrivelmente excitada com isso, de um jeito que ela nunca esteve. Oh, ela ficava nervosa às vezes, mas fazendo exercícios ou farras de sobremesa nunca deixaram de resgatá-la das garras da luxúria. Desta vez, ela tinha uma sensação que nenhuma quantidade de flexões ou tiramisu aliviarium a dor que pulsava através dela. Seu pulso batia inconstantemente através de suas veias, seus mamilos enfureceram em pérolas sensíveis que raspava contra seu sutiã com cada irregular respiração, e de alguma forma ela havia deslizado até a beira do orgasmo.

Seria ir contra seu voto chegar mesmo sem tocar-se? Se fosse um acidente?

Um orgasmo accidental. Ela não sabia se ria ou chorava, porque seu corpo era uma panela prestes a transbordar, e tanto quanto ela desejava o que foi negado por tanto tempo, ela também não poderia arriscar.

Zangada e ferida, ela jogou em Lore, pois realmente, isso era culpa dele. Ela o apertou com mais força, bombeando mais rápido, puxando um silvo de prazer dele. Ele a observava como se tentando descobrir uma maneira de chegar até ela, mas quando ela olhou de volta para a erótica vista de sua cabeça de ameixa madura

empurrando através dos anéis de seus dedos, ele se perdeu no ritmo, jogando sua cabeça para trás mais uma vez.

— Não... pare. — Sua voz gutural era ao mesmo tempo um comando e um apelo, e ele veio de repente, seu corpo pulando com tal violência que ela teve que segurar seu aperto em seu quadril para não ser jogada. Uma maldição crua irrompeu de dentro do peito dele, e sêmen disparou em sua mão e em grossas cordas sobre sua barriga de tanquinho.

Ele era lindo, tão grande, seus músculos tensionados e seu corpo rígido. Ele se sentiria bem em cima dela, seu peso segurando-a enquanto empurrava dentro dela. Ele estaria nu, suado, e eles estariam pele sobre pele, seus corpos unidos e suas línguas emaranhadas.

Uma pressão crítica alcançou seu núcleo, e ela percebeu que estava rebolando contra a coxa dele mesmo quando já tinha terminado com sua mão. Seu olhar voou para o rosto dele, e ela tragou uma respiração surpresa e horrorizada com a forma que ele estava focado nela, olhos sonolentos, mas brilhantes com conhecimento.

Limpando sua garganta, ela liberou seu pênis que ainda estava meio duro. — Quantas vezes você precisa de sexo? — ela perguntou casualmente, embora ela sentisse algo, mas, especialmente com a forma que sua pele formigava onde sua semente espirrou sobre sua mão, enchendo-a com a mais estranha vontade de alisar sobre lugares privados e sensíveis.

— Poucas vezes ao dia. — Sua voz estava rouca, um encantador rosnado pós-coito.

Mais aturdida do que ela queria admitir, ela saiu de cima dele para ir ao banheiro para estapear sobre o curativo em seu braço. No momento em que ela terminou, ela se sentia quase normal novamente, embora ela pudesse definitivamente usar uma ducha fria e dois galões de espuma de sorvete.

Ela encontrou um tubo de pomada antibiótica em seu armário de remédios, uma toalha molhada e voltou para Lore. — Se você não fizer sexo, você entra em fúria?

— Sim — ele grunhiu, como se envergonhado. — Como você conseguiu me amarrar? E o que você pretende fazer comigo?

— Eu fiz você mesmo se amarrar. — Ela afundou no colchão ao lado dele. — E eu pretendo evitar que você mate Kynan.

— Você é um anjo, certo? Como o anjo da guarda de Kynan?

— Algo como isso. — Gentilmente, ela limpou o sangue do braço esquerdo dele, trabalhando a sua maneira do grosso ombro até a algema ao redor de seu pulso. Sua pele era macia, lisa, os músculos debaixo endureceram com profundos sulcos entre os montes de aço. Ela demorou mais do que deveria.

— Então por que não apenas me matar? Por que me manter prisioneiro?

Porque tenho que protegê-lo também, e seus irmãos parecem prontos para arrancar seu coração.

— Talvez eu queira mantê-lo acorrentado a minha cama como um escravo sexual antes de matá-lo. — Coisa estúpida para se dizer, porque as possibilidades começaram a rolar por sua cabeça.

— Se isso fosse verdade... — ele demorou, — você teria me fodido ao invés de me masturbar. — Seu sorriso torto e seu cabelo desarrumado deram a ele uma aparência de menino encantador que estava em desacordo com suas palavras brutas e a masculinidade crua que ele lançava. — E eu sei que você queria me foder, mas não o fez. Então, a coisa de escravo sexual? Não vendeu.

— Você é incrivelmente arrogante.

— Estou errado? — seu tom disse que ele sabia malditamente bem que não estava.

Ela ignorou a questão. — Diga-me, quem contratou você?

Ele revirou os olhos e suspirou. — Estamos de volta nisso novamente?

— Isso é importante.

Lore deu de ombros, sacudindo as correntes. — Ninguém me contratou. Kynan é uma ferramenta. Isso não é razão suficiente?

— Apesar de você contar a Eidolon que Kynan era um serviço, eu devo acreditar em você se eu não encontrar outra das minhas cargas sendo abatidas por uma assassina fêmea.

Algo cintilou em seu olhar escuro. — Coincidência.

— Sério? — ela gentilmente limpou seu pulso rasgado abaixo

das algemas. Isso deve ter doído, mas ele não vacilou. — É coincidência também que o assassino tatuou tatuagens Seminus descoloridas como as suas?

Desta vez, a mudança em sua expressão era fácil de ler: medo. Ele tentou disfarçar as pressas, mas era tarde demais.

— Quem é ela? — Idess pressionou. — E por que ter assassinos sendo enviados atrás do meu Primori?

— Não faço ideia. O que é Primori?

— Primori são os que estou designada a proteger — ela disse vagamente. — E você está mentindo.

— Você acha que o assassino mestre divide qualquer coisa com seus assassinos escravos? Estamos fazendo um trabalho e não nos importamos por que.

— Adorável.

Ele bufou. — Você está me julgando? Olá, eu não prendo ninguém na cama para usar como escravo sexual. Não que eu me importe — ele acrescentou. — Mas eu poderia fazer sexo com você muito melhor se eu estivesse livre.

Macho impossível. — Conte-me sobre a fêmea Seminus — ela rangeu.

— Não há fêmeas Sems — Lore disse. — Machos Sems usam fêmeas de outras espécies como hospedeiras para seus descendentes, que são todos nascidos machos.

— Então ela é uma companheira. — Novamente, alguma emoção desconhecida trouxe cor a suas bochechas, e um pensamento perturbador fez seu intestino torcer. — Sua? Ela é sua?

Ele apenas a encarou. *Agora*, ele decidiu calar-se. Mas seu silêncio foi resposta suficiente.

Lore manteve um olhar curioso sobre Idess, notando como de repente ela parecia doente após perguntar se Sin era sua companheira.

De jeito nenhum ela estava com ciúmes. Talvez a ideia que ela pode ter adquirido intimidade com um macho que já tem dona perturbou seus dois sapatos[1].

Engraçado.

Mas não era engraçado que ela soubesse de Sin, e pelo que parece, a apresentação delas não envolveu aperto de mãos. O lábio inferior de Idess estava inchado e cortado, havia um corte em seu braço, e grossas tranças de seu cabelo estavam livres de seu rabo de cavalo, dando-lhe uma aparência Xena, A Princesa Guerreira, que ele não deveria apreciar. Mas ele fez. Ou teria, se ele não estivesse preocupado com sua irmã.

Ele manteve seu nível de voz. Escassa. — Onde está a fêmea? — ela não disse nada, e ele rosnou, cansado de seu jogo, qualquer que fosse. — O que você fez com ela?

Idess evitou o contato com o olho, concentrando-se, ao invés, em alisar a pomada no pulso dele. Ele não poderia esperar até ela chegar ao seu braço direito. Ela estaria tão morta. Ela pode ter conseguido escapar de sua *dermoire* mais cedo, mas conseguiria tocá-la agora.

— Se você me dizer o que eu quero saber, contarei o que você quer saber.

— Responda-me! — ele rugiu, e ela recuou.

— Não se preocupe — ela retrucou. — Ela escapou. Mas matou um de meus Primori.

Bom. Soava como Sin completara sua missão. Sem escravidão nas mãos dos Neethul para ela. Mas se ele não tomasse conta de Kynan, fazer coisas repugnantes para os Neethul seria a menor das preocupações para ela. — Isso é tão ruim, Docinho.

Idess ignorou seu sarcasmo e se mudou para o outro lado. Antecipação inchou enquanto ela se preparava para limpar seu braço direito. Ele rolou a cabeça em direção a ela e tentou não admirar os cílios longos e exuberantes moldurando seus enormes olhos caramelos. Olhos que o viram com uma fome cruel enquanto ela o acariciava. Eles estavam centrados, escurecido, e ela revirou seu lábio inferior entre seus sexy dentes brancos, embora ela quisesse usar sua boca ao invés de sua mão.

Ele teria estado bem com isso. Mais do que bem. Infernos, ele

estava ficando duro novamente apenas em pensar sobre isso. Idess encostou-se. Talvez ela o beijasse. Se ela ficasse no caminho da maneira que ficou quando o masturbou, ele aproveitaria cada segundo dela. Pelo menos até que ela se deixasse levar e entrasse em contato com seu braço.

Mais perto. Mais perto... no momento em que ela estivesse morta e ele... o quê? Ele estaria acorrentado com nenhuma forma de se libertar.

— Pare!

Ela congelou, a milímetros do pano de seu braço. — O quê?

— Meu braço... é sensível. Deixe-o em paz.

— Oh, pelo amor de Deus. Para um enorme demônio ruim e assassino, você é um bebê. — Olhando para ele, ela deixou cair a toalha, e ele respirou aliviado. E então, para seu horror, ela colocou gentilmente a palma em seu antebraço.

— Idess!

Ela ofegou, seus olhos arregalando-se. Seus dedos cavados na pele dele e ela gemeu, mas estranhamente, ela não parecia estar com dor. Se qualquer coisa, ele diria que a expressão em seu rosto estava tão longe da morte quanto poderia estar.

Ela estava...? Não. Se ela estava vindo, ela seria selvagem. E barulhenta. De alguma forma ele sabia que ela seria reivindicante na cama.

— Lore — ela gemeu. Seu toque cresceu mais leve, seus dedos mal descansando em seu braço, mas ela estava tocando-o.

Atordoado, ele olhou para mão dela. Seu calor se infiltrou em sua *dermoire* e irradiava de seu braço, o oposto exato do que deveria ter acontecido. Por que ela não desmaiou? Não escapou de seu conhecimento que ele a chamou por seu nome em seu pânico, e por alguma razão, fez isso sentir tão estranhamente íntimo. Finalmente, ela se afastou, seus olhos focados no caminho das marcas dele contorcendo na pele. — O que... o que acabou de acontecer?

— Ah, eu não sei. O que acabou de acontecer?

Tentativamente, ela o tocou novamente. Desta vez, o golpe

experimental de seus dedos, parecia não ter efeito nenhum. — Eu não entendo. Quando toquei antes, foi...

— Orgásmico?

Ela lançou um olhar de aborrecimento. — Dificilmente. Foi como se eu tivesse levado energia de você. Você se sente esgotado?

Piscando, ele balançou os quadris. — Oh, sim.

Desta vez, ela apenas bufou. — Estou falando sério.

— Eu também.

Ela murmurou algo sobre incubus que não soavam elogiosos. — Talvez tenha algo a ver com as algemas Bracken.

Algemas Bracken, o mesmo esquema de encarceramento de demônio que seus irmãos usaram nele mês passado para apagar seu dom. Ele deveria saber. Não admira que ela não fritou quando o tocou.

— Está tudo bem em limpá-lo agora?

Seu pau puxou. — Isso?

— Seu braço — ela rugiu.

— Por que você se importa?

Ela deu de ombros e alcançou a toalha molhada novamente. — Tenho que impedi-lo de matar Kynan, mas isso não significa que quero que sofra. — Ela limpou o sangue de seus pulsos rasgados. — Dói?

Longe disso. Os glifos espirais sempre foram sensíveis; ele não mentiu sobre isso. Mas eles eram sensíveis de uma maneira altamente erótica, e agora que ficou claro que ela não iria morrer por tocá-los, as terminações nervosas logo abaixo de suas superfícies inflaram, cada roçar das pontas dos dedos dela enviando choques agradáveis direto para sua virilha. Deus, nenhuma fêmea jamais tocou seu braço assim, e isso o sacudiu. Excitou-o. Ameaçou-o levar a alturas que nunca conhecera.

— Não — ele respondeu asperamente. — Estou bem.

— Os glifos são notáveis — ela disse. — Eles parecem se mover — ela traçou um com uma unha, e ele mordeu de volta um gemido. —

Não são tatuagens, são?

— Eles são uma história de nossa paternidade.

— Você nasceu com eles?

— A maioria dos Sems sim.

Ela enxaguou o pano e voltou a limpar-lhe o braço, mesmo não parecendo mais necessário, e um arrepio passou através dele. — Mas você não? Isso tem algo a ver com sua criação humana?

— Como sabe que sou casta humana?

— Posso cheirar humano em seu sangue. — Ela se mexeu na cama.

Ele não via nenhuma razão para manter seu passado em segredo, e, além disso, talvez se ele a mantivesse falando, ela revelaria informações que ele poderia usar. Como por que ela estava guardando Kynan. E se era verdade que somente anjos podiam prejudicá-lo. E Lore poderia começar deste pequeno detalhe. — Minha mãe era humana. Aparentemente, isso torna as coisas um pouco confusas.

— Então quando você ganhou os símbolos?

— Quando tinha vinte anos. — Eles vieram com uma ordem lateral de dor, seguidos por uma sobremesa de luxúria e raiva. Oh, sim, bons tempos.

Ela usou uma unha quadrada para traçar o contorno de um símbolo de ponta de flecha na dobra do cotovelo. Sua ereção pulsava como se apenas não tivesse desfrutado do orgasmo mais intenso de sua vida. — Há quanto tempo sabe disso?

— Se você quer saber quantos anos eu tenho — ele disse, — pode apenas perguntar.

— Tudo bem. Quantos anos você tem?

— Eu nasci em 1880. Você?

Seu sorriso transformou seu rosto de bonito para lindo de morrer. — Sou consideravelmente mais velha que você.

— Sim? — ele agitou suas sobrancelhas. — Eu sempre tive uma queda por mulheres mais velhas.

Havia mais sussurros sobre incubus enquanto ela deixava cair o pano no cesto de roupa suja. — Eu nasci no dia em que Júlio Cesar morreu. Isso é muito velho.

— Então, você realmente nasceu? E nos Idos de Março[2] — ele meditou. — É assim que você foi chamada depois? — Quando ela assentiu, ele se acomodou e deu a ela um olhar sonolento e sedutor. — É um nome bonito. Bonito, como você.

Ela bufou, totalmente desafiando. — Não vou cair em nenhum de seus truques. Especialmente não quando estão tão óbvios.

— Dá um tempo. Eu não tenho muita experiência em seduzir mulheres.

— Sim, certo. — Ela franziu a testa quando ele não reagiu. — Você está falando sério. Como você pode ser um incubus e não ter esse tipo de experiência?

Ele deu de ombros, sem vontade de contar sobre seu toque da morte. — Acho que há anomalias em todas as espécies.

— Vendo que você é um demônio do sexo que mata, eu diria que isso é verdade.

— Há incubus que usam o sexo para matar. Mas não é como se quisesse matar alguém — ele acrescentou, e embora fosse verdade que ele estava aprontando para suavizar seu lado, isso também foi... verdadeiro. Ele não era um assassino porque queria ser.

Não, você mata por dinheiro. Isso é muito melhor.

— Bom — ela disse. — Então eu preciso que você não mate Kynan.

— Sim, tudo bem. Não vou.

Seus cílios curvaram para baixo, criando sombras sob seus olhos, e ela de repente parecia cansada. — Eu sei como assassinos mestres trabalham, Lore. Você não pode simplesmente ignorar suas ordens.

— Então por que você está me pedindo para não matar Kyan, se você sabe que preciso?

— Eu só quero sua palavra que você não vai matá-lo enquanto estou tentando descobrir quem o contratou, e por quê.

— Então você acha que se você descobrir quem me contratou, o acerto será cancelado e Kynan estará seguro?

— Sim.

Era um pensamento agradável, mas não iria acontecer. A Sociedade de Assassinos construiu sua reputação sobre um voto de silêncio e discrição, e ninguém sabia a identidade de qualquer parte que havia contratado um assassino. Isso aconteceu apenas uma vez, centenas de anos atrás, quando um cliente foi traído pelo mestre assassino, e o mestre foi feito de exemplo.

Seu corpo destruído, preservado em cera, enfeitava a entrada da Sociedade Assassina, sua carne descascada como banana longe do osso. Mas a pior parte foi que de alguma forma sua alma ficara presa ao seu corpo, e seus gritos podiam ser ouvidos por cada demônio que entrava.

Mas ele não iria dizer isso a Idess. Ele jogaria junto.

— Você vai precisar da minha ajuda — ele disse.

Ela golpeou sua testa, que reluzia com um fino brilho de suor. — Posso administrar sozinha.

— Sêrio? Você sabe quem é meu mestre? Você pode contatá-lo?

Rosa cobriu as bochechas de Idess, porque ele a tinha lá. — Você vai me dizer?

— Você vai me deixar ir?

Ela oscilou em seus pés, e um raio de pânico vitalizou através dele. — Cookie? O que há de errado?

— Nada. — Ela ergueu o queixo e endireitou as costas em uma demonstração de força, mas uma gota de suor escorreu por sua têmpora.

— Você quer me ajudar? Diga-me que porra está errado. Bem. Agora.

Ela hesitou, e ele pegou isso. Vulnerabilidade não era fácil, especialmente na frente do inimigo. Uma lamúria escapou enquanto ela se inclinava, segurando-se na cômoda.

— Idess? O que foi?

Seu agitado olhar seguiu para ele, um pouco opaco e muito desesperado. — Parece — ela sussurrou, — que preciso me alimentar.

[1] Expressão usada para pessoas que sempre fazem o que é certo.

[2] Décimo quinto dia do mês

Sete

Eu preciso me alimentar.

Ela realmente havia dito isso? As palavras ainda zumbiam nos ouvidos de Idess como um eco eterno. Crescia mais e mais alto, até que ela colocou as palmas das mãos sobre as orelhas. Ela ouviu Lore chamando seu nome, sua voz grave era apenas um zumbido.

Acalme-se... acalme-se...

Oh, isso foi ruim. Seu ódio total de se alimentar a levou a ignorar as necessidades do seu corpo por muito tempo, e a batalha com Lore e subsequentes lesões não ajudaram em nada. Quando a náusea diminuiu, ela timidamente afastou suas mãos de sua cabeça.

— Idess. — O tom duro de Lore finalmente penetrou a névoa em seu cérebro. — Quando você diz alimentar, você quer dizer o que eu acho que você quer dizer?

— Sim. — Ela afundou-se na cama ao lado dele, com as pernas muito bambas para apoiá-la por muito mais tempo, e a última coisa que queria era cair na frente de seu cativo. Aquele certamente foi um longo caminho para mostrar a ele quem estava no comando.

— Mas você não é uma espécie de anjo?

— Considere-me um anjo em treinamento. — Ela esfregou os olhos, mesmo quando ela raspou a língua sobre a ponta de um canino que começou a descer.

— Todos os anjos bebem sangue?

Ela estava tão cansada que ela não se importava mais sobre manter as coisas escondidas de Lore. Tão exausta, na verdade, que ela oscilava, com a cabeça girando como se ela tivesse tomado muitas taças de vinho, que era o único tipo de álcool que os Memitim deveriam beber. Ela tomou muito durante seus dias selvagens. Agora,

ela evitava, e qualquer coisa que possa remover seu controle e levá-la longe do caminho do bem que ela tentava tão dificilmente seguir. — Não. Apenas o meu tipo.

— E que tipo você é, exatamente?

— Eu sou Memitim. — Ela passou sua mão sobre a colcha azul royal e dourada feita à mão que ela comprou no campo italiano. Pequenas coisas como estas seriam o que mais sentiria falta quando fosse para a Ascensão. — Ao contrário dos Querubins e Tronos, e todas as outras classes de anjos que você pode ter ouvido falar, Memitim nascem na Terra e continuamos aqui até a Ascensão. E porque estamos ligados a Terra e este plano, devemos nos alimentar se nossa energia estiver se esgotando. — Ou talvez o que Rami disse era verdade; que eles não se alimentavam porque estavam ligados a esta vida, mas por causa de quem seu pai era e o que Memitim eram, em essência, pagando pelos pecados do seu pai. *Os pecados do pai que todos eles compartilham*, por assim dizer.

— Por que você está esgotada?

— Lutar com você, é uma parte — disse ela ironicamente. — Levar um tiro e perder o Primori que sua companheira matou tirou muito de mim também.

Ele ficou em silêncio por um longo tempo, deixando-a sozinha com a cabeça latejando. — Se alimente de mim.

Seu olhar voou ao encontro do dele. — Ah... perdão?

— Tome meu sangue.

Os dentes dela já pulsavam dentro de sua gengiva, ansiosos para crescer. — Por que você está oferecendo?

— Porque você parece que está a ponto de capotar a qualquer segundo. E se você morrer de fome, eu nunca vou sair dessas correntes.

Sua barriga estava praticamente torcendo por antecipação, estava com água na boca, e suas presas desceram. Lore notou seu olhar indo para os lábios entreabertos, e ela jurou que viu um lampejo de fome em seus olhos, também. Ela se contorcia, sem ter certeza sobre isso. Ela nunca se alimentou de um demônio antes. Na verdade, ela sempre procurou o mais suave, mais decente Primori humano que podia.

Quando suas emoções permanecem com você, você não quer o sangue de um psicopata vibrando em suas veias.

— Eu não posso — disse ela. — Eu vou encontrar mais alguém...

— Pegue — disse ele, e desta vez sua voz era áspera.

Comandando. — Pegue o que você precisa. — Seus olhos caíram, e ela seguiu seu olhar para a ereção. — Pegue o que você quer.

— Bastardo arrogante — ela murmurou, mas não havia poder por trás das palavras. Ela queria o seu sangue, e verdade seja dita, seu corpo traidor doía por tudo que ele estava tão corajosamente oferecendo.

Ela precisava sair de lá.

Ela moveu. Tentou se mover. Seu corpo piscava como uma lâmpada morrendo. Oh, doce Senhor, ela estava presa. Se Kynan estivesse sendo atacado agora...

Ela precisava fazer isso. Ela precisava tirar de Lore, apenas para garantir a segurança de Kynan. Mas o pensamento de beber dele, de tomar sangue de seu corpo poderoso... era perigoso. Que tipo de emoções ficaria com ela se ela bebesse de um incubus? Só a ideia fez com que ela ficasse toda quente, apertando suas coxas e tendo uma umidade florescendo entre as pernas.

Ele inclinou a cabeça para o lado. O músculo de seu pescoço foi exposto, o pulsar da jugular firme e forte sob a pele bronzeada.

Apenas um pequeno gosto. Um gole. O suficiente para dar a força para caçar um hospedeiro apropriado. Decisão tomada, ela montou nele, abrangendo suas coxas. Ela se afastou para trás numa tentativa de evitar o contato íntimo, mas o seu sorriso perverso disse que não ia jogar dessa maneira. Ele levantou os joelhos para mudar sua frente, e ela quase engasgou com a sensação do cume rígido do seu sexo contra ela.

Maldito. Ela se recusou a dar-lhe a satisfação de uma reação, de modo que ela se preparou com as mãos em seus ombros e se inclinou por seu cheiro, de terra e forte, acendeu um zumbido de prazer dentro dela. Oh, como ela precisava disso.

— Não vai doer — ela sussurrou contra sua pele.

— Não estou preocupado com isso — ele sussurrou de volta.

Ela disse a si mesma que tocá-lo era necessário, que não significava nada, disse a si mesma todos os tipos de mentiras enquanto ela arrastava a língua até o pescoço dele, junto à jugular. Seu corpo ficou tenso por baixo dela, mas se era com expectativa ou temor, ela não sabia. Ela lambeu de novo, tomando o seu tempo, mesmo que ela não precisasse; sua primeira lambida já havia deixado o lugar da mordida anestesiado. Não, essa segunda lambida era para ela, não ele, e não havia como mentir sobre isso.

— Estou começando a me sentir como um Tootsie Pop[1] — aqui, ele disse dificilmente.

Ela não pôde conter um sorriso. — Sim... como o velho comercial dizia? Ela o lambeu. — Um. — Ela o lambeu novamente, e ele gemeu. — Dois. — Ela lambeu-lhe uma vez mais, e seus quadris saíram da cama.

— Três.

* * * *

As presas de Idess deslizaram na garganta de Lore tão suavemente que ele apenas sentiu um leve formigamento, e em seguida a boca fechada diante dele.

Oh... *sim*.

Ninguém nunca o mordeu antes, mas uau, isso era incrível. Ele ainda não estava certo porque ele se ofereceu para brincar de caixa de suco, mas ele definitivamente não se arrependia. O calor da boca dela fluía por seu corpo, soltando seus músculos e sua mente. Ele ficou à deriva em um lugar feliz enquanto ela chupava seu pescoço, sua língua e lábios acariciando sua pele tão gentilmente que ele quase lhe pediu para chupar mais forte, para dar-lhe ainda mais para sentir.

Com a forma da cama ele podia se inclinar para que as correntes dessem espaço suficiente para permitir que ele a tocasse. Se alongando, ele passou os dedos entre os fios soltos do cabelo dela, maravilhado com a textura sedosa e as curvas. Ao seu toque ela deu um pequeno sobressalto, e então ela cedeu contra ele, colocando-os em total contato corpo a corpo.

Ele não devia se sentir tão bem. Ela era sua captora. Se ele não se livrasse, Sin iria morrer. Nenhuma quantidade de prazer devia ser capaz de influenciá-lo, mas Idess era o prazer na carne, e seu corpo incubus só poderia responder.

Ele respondia. Apesar da anterior folga, seu pau estava doendo dentro da sua prisão de couro, as bolas dele estavam apertadas, e sua pele queimava por toda parte.

Deus, ele desejava que ele pudesse tocá-la, tocá-la realmente. Ele queria arrancar as roupas dela, colocá-la de costas, e montar nela até que ela gritasse. Ele queria mostrar para ela o que era ser mantido preso, incapaz de sentir qualquer coisa além do que o seu captor queria que você sentisse.

Ele queria torturá-la, tudo bem. Ele a levaria para a borda da paixão e a seguraria lá até que ela estivesse louca com a necessidade de gozar. Só depois que ela pedisse para ele por tempo suficiente, que ele iria dar a ela.

Ela estava ofegante, e ele também, seu corpo fora de controle. Perdido em sua própria cabeça, ele não tivera conhecimento de que estavam se esfregando um contra o outro, tendo relações sexuais com suas roupas. — Me toque — ele disse roucamente.

Os dedos dela estavam apertando seus ombros, cavando uma dor tão doce. Era muito bom, mas ele queria que os dedos dela se deslizassem ao sul. Extremo sul.

— Como isso. Só que mais para baixo.

Seus dedos apertaram ainda mais, e ele sibilou. Como foi possível se sentir tão relaxado e energizado, ao mesmo tempo?

Ele levantou uma perna para cima para ter vantagem, e para colocar sua ereção mais firme contra ela. Mas mesmo quando ela se arqueou para ele, um gemido baixo tragou do fundo do peito dela e o aperto dela sobre seus ombros relaxou. Suas presas se retraíram, e ele sentiu o golpe quente de sua língua sobre a pele do pescoço.

Estranhamente, ela não se moveu para fora dele. Em vez disso, ela deitou a cabeça no seu ombro.

— Ah... isso não pode ser tudo que existe para alimentar, certo? Quero dizer, nós temos uma ação pouco abaixo da cintura acontecendo...

Ela não se moveu. Merda.

— Anjo? — ele sacudiu suas correntes. — Idess! — Preocupado que ela estivesse ferida, doente ou que seu sangue de demônio fosse

venenoso para um anjo, ele puxou o cabelo dela.

E foi recompensado com um guincho pequeno... seguido por uma série de rancos suaves.

Ela adormecera. Ela se alimentou dele, e então, como um gatinho contente, ela se aninhou contra ele e dormiu.

Algo dentro dele balançou tanto que ele ficou surpreso que Idess não se mexeu para longe dele. Este foi o mais próximo que ele já havia ficado de uma mulher. Oh, ele já havia fodido muitas, e ele até se importou com uma que ele tolamente pensou que podia ser dele. Mas nunca teve qualquer mulher dormindo sobre ele. Era uma intimidade surpreendente que deu a ele uma sensação quente em uma situação que ele não tinha direito de se sentir bem de jeito nenhum.

E, no entanto, ele acariciou seus cabelos e tentou ficar bem quieto, porque loucamente, esta era a coisa mais surpreendente que já aconteceu com ele.

[1] Tootsie Pop: é um tipo de pirulito redondo duro que tem chocolate por dentro.

Oito

O Underworld General era o último lugar onde Sin queria estar. Mas Lore estava desaparecido, e o fato de que a garota interrompesse sua tentativa de assassinato tentando matar Sin com a adaga dele era um sinal arrepiante de que estava com problemas. A vantagem era que a folha havia experimentado o sangue da mulher, o que significava que queria mais.

Por desgraça, o punhal Gargantua tinha uma grave limitação, já que podia ser apenas utilizado em uma vítima no momento mais inoportuno e na área aonde foi derramado o sangue da presa. Portanto, como Sin tinha tempo para matar, procurou Lore em todos os lugares óbvios. Foi ao esconderijo do assassino. Vazio. Foi a sua casa. Vazio. Ligou e deixou mensagens de texto e correio de voz. Nenhuma maldita coisa.

Seu último recurso foi o UGH, aonde poderia ser um paciente... ou aonde poderia fazer amizade com seus irmãos. Os irmãos dele, porque ela rechaçava reconhecê-los.

E porque a ideia de que poderia estar saindo com eles a colocava terrivelmente incômoda, inclusive ciumenta, não fazia nem ideia.

Saiu do Harrowgate no que devia ser o serviço de emergências. Um demônio Umber macho levantou o olhar da mesa de recepção, os lábios de uma cor cinza aço exibiram dentes brancos.

— O que quer?

Ao que parece, a educação não era necessária para trabalhar em um hospital demônio. Sin se aproximou, mancando pela ferida que recebera durante a luta com a garota misteriosa. — Tem um paciente chamado Lore?

O Umber zombou. — Não estou autorizado a dar informações sobre os pacientes.

Tanto alívio como temor a inundou. — Assim ele é um paciente.

— Eu não disse isso — disse o Umber.

Sin bateu com seus punhos sobre a mesa. — É um imbecil.

— Tem algum problema aqui? — a voz profunda a congelou nos azulejos negros. Não era Lore, mas o tom de proibição era o mesmo. Este seria um dos seus irmãos. Merda.

Lentamente se virou. Encontrou-se olhando um sinistro símbolo médico sobre uma camisa de médico que cobria um peito amplo. Engolindo secamente, afastou seu olhar, e sim, este homem com seu cabelo curto e sua presença de *posso este hospital*, e a expressão severa, podia não ser a imagem escarrada de Lore, mas sim o suficiente próximo. Além disso, a *dermoire* que se estendia pelo pescoço ligado a dois anéis ao redor da garganta, a marca de estar emparelhado e a marca da maturidade, o traía. Bem, isso e seu crachá de identificação. *Eidolon*.

Não era bom.

— A fêmea procura por Lore — disse o Umber, e em seu interior ela se debateu. Esta era a cena que ela esperava evitar.

A expressão de Eidolon continuava sendo de pedra, e logo se perguntou o que precisava fazer para tirá-lo do sério. — Como conhece Lore?

— Isso não é assunto seu.

— Suponho que não quer saber se é um paciente. — Eidolon se virou e se dirigiu para um par de cabines com cortinas.

Amaldiçoando, Sin correu para alcançá-lo. — Trabalho com ele.

Eidolon parou e a olhou com receio. — Ele não está aqui.

— Não poderia ter dito isso sem todo o drama?

Eidolon não teve oportunidade de responder, porque as portas corrediças da emergência se abriram, e os médicos guiavam uma maca carregada de sua vítima warg. *Merda*.

Um dos médicos sentou-se de cócoras sobre o warg, fazendo compressões em seu peito. Eidolon entrou em ação.

— O que temos? — perguntou, passando ao lado dos médicos. Sin o seguiu no mesmo ritmo apesar do seu coxear, mas ficou atrás

para passar despercebida.

O médico que empurrava a maca, suas presas proeminentes revelavam sua condição de vampiro, disse com a voz entrecortada, — Warg. Foi encontrado inconsciente e sem respirar. Nossas tentativas de reanimá-lo tiveram êxito, mas o perdemos em seguida a três quadras.

Ele recitou algumas estatísticas vitais que Sin não entendeu enquanto empurravam a maca para uma das cabines com cortinas. Mais pessoal médico pulou para seu interior. Sin esperou fora, escutando mais médicos falando algo que não soava bem. Bom, não bem para o warg. Bom para ela.

Depois de alguns minutos os médicos saíram. Um saiu pelas portas, enquanto o outro, o vampiro ruivo, parou fora fazendo anotações em sua prancheta.

Sin esclareceu a garganta. — Hey, como está o warg?

Seus misteriosos olhos prateados se fixaram nela, mas continuou escrevendo. — Morrendo. Por quê?

— Por nada. — Esfregou seus braços pelas mangas de sua jaqueta jeans e se moveu inquietamente sobre seu desconcertado olhar. — O que aconteceu com ele? Foi um acidente? Estava doente ou algo?

— É um pouco intrometida.

É muito sexy. Ela deu de ombros. — Sou apenas uma cidadã preocupada. — Sim, preocupada porque Eidolon salvando o homem lobo, ela teria que matá-lo novamente.

O vampiro a observou por um momento, e o chão pareceu tremer debaixo dela. Ele era realmente extraordinário. Ele era facilmente alto como Lore, com os ombros igualmente amplos, mas até aí iam às semelhanças. O médico Vampiro Hot era de constituição magra, atlética, maçãs do rosto esculpidas, e uma boca sensual cheia, que sem dúvida poderia agarrar os pontos mais sensíveis de uma mulher e fazê-la gemer.

Ele a mediu dos pés a cabeça. — Deveria dar uma olhada nessa perna.

Franzindo o cenho, ela olhou para a mancha de sangue que passou através dos seus jeans e da bandagem que havia envolvido ao

redor da coxa. — Não é nada grave...

Ele nem sequer esperou que terminasse, entregou ao Umber a prancheta e saiu pela porta que viera. Era um completo charme.

Ela teria se irritado por ser claramente abandonada se não fosse o fato de que o warg que precisava morto estava sendo tratado por seu irmão, que não sabia que ela existia. Cristo, somente ela podia entrar nesse tipo de desastre.

Isso nunca ocorreu antes, que uma vítima dela sobrevivesse, inclusive minutos depois de ter sido infectado por seu toque, e um pensamento horrível apunhalou seu cérebro, e se ele tivesse infectado mais alguém? Apesar de seu coração ter se convertido em enxofre há décadas, e na maior parte do tempo não se importava nenhum pouco com a vida e a morte das pessoas que sequer conhecia, ela não matava por diversão. Quando matava, era intencional e rápido. Controlado. Matar era o único que ela tinha algum controle, o único aspecto da sua vida que não era caótico. Não podia suportar a ideia de que poderia ser responsável de mortes que não podia evitar ou fazer que acontecessem de forma que não deveria.

Ela andava, esperando perto do Harrowgate aonde o Umber não a notaria, mas poderia manter um olho sobre o quarto. Era estranho estar no hospital que seus irmãos haviam construído. Ela não sabia o que esperar, mas não era desordem e falta de profissionalismo. O pessoal estava de mau humor, e quando um paciente chegou com uma lança cravada no estômago, dois médicos passaram tanto tempo discutindo por quem deveria tratar o sujeito que este desmaiou enquanto os médicos gritavam um com o outro.

Viu mais ordem em uma briga de bar.

— Que diabos está acontecendo? — Eidolon saiu do quarto do warg, seus olhos dourados brilhavam fixamente no sujeito que sangrava no chão. Sua fúria pareceu golpear algum sentido nos doutores que discutiam, enquanto Eidolon se precipitava para o paciente, sua expressão disse a Sin que esses médicos logo iam lamentar que seus pais não houvessem praticado o controle de natalidade.

Mas bem, a comoção era uma grande distração, e Sin podia transformar qualquer situação em uma que a beneficiaria.

Enquanto toda atenção estava no drama do homem-espeto, Sin deslizou no quarto do warg. O alívio a inundou ao ver um lençol

coabrindo um corpo. Agora, se apenas pudesse encontrar a prova da morte e sair dali para procurar Lore...

Claro, ela não poderia obter a prova enquanto o corpo estivesse estendido no meio da sala de emergências. Teria que esperar ate que o levassem ao necrotério. Enquanto isso precisava de privacidade.

Assegurando-se de que ninguém estava olhando, deslizou por um dos corredores, a uma sala de equipamentos médicos, de mau aspecto, com estranhas restrições, e ainda mais estranho, com um toque familiar, com uma cômoda de madeira e estantes cheias de toalhas e sapatilhas de vários tamanhos e formas.

Sin tirou a jaqueta e sentou na ponta da cama e esperou. Não teve que esperar muito tempo. Uma vibração começou do fundo de seu corpo, aumentando constantemente até se concentrar em seu braço direito. Sua *dermoire* se retorceu, apertou e por último, a pele se dividiu entre os símbolos, e uma profunda ferida apareceu em seus bíceps.

Apertou os dentes com tanta força que fez crepitar sua mandíbula, não pôde conter um grito de dor. O sangue saiu abundante, mas ela não se incomodou em detê-lo. Não, tratava-se de um tipo de limpeza, algo que acontecia depois de cada morte, como se seu corpo estivesse expulsando a culpa que não podia se permitir sentir.

— Que demônios? — Eidolon se precipitou pelo quarto, pegando seu pulso e colocando sua mão na ferida.

— Não me toque! — ela rolou para longe, mas ele se movia como Lore, com uma incrível velocidade e graça, em um instante ela estava de costas na cama, o braço estendido, com uma palma exercendo pressão sobre seus bíceps.

A *dermoire* dele estava iluminada. Ela deu uma joelhada no estômago, e com um gemido ele se dobrou, afrouxando suficientemente seu controle para permitir se afastar dele, pegar sua jaqueta e caminhar rapidamente para a porta.

Ele a abordou antes que chegasse.

Ela bateu duramente no chão, o ar explodiu dos seus pulmões. Eidolon a fez rolar, se colocou de cócoras sobre ela, e fixou seus pulsos juntos sobre seu peito. Então a olhou com esse olhar furioso, de olhos dourados que Lore havia aperfeiçoado.

— Quer explicar isso? — olhando fixamente as marcas em seu braço direito. — E como conseguiu evitar o feitiço Haven?

— Feitiço Haven? Solte-me de uma maldita vez e me deixe em paz!

Ele manteve os pulsos presos com uma das mãos e com a outra arrancou de seu ombro a manga da camiseta, revelando sua *dermoire* desde o braço até seu pescoço. — Você se fez isso? Como? Magia? — ele esfregou o polegar sobre um dos símbolos. — Tinta permanente? Tatuagem?

— Vai à merda. — A dor raiou acima de seu braço até o enorme rasgo que estava aberto em seu bíceps, o qual estava abrindo pelo forte aperto que ele fazia em seu braço, fazendo que gotejasse sangue no chão.

Ela se retorceu, mas ele a sujeitou com mais força, pressionando entre suas coxas enquanto colocava sua palma sobre a laceração aplicando pressão. — O símbolo acima é do meu pai. Emparelhou-se com ele? Com Khane?

Emparelhar? Com um demônio Seminus? Eaew. Contudo ela colocou sua mais honesta expressão. — Sim. Amo a esses divinos e quentes machos Seminus.

Ele estreitou os olhos para ela. — Está mentindo. É o braço incorreto para as marcas de um companheiro.

— Se já sabia a resposta, porque pergunta?

Ele continuou como se ela não houvesse falado. — A menos que... pode estar vinculada com Lore, já que tem as mesmas marcas. Com seus genes humanos, o vínculo poderia ter sido um pouco diferente.

— Sim — ela disse, sentindo nojo diante da ideia de estar vinculada a Lore de qualquer outra forma que não fosse por nascimento. — Nos perguntávamos o que aconteceu.

Ele bruscamente a cortou com seu olhar fixo, e com um silêncio longo e tenso, olharam-se um ao outro. Era estranho, olhar ao completo desconhecido que era seu irmão, enquanto ele tentava juntar tanto o óbvio quanto o impossível.

O sangue bombeava de sua ferida em uma linha quente entre

seus dedos, e a *dermoire* dele estava iluminada.

— Não! — gritou. — Não o cure. Isso é assunto meu.

Fazendo caso omissso dela, deslizou seus dedos pela ferida. Ela sacudiu a cabeça e o mordeu nos bíceps.

— Ai! — ele puxou para longe sua mão. — Demônios. Pelo menos me deixa costurar.

— Te bati, dei uma joelhada, mordi... e ainda pensa que pode costurar um rasgo?

— É mais do que um rasgo, e sou médico. Assim que, imagina que tenho esse louco desejo de ajudar as pessoas. — Com muito cuidado, ele a soltou. — Vai ser agradável para que possa fechar essa ferida? — ele explorou seu corpo. — E a que tem na perna?

Merda. Isso estava fugindo das mãos. Ela podia prometer ser agradável e tentar escapar de novo, mas tinha a sensação que ia terminar na mesma situação que se encontrava atualmente e ele não deixaria a coisa da *dermoire*. O fogo em seus olhos deixava suficientemente claro.

Maldito seja Lore. Apenas precisava encontrar esses garotos, não é?

— Bem — ela grunhiu. — Mas não se atreva a usar essa coisa estúpida de cura que Lore disse que faz. Quero pontos. Em meu braço. Pode eliminar o rasgo da perna.

— Os pontos vão te deixar uma cicatriz... — sua voz se descavaneceu quando observou as outras cem cicatrizes ao longo do seu braço. — Embora suponha que não é grande coisa pra você.

— Duh.

Ele sacudiu a cabeça com exasperação, mas se levantou e ofereceu uma mão. Ela se negou. Seu braço doía como o inferno, mas conseguiu se levantar e se plantou na cama enquanto ele reunia uma bandeja com instrumentos.

— Assim que está vinculada a Lore. Desde quando?

Seu coração saltou para a garganta com a pergunta aparentemente inocente que ela sabia que era realmente um severo interrogatório. Sentiu um calor de baixa intensidade, mas ainda assim

respondeu. — É muito recente. Ainda estamos em lua de mel, sabe? — Deus, isso era realmente asqueroso.

— Sério? — ele puxou uma cadeira e a bandeja para próximo a cama diante dela. — E diz que está procurando por ele?

— Sim. Estou preocupada.

— Está sofrendo? — sua *dermoire* se iluminou, canalizando uma quantidade insuportável de poder para sua perna.

— Não tenho ideia — ela disse em um chiado. — Como diabo ia eu saber?

Ele se inclinou para olhá-la nos olhos, e ela começou a suar, porque ele acabava de emitir mais calor. — Porque — disse, — se estivesse vinculada a ele, sentiria sua dor. Não está vinculada a ele. Então, porque não me diz a verdade?

— E qual seria a verdade, Dr. Sabichão?

— Que de alguma forma você é sua irmã. — Sua voz era baixa. Perigosa. — O que significa que de alguma forma é minha também.

* * * *

Eidolon apagou seu poder curativo e esperou a resposta da mulher, sua mente trabalhando a todo vapor para tentar imaginar que tudo isso tivesse sentido, apesar da absoluta impossibilidade. Uma irmã? Como?

— Não há demônios Seminus fêmeas — disse ela finalmente. — Deveria saber disso, cérebro.

Seus movimentos eram metódicos e rápidos quando ele limpou a área próxima a laceração do braço e preparou sua injeção com anestesia. — Já o sei. Mas ao menos que seja um truque, a evidência me diz o contrário.

— Bom, não é o lógico?

— Eu tento.

Ele a olhou, observou que tinha o cabelo escuro da sua família, embora o dela fosse tão negro que tinha um tom de azul. Seus olhos eram escuros, pele bronzeada, e as marcas no braço eram fodidamente perfeitas. Claro, qualquer dessas coisas podia se fabricar. Apenas seu

tamanho era estranho, era baixa, talvez da altura de Tayla, e embora estivesse bem tonificada, era pequena, e dessa maneira era completamente ao contrário a Eidolon e seus irmãos.

— O que seja. — Ela rolou os olhos. — Está errado. E não ponha essa merda em mim. Posso suportar a dor. — Ela afastou sua mão quando ele tentou injetar a anestesia.

— É gracioso como soa igual ao Wraith, Sra. Não Estou Relacionada com Você. — Fazendo caso omissos da série de insultos ao estilo Wraith, chamou por interfone uma enfermeira, e enquanto esperava, preparou o equipamento de sutura e deixou penetrar o que havia descoberto. As marcas de Lore eram idênticas as dela... desbotadas, sem símbolo pessoal. Lore era uma troca, nascido da união humano-Seminus, e essas saíam muito exóticas, assim que ainda quando fora improvável que uma fêmea pudesse nascer daquele tipo de acoplamento, não era impossível.

A porta se abriu, e Chu-Hua, uma enfermeira Guai que se parecia a um javali em posição vertical, entrou. — Sim doutor?

Fez um gesto para a mulher. — Tira uma amostra de sangue. Quero resultados de DNA comparados ao meu o quanto antes.

A pequena mulher se afastou. — Oh não. Mantenha o mais longe possível de mim.

— Tem algo para esconder?

— Não.

Ele assentiu com a cabeça para a enfermeira, mas sua paciente sibilou e se afastou. Ele a agarrou pelo pulso. — Podemos fazer isso pela maneira fácil ou pela maneira difícil. Recomendo o caminho mais fácil.

Seu olhar lançou agulhas através dele. — O ódio.

— Me magoou. — Isso lhe valeu uma saudação com o dedo médio. Ele sustentou o braço enquanto Chu-Hua começou a extração. — Como está o paciente? — perguntou a enfermeira, referindo-se ao que havia sangrado do lado de fora enquanto os médicos Pon e Rivers estavam com ele.

— Está sendo preparado para cirurgia — ela disse.

— Mantenha-me informado. — Teria tratado do paciente ele mesmo, mas o demônio parecido a um elfo blanchier, era uma das poucas espécies que não respondia bem ao dom de cura de Eidolon. — E se assegure que Rivers e Pon não saiam do meu escritório. — Qualquer outro dia, teria despedido aos médicos, mas Eidolon suspeitava que o que seja que estava acontecendo ao resto do pessoal estava afetando aos médicos também.

Chu-Hua se foi com a amostra de sangue, deixando-o a sós com a mulher, cujo olhar não havia cedido em absoluto.

— Qual seu nome? — ele punccionou a base do rasgo e começou o primeiro ponto.

— Ai! Merda! Aonde tirou seu diploma? Online?

— Disse que ia doer. Qual é seu nome?

— Sin.

— Abreviatura de?

— Como sabe que é abreviatura de algo?

Devido que um humano não chamaria um filho pelo nome de Sin[1]. — Responde a pergunta.

— Sinead.

— Assim que... Lore e Sinead. Gêmeos, suponho? — essa não era uma aventurada conjectura; seu pai era o tipo que as violava e abandonava, e Eidolon tinha sérias dúvidas que tenha engravidado a mesma mulher duas vezes. Quando Sin não respondeu sua pergunta, suspirou. — A prova de DNA confirmará o que já sei. Assim apenas admita.

— Sim — ela respondeu. — Lore é meu irmão gêmeo. Deve ter sido o primeiro na sua classe online.

Ele fez caso omisso do sarcasmo. Tayla o havia quebrado no esquema de língua afiada de uma mulher faz muito tempo. — Porque Lore não mencionou você?

Ela soltou um bufar. — Disse a ele que não falasse nada sobre mim.

— Porque esconder-se de nós?

— Porque não?

Deuses, ela era exasperante. Era a versão feminina de Wraith. — Vai responder a pergunta?

Ela suspirou. — Já tenho um irmão que é uma dor no rabo. Não preciso de mais, de acordo? — Tinha desafio e cautela em seus olhos que indicavam que tinha mais nessa história do que ela dizia, mas agora não era o momento para empurrar.

Trabalhando com cuidado, ele deu os pontos finais no lugar. — Assim que não queria nos conhecer, porque o risco de vir ao hospital?

— Já disse. Para encontrar Lore. — Ela mordeu o lábio e ele deu a ela um momento para decidir se ela queria dizer algo mais. — Ele está de certa forma desaparecido.

Sim, Eidolon estava dolorosamente consciente disso. Mas antes que ele dissesse o que sabia, queria toda a informação dela tanto quanto fosse possível. — Ele está atrás de um amigo meu. Sabe isso, certo?

Pela primeira vez, algo mais que a ira brilhou em sua expressão. Medo. — O que fez com ele? Juro-te, se fez algum mal...

— Eu não fiz nada. Ainda.

Ela engoliu saliva audivelmente. — Não é culpa do Lore. Ele tem que fazê-lo. Há graves consequências se falha em uma missão.

— Parece como se o soubesse por experiência. É uma assassina também?

— Outra estrelinha dourada para você.

— Meu curso online tem me servido bem — ele disse secamente. — Então, quem o contratou?

— Inclusive se o soubesse, não poderia dizer asno intrometido. — Ela balançou suas pernas para o lado contrário da cama e pulou. — Agora, a menos que pense que vai me derrubar de novo, vou procurar meu irmão.

Eidolon bloqueou a porta, tinha toda a intenção de detê-la fisicamente se precisasse fazê-lo. — Apenas quero fazer mais algumas

perguntas. E talvez possa te ajudar a encontrar Lore.

Ela parecia considerar, e embora tenha rolado os olhos para ele, assentiu com a cabeça lentamente.

— Como se machucou? – perguntou.

— Isso não é assunto seu. — Quando ele amaldiçoou, ela bufou.
— O que? É uma resposta.

Deuses, ela começava a fazer Wraith parecer agradável. — Qual é o seu dom?

Um modelo de pulmão de plástico caiu sobre o chão, surpreendendo Eidolon e fazendo Sin pular. — Que demônios foi isso?

— Um fantasma. — Maldita seja, estava farto dessa merda. — Seu dom? — ele insistiu.

Lançando um olhar ao modelo quebrado como se fosse se jogar sobre ela esfregou o curativo, mas quando se deu conta do que estava fazendo, ela deixou cair à mão. — Dom não é a palavra que escolheria para ele.

— Habilidade então. Qual é? Não usa uma luva, assim que suponho que não é o mesmo que o de Lore.

Ela começou a rir com amargura. — Não, mas ainda assim é fodido. Ao que parece apenas os puros sangues conseguem as coisas boas.

— Ao que parece. — Esperou que ela respondesse sua pergunta, mas não o fez, ele rangeu os dentes. — Assim que... sua habilidade? Qual é?

— Posso causar doença com um toque.

— Doença? — repetiu, apenas para se assegurar que escutou corretamente.

— D-O-E-N-Ç-A-S. Doenças. Você deve ter aprendido tudo sobre elas em uma das suas aulas na Internet.

Inspirou profundamente. Exalou profundamente. — Que tipo de doença?

Ajeitando-se, ela esfregou seu machucado novamente. — É

diferente em cada um. Envio uma fagulha em alguém, e a fagulha averigua a doença mais horrível, e personalizada que pode encontrar para matar aquele indivíduo.

Deuses, Lore e Sin não podiam ser o mais oposto a Eidolon em termos de habilidades. Ele curava; eles matavam. — E faz isso por quê?

Ela se voltou para ele e cravou o dedo no peito. — Não me julgue imbecil! Você muito menos não é exatamente um anjo. Faço o que tenho que fazer. E se isso ofende seu alto nível de educação e te faz se sentir melhor o faço rapidamente. O homem lobo foi um acidente.

— Que homem lobo?

Ela se arrepiou. — Não é nada. Tenho que ir. — Sin o empurrou, mas ele a agarrou pelos braços e a levantou até que ficou apoiada em seus dedos do pé, e não teria como se enganar que ele não estava julgando.

— O warg que entrou — ele grunhiu. — Sua morte foi obra sua, não?

— Vai à merda.

— Sin, maldita seja, responde!

— Sim, está bem? — seus olhos negros brilhavam com pontos dourados, uma característica Seminus que não podia ser falsificado, e a última gota de dúvida se afastou dele. — Está feliz agora?

— Na verdade não — murmurou, soltando-a. Deuses, sua mente continuava tendo problemas para processar tudo isso. A existência de Lore havia sido inesperada, mas uma irmã? Um irmão com uma mãe humana era muito fodido, mas Eidolon nem sequer podia imaginar o que poderia sair mal com uma mulher Seminus. — Tinha esperança de ajudar Lore a enfrentar seu dom... talvez possa ajudar com o seu.

Ela riu e colocou distância entre eles. — Ajudar? Sim está bem. Se realmente quer ajudar, cortará a cabeça do warg e me trará em uma bolsa. Isso seria uma grande ajuda.

Ele deixou escapar um suspiro de desgosto. — Precisa uma prova de sua morte.

— Aí vai o neurocirurgião de novo.

— Não terá sua cabeça — ele disse firmemente. — Não vou deixar que profane seu corpo.

— Tenho que fazê-lo! — o pânico apagou as manchas de ouro em seus olhos. — Preciso de uma prova.

— Ou o que? — quando ela não disse nada, ele repetiu, sua voz ainda ressoava no ar. — *Ou o que?*

— Ou vou ser vendida aos traficantes de escravos Neethul.

Eidolon inalou bruscamente. Entre tantos castigos, não tinha outro pior.

— Hey! — Sin cutucou seus bíceps. — Está tendo um ataque ou algo assim? Está pálido. Além disso não está sendo arrogante. Algo vai mal.

Oh, ela é charmosa. — Podem aceitar algo mais que sua cabeça?

— Às vezes um traço de identificação único funciona, mas preciso de uma condenada boa razão para não ter a cabeça.

— Seu empregador aceitaria minha palavra como Negociador da Justiça e médico? — claro, já não era um executor da lei demônio, mas tinha conexões de grande alcance e uma fodidamente boa reputação.

Ela estabilizou um olhar incrédulo para ele. — Está brincando, não?

— Posso fazer que se veja oficial. Vou incluir um atestado da autópsia e uma fotografia.

— Suponho que não é uma ideia horrível. — Ela deu uma olhada de cachorrinho fazendo beicinho com seus cílios cintilantes que devia ser padrão em todas as irmãs, porque Omira, a irmã judiciária com a qual havia crescido, tentava usar o mesmo artifício. — Está certo de que não posso ter a cabeça? Por favorzinho? Ele já não precisa dela.

— Estou certo. Volte amanhã pelo atestado. — Fez uma pausa. — Sobre Lore...

Sin congelou quando agarrou a maçaneta da porta. — O que?

Ele contou a ela sobre Lore e Idess, e de tudo que havia se inteirado, embora omitisse os detalhes sobre o estado de Sentinela de Kynan.

— Assim que essa garota está protegendo Kynan, por quê?

— Não sei — mentiu.

Sin destilou um criativo fluxo de maldições, e quando terminou, perguntou: — Como ela se parece?

— Como se ficasse bem sobre um colchão.

Sin bateu com os punhos sobre os quadris. — Isso não me diz nada, e não está emparelhado?

— Também sou um demônio sexual masculino. Não fiquei cego quando reclamei minha companheira. – Ele, no entanto, perdeu o desejo de sequer tocar a outra mulher. Ele queria somente Tayla. A queria constantemente, e inclusive agora o calor começou a se acender diante apenas da ideia dela. — Cabelo longo, castanho escuro preso em um rabo de cavalo, olhos castanhos claros. Alta. Orelha direita perfurada na parte de cima.

— Essa puta. — A voz de Sin era baixa e mortal, seu corpo se enroscou como um predador a ponto de atacar, e ele de repente viu o assassino que ela era. — Ela me atacou também. E tinha o punhal de ossos de Gargantua de Lore. A recuperei.

Eidolon piscou diante disso. Aqueles punhais eram mais raros que duendes da manhã e igualmente de valor incalculável. — Provou seu sangue?

O sorriso de Sin era francamente malvado. — Sim. Até as três horas de amanhã estou à caça.

Eidolon não tinha nenhuma dúvida de que Sin encontraria Idess. Ele não conhecia sua... irmã... por muito tempo, mas pelo que já sabia ela havia herdado a determinação inquebrável da sua família. E a obstinação. — Sin, não pode matar a mulher quando encontrá-la.

— Oh, tenho a intenção de matá-la. Adoraria muito. Depois que ela me diga o que tem feito com Lore.

— Ela é um anjo. Apenas conseguirá que te mate.

— Pode ser que se surpreenda. Mas o que acontecerá quando realmente encontrar Lore? — ela perguntou baixinho. — Ele está atrás de seu amigo. Se manterá afastado e deixará que Lore o tenha? Ou o resgatará somente para que então seus próprios irmãos possam matá-lo?

— Nada vai acontecer com ele. — Eidolon disse, mas duvidou que ela acreditasse, porque ele não acreditava também.

* * * *

O calor rodeava Idess como uma manta. Um aroma de espécie masculina e embriagadora coçou seu nariz. Retorcendo-se, ela se aproximou do calor e o cheiro. Depois de tantos anos de solidão e sentindo-se como se não pertencesse, ou não merecia pertencer a qualquer lugar, finalmente sentia-se em paz. Ela devia estar sonhando... salvo que ela não sonhava. Ela sempre tinha pesadelos. Não é que estivesse se queixando. Ela ia desfrutar desta maravilhosa sensação enquanto pudesse.

— Idess? — a voz rouca flutuou para ela. — Anjo?

— Mmmm.

— Tenho que ir ao banheiro.

Ela se colocou em posição vertical, piscando, tentando focar seus olhos e seu cérebro. Tomou vários segundos para reconhecer seu quarto, sua cama... seu demônio que estava encarcerado na dita cama.

Desorientada pela constatação de que ficara adormecida em cima dele, murmurou sobre sua palma, — Oh, o... sinto. Está bem? — seu peso teve que ter posto uma pressão extra sobre seus ombros e braços.

— Sim. — Sua voz estava rouca. Talvez ele tivesse ficado adormecido também. Uma repentina dor na virilha descartou a teoria do sonho, enquanto a excitação pulsava nela através da sua conexão de sangue. Grrr. Ela sabia que havia sido um erro alimentar-se dele. Apenas tenho que ir mijar.

Atordoada pela poderosa necessidade sexual que passeava através dela, desajeitadamente pulou fora dele, se perguntando como iam trabalhar isso. E por quanto tempo mais poderia mantê-lo prisioneiro.

Ela olhou seu relógio e soltou uma leve maldição.

— O que acontece? — Lore perguntou.

— São quase três horas da manhã em Nova York, o que significa que em uns quinze minutos, sua namorada, provavelmente vai me caçar com seu punhal Gargantua.

— Me roubou?

Soava tão indignado. — Peguei emprestado. Mas ela me tirou.

— E te apunhalou?

— Por favor. Foi só um arranhão.

O sol da manhã raiava pela janela e caía sobre seu corpo, mas se cortava bruscamente em seu pescoço, deixando seu rosto na sombra. Seus olhos escuros cor de café pareciam ainda mais escuros.

— O que planeja fazer?

Uma ponta de ciúmes a atravessou na forma que sua voz se fez baixa e perigosa diante a menção da sua namorada. Seu medo a golpeou também, em uma explosão psíquica que lhe doeu a cabeça.

— Nada — espetou com irritação. — Piscarei e a farei me perseguir, mas não a matarei.

— Porque não? Ela te fez mal e matou ao seu Primori. Porque não se vingará?

— Sou um anjo. Estou muito acima desse tipo de mesquinhez egoísta. — *Mentirosa*.

— Assim que está dizendo que nunca deixa que suas emoções governem suas ações? Nunca fez nada fodido a alguém em toda sua vida? Não engulo. — Ele se moveu contra seu quadril e o coração dela deu um salto em resposta. — O que vai fazer com ela, Idess? — ele empurrou seu quadril novamente, com mais violência, e as faíscas douradas atravessaram o escuro de seus olhos.

Sua preocupação a agitou, e se fez sua preocupação também. Não importava quão desesperada estivesse nunca se alimentaria dele outra vez. — Lore...

— Me diz!

— Já disse que não farei mal a ela — ela disse, mas sua dúvida gritava em sua mente tão forte que ela desejou tapar os ouvidos. — Tentamos não desorganizar as vidas dos Primori se podemos evitar.

Ele conteve a respiração. — Ela é Primori?

— Não, você é — ela espetou estupidamente. Tão estupidamente. Eles não deviam nunca dizer quem era Primori. A ideia de ser observados não sentava bem a muito deles, e no passado, encontraram formas de se esconder. Ela precisava se afastar de Lore. Agora, antes que dissesse algo que a comprometesse mais. Ou a Kynan. Ou a todo o universo, pelo caminho que ia. — Estarei de volta logo.

A algema deu uma esticada parando-o a metros de distância. Ficou ali, com os olhos escuros perfurando ela e mantendo-a tão cativa como ele estava.

— Escaparei — grunhiu. — E quando o fizer, vai experimentar tudo o que tenho. Prometo-te.

Tragando secamente, ela deu um passo adiante, resistindo ao impulso de estremecer quando ele puxou as correntes, então ele não estava mais distante que um centímetro dela.

Seu olhar fixo caiu em sua boca, deixando-a sem fôlego, e suspeitou que se ele pudesse a beijaria.

— Não pode me vencer — ela disse afastando-se, arquejando um pouco.

— Sim. Posso.

Oh, ele era arrogante e intimidador e muito sexy para seu próprio bem. E para pior, poderia ter razão. Ela era vulnerável a ele de uma forma que nunca foi vulnerável a alguém antes. Especialmente agora, com seu sangue correndo por suas veias, e todos seus desejos e emoções canalizados através dela, fazendo-a compreendê-lo. Simpatizar. Querê-lo.

— Talvez não tenhamos que vencer ninguém — ela disse, esperando que sua voz não soasse para ele tão cheia de luxúria como o fazia para ela. — Podemos ajudar um ao outro.

Ele sorriu e levantou seu olhar para que seus olhos se fixassem. — De acordo. Você me deixa ir, e eu farei o que você quiser. — Ele

inalou profundamente, e seu sorriso se fez sinistro. — E sei exatamente o que quer.

Seu corpo estremeceu e seu coração acelerou, bombeando sangue por suas veias. Sim, ele sabia exatamente o que ela queria. E era algo que ela nunca poderia ter.

[1] Sin é pecado em inglês.

Nove

Wrath realmente odiava as malditas reuniões familiares. Sempre odiou, sempre odiaria. Que ele tivesse uma companheira e uma criança agora não significava que ele amava sentar no covil de Eidolon e escutar os seus irmãos o mastigar por algo.

Não que isso fosse envolver algum tipo de encheção de saco. Wraith foi um bom menino... relativamente, de qualquer forma... desde que Serena e seu filho entraram em sua vida, e ele não estava prestes a ameaçar a felicidade que ele havia encontrado.

Então se essa reunião não era sobre ele, ele tinha uma sensação que seria sobre Lore.

Tão fodidamente bom poder finalmente não ser o irmão causando os problemas.

Mickey, o furão de Tayla, o atacou no momento que ele entrou pela porta da frente do apartamento de cobertura de Eidolon em Manhattan. Wraith entregou seu filho recém-nascido para Serena, bem no momento que o furão disparou para o seu corpo e até o seu ombro, todo vibrante e aconchegante.

Serena riu, um som que Wraith achava que nunca se cansaria de ouvir. Algumas vezes, ele se perguntava como ele viveu sem ela por tanto tempo. — Você não estava brincando quando disse que ele gosta de você.

— Sim — ele disse, enquanto acariciava um dedo por cima da cabeça estreita da criatura, — incomoda até não querer mais a Tayla também. Me mata de rir.

Serena ergueu o filho deles para que ele pudesse ver o Mickey, e entre o sorriso sem dentes do bebê e os barulhos do furão, Wraith imaginou que eles terminariam como melhores amigos logo.

Ele deixou sua companheira e filho na sala com Tayla e Mickey,

e enquanto ele ia em direção ao covil do *E*, Shade entrou, um bebê em cada braço. Atrás dele, Runa trazia o terceiro dos trigêmeos. Ela estava sorrindo, mas Shade não parecia feliz em estar aqui. Obviamente, a briga mais cedo ainda estava muito recente. O que era estranho, já que Shade não era de ficar guardando rancor contra *E* ou Wraith... e Wraith definitivamente havia merecido algum tipo de ressentimento mais duradouro.

Wraith deixou que ele acomodasse as crianças e foi para dentro do covil de *E*. Como sempre, seu irmão estava sentando na mesa, com o nariz enterrado em um texto médico, seu cachorro, Mange, aos seus pés.

E olhou para cima. — Shade está aqui, também?

— Sim. — Wraith afundou no sofá de couro e se espalhou, colocando um pé em cima das almofadas.

Shade entrou com tudo no cômodo. — Sobre o que é isso? — ele não sentou, só ficou de pé perto da porta, braços cruzados em cima do peito, a mandíbula fazendo um trabalho extra em um pedaço de chiclete. — Porque se é sobre o Lore, você está perdendo seu tempo.

— É sobre Lore — *E* disse suavemente. — Mas principalmente é sobre a irmã dele.

Shade estreitou seus olhos. — Como ele tem uma irmã? A mãe dele era uma humana, então qualquer irmã estaria a muito tempo morta ou fodidamente velha.

— Ele tem uma irmã, e ela não ficará feliz conosco se algo acontecer com Lore.

— E daí?

Abruptamente, Eidolon ficou de pé. — Deuses, Shade! Como você pode ser tão sem cerimônia sobre o destino de Lore?

Os olhos de Shade cintilaram dourados, e Wraith se preparou para o Jerry Springer^[1], parte dois. — Não sou. Eu só não estou tão apaixonado por ele como você está. E eu não ligo a mínima para a irmã. Eu não a conheço, e eu não quero.

— Bem, aqui está o negócio — Eidolon disse. — Eu conheço a irmã dele. E vocês dois vão querer conhecer também.

Wraith bocejou. — Eu não quero.

Eidolon lançou um olhar incomodado para ele, como se Wraith não tivesse visto um destes antes. — Sim, vocês vão querer. Porque ela não é apenas irmã do Lore. Eu acho que ela é nossa, também.

— Infernos — Shade murmurou. — Eu devo ter batido na sua cabeça com mais força do que eu pensei.

— O nome dela é Sin — *E* continuou. — Ela é irmã gêmea do Lore. E ela é uma fêmea Sem.

Opa. Wraith sentou-se reto e se perguntou se ele parecia tão chocado, confuso, e cético quanto Shade. — Isso é impossível.

— Eu sei. Mas eu a conheci. A menos que ela esteja usando um feitiço de ilusão dos diabos para mudar sua aparência, ela não está fingindo. Eu peguei amostras de DNA para ter certeza. Nós saberemos algo amanhã.

Shade caminhou, suas longas passadas forçando uma virada a cada cinco passos. — Besteira. Você está errado. — Ela colocou um feitiço em você ou mexeu com a sua cabeça. — Ele parou de repente e se virou. — Infernos, você está tão fodidamente desesperado para salvar o Lore, eu não descartaria que você inventou esta nova irmã.

— Você acha que eu fabriquei isso? — gelo se formou nas palavras de *E*, e merda, as coisas estavam ficando críticas.

Wraith se colocou de pé. — Ah... olha, *E* está de pau duro pelo Lore, mas ele não é um mentiroso. — Deuses, quando *ele* havia se tornado a voz da razão na família?

Shade riu. — Então você acha que nós devemos virar de lado e deixar Lore matar Kynan para que esta *irmã* não tenha seus sentimentos feridos?

— Foda-se isso — Wraith disse. — Lore não tocará em Kynan. Mas isso não é um problema agora, já que o anjo o levou. Ele pode estar morto.

— Que pena. — Shade disse em um tom provocador enquanto ele balançava a cabeça na direção do Eidolon em uma tentativa flagrante de irritá-lo... e funcionou. *E* atacou.

Wraith o pegou, e em um movimento fácil e fluído, empurrou-o

contra a parede. Isso era loucura. Estes dois nunca estiveram se estranhando dessa forma antes. Não era do *E* ser tão cabeça quente, e não era do Shade ser tão insensível. Algo estava seriamente errado.

— Nós não estamos fazendo isso — Wraith falou entre os dentes cerrados. — Não em uma casa cheia de crianças. Então, vocês meninos precisam ir lá fora, ou eu vou amassar vocês dois. A ameaça dele praticamente voltou para a sua cara pelo que ele havia dito sobre não brigar, mas *E* e Shade estavam ocupados demais rosnando um para o outro para notar.

Shade enfiou seu punho pela parede. — Sem problemas. A casa não estará cheia de crianças, porque nós estamos fora daqui. — Ele se moveu em direção à porta.

— Shade! — a voz poderosa de Eidolon parou seu irmão no meio do caminho, apesar de ele não ter se virado. — Se você alguma vez me acusar de tentar cometer uma fraude como essa de novo, você precisará mais do que o Wraith para salvar você.

Os punhos de Shade se fecharam, e por um longo e arrastado momento, a tensão vibrando no ar dançou na pele de Wraith. Finalmente, Shade trotou para fora, e o cômodo pareceu respirar com mais facilidade. Pelo menos, até *E* tentar segui-lo.

— Eu acho que não. — Wraith o segurou contra a parede até que a comoção do lado de fora e a batida na porta da frente deixaram claro que Shade, Runa e os pequeninos haviam ido. No momento que ele libertou *E*, seu irmão deu alguns passos pelo cômodo, derrubando bombas de palavrões com cada passada.

— Que porra está errada com ele? — *E* perguntou.

— Ele? Vocês dois estão sendo cuzões. — Wraith dobrou seus braços em cima do peito. — *E*?

— Sim?

— Você realmente acha que esta garota, Sin, é legítima?

Eidolon endureceu. — Você duvida de mim, também?

Wraith escolheu suas palavras cuidadosamente, não querendo fazer *E* estourar novamente. — É só malditamente conveniente. Eu sei que você não está brincando conosco, mas e se ela estiver? E se isso é um esquema para ajudar Lore matar o Kynan?

— Eu não sei, Wraith. Eu realmente não sei.

Cara, que show de horrores. — E se for verdade? O que significaria que há uma fêmea Sem no mundo?

— Melhor hipótese?

Wraith assentiu.

— Caos — Eidolon disse severamente. — Pelo o que eu tenho visto, esta fêmea é o caos com pernas.

* * * *

Três da manhã. O horário em Nova York demorava muito para passar.

Sin passou um tempo no covil dos assassinos, ganhara seiscentas marcas douradas Sheoulin em duas partidas de sinuca, mas no final, a espera a deixou acima do solo e de volta para a casa de Lore. Pelo menos na casa dele ela podia senti-lo, podia se segurar na esperança de que ele ainda estava vivo.

Finalmente, quando o relógio bateu o horário do demônio, o punhal na mão de Sin começou a brilhar. O calor se espalhou pela sua mão e subiu pelo seu braço chegando até seu cérebro, como se tivesse se conectado com a força vital de seu alvo.

Idess estava a uma grande distância, mas graças aos Harrowgates, milhares de quilômetros se traduziam em segundos de tempo de viagem. O que era bom, já que Sin tinha apenas sessenta minutos para trabalhar com o punhal.

Ela entrou pelo portão perto da cabana de Lore. Fechando seus olhos, ela deixou o punhal guiar sua mão por cima dos mapas iluminados do mundo e Sheoul. Quando seus dedos foram para baixo, ela abriu seus olhos mais uma vez.

As linhas nas paredes mudaram, trazendo o Canadá para uma visão mais detalhada. O punhal guiou sua mão para o noroeste, para o Território Yukon. Mais uma vez, as linhas se reorganizaram, focando-se em uma província remota. E então seu dedo desceu perto do centro, e o Harrowgate abriu para uma floresta, e praticamente dois metros de neve.

Filha. Da. Puta. O Canadá sabia que era maio?

Idess devia saber que estava sendo rastreada, e ela iria tornar isso tão difícil quanto era possível. Furiosa, Sin bateu nos mapas até que ela saiu em Sheoul, no portão perto do covil dos assassinos. Ela se apressou para os seus aposentos, mudou para as suas roupas de frio, e foi para o Harrowgate correndo. Enquanto ela colocava os comandos no mapa de volta para o Canadá, ela olhou para o seu relógio.

Droga! Meia hora desperdiçada. Ela praticamente mergulhou para fora do Harrowgate, xingando uma tempestade em todas as línguas que ela conhecia. Não que ela fosse fluente em qualquer uma a não ser inglês. Ela somente conhecia muitos palavrões.

Quase instantaneamente, o frio comeu seus xingamentos enquanto sua respiração congelava em sua garganta e nariz. Com cada passo, sua bota quebrava a grossa camada de gelo no topo da neve, retardando-a e deixando nervosa.

Sin iria torturar *muito* esta vadia para conseguir a localização de Lore.

Com as mãos trêmulas, ela tirou suas luvas de parka e olhou seu relógio. O tempo estava quase terminando. E então, à frente... uma figura solitária estava em uma clareira, usando nada a não ser jeans, botas, e uma maldita blusinha. Que legal que esta garota sequestradora fosse insensível ao frio, enquanto Sin estava prestes a congelar até a morte.

— Onde ele está? — ela gritou. — Onde está o meu irmão?

Idess piscou. — Irmão? — por alguma razão, ela sorriu. — Sem preocupações. Ele está bem.

— Eu não acredito em você.

— Eu não ligo.

Nas mãos de Sin, o punhal vibrava, faminto por outra prova do sangue da mulher. Mas enquanto Sin se movia para frente, Idess se movia para trás.

— Deixe Lore ir — Sin grunhiu.

— Isso não é possível.

— Então eu vou te matar.

— Isso não vai ser fácil.

— Nada que vale a pena é. — Sin deu outro passo para frente. Idess deu outro para trás. — Maldita seja! Lore não pode ser mantido prisioneiro. Ele precisa... ele tem necessidades.

— Sim — Idess disse sem emoção. — Eu descobri isso.

— Se você deixá-lo sofrer...

— Eu não deixei. — Ela olhou para o seu relógio e sorriu. — Parece que o nosso tempo aqui está terminado. Se você quer o seu irmão de volta, você terá um nome para mim na próxima vez que nos encontrarmos.

— Um nome?

— O nome da pessoa que contratou você e Lore.

Sin respirou com dureza e quase engasgou com o ar gelado. — Não posso — ela ofegou. Jesus, mesmo se ela soubesse quem os havia contratado, contar iria quebrar o código dos assassinos e garantir um destino pior do que a morte.

Idess deu de ombros. — Então você não verá Lore de novo. — Ela balançou seus dedos e desapareceu, deixando Sin meio congelada e furiosa no meio de uma maldita floresta.

* * * *

Idess sumiu por quase vinte horas. *Vinte malditas horas*. Ela precisava de apenas uma hora para escapar da Sin, e os cenários do que poderia ter acontecido de errado continuava inundando a cabeça de Lore. Preocupação, desamparo, e fome o corroíam, e ele precisava cuidar das suas necessidades físicas com uma frequência irritante.

Por alguma razão, as suas liberações foram insatisfatórias, e a tensão permanecia logo abaixo da superfície de sua pele, como se a qualquer momento sua pele pudesse se dividir, libertando o seu demônio interior para uma fúria devastadora. Seu corpo havia experimentado a Idess, e era o toque *dela* que ele queria, o que poderia ser um maldito problema sério se os seus métodos normais de controle para a raiva comesçassem a falhar.

Então sim, vinte horas passando se preocupando, se masturbando, e bolando uma fuga que envolvia seduzir Idess para

deixá-lo ir. Era o plano de fuga mais idiota na história dos planos de fugas idiotas. Ela tinha dois mil anos de idade. De jeito nenhum ela iria cair no esquema, Eu Te Amo, Então Você Pode Confiar Em Mim.

O que não queria dizer que ele não iria tentar. Ele só não tinha muitas esperanças para ele.

Ele tinha, no entanto, muitas esperanças para o seu outro plano. Porque ele havia se algemado enquanto estava sob a influência do verme perfurador, o seu subconsciente estava no modo de auto-preservação. Ele fez um trabalho de merda, e com pouca coisa a fazer durante as últimas vinte horas, ele conseguiu trabalhar para tirar seu pulso direito da algema, e se ele conseguisse que Idess chegasse perto o bastante, ele poderia pegá-la.

Mas ela precisava se apressar de volta. Em adição ao seu iminente estouro de raiva, seu peito começou a queimar. Detharu estava convocando-o. Pior, o pulsar da ligação, que ficava mais forte e mais rápido enquanto seu prazo se aproximava, havia aumentado um nível.

Ele estava aqui havia quase dois dias. Quase dois dias mais próximo à morte de Sin. Presumindo que ela ainda estava viva, onde ela achava que ele estava? Ela deveria estar preocupada. Pelo menos, tão preocupada quanto ela podia ficar por qualquer coisa.

O som de passos fez o seu coração bater descompassadamente, e ele rapidamente colocou seu pulso de volta na algema, deixando-a levemente fechada. Seu olhar se grudou no batente da porta, ele segurou sua respiração enquanto ele esperava para ver se Idess ou Sin iriam passar por ela.

Idess. Estranhamente, ele estava aliviado em vê-la ao mesmo tempo em que ele repentinamente sentiu medo pela Sin, e o quão fodido era isso?

Então ela sorriu, e sua boca secou. Este era um sorriso muito maléfico.

— Então — ela disse. — A fêmea Seminus? Parece que ela é sua irmã.

O controle estava no máximo agora, e precisou de cada gota dele para evitar atacar Idess e exigir respostas. — Estou ciente disso. Se você fez algo com ela...

— Eu disse que não faria. — Ela acenou sua mão com um gesto desdenhoso. — Eu fiz com que ela me seguisse para o deserto canadense. Eu tenho que ficar evitando ela... essa noite eu acho que vou começar pela China, e então talvez pular de um lugar para outro um pouco. Você acha que ela gostaria de ver a Grande Muralha?

Aliviado que Sin estava bem, Lore relaxou e mostrou um sorriso despreocupado. — Sin gosta de viajar.

— Bom. Eu também. — Ela ergueu uma mão, e abençoe seu coraçãozinho de anjo, ela tinha uma sacola de fast food. O cheiro dos hambúrgueres e fritas fez sua boca salivar.

Como também a visão de uma extensão longa e cremosa de estômago entre a blusinha amassada de Idess e seu jeans de cóis baixo. O seu estômago grunhiu e seu pênis se endureceu enquanto seu corpo brincava de cabo-de-guerra com suas duas fomes.

— Está com fome?

— Você nem pode imaginar.

Pesar rodou em seus olhos. — Eu realmente sinto muito, Lore. Eu não tenho prática em manter ninguém preso.

— Sim, a sua inexperiência definitivamente está se mostrando — ele disse rispidamente. Ele não sabia lidar com um sequestrador que era na verdade legal. Se ela tivesse batido nele ou provocado, ou até mesmo não feito nada, ele saberia o que fazer. Mas Idess deixava-o em um estado de o-que-diabos-eu-faço-agora, quando ele normalmente sabia exatamente o que fazer em qualquer situação.

Ela também o deixou em um estado de excitação, e ele definitivamente sabia o que fazer *naquela* situação.

Ele precisava deixá-la nua. E acorrentada. E se os sinais que ela enviava durante e depois de sua alimentação fossem alguma indicação, ela não se importaria. Não, ela estava quente por ele... isso era muito certo.

Ela se afundou ao lado dele, e sua mão subiu para segurar sua bochecha. O gesto foi tão tenro, tão íntimo, que mais uma vez, ele não estava certo em como reagir. Sua cabeça parecia uma maldita bola de ping pong.

— Sinto muito por estar fora por tanto tempo. Acredite ou não,

eu estou tentando achar um jeito de sair dessa.

— Ah... chaves? — ele sugeriu. — Isso me tiraria dessa.

Um canto de sua boca subiu em um sedutor meio sorriso. — Boa tentativa.

— Então isso é um não?

— Isso é um não.

Ele olhou para a sacola. — Posso comer alguma coisa então?

— Eu não estava certa do que você gostaria, então eu trouxe uma Coca, hambúrgueres, doces, e um sanduíche de frango. — Ela deu a ele um olhar de cachorrinho quando espera um elogio que fez algo dentro dele derreter quando nada deveria estar derretendo por esta mulher. Seu pênis estremeceu, e tudo bem, nem tudo estava *derretendo*.

— Nesse momento, eu comeria até um maldito cacto — ele murmurou, e seus ombros caíram um pouco. E ele realmente se sentiu mal por ter feito *ela* se sentir mal.

Bem vindo à Síndrome de Estocolmo [\[2\]](#).

Ela entregou para ele a sacola e esperou enquanto ele engolia o sanduíche de frango e as fritas. Quando seu estômago parou de se rebelar com tanto volume, ele diminuiu a velocidade. — Então. Conte-me algo sobre você.

Ela piscou. — Eu? Não há nada para contar.

— Você tem dois mil anos, e você está dizendo que você não tem absolutamente nada para falar? — ele engoliu metade do refrigerante. — Me diga algo sobre como você nasceu. Os seus pais eram humanos?

Por um longo tempo ela ficou sentada lá, com tempo o bastante para ele comer um dos dois hambúrgueres. Uma mão delicada veio para cima para enrolar seu rabo de cavalo enquanto ela falava. — Eu fui nascida um anjo... fui trocada pela filha recém nascida verdadeira dos meus pais. Eles eram escravos de uma família romana rica.

— Então você cresceu achando que era humana?

— Sim.

Ele também, lá no fundo, sempre se sentiu diferente, e fazendo um retrospecto, ele podia ver os sinais luminosos. Como aquele onde a sua mãe gritava, *Você é uma cria do demônio!* E, *Eu nunca deveria ter deixado aquele demônio plantar sua semente no meu útero.* — Claro, todos os médicos no hospício falaram que sua mãe era louca, mas suas *alucinações* nunca mudaram, e os amigos que estiveram com ela na noite em que eles *convocaram Satanás* confirmaram tudo o que a mãe dele dissera. Eles não acreditavam que o estranho de cabelos escuros com as tatuagens em um braço fosse Satã em pessoa, mas eles estavam certos que ele era algum tipo de demônio, ou um vigarista.

Eles estavam certos nas duas coisas.

— Houve alguma coisa que fez você se destacar? — ele perguntou, principalmente para sair do passado. — Você se sentiu diferente do resto das pessoas?

— Nem todas. — Ela girou um de seus anéis de ouro em seu cabelo da mesma maneira que ela girou sua mão ao redor de seu pênis. — Eu me sentia perfeitamente em casa até o meu décimo nono aniversário.

— Então você viveu uma vida normal? Casou? Filhos?

— Nem perto disso.

Ele não era um historiador, mas ele pensou de volta naqueles dias, quando as estimativas de vida eram curtas e as garotas se casavam cedo, Idess deve ter sido uma raridade. Era provavelmente rude perguntar, mas também era rude prender alguém a uma cama, então foda-se.

— Por que não?

— É uma longa história.

Ele puxou as correntes. — Parece que eu não tenho nada a não ser tempo.

Idess se mexeu, mas ele tinha uma sensação que não importa o quão confortável ela estivesse ao lado dele, ela não iria ficar confortável com esse assunto. Ele definitivamente havia cutucado uma ferida ali.

— Aos dezesseis anos, eu fui dada como presente ao filho de um nobre.

— Mas você não deveria ser nascida nobre ou algo para casar?

— Não era para casar.

Seu tom de dor deixou seus dentes rangendo. — Pelo sexo? Como, uma prostituta?

— Uma concubina. Eu era considerada muito linda — ela disse, sem um grama de orgulho. — Minha virgindade era o presente. Eu estive com ele por dois anos, mas quando ele arrumou uma esposa, eu fui mandada para um cruel amigo dele. Se eu o agradasse, eu iria me tornar uma de suas concubinas, ou um brinquedo para dividir com seus amigos.

— Seu mestre era um idiota. — Cara, ele desejava poder voltar no tempo e chutar o traseiro daquele cara. Com força.

Ela riu. — Antes que ele pudesse me tocar, meu irmão Rami veio por mim, e o amigo morreu em uma adequada morte horrível em uma batalha alguns anos depois.

Ele ronronou em aprovação. — Deus, eu amo uma mulher com sede de sangue.

— Bem, você é um assassino.

— Eu não fui sempre. — Uma nota de defesa penetrou em sua voz. — Eu sou mais do que um assassino. — No entanto, isso era verdade? Até mesmo ele duvidava de suas palavras. Ele não foi nada a não ser um assassino desde que ele ganhou seu *dom*. E quando ele foi trabalhar para Detharu, seu status de assassino somente foi assegurado. Ele até ganhou o título de Primeiro Assassino. Que especial. Sim, ele estava realmente orgulhoso de ser tão bom em dar um fim às pessoas que ele ganhou um prêmio.

Ele era um pedaço de merda.

— Como você é mais? — não havia condenação ali. Somente curiosidade, e ele não podia responder. Sua mão subiu até seu peito, bem em cima da sua marca de escravo, e um calor doce e balsâmico quebrou por cima de sua pele. — O seu mestre... ele pode te convocar através disso, sim?

— Sim — ele disse roucamente. Ele concentrou-se em diminuiu a sua libido, concentrou na sensação fresca da mão dela. Não estava funcionando. — Ele esteve tentando o dia todo.

Sua mão congelou, e suas unhas penetraram em sua pele. O delicioso prazer-dor fez sua respiração ficar presa. — O que acontecerá se você não for?

— A dor irá gradualmente ficar pior, até que eu precise ir ou sofrer em agonia.

Ela respirou surpresa. — Por quanto tempo?

— Depende do quanto ele quer me ver. E eu te digo agora mesmo que ele está com uma vontade bem grande.

Ela fechou seus olhos e abaixou sua cabeça. Seu rabo de cavalo deslizou, escovando sua cintura, e cara, o que ele não daria para soltar seu cabelo, deixando-o cobrir seu corpo na seda enquanto ela beijava seu caminho até embaixo. — O quão ruim é? Nesse momento, quero dizer.

— Queima — ele disse, e não era uma mentira. Ele sentia como se tivesse ferro quente em seu peito. — Mas sua mão... é fresca. É uma sensação boa.

Ela ergueu sua cabeça. — Eu posso pegar gelo.

— Não funciona. — Ele cobriu a mão dela com a dele... sua mão direita, parcialmente porque sua esquerda estava numa posição precária naquelas algemas quase soltas, e parcialmente porque ele *podia* tocá-la com a sua mão marcada pela *dermoire* contanto que ainda estivesse algemada nas Algemas Bracken. — Mas isso está ajudando. Eu não sei por quê. O seu toque é mágico.

Era para ele estar seduzindo-a. Era para ele estar fazendo ela acreditar que ela era linda, perfeita e sexy. Era para ele estar fazendo tudo isso para dar o fora daqui. Mas de repente, ele queria fazer por que ela *era* todas estas coisas. Ele trouxe a mão dela até a sua boca. Apesar de o seu peito começar a queimar novamente, valia a pena o desconforto de ser capaz de roçar seus lábios pela pele suave de suas juntas. — Você me faz queimar bem mais do que qualquer ligação possa fazer.

Ela fez um pequeno som de surpresa, só um sussurro de ar, uma pegada da respiração. — Se você está tentando me seduzir, eu disse que não vai funcionar. — E mesmo assim, ela estava sem ar, e ele podia sentir o cheiro de sua excitação picante. Quando ela se mexeu, o decote de sua blusa abriu, revelando um decote profundo que era de uma vez muita carne, e não o bastante.

— Oh, vai funcionar — ele falou demoradamente. — Só não vai me deixar livre.

Ela se eriçou. — Então qual é o seu plano? Você tem que ter um. Eu teria.

Ele balançou a cabeça para trás contra a parede e a observou através de pálpebras semicerradas. — Venha mais perto.

— Para que você possa tentar me machucar? Eu acho que não.

— Não — ele murmurou. — Para que eu possa te tocar. Em todo o lugar.

Ela o encarou como se as palavras dele fossem um truque, mas os seus sentidos incubus pegaram o som de seu coração batendo mais rápido, sua respiração vinda em um gaguejar circulante, e ele sabia que ela estava colocando suas palavras de forma visual. — Você é um porco — ela disse, com muito menos convicção do que ele sabia que ela era capaz.

— Você quer que eu me transforme em um monstro furioso? — na verdade, ele não estava em muito perigo no momento, mas ela não iria saber disso. Ele só... queria ela.

— Você tem bastante folga nas suas algemas. Se você precisa de liberação, você tem uma mão... — ela limpou sua garganta. — O banheiro está bem...

— Eu preciso tocar — ele grunhiu. — Eu sou um incubus, Idess. Eu preciso do contato. Uma fêmea. Você. Isso é uma tortura. — Claro, ele estava jogando com a culpa dela, mas ele não estava mentindo. Ter ela tão perto e ser incapaz de fazer nada sobre isso estava matando-o.

Seu queixo subiu, todo arrogante. — Você quer muito de mim.

— Então, você... — ele respirou fundo. — Você me beijará?

Suas pálpebras se abriram. — O quê? Não. Eu não posso.

— É contra as suas regras de anjo?

Ela engoliu com dificuldade o bastante para ele ouvir. — Não, mas...

— Então me dê pelo menos isso.

— Eu não tenho muita experiência com beijos. — Seu olhar se desviou, e ele sentiu a sensação estranha de precisar confortá-la.

— Nem eu — ele admitiu.

— Mentiroso — idess sussurrou.

— Não sobre isso — ele sussurrou de volta.

Seus olhares se prenderam. Tensão cresceu como uma rosa Sheoulin, escura, linda e, potencialmente, venenosa. E então, com uma lentidão agonizante, ela se inclinou para frente e se seguiu em seus ombros. O mais leve contato de seus lábios contra o seu enviou um zumbido de luxúria através dele. O segundo contato foi mais ousado, prolongado, e o zumbido cresceu o bastante para enviar ecos por todo o caminho até os seus dedos do pé.

Ela poderia não saber o que estava fazendo, mas não importava, porque o que ela estava fazendo era o bastante. Mais do que o bastante. Ele ergueu seu rosto para encontrar o dela, para intensificar o beijo que já estava ficando mais quente. Quando a língua dela passou timidamente pelo lábio inferior dele, ele se sacudiu como se ele tivesse levado um choque e chegou malditamente perto de esquecer-se do porquê de ele ter pedido que ela o beijasse em primeiro lugar.

Se endurecendo, ele retirou seu pulso da algema. Flexionou seus dedos. Desejou que ele pudesse tocá-la, pudesse seguir com esse beijo e ver onde ele levaria.

Ao invés disso, ele atacou.

[1] Gerald Norman "Jerry" Springer é um apresentador de televisão e político estadunidense nascido no Reino Unido. Apresenta desde 1991 o programa *The Jerry Springer Show*, conhecido por tratar de problemas familiares.

[2] A Síndrome de Estocolmo (*Stockholmssyndromet* em sueco) é um estado psicológico particular desenvolvido por algumas pessoas que são vítimas de sequestro. A síndrome se desenvolve a partir de tentativas da vítima de se identificar com seu captor ou de conquistar a simpatia do seqüestrador. Pode ser também chamado assim uma série de doenças psicológicas aleatórias.

Dez

O som ameaçador de metal se apertando em torno do pulso de Idess atingiu seus ouvidos uma fração de segundo antes de Lore girar sobre ela e batê-la no colchão.

— Lembra quando eu disse que ia ficar livre e fazer com que você experimentasse tudo o que eu experimentei? — ele rosnou.

— Seu bastardo! — ainda atordoada pelo beijo, ela bateu com a mão livre, mas ele pegou seu punho, puxou-a para a mão acorrentada dele, e a fez prisioneira. Sem esforço, ele a imobilizou com seu corpo pesado e levou os dedos no bolso do seu jeans.

— Eu *sou* o bastardo? Foi você que me acorrentou.

— Você não me deu escolha!

— Sim, sim. — Ele sorriu, e ela sabia que ele encontrara a chave para as algemas. — Matar Kynan é um não-não. Lore malvado, malvadinho.

Rosnando, ela balançou a cabeça para cima para agarrar sua boca mentirosa, desesperada para causar qualquer tipo de dano que pudesse. Se ele se libertasse... bem, ela não queria nem pensar no que ele poderia fazer com ela. Com Kynan. Ele recuou, e ela pegou apenas um golpe de raspão no queixo.

— Espirituosa — ele refletiu. — Eu gosto disso. Mostre mais.

— Oh, eu vou te mostrar mais. — As algemas Bracken a impediam de se transformar na forma de anjo caído de seu pai, mas isso não significava que ela estava indefesa. Ela levantou seu joelho, cravando-o fortemente na parte interna de sua coxa. Ele sugou o ar e lutou para abaixar a perna dela antes de prender as duas entre as dele.

Praguejando, ele se lançou, e ela ouviu o clique da chave na

fechadura da alga. Em um instante, ele estava livre, e ambos os pulsos dela estavam presos. Ele rolou de cima dela e puxou as correntes, deixando-as tencionadas e fixando-a na cama com os braços esticados sobre si. Ela gritou de frustração, mas ele deve ter tomado como um grito de dor, porque ele afrouxou as correntes antes de enrolá-las em torno das colunas da cama, efetivamente impedindo-a de ficar de pé.

Pela primeira vez, ela desejou que ainda pudesse sentir as emoções dele, poderia usar o conhecimento para sair dessa. Em vez disso, ela havia perdido horas queimando a ligação de sangue à distância, sentindo o que ele sentia, enquanto estava a uma distância segura dele. Ela gostava de pensar que era forte, mas cada vez que o desejo que ele sentia pulsava através dela, ela caía de joelhos e rezava pela força de vontade para não ir até ele.

— Você vai pagar por isso! — ela jogou tudo que tinha em um ataque as correntes, gritando e puxando até que teve certeza de que seus braços saltaram para fora de suas juntas.

Lore tentou alcançá-la, mas conteve a mão no último segundo. Palavrões caíam de seus lábios quando ele encontrou uma luva e o casaco no chão. Ele os vestiu, e a próxima coisa que ela soube, ele estava em cima dela novamente, estabelecendo-se como se seu corpo fosse o lugar mais confortável do mundo para estar. O peso dele agiu como um cobertor, envolvendo-se em torno dela e acalmando-a como um bebê enrolado.

— Pronto, agora — ele disse suavemente. — A mesa foi virada. O captor é agora o cativo, e todas aquelas outras falas divertidas de filmes que eu nunca pensei que fosse dizer.

O coração de Idess martelava contra a sua caixa torácica enquanto impotência e ansiedade fresca se acomodavam. — Solte-me.

— Como você me soltou quando eu pedi?

Ela engoliu em seco. — Por favor. Você não pode matar Kynan. Ele é importante.

— É. Importante para mim.

— Para o mundo.

— Eu acho que o mundo vai sobreviver sem um humano otário.

Na verdade, poderia não sobreviver, mas ela descobriu que os demônios raramente se preocupavam com o destino da humanidade, por isso ela mudou de tática. — Isto não é apenas sobre o mundo. Eu tenho um interesse pessoal na vida dele.

Ele bufou. — O que, você não vai ganhar suas asas se ele morrer?

— Isso é exatamente o que vai acontecer.

Ele revirou os olhos, mas quando ela apenas encarou, ele endureceu. — Você está falando sério.

— Você não pode sequer imaginar. — Tremores de pânico varreram de seus dedos dos pés até seu couro cabeludo. Apenas alguns Memitim nunca Ascenderam, foram condenados a guardar Primori para sempre ou passar a eternidade como seres humanos, nascendo de novo e de novo e nunca chegando ao Paraíso. Alguns até mesmo foram apagados da existência. Mas tão terrível quanto essas punições soavam, elas não eram sua motivação primária para não querer falhar.

Se ela não conseguisse proteger o ser humano mais importante em existência, o destino de toda a humanidade, de bilhões de almas, seriam afetados quando a batalha final entre o bem e o mal irrompesse na Terra.

Sua traição a Rami pesava sobre ela por mil e duzentos anos, e a cada dia ela orava por uma chance de pedir perdão. Mas se ela traísse a raça humana? Não haveria absolvição.

Algo quente e úmido escorria de seu rosto. Uma lágrima. Nossa, ela não chorava em séculos. Não desde o dia em que Rami Ascendera. Antes que ela percebesse, a lágrima se transformou em um fluxo e de repente ela não estava apenas fungando ou até mesmo chorando. Ela entrara em um berreiro completo, que incluía grande e trêmulos soluços e suspiros por ar.

— Idess... acalme-se... Idess? — as mãos de Lore enquadraram seu rosto. — Hey. Está tudo bem. Calma, Anja. Calma...

Ela chorou mais forte. Ela não conseguia parar... era como se estivesse armazenando as lágrimas de todas estas centenas de anos, e agora, como um vulcão adormecido que finalmente entrava em erupção, o fluxo não seria represado.

Em seguida, os lábios de Lore estavam sobre os dela, e ele a

beijava. Sua boca seguiu a trilha de lágrimas no rosto dela enquanto os polegares, um nu, um vestido de couro, passavam para trás e para frente através de pele que ficara tão sensível como se estivesse queimada de sol.

— Shh... — Ele beijou ternamente seu ouvido. — Está tudo bem.

— Não — ela gemeu, porque estava longe de tudo estar certo.

As mãos dele acariciaram seu rosto, o polegar nu flutuando preguiçosamente em seu lábio inferior. — Sinto muito — ele murmurou. — Não estou acostumado a lidar com algo assim. Eu não sei o que fazer.

— Eu... — Ela cortou quando a ponta de seu polegar escorregou para dentro da boca dela. Ela não pensou. Não queria.

Num impulso, ela se agarrou a ele e o puxou mais profundo em sua boca. Os olhos dele escureceram e sua boca caiu aberta, assim seus piercing brilharam e uau, se ela achava que tinha poder sobre ele antes, quando ele estava à sua mercê, acorrentado e precisando de libertação... não era nada comparado com agora. O conhecimento de que ela poderia afetá-lo, enquanto estava presa foi uma revelação.

Agora ela só precisava descobrir como, exatamente, usar o que acabara de aprender.

Baseando-se em suas habilidades de sedução muito enferrujadas, ela rodou a língua em torno de sua junta e, em seguida, mordiscou a parte lateral. Quando ele soltou uma respiração irregular, um zumbido de pura emoção se atirou através dela em uma poderosa e quase sexual investida. Seus seios ficaram doloridos, sua barriga tremia, e ok, não havia *quase* sobre isto. Trazer prazer a um macho era um afrodisíaco, com certeza.

— Eu odeio o quanto eu quero você. — A voz dele era áspera, como se também odiasse que tivesse feito tal confissão.

Ela apertou os olhos fechados. — É ruim que eu esteja feliz por você odiar?

— Eu acho que seria estranho se você não estivesse. — Ele puxou o dedo da boca dela e deslizou sua mão ao longo da curva de seu pescoço. Sua pele formigava sob a palma da mão dele, e seus mamilos se apertaram em pequenas contas duras.

Por que ele tem que ser tão compreensivo? Ela queria xingá-lo, lutar contra ele, mas ele capturou a boca dela com a sua em um beijo surpreendentemente gentil dada a forma como o corpo dele estava tenso, como sua respiração estava rápida. Sua língua brincava na junção dos lábios dela, minúsculas e molhadas pinceladas. Ela disse a si mesma que ele não a estava afetando, que ela não estava se soltando, que se abrir para ele era sobre seduzi-lo.

Mas enquanto abria seus lábios, tudo o que podia pensar era quão boa era a sensação de ser tocada assim, não importando quais sejam as circunstâncias.

Com um gemido, Lore enfiou a língua em sua boca para se enrolar com a dela. O piercing frio e suave contra sua língua era um contraste erótico ao calor bruto do beijo. Ele se deslocou para deslizar a mão entre seus seios, e mais embaixo, a excitação dele entrou em contato com seu núcleo. Contra sua vontade, ela se arqueou contra ele, acolhendo a pressão, a fricção e a súbita umidade quente que a inundou.

Ela tinha folga o suficiente nas correntes para enfiar os dedos pelos cabelos dele, e no momento em que o fez, ele se agitou como se tivesse sentido um choque elétrico.

— O que há de errado? — ela murmurou contra seus lábios.

Levantando a cabeça, ele piscou para ela. — Só que... — Ele balançou a cabeça. — Nada.

— Conte-me. — Ela não fazia ideia de por que queria tanto saber, já que ele acabou de aprisioná-la e a fez chorar.

Ele também a fez queimar.

Mas ele não disse nada, ao invés disso ele enterrou o rosto na curva de seu pescoço e ombro e a beijou ali. Novamente, ela arqueou para cima, e ele começou a roçar contra ela, provocando uma profunda dor.

As mãos dele vaguearam para baixo, entre seus corpos, e com um toque de seus dedos ágeis, ele rasgou sua calça. Pânico se alastrou, e ela enrijeceu.

— Lore... não. Eu não posso.

A palma da mão calejada deslizou para dentro de sua calcinha

para envolvê-la intimamente, e ela quase engoliu a língua. — Não pode o quê?

— F-fazer sexo. Relações sexuais.

Uma maldição suave sussurrou por sua pele. Mas, então, um dedo deslizou entre suas dobras e os lábios dele acariciaram seu ouvido enquanto ele dizia, — Você pode fazer isso? Me deixar fazer você se sentir bem?

Sim. — Não — ela gemia, ofegante, quando a ponta do dedo roçou seu clitóris.

— Você está mentindo. Eu posso sentir.

Sim, ela estava. Mais ou menos. Isso não tinha nada a ver com o seu voto de castidade. Isto era sobre ela, e o que começar a ficar íntima de alguma forma com este homem faria com ela.

— Não — disse ela, mas seu corpo a traiu, e ela balançou ao toque dele.

— Não o quê? — um dedo escorregou para dentro de seu núcleo, e ela quase chorou com prazer. — Não fazer isso?

Ela não conseguia mais falar. Até mesmo a respiração tornou-se um esforço. Relação sexual e autogratificação eram proibidas, mas e quanto à gratificação nas mãos de outros? Oh, sem dúvida era proibida, mas mesmo Rami admitira que havia uma nebulosidade no voto, provavelmente intencional, para permitir que o livre arbítrio te colocasse em problemas.

E Lore era definitivamente problema.

— Você quer gozar? — outro dedo se juntou ao primeiro, esticando o tecido sensível e enviando fluxos de sensação quase esmagadora direto para seu cérebro. — Diga.

Seus dentes estavam cerrados fortes demais para falar. Ela se encolheu, tentando colocar o polegar dele no lugar certo, tentando afastá-lo do lugar certo, ambos, nenhum dos dois, porque ela não sabia o que queria neste momento.

Ele não desistiu, continuou fazendo pequenos movimentos para trás e para frente ao longo da ponta de seu clitóris, que a enlouquecia e a transferia para um lugar onde suas necessidades físicas acabavam

com seus pensamentos.

— Diga — ele murmurou.

— Não — ela engasgou.

— Eu quero assistir. — Ele baixou a cabeça e roçou os lábios nos dela. — Eu quero tanto ver você gozar, Idess. Deixe-me.

Ele queria isso. Dar-lhe o que queria era parte da sedução, certo? Ela estava acorrentada e indefesa, e poderia ser culpada se fizesse o que fosse preciso para se libertar e proteger Kynan. Além disso, Lore era um Primori, e ela não podia trair a relação Memitim/Primori negando algo que sua incumbência queria.

Os raciocínios eram pateticamente fracos, mas eram tudo o que tinha, e ela estava *faminta* por isto e soltou um desesperado, — Sim!

O sorriso dele foi um de triunfo de macho primitivo. Seus dedos começaram um furioso e profundo ritmo de bombeamento, e seu polegar circundava e varria. Fazia tanto tempo desde que ela experimentara isso que tudo parecia novo e maravilhoso, e ela estava absolutamente certa de que o melhor sexo completo que já teve não havia sido tão bom assim.

Lore acrescentou outro dedo, aumentou a pressão com o polegar, e o corpo dela foi à loucura, se debatendo enquanto detonava. Cores rodavam atrás de suas pálpebras como um caleidoscópio, carregando-a através de seu êxtase enquanto a mão dele fazia sua mágica. Ele a desceu com movimentos gradualmente mais leves, até que ela finalmente pudesse respirar, e ver, de novo.

— Lindo — ele sussurrou. Seu olhar semicerrado estava concentrado, impressionado, e tão cheio de fome que o corpo dela imediatamente despertou para a vida novamente. — Deus, você é... — Ele rompeu com um estremecimento. Minúsculos pontos de vermelho salpicavam seus olhos escuros enquanto ele olhava para o banheiro.

— Eu... eu tenho que... — Ele engoliu em seco, e quando falou novamente, sua voz era tão profunda e rouca que o sentiu do lado de dentro, quase como se aquele tom fosse feito para preparar uma mulher para a penetração. — Preciso... privacidade. — Ele saiu de cima dela.

— Não. Por favor. Fique. — Chocantemente, ele parou. — Eu quero... eu quero ver. — *Eu não quero ficar sozinha.* Sozinha

significava tempo para pensar. E arrependimento.

Um rosnado baixo de aprovação subiu de seu peito quando ele abriu o zíper da calça.

* * * *

Lore não podia acreditar que estava prestes a fazer isso. Ele nunca tivera quaisquer inibições sexuais, bem, além do fato de que sexo tendia a matar suas parceiras, mas ainda assim. Ele nunca se masturbara na frente de alguém antes. E apesar do pedido de Idess ter sido um enorme tesão, sua mão estava tremendo enquanto ele abria sua braguilha.

Então talvez ele tivesse inibições.

— Merda — ele rosnou. — Eu não posso. — Ele começou a sair da cama.

— Por favor? — Idess estava ali, totalmente exposta, relaxada, saciada, o cheiro de sexo saindo dela e causando estragos em sua libido.

Ele queria estar dentro dela, não se tocando em um banheiro escuro como uma espécie de pervertido enquanto ela estava a poucos metros de distância. Mas ele também não tinha experiência em ser... sensual... na frente de uma fêmea. Oh, ele tinha arrogância de sobra e hiperativos instintos masculinos rugindo através dele, mas também não tinha certeza se acariciar-se enquanto uma mulher amarrada o assistia era algo que pudesse fazer.

— Você está envergonhado? — a surpresa na voz dela açoitou seu controle já retalhado.

— Eu não sou a porra de um virgem.

— Você não esteve com muitas fêmeas, contudo, não é?

Agora *isto* era apenas insultante. Ele esteve com algumas. Ele apenas não estivera com qualquer uma mais de uma vez. E aquelas com quem ele estivera eram todas sobre gratificação instantânea, entrar e sair sem brincadeiras. Sem tocar realmente.

Nenhuma conexão.

Isso... isso ia ser uma conexão. Ele não sabia por que ou como,

mas seria. Ele apenas sentia. E sentir alguma coisa por essa mulher seria ruim. Isto ele, *de fato*, sabia.

— Está tudo bem — disse ela em voz baixa. — Você não tem que responder. E você não tem que ficar se não quiser.

O fato de que ela estava sendo tão boazinha com ele, estava tão preocupada com seus sentimentos, o irritava. Ele acabara de virar a mesa com ela, a acorrentara, poderia fazer qualquer coisa que quisesse com ela... Reprimindo uma maldição indecente, ele ajustou sua ereção, assim como a pressão que se construía sob sua pele e em suas bolas. — Por quê? Por que você quer assistir?

— Porque — ela disse com uma voz rouca, — você é lindo, também.

Seu coração tropeçou sobre as palavras dela, e calor se espalhou por ele. Ninguém jamais o elogiou assim, com tal... reverência.

Impiedosamente deixando suas reservas de lado, ele agarrou seu membro com a mão nua. Ele ouviu a suave inspiração de ar dela, o pequeno engasgo que de alguma forma o transformou em mais do que qualquer coisa que ele já teve. Seu estômago se apertou e ele tinha dificuldade para respirar, e puta merda, tendo-a assistindo... uma excitação total que ele não havia previsto. Agora que seu poder não estava mais contido pelas algemas Bracken, tudo com o que precisava se preocupar era manter seu braço direito longe dela quando gozasse.

— Vê? — a voz dela estava rouca. — Não é tão duro, é?

— Oh, é duro — ele soltou, e os lábios dela se contorceram em um sorriso.

— E grande.

Seu pênis pulsou como se feliz com o elogio. A maldita coisa era burra demais para perceber que ela estava fazendo o que ele fizera, lançando sutilezas para chegar ao lado bom do captor. Não que o que ela disse não fosse verdade.

— Você diz coisas as coisas mais amáveis.

Completamente à vontade agora, ele correu a mão nua para cima e para baixo, amando como alterar a velocidade ou a duração das carícias faziam as pálpebras dela ficarem pesadas, ou como, quando ele mudou ainda mais e torceu o punho em torno da cabeça, a

boca dela se abriu completamente. E Jesus, quando ele esfregou a ponta com a palma da sua mão, ela realmente lambeu os lábios.

Entusiasmado, ele se aproximou, provocando-a com a visão de seu pênis. — Você gosta disso, não é? — seus olhos voaram até os dele. — Diga-me o que você quer que eu faça. — Quando a boca dela mexeu, mas não saiu nada, ele sorriu e parou de acariciar. — Qual é o problema? Você está envergonhada?

Raiva cintilou naquelas incríveis profundezas de cor singular, e junto com isto, a luz da batalha. Enlouquecidamente quente.

— Acaricie. — O comando poderia ter sido mais eficaz se não tivesse havido um ligeiro tremor em sua voz, mas ele fez o que ela ordenou. Lentamente.

— Assim está bom?

— Mais rápido.

Suprimindo um gemido, ele aumentou a velocidade, mas não por muito.

— Eu disse mais rápido. E... e fazer aquela coisa de torcer que você faz quando sua mão está na ponta.

Ele teria rido da ferocidade fofa em sua voz, se não estivesse muito ocupado reprimindo seu orgasmo. Transpiração se acumulava em sua testa enquanto ele cerrava os dentes e ofegava com a crescente pressão.

— Pare — disse ela, e maldita seja, ele mal tinha o controle para obedecer. — Deslize sua mão para baixo. Para as suas... suas bolas. — Manchas rosa coloriram seu rosto. Ela era poderosa e sensual, mas a palavra *bolas* a fez corar.

Lore amou isto.

Ele deixou sua palma passear lentamente por seu membro. Pelo tempo que ele chegou ao seu saco, seu pênis estava doendo. — E agora?

— Esfregue-as — disse ela sem fôlego. — Finja que eu, que uma mulher esteja fazendo isso.

Fechando os olhos, ele amaldiçoou, porque era muito fácil fingir

que era a quente palma da mão dela o envolvendo, rolando suas bolas suavemente entre os dedos como fez antes. Ela o fez brincar por um minuto, e logo quando ele estava prestes a implorar para deixá-lo fazer mais, ela disse: — Agora. Faça você gozar. — Sua voz baixou perigosamente. Sedutoramente. — Em mim.

Surpresa se atirou por ele e o clímax veio logo em seguida, suas palavras provocando uma reação em cadeia que foi nuclear. Ele mal teve tempo de cair para frente para apoiar-se em seu braço direito, mantendo-o bem fora do alcance do toque dela enquanto bombeado sua semente em seu duro e plano abdômen. Sua visão ficou completamente desconectada enquanto o prazer causava um curto-circuito em alguns de seus sentidos, incluindo a audição, porque ele ouviu Idess falando, mas não fazia ideia do que ela estava dizendo. Ele só queria que ela continuasse falando, porque sua voz era um afrodisíaco e seu orgasmo seguiu e seguiu...

Finalmente, quando seu braço trêmulo ameaçava entrar em colapso sob seu peso, acabou. Sua cabeça nadava e sua respiração parecia fogo em sua garganta. Ele abriu os olhos e encontrou os de Idess.

— Estou com tanta inveja — ela sussurrou, e ele piscou.

— De quê?

A cabeça dela caiu para trás no travesseiro, e ela encarou o teto com os olhos mais tristes que ele já viu. — Você está tão vivo, Lore. Há fogo em você. Uma vontade de viver, quando tudo que eu quero é terminar com esta vida.

Uma emoção estranha obstruiu a garganta de Lore, cortando-lhe a respiração. Uma vontade de viver? Ele não poderia se importar menos com sua própria vida. Com quem ele de fato se preocupava era com Sin, e garantindo que ela nunca fosse possuída novamente. Até que isto acontecesse, ele precisava aguentar firme. Ela era uma das razões pelas quais ele esperava que seus irmãos não acabassem sendo merdas totais, e que ela os conhecesse. Ela precisava de alguém para cuidar dela. Alguém melhor do que Lore.

— Não tenha inveja de mim — ele resmungou. — Não há *nada* sobre mim que você deva invejar. Eu sou uma pessoa terrível.

Um sorriso tremeu em seus lábios. — Suas *escolhas* são terríveis, mas uma pessoa terrível não amaria a irmã do jeito que você ama.

Ele não acreditou nisto, nem de longe. Mas, estranhamente, Idess estava certa sobre uma coisa. Ele estava vivo, pelo menos, agora ele estava. Pela primeira vez desde de que passara pela transição que o transformou em um assassino frio, ele sentiu uma faísca. As brincadeiras com Idess o energizavam. Suas batalhas o desafiavam. O sexo o excitava. Claro, nada disso acontecera sob condições ideais, mas ele precisava se perguntar como seriam as coisas entre eles, se não estivessem competindo cabeça a cabeça por Kynan.

E se ela não estivesse acorrentada.

Ele sufocou um riso insano, porque tudo isso era um sonho, e ele nunca fora um sonhador. Além disso, uma vez que Kynan estivesse morto, Lore imaginava que seus irmãos, ou Idess, garantiriam que ele nunca sonhasse novamente.

* * * *

Quem em seu perfeito juízo construiria um posto médico para demônios? Era uma pergunta que Rariel fazia desde o dia em que ele ouviu falar sobre o Underworld General, e enquanto ele procurava o símbolo do UGH no Harrowgate, ele descobriu que estava realmente curioso sobre isso.

UGH. Ele teve que rir da total falta de premeditação que alguém exibira quando nomeou o hospital. Idiota

Esta seria a sexta vez que ele estaria lá, embora nas primeiras cinco vezes, ele sequer saíra do Harrowgate. Ele simplesmente o abria e deixava Roag sair ou entrar, e continuava. Aparentemente, a maldição com que o irmão de Roag o sobrecarregara havia deixado o demônio paralisado não apenas invisível para a maioria, mas sem a capacidade de manipular objetos como o Harrowgate ou portas, o que tornava difícil viajar.

Coitado. Ser traído por um irmão era a pior dor que alguém podia experimentar, e Rariel sabia disto em primeira mão.

Ele lançou um olhar simpático a Roag, que parecia para Rariel como um fantasma transparente, não tão sólido como os espíritos eram. E, ao contrário de espíritos, a única comunicação de Roag com Rariel vinha telepaticamente.

— Você está pronto? — Rariel perguntou.

Sim.

Rariel bateu no glifo de hospital com antecipação. Desta vez, ele ia entregar seu viajante e sair. Observar. Conspirar.

O portão se abriu, e ele saiu. A sala de emergência estava movimentada, mas ele duvidava que alguém mais pudesse ver isso.

A maioria das pessoas se movendo de forma confusa eram fantasmas, e quando Roag entrou no hospital, estes espíritos enlouqueceram. Alguns fugiram, alguns se acovardaram, alguns ficaram no lugar e prantearam até que Rariel queria bater suas mãos sobre os ouvidos.

O amigo invisível de Rariel aterrorizava os fantasmas, e até mesmo os seres vivos na sala de emergência tornavam-se subitamente agitados.

A fêmea vamp vestindo roupas da equipe médica aproximou-se dele. — Você precisa de ajuda?

— Não — disse Rariel, quando Roag literalmente rasgou por um dos fantasmas gritantes. Essa era a coisa divertida sobre espíritos. Você podia rasgá-los, causando dor inimaginável, e mesmo assim, eles não morriam. — Eu só estou aqui para assistir.

— Fique a vontade, estranho. — A vampira se afastou, e ele se acomodou sob o sinal da Área de Espera. Distante, ele ouvia vozes agudas e iradas, e em outra direção, algo gritou. Os espíritos ainda estavam em pânico, chorando e batendo nas paredes.

Perto dali, entre um sofá coberto de plástico e uma mesa de pedra resistente, duas mulheres reuniam três crianças mais perto delas. A fêmea bonita com cabelo castanho e marcantes olhos champagne soltou um rosnado lupino. A fêmea de aparência mais dura com cabelo vermelho acariciou o punho de uma lâmina em sua bainha de quadril, seus olhos verdes de guerreira alerta.

No momento que Roag as avistou, fúria explodiu dele em uma onda de choque que afetou todos no departamento de emergência. Funcionários e pacientes perderam o passo, derrubaram equipamentos, abraçavam-se como se com frio.

Roag se moveu em direção ao pequeno grupo, assassinato em seus olhos. Ah, sim... as fêmeas eram companheiras Sem, e os trigêmeos eram filhotes de Sem. Esta era a família dos próprios irmãos que Roag queria destruídos. E, curiosamente, uma das crianças parecia vê-lo. Roag sorriu... pelo menos, o torcer de seus lábios parecia um

sorriso. Ele mudou de formar para um grande Sem com cabelo na altura dos ombros e escuro.

O pequeno estendeu a mão em direção a Roag. Roag circulou a família, e o bebê observou, contorcendo-se nos braços de sua mãe enquanto tentava alcançar Roag.

— Rade, vá com calma — disse a mulher, trazendo o bebê mais apertado contra ela.

Roag lançou a Rariel um sorriso, e o estômago de Rariel se contorceu. Ele podia ser mau, uma fodido doente em seu próprio direito, mas torturar jovem de qualquer espécie não era algo que ele gostasse.

Mas enquanto os pensamentos de Roag mesclavam com os seus, ele relaxou. Ele não teria que torturar. Apenas matar.

Onze

— Kynan, por favor. Fique no hospital comigo. Aqui você está seguro.

Kynan Morgan teve um tempo difícil negando tudo a sua mulher, mas ele foi um soldado do Exército e do Aegis a maior parte de sua vida, e não estava em sua natureza se esconder do inimigo.

Quantas vezes, porém, o inimigo era o irmão de seu melhor amigo?

Ele passou os braços em torno de Gem, o suave som de sua roupa cirúrgica roxa contra a jaqueta de couro dele era um som reconfortante. Ele adorava segurá-la, não podia acreditar ter havido um tempo quando ele ridiculamente não queria nada com ela.

— Eu vou ficar bem — ele murmurou em seu cabelo. — Eu estive combatendo demônio mesmo antes de eu me tornar intocável e imortal. — E antes que ele soubesse que tinha um anjo em sua árvore genealógica.

— Eu não me importo. — Ela deu uma petulante sacudida de cabeça e se afastou, as mãos nos quadris. — Você nunca teve um assassino treinado atrás de você antes.

— Estarei cercado pelos Guardiões, Gem. Tayla estará comigo o tempo todo em seu turno. Sua irmã nunca deixará que aconteça nada para mim.

Gem puxou uma de suas tranças violetas. — Eu sei. Mas e se...

— Shhh. — Ele pressionou dois dedos sobre seus lábios. — Eu prometo que ficarei bem. Tenho um anjo olhando por mim, também.

Ela segurou sua mão. — Todos eles deveriam estar cuidando de

você. É estúpido eles não poderem.

Ele pensava assim também. Reaver havia explicado a situação antes, quando Serena foi a responsável pelo amuleto, Heofon, e mesmo assim Kynan teve que dizer muitas porcarias de mentiras *não-interfira-com-humanos*. Pelo menos, seu título Primori, seja lá o que era, ficou em torno da pequena regra *não-interfira*.

Ele entendia a preocupação de Gem, embora, a corrente ao redor de seu pescoço tinha a chave para uma destruição inimaginável, e graças aos eventos do mês passado, não era tão secreto como deveria. Isso fez dele um alvo, e ele não podia deixar de perguntar-se quem poderia saber que Lore era o único não-anjo que poderia matá-lo. Apenas algumas pessoas estiveram presentes na ressurreição de Kynan quando recebeu o colar e o encanto da imortalidade, e não havia nenhuma maneira dos irmãos Sem terem falado, mais do que os Guardiões teriam. Provavelmente. Nem todos no Aegis estavam felizes sobre o fato de que Tay e Ky ainda eram Guardiões, e ambos ainda estavam lidando com as consequências.

Os olhos verdes de Gem se tornaram líquidos enquanto ela beijava suas juntas. — Basta ter cuidado.

— Sempre. — Ele tinha um bebê a caminho, um que nasceria encantado, o primeiro a receber o dom da imortalidade dessa maneira, e ele teria a maldita certeza que estaria ao redor para educá-lo. E para fazer mais. Gem queria uma grande família, assim como ele.

Mas, para ter sua grande família, ele precisava lidar com uma ameaça.

Lore.

Seu intestino deu um nó. Ele devia aos irmãos Sem mais velhos. Eles deram um emprego para ele, uma esposa, uma vida. Mas ele teria que tirar o irmão que eles não tiveram nem sequer uma chance de conhecê-lo num piscar de olhos. Embora ele não tivesse contado a Tayla, ele tinha cada membro do Sigilo usando seus recursos para vasculhar o planeta pelo demônio.

Eidolon precisaria rezar muito para encontrar Lore antes que ele fizesse.

* * * *

— Ela é definitivamente nossa irmã, Shade.

Eidolon olhava para o relatório de DNA enquanto falava ao telefone. Isso era uma loucura. Irreal. Ele fizera o teste duas vezes para garantir a precisão e confirmar que ninguém havia adulterado o relatório, embora em seu coração ele soubesse desde ontem.

Sin sentou-se em uma das camas dos quartos dos pacientes, os pés balançando enquanto esperava por ele. Através da janela do quarto, ela parecia pequena e inocente enquanto encarava os cartazes de anatomia na parede. Ela voltou como ela disse que iria, embora Eidolon não tivesse dúvida que ela não ficaria uma vez que pegasse o relatório da autópsia sobre o warg que ela matara. Ela não tinha novas informações úteis sobre Lore, exceto que ela tivera um confronto tenso com Idess, e Eidolon estava começando a se preocupar.

Para piorar as coisas, ele teve que suspender quatro membros da equipe de combate, três por abandono de dever, um paciente morreu hoje quando uma enfermeira, acidentalmente, injetou uma dose letal de medicamento, e agora a família do morto Mamu ameaçava danificar corporalmente todos os membros da equipe. Acima de tudo isso, tensão continuava pulsante entre ele e os irmãos, particularmente Shade.

Todo esse tempo, ele se orgulhava do hospital que ele e seus irmãos construíram a partir do zero, e sim, UG foi um feito incrível. Mas agora seu coração, seus habitantes, estava doente, e ele não poderia ajudar e sentia que isso era culpa dele, que ele havia negligenciado de alguma forma. E suspendendo os trabalhadores, ele tratava os sintomas individuais ao invés da doença subjacente, mas neste momento, atando ferimentos era sua única opção.

— *E* — Shade disse, sua voz abafada pelo som do motor da ambulância. — Isso é bizarro. Espero velho querido que não haja mais surpresas na loja para nós. Cabras pela metade, meninos cães...

— Eu sei. — Eidolon olhou para Tayla, a qual acabara de se juntar a eles. — Olha, eu tenho que ir. Runa está esperando por você. Wraith estará aqui a qualquer segundo com um exorcista.

Ele esperava que se livrando dos fantasmas, iria acabar com os problemas que infestavam a equipe do hospital, mas mesmo se acabasse, isso era um exemplo de sua falha em considerar todos os potenciais problemas que podem afetar os trabalhadores. Ele deveria ter praticado medicina preventiva ao invés de esperar até uma emergência surgir.

Ele deveria ter visto isso vindo há muito tempo, embora ele precisasse saber por que estava acontecendo agora.

— Ótimo. Estarei lá às cinco. — Shade fez uma pausa. — Estou trazendo em outro warg.

O estômago de Eidolon deslizou para seus pés. — Doente?

— Parece. Mesmo sintoma dos primeiros.

Os dois primeiros. Que estavam mortos. Aparentemente, Sin provocou a doença no primeiro e este transmitiu seu misterioso causador para outro, que viera apenas algumas horas após o primeiro. Se o paciente de Shade estava doente com os mesmo sintomas, eles poderiam estar olhando para um possível surto. Eidolon não contou a Sin sobre o segundo warg, mas há poucos minutos ele levou mais sangue dela para analisar.

— Diga a Runa para ir ao meu escritório — Shade disse. — Não a quero e nem qualquer dos meninos perto deste paciente.

— É isso aí — *E* disse, mas Shade já havia desligado.

Eidolon estalou seu telefone fechado, ligou para mesa de triagem com uma mensagem de Runa, e depois olhou o relatório de DNA de novo. — Isso é tão fodido.

Tayla roubou uma espiada no relatório. — O que é tão fodido? A *Smurfette*?

— A o quê?

— *Smurfette* — Tayla revirou os olhos. — Você nunca assistiu desenhos animados, não é?

Wraith virou a esquina, seu casaco de couro batendo ao redor de suas botas. Ele atirou um olhar para Tayla encharcado com simpatia. — *E* é dessa maneira, muito engomado para assistir desenhos. Isso não está acontecendo com Stewie. Ele já está gostando de *Os Simpsons*.

— Ele tem três semanas de idade! — Tayla ficou boquiaberta para Wraith com o ultraje.

— Quase quatro.

Tayla bufou. — Bom Deus. Não posso acreditar que você está criando uma criança. Será que não existe algum tipo de demônio

equivalente ao Serviço de Proteção a Criança?

— Ei. — Wraith cruzou seus braços sobre o peito. — Eu tenho tanto direito de estragar uma criança como qualquer outra pessoa. Então, o que está acontecendo afinal?

Eidolon realmente não fazia ideia, desde que ele nunca viu *Os Simpsons*, e Stewie, o filho de Wraith, foi nomeado depois de algum inferno de uma criança em outro desenho que Eidolon não havia visto. Felizmente, a criança também tinha um nome próprio de demônio, mas Wraith e sua companheira, Serena, pareciam pensar que ele precisava crescer em Talon, então por agora, era Stewie. Em todo caso, essa conversa era de qualquer forma sobre a cabeça de Eidolon, ou o caminho debaixo dele. Ele estava indo com este último.

Tayla amaldiçoou em voz baixa. — Eu estava apenas explicando a Eidolon que Sin é uma Smurfette.

Wraith balançou seu enorme corpo ao redor para estudar Sin com olhos azuis que eram muito diferentes de Shade, E e Lore. De Sin também. — Não. Smurfette é muito mais quente.

— O que é a porra da Smurfette? — Eidolon estava ficando seriamente irritado agora.

— Existe um desenho chamado *Os Smurfs* — Tayla explicou, lentamente, como se Eidolon fosse uma criança aqui. — Elas são aquelas pessoas azuis pequenas, e são todos machos. Mas um dia uma fêmea apareceu. Ela não deveria existir, mas fez.

Eidolon considerou isso por um segundo. — Como ela chegou lá?

— Um bruxo malvado chamado Gargamel a fez — Tayla disse. — Em um laboratório ou algo.

— Então você está sugerindo que algum bruxo do mal fez Sin?

— É claro que não, bobo. Só estou dizendo que ela é uma Smurfette. Uma fêmea solitária entre machos.

Eidolon franziu o cenho. — A Smurfette acasala com machos?

— Cara — Wraith fez uma careta. — É um desenho animado.

— Então por que estamos falando sobre isso? — Eidolon

perguntou, e Wraith e Tayla trocaram olhares que diziam que era um caso perdido. — Wraith, você encontrou um exorcista?

Wraith enfiou seus cabelos loiros atrás de seu rosto. — Sim. Ele é um estranho. Deixei-o no departamento de emergência para começar a sentir as coisas.

— Ótimo. Vou fazê-lo começar a trabalhar agora mesmo. Se há alguma coisa que ele precise, quero que consiga para ele. — Como procurador de suprimentos não tradicionais exclusivos para medicina demônio do hospital, lidar com necessidades de um exorcista caiu dentro da descrição de trabalho de Wraith.

— Sem problema. — Wraith apontou seu queixo para Sin. — Ela encontrou Lore?

Uma tensão súbita se enraizou na menção do nome de Lore. — Não.

— Espero que ele não esteja morto — Wraith disse, surpreendendo Eidolon. Seu irmão enfiou a mão dentro do bolso do casaco, provavelmente sentindo uma arma. — Se ele precisar morrer, devemos fazer as honras.

Tudo bem, sim. Isso era mais parecido com ele. — Wraith...

— O quê? — o desafio na voz de Wraith foi o que fez Eidolon voltar. Não que ele estivesse com medo de ir mano a mano com seu irmão, mas isso era exatamente o que Wraith queria, e Eidolon não iria lhe dar essa satisfação. Houve muita luta entre eles recentemente.

— Nada. Apenas se certifique que Kynan tenha bastante apoio. Se um assassino foi enviado atrás dele, pode haver mais.

— Kynan não tem sido deixado sem um Guardião desde que tudo isso começou — Tayla disse. — Na verdade, é meu turno de ficar com ele. Preciso ir.

— Tenha cuidado.

— Não é divertido se eu fizer isso. — Ela o beijou e partiu, e Eidolon teve um momento muito necessário para admirar sua retirada rebolante.

Wraith ficou encarando Tayla, mas por diferentes razões. — O que o Aegis pensa de tudo isso?

— Eles não sabem mais do que nós — Eidolon respondeu, voltando seu olhar para seu irmão. — Kynan disse que eles sabem que um assassinato tem sido anunciado sobre ele, então eles estão preparados para lutar com anjos caídos, mas não sabem quem está por trás da contratação.

— Você sabe — Wraith murmurou, — a vida era muito mais fácil quando odiávamos todos os humanos e não dávamos uma merda para o que acontecia a eles. Ele riu. — Tudo bem, eu não poderia dizer isso com uma cara séria. Eu ainda não dou uma merda.

Isso não era inteiramente verdade... Wraith considerava Kynan um amigo e irmão, e então havia o fato que ele se apaixonara por Serena enquanto ela ainda era humana. E ele tinha um sogro humano que também passou a ser um membro do Sigilo de Aegis. Wraith virou-se. — Estou indo ver se o cara Exorcista precisa de algo, e depois irei para casa, para Serena, e gerar o inferno.

Ele correu fora, quase colidindo com Shade enquanto seu irmão virava a esquina.

— Onde é o fogo? — Shade gritou atrás dele, mas Wraith continuou. Balançando a cabeça, Shade parou em frente à Eidolon. — O que está acontecendo?

— O sol está subindo.

Shade assentiu em compreensão. Como uma vampira agora, a companheira de Wraith estava quase presa em casa durante as horas do dia, e Wraith não gostava de deixá-la desprotegida. Não que ela estivesse completamente indefesa. Eles tinham um túnel subterrâneo construído de sua adega que dava para um labirinto de cavernas com saídas próximas ao Harrowgate, e dentro de um mês, um levaria diretamente para o hospital.

— Como está o warg? — *E* perguntou.

— Nada bem. Shakvhan está trabalhando nele, mas ele será um sortudo se durar mais cinco minutos.

— Droga. — Eidolon passou a mão por seu cabelo. — Vou preparar uma sala de isolamento no caso de termos de receber mais. E até novo aviso, quero que todos os funcionários warg evitem o departamento de emergência e todos os pacientes warg.

— E eu irei informar os médicos warg que eles estão proibidos

de responder a qualquer ligação que envolve lobisomens. — Sombras tornaram-se vivas perto dos olhos quase pretos de Shade, contorcendo-se com raiva. — Essa era a última coisa que precisávamos agora.

— O problema do fantasma deve ser consertado em breve, então será uma coisa fora do prato.

— Bom. Esta manhã, ambas as ambulâncias tiveram os pneus furados.

Eidolon grunhiu em frustração. — E quase perdemos outro paciente porque seu respirador tinha sido desligado.

— Odeio fantasmas. — Shade cessou a visão para Sin, ainda sentada na cama, agora apalpando sobre um texto de medicina. Ele engoliu em seco, e as sombras em seus olhos acalmaram-se. — Aquela é ela?

Eidolon inclinou sua cabeça. — Ela está esperando há um tempo. Preciso agarrar a papelada dela.

— Acho que eu deveria dizer oi.

— Isso significa que você está disposto a dar um tempo para Lore?

Shade encarou. — Vou fazer o que tenho que fazer para proteger Ky, se você entendeu isso ou não.

— Deuses, Shade! Não é que eu não entenda...

Shade o cortou com um toque de desprezo de sua mão e seguiu em direção a sala onde Sin esperava. Eidolon o parou com uma mão em seu antebraço.

— Shade. Ela não é... ela não é o que você está acostumado.

Por um momento, Shade pareceu perplexo, mas gradualmente, sua expressão fechou. — Ela não é Skulk, você quer dizer.

Shade foi extremamente ligado as suas irmãs Umber, mas como único sobrevivente de uma chacina que matou os outros, Skulk era especial para ele. Agora havia um buraco dentro de Shade que *E* temia que ele tentasse preencher com esta nova fêmea, e Sin não parecia querer nada com seus irmãos recém descobertos.

— Apenas não espere muito.

Doze

Sin balançou os pés sobre a borda da cama como uma criança à espera de seus pais no escritório do diretor. Não que ela soubesse o que aquilo fosse. Ela e Lore foram educados em casa pelos avôs que deram mais ênfase ao trabalho físico do que os três Rs.

E o que diabos estava fazendo Eidolon demorar tanto tempo? Ela viera para a coisa da autópsia, e ele a fez esperar por - ela olhou para o relógio - uma hora inteira. Ela tinha praticamente todo o volume de Parasitologia Médica memorizado, e... eca.

Ela não tinha tempo para isso. Ela tinha um plano, e ela precisava colocá-lo em ação.

Deth ainda sentia a força da vida de Lore, o que significava que Idess não estava mentindo. Lore estava vivo. Então, ao invés de tentar ferir o anjo com o punhal Gargantua, ela estava indo marcá-la com a arma secreta de um assassino. Uma granada rastreadora que uma vez detonada contamina tudo no raio de vinte metros com uma substância que deixa um rastro facilmente seguido. Havia limitações e pequenas coisas que a fazia instável, perigosa, e muitas vezes não confiáveis em mãos inexperientes, mas Sin era um especialista, e nada tinha dado errado com uma de suas granadas. Não, o maior desafio era localizar os ingredientes e montar a coisa.

Depois que ela terminasse, ela teria que esperar o que era mais fácil dizer do que fazer. Ao contrário de Lore, Sin nunca foi paciente. Seu irmão faria um bom atirador, podia esperar dias para ter um perfeito, cirúrgico tiro; Sin preferia aparecer em uma situação com todas as armas, colocar todos para baixo, e deixar Deus e Satanás recolher as almas.

Cansada de esperar, ela pulou para fora da cama. Ela caçaria

Eidolon, se ela tivesse que fazer isso. A porta se abriu antes que ela chegasse nela, e um Seminus vestindo um uniforme preto de paramédico entrou, com seu cabelo escuro, expressão severa, e ombros largos, ele parecia uma mistura entre Eidolon e Lore.

— Você deve ser outro irmão — ela murmurou.

— Shade.

— Ótimo. Prazer em conhecê-lo. Agora, se você não se importar, eu tenho que ir.

Ele pareceu um pouco surpreso, mas sua expressão fechou enquanto ele bloqueava a porta. — Eidolon estará aqui em um minuto. Ele foi pegar o relatório que você está esperando.

Ela soltou um suspiro frustrado. — Eu já estive esperando por uma hora.

— Ele teve de lidar com algumas emergências, mas ele está indo pegá-lo agora. Realmente.

— Tudo bem. — Ela cruzou os braços sobre o peito e encarou-o.

Ele a encarou também.

— Bem? — ela retrucou. — Você vai ficar parado aí o dia todo? Você não tem que ir para algum lugar?

— Acabei de terminar meu turno. — Ele cavou no bolso da camisa e tirou um pacote de chicletes. — Imaginei que deveríamos nos conhecer.

Sin fez um gesto para a porta. — Okay. Nós nos encontramos. Tchau, tchau. — Shade parecia completamente perdido. — Por que você não foi embora ainda?

— Por que você está agindo assim?

Deus, o que há com esses caras? — Porque eu só quero ficar sozinha, ok? É tão difícil de entender?

Ele levantou uma sobrancelha. — Não, na verdade. Mas talvez se você começasse a nos conhecer...

— Eu não quero! — ela o empurrou para fora do caminho e abriu a porta, a necessidade de fugir da pressão esmagadora da súbita

família. — Basta ficar longe de mim. Eu vivi mais de cem anos sem você, e eu certamente não preciso de você agora.

Ela não precisava de ninguém. Ela aprendeu há muito tempo que ela não podia contar com ninguém, sem ser ela mesma. Nem mesmo Lore. Ele a deixou quando ela mais precisava dele, e embora ela entendesse por que ele fizera isso e soubesse que ele estava tentando fazer as pazes com ela, alguma parte dela apenas não poderia baixar totalmente seus escudos defensivos e deixá-lo voltar com tudo.

Confiança, como o seu velho mestre costumava dizer, era má e traiçoeira. E ele sabia. Ele a tirara das ruas quando ela estava vulnerável, a fez confiar nele, e então ele a forçou a fazer... coisas. Ele se aproveitou de sua capacidade de matar e sua necessidade de sexo, e ele os usou até que sua alma tivesse encolhido.

Mesmo antes de ele chegar a sua vida, a confiança a fez acreditar que sua mãe iria amá-la. Ela não tinha. Fizera Sin pensar que os avôs sempre estariam lá para ela. Eles morreram. Fizera acreditar que Lore iria cuidar dela. Ele a abandonou.

Ninguém iria abandoná-la nunca mais.

Exceto, que realmente não era mais verdade, era? Ela chegou perto de deixar Lore de volta, mais perto do que ela pensou ser possível. E agora ele se foi. Claro, não era lógico culpá-lo desta vez, mais do que ela deve culpá-la pelos avôs morrerem. Mas a lógica nunca foi seu ponto forte.

Ela afastou-se de Shade, seu coração batendo forte e esperando que ele não fosse segui-la. O problema era, ela não sabia onde estava indo. Ela veio através do Harrowgate, mas ela não se lembrava do caminho e quando ela estava assustada, seus sentidos embarçavam. Ela não podia sentir o portão de jeito nenhum.

Uma saída pairava à frente, duplas portas de correr. Rapidamente, ela escorregou através delas e encontrou-se em um estacionamento subterrâneo que não parecia ter uma saída. Inacreditável. Depois de passear por alguns minutos, ela desistiu, mas não havia jeito dela voltar para dentro do hospital. Ainda não. Ela só precisava de alguns minutos de paz e tranquilidade, sem irmãos irritantes observando cada movimento seu.

Os eventos dos últimos dois dias tomaram muito sobre ela, e embora ela pudesse usar um litro do rogtut caseiro de Lore e uma

semana de soneca, ela imaginou que o melhor que ela tinha agora era poucos minutos escondendo-se, afastada. Exausta, ela afundou na calçada ao lado de uma ambulância preta.

Ela não estava lá por mais de trinta segundos quando ouviu passos. Gemendo, ela enterrou a cabeça entre as mãos.

— Vai embora, Shade...

— Não é Shade. Conall.

Assustada, ela levantou a cabeça, e não, o cara lá definitivamente não era seu irmão. Era o paramédico vampiro mais extremamente quente que ela já viu e em todo o warg que ela matou. Com os olhos prata e cabelo loiro de areia. Senhor Personalidade.

— Você está bem? — ele perguntou rispidamente.

— Ah... sim.

— Então por que você está se escondendo na minha ambulância?

— Eu não estava me escondendo. Eu estava descansando.

— Em um estacionamento. — Ele deu-lhe um olhar seco. — No chão.

Ela ficou de pé. — Todo pessoal médico tem aulas sobre como ser detestável? Porque eu pensei que talvez fosse uma coisa de irmão, mas eu estou começando a pensar que é uma coisa médica.

— Você tem um inferno de um chip em seu ombro, não é? — o vampiro abriu a parte de trás da ambulância e jogou um saco de nylon por dentro.

Sin franziu o cenho. — Você nem ao menos me conhece.

— E deixe-me adivinhar — ele disse, soando totalmente entediado. — Esse é o jeito que você gosta.

— O quê, você é psíquico ou algo assim?

Ele riu, um som profundo e melodioso que tocou para ela. — Eu tenho mais de mil anos. Eu já vi tudo. Vocês, queridinhas, não são novidade. — No que deve ter sido uma expressão indignada no rosto dela, ele riu novamente. — Vamos lá. Certamente você não pode

pensar que você é a única mulher por aí que teve uma vida difícil, teve seu coração pisado, foi mantida em um calabouço durante três séculos, blah, blah, escolha o seu trauma, e agora está passando por aí com toda essa raiva reprimida que você derrama como ácido sobre todos os que tentam conhecê-la. — Ele estreitou seu olhar para ela. — Quão perto eu estou?

A boca de Sin abriu, mas nada saiu. Ela finalmente a fechou para evitar a aparência de um peixe engasgando na margem de um rio.

— Isso foi o que eu pensei. — Ele fez um gesto espantando-a com a mão. — Agora, vá embora ser cáustica com alguém que se importa. Oh, espere, ninguém se importa, não é? Porque você não deixa...

Ela bateu com força, querendo quebrar aquele nariz perfeito. Ele pegou o pulso dela quando os nós dos dedos estavam perto de seu rosto. Ele não piscou, a única parte de seu corpo que havia mudado como um raio foi o seu braço. Mostrando suas presas, ele se inclinou sobre ela de modo que seus narizes quase se tocaram. — Nunca mais tente isso. Você não tem ideia do que eu sou capaz.

— O mesmo, idiota. — Ela deveria abrir seu presente e dar-lhe alguma doença vampíresca horrível. Vamps poderiam estar mortos, mas isso significava que eles sucumbiam ainda mais rapidamente. Ela não tinha certeza de como isso funcionava, mas acontecia. Exceto... a mão dele era quente. Seu corpo era quente. Ele não era um vampiro. Pelo menos, ele não era um vampiro morto.

— Vá embora. — Ele lançou-a com um empurrão. — Eu tenho coisas melhores a fazer do que treinar com uma menina que precisa de uma boa surra.

Oh, ela ia mostrar para ele quem ia ser espancado. Enquanto ele se afastava, rejeitando-a com nada mais do que um curto aceno de cabeça, ela varreu a perna para fora, pegando-lhe nos joelhos, e quando ele perdeu o equilíbrio, ela girou, batendo nas costas dele com o seu outro pé. Ele caiu, mas ela nem sequer teve tempo para sorrir com a sua vitória, porque ele estava em pé num flash, e de repente ela estava presa ao lado da ambulância. O rosto de Conall era uma máscara de fúria fria, com os olhos vidrados como geada. — Com essas marcas, eu estou supondo que você está aqui em alguns negócios relacionados com os irmãos Sem, é por isso que eu não vou drená-la aqui, agora. Mas foda comigo de novo, e eu vou ter o meu primeiro gosto de sangue Seminus. — O antebraço dele estava em sua garganta,

a outra mão prendendo seu braço contra seu lado, e seu corpo largo segurava-a para que ela não pudesse se mover.

Mas ela não pôde deixar de notar os longos e exuberantes cílios que emolduravam seus olhos inteligentes e ferozes. E a inclinação dura e masculina de sua mandíbula. Depois, houve a promessa de sexo primitivo que transbordava por todos os poros, uma promessa que ela não tinha dúvida de que ele pudesse cumprir.

Algo em seu estômago começou a mexer, movendo-se mais lentamente quanto mais tempo ela olhasse para ele. Merda. Seus hormônios estavam agindo, bem no horário. Se ela não conseguisse uma dose diária de sexo, ela se tornaria extremamente doente. Era possível, ainda, que ela pudesse morrer. Ela apenas nunca teve tempo suficiente para saber se esse era realmente o caso.

Esta manhã, ela estava demasiadamente distraída ou em demasiada pressa para subir na cama com um dos assassinos que ela fazia, e ela pagava por isso agora, como seus hormônios em fúria estavam bastante felizes em deixá-la saber. Mas uma coisa que ela aprendeu ao longo dos anos foi que seus hormônios não atingiam só ela. Eles também eram bons para atrair os machos... e ajudá-la a sair de situações ruins com eles.

— Você quer me provar? — ela ronronou, e sua cabeça foi jogada para trás. Bem, bem.

Os olhos dele se estreitaram. — O que você está jogando?

— Eu? — ela perguntou inocentemente. — Nada.

O olhar dele varreu o rosto dela antes de cair mais para baixo, para a garganta exposta dela. A fome na expressão dele fez com que seu pulso acelerasse. E quando ele a empurrou de volta, apenas o suficiente para deixar seu olhar descer um pouco mais para baixo, para os seus seios, sua pulsação triplicou.

Ela não tinha certeza o que poderia ter acontecido depois, e ela nunca saberia, porque ela ouviu passos pesados. Quando ela virou a cabeça, havia outro macho enorme em um uniforme paramédico perto da parte traseira da ambulância. Sua expressão era tão escura quanto seu cabelo desganhado.

— Conall, cara, o que você está fazendo? O turno ainda nem começou e você já está pulando em cima das fêmeas. E nos alertou sobre sexo em público. Leve-o em consideração.

Sin bufou. — O que faz você pensar que vai ter sexo? Eu estava prestes a chutar o traseiro desse cara. — Conall havia afrouxado seu controle, permitindo que ela se espremesse livre e empurrasse-o para longe. O barulho que ele fez a seguiu enquanto ela empurrava o médico de cabelos escuros e se dirigia para a entrada do hospital.

Ela podia não querer ver seus irmãos, mas era melhor eles do que um vampiro com sinais de vida questionáveis que, por alguma razão, a fazia se sentir viva quando tudo o que ela queria era permanecer morta.

Treze

Lore não pensou que ele jamais desfrutaria de uma ducha. Claro, não havia sido aprisionado por tanto tempo, mas no geral se banhava duas ou mais vezes ao dia, e não fazê-lo o colocava de mau humor.

Pelo menos não podia mais ouvir Idess gritar.

Ele a limpou e prontamente se dirigiu ao banho, fazendo caso omisso das suas maldições, ameaças e as ordens para deixá-la ir. Ela se acalmou por um tempo. Mas depois de meia hora no banho se colocou em luta outra vez, o suficientemente forte para que ele pudesse escutar seus gritos de, — Lore, maldito seja! — inclusive sobre a ducha de água.

— Estarei contigo em seguida Comida de Anjo — gritou, e se preparou para sua resposta furiosa.

Não o decepcionou, e embora não pudesse escutar exatamente o que disse, o tom deixou bem claro que não era nenhum elogio. Ela disse algo mais, algo que soava com *levantar uma rocha*, o que na realidade o fez rir. Não tinha dúvidas que gostaria de lhe dar com algo duro na cabeça.

E provavelmente o faria depois que ele eliminasse Kynan.

A ideia o colocou sério. A vida de Sin estava em jogo, mas também estava o futuro de Idess. Não deveria se importar. Preocupar-se com ela colocaria as coisas más. Como matá-la acidentalmente, agora que não usava as Algemas Braken. Ou como considerar não bater em Kynan.

Foda. Ele não matar Kynan já disparava através do seu cérebro. Não é como se não fosse fazer. O faria. Mas talvez pudesse adiar, enquanto Idess tentava averiguar quem ordenou o golpe.

Adiá-lo seria uma estupidez. O atraso sempre dava lugar que a merda saísse mal no último minuto. Sempre. Mas talvez ele pudesse...

Sempre.

Mas...

Sempre.

Maldita seja! Lançando as maldições mais sujas que lhe ocorriam, fechou a água e se secou com uma toalha. Detestava ter que se vestir com a mesma roupa, mas era melhor que nada, e enquanto ajustava as calças, Idess fez um ruído estranho.

— Idess? — por um segundo não escutou nada. Mas nesse instante, as palavras que dissera antes, infiltraram em sua cabeça. *Levantar uma rocha.* Olhou seu relógio. Três da tarde, hora de Nova York.

Três da tarde. Não levantar uma rocha.

Foda!

— *Lore!* — sua dor perfurou em seu cérebro enquanto voava através da porta do banheiro tão rápido que a arrancou das suas dobradiças. O pesadelo que o saudou o levou a parar com mais eficácia do que se houvesse se chocado contra um muro.

Idess... na cama... um punhal Gargantua enfiado em seu ombro. Sin estava de pé na porta do quarto, preparando-se para deixar cair uma chuva de punhaladas sobre ela.

— Não! — se jogou para cobrir Idess. Uma dor instantânea e ardente começou em seu pescoço e caiu como uma pedra sobre a cama, se retorcendo para evitar esmagá-la. O sangue salpicou ao seu redor, e levantou uma mão trêmula na garganta. Sabia o que ia encontrar.

Os golpes de faca de Sin.

Seu grito superou os golpes bruscos de seu pulso em seus ouvidos. Sin não gritava. Isso não era bom. Sua visão e audição desbotaram dentro e fora da sua cabeça e, logo depois supôs que era sua irmã ali, as lágrimas corriam por seu rosto.

Ela apenas não chorava também.

Isso era muito pior que mal.

— Sinto muito, Lore, oh meu Deus, sinto muito!

— Hospital... Idess... também — piscou, mas suas palavras se afogaram em um rio de sangue.

— Está bem. Está bem. Apenas fique quieto. — O fato de que Sin aceitava de boa vontade significava que era pior do que pensava.

— Me solta! — o tom de Idess era uma ordem que devia ter erçado os pêlos de Sin. — Posso transportá-lo ali.

Sin não duvidou. Ele escutou o ruído de correntes e a ação seguinte que sabia era que estava estendido no asfalto do estacionamento do Underworld General.

Idess estava de joelhos ao lado dele, sua mão em seu ombro. — Não posso tele-transportar dentro do edifício — ela disse, com a voz trememente, — e é muito pesado para carregar. Já volto.

Ele não tinha forças para discutir. A vida que ela tivera que ter protegido estava se drenando no asfalto. Provavelmente não deveria ter se importado muito, mas apesar de não merecer que seus irmãos o salvassem, ele realmente esperava que o fizessem.

* * * *

Idess correu para as portas corrediças da emergência tão rápido que tropeçou em seus próprios pés em duas ocasiões. A dor em seu ombro não era nada comparada com a agonia que chegava aos cílios pelo *heraldi* de Lore. Estava morrendo.

Chorando, ela sustentou o punhal que sobressaía de seu ombro enquanto corria. O sangue infiltrava-se entre os dedos e caía no chão, mas ela não se importava. Ela chegou até o hospital, e no mesmo instante o pessoal médico se adiantou para ela, mas ela fez um gesto selvagem para o estacionamento.

— Lá fora. O irmão de Eidolon. Busquem-no. Depressa! — ela não permitiu que ninguém ficasse ao seu lado até que Lore fosse levado em uma maca, um frenesi de atividade o rodeava. Ela não entendia muito do jargão que o pessoal usava, mas seus tons e orações curtas diziam que era mal.

Por outro lado, tudo o que precisava fazer era olhar a pele

cinzenta de Lore e os olhos vidrados enquanto era levado para uma sala de trauma para sabê-lo.

— Chamamos Eidolon e Shade. — Uma enfermeira guiou Idess para outra sala com uma mão peluda em seu cotovelo. — E seu braço foi envolvido para evitar qualquer acidente.

— Bom. É... espera. — Idess parou. — Acidente? Com seu braço?

— Como disse, o envolvemos. Não tem necessidade de se preocupar. Todo o pessoal tem sido informado de sua condição.

— E que condição é essa?

— Você não sabe? — as sobrançelas da enfermeira imergiram um profundo franzido. — Qualquer pessoa que entra em contato com seu braço direito morre instantaneamente.

Idess se lembrou de quando disse que não tocasse seu braço quando ela o limpava... era essa a razão?

— Agora vamos cuidar de você. Esse punhal não vai sair por conta própria.

— Não. — Idess se afastou da enfermeira Slogthu cuja mordida e partes de pele a faziam parecer como um buldogue magrelo. — Tenho que me assegurar que Lore está bem.

— Será melhor que assim seja. — Sin saiu do Harrowgate e se dirigiu para ela. — Isso é por sua culpa.

— Teu punhal está na sua garganta — assinalou Idess. — Não os meus. E eu o trouxe aqui para ajudá-lo.

Os punhos de Sin se fecharam em seu lado. — Apenas reze para que Lore consiga.

Sin sentou-se em uma cadeira e olhou fixamente a sala onde o pessoal estava trabalhando freneticamente em Lore. Ele estava imóvel na maca, o sangue se acumulava no chão debaixo dele. Um técnico pressionava o conteúdo de uma bolsa intravenosa nele através de uma linha no braço esquerdo. Outro forçava o ar em seus pulmões através de uma máscara e um balão.

Por favor, Deus, deixa-o viver. Uma oração inútil, sem dúvida,

uma vez que ele era um demônio, mas a impotência e o terror a deixaram desesperada para tentar qualquer coisa. Por favor, não me deixe perder outro Primori. Isso era sua principal preocupação. Ele era um Primori, e se o perdesse, ela nunca chegaria ao céu e ganharia suas asas.

Preocupa-se apenas porque ele é seu Primori.

A mentira sentou-se em seu peito como um elefante, especialmente quando um dos médicos deu um passo para trás para pegar algum tipo de instrumento de metal e viu a mão de Lore pendurada sobre a borda da maca. Era a mesma que usou para tocá-la. Para dar prazer. E agora pendurava vazia e sem vida, manchada de sangue.

O peito de Idess se apertou. *Por favor, não morra...*

Seu *heraldi* gritou de dor, como se alguém estivesse tentando tirar algo dela com uma faca. As dores insuportáveis faziam que o empalamento de sua própria faca parecesse nada mais que uma picada de inseto.

Não morra! Ela pensou profundamente no dom que não devia usar, ele que tinha poder para curar ou matar, e ela não sabia o que faria. Mas se Lore precisava morrer de todas as formas, assim que ela podia prová-lo e esperar um resultado positivo...

Eidolon apareceu rapidamente pelo Harrowgate. Graças a Deus. Se alguém podia salvar Lore, seria ele. Tinha o cabelo bagunçado e a camisa para fora e somente metade abotoada, e apenas olhou em sua direção enquanto corria para a sala. Imediatamente sua *dermoire* acendeu-se e gritava ordens, chamando uma sala de operações.

Eidolon saiu da sala com Lore, diminuindo a velocidade tempo o suficiente para dizer a Sin. — A mantereí informada.

Catorze

Sin não podia esperar. Não podia ficar sentada sem fazer nada a não ser rosnar para a equipe do hospital enquanto seu irmão estava deitado moribundo em uma mesa de operação.

Bile se acumulou na garganta de Sin, amarga e cáustica, porque o que aconteceu a Lore não era inteiramente culpa de Idess. Mas nesse momento, Sin não estava preparada para levar qualquer culpa. Agora? Tente nunca, se Lore morresse.

Picadas venenosas de raiva pinicaram sua pele. Ela não entrava em fúria como Lore quando ele não tinha orgasmos suficientes durante um dia, mas ela ficava irritada e doente se ela não se cuidasse, e ela tinha uma tendência de estourar com bem pouca provocação. Isso certamente não ajudaria seu irmão, e poderia possivelmente tornar as coisas piores se ela irritasse um membro errado da equipe.

Os sinais de aviso serpenteavam por ela, de sua pele ardendo aos músculos que pareciam esticados ao ponto de estourarem se ela não fizesse algo para soltá-los. Ela podia foder algo ou matar algo, e de qualquer forma ela conseguiria a liberação que ela precisava.

Ela olhou Idess. Matá-la definitivamente ativaria a válvula de escape de Sin. Pena que ela não podia fazê-lo, e não por causa do feitiço Haven. Lore levou um golpe por essa vagabunda por alguma razão, e até Sin descobrir a razão, Idess iria manter sua cabeça.

Então, quando Idess finalmente permitiu que os médicos tratassem seu ferimento à faca, Sin fugiu, tentando superar sua raiva, seu medo, e seus pensamentos. Ela não sabia onde ela estava indo, mas qualquer lugar seria melhor do que estar sozinha em sua própria

cabeça.

Talvez o hospital tivesse uma academia, onde ela pudesse bater o inferno em um saco de pancada. Ou um pub, onde ela podia bater o inferno em seu fígado.

Ela correu mais rapidamente. Cegamente. Ela precisava ir para *algum lugar*.

Antes que ela chegasse lá, ela deu de cara com Conall. Literalmente. Ele colidiu com ela quando ele saiu de um cômodo que, quando ela deu uma olhada dentro, parecia com um consultório de dentista. E com certeza, a placa na porta confirmava. *Dentistas demônios*? Seus irmãos pensaram em tudo, não é?

— Ei. — Conall pegou seu cotovelo e a fez parar. — Você está bem?

— Para — ela estourou. — Apenas pare! Eu não preciso da preocupação deles ou de qualquer um.

— Opa. — Conall ergueu suas mãos e deu um passo para trás. — Quanta agressividade.

Ela tentou desenterrar um núcleo de culpa por ter estourado com ele, mas ela havia se treinado muito bem para sentir esta emoção. Bem, isso não era verdade. Ela sentia, mas em grande parte manifestada como uma dor física em seu braço mortífero. E este cara não valia a cicatriz.

Sob qualquer outra circunstância, no entanto, ele valeria a pena uma olhada saudável. Homens de uniforme nunca chamaram sua atenção, mas algo sobre a maneira que ele preenchia sua roupa de paramédico chamava muito sua atenção. Desde a gola alta preta embaixo de sua camiseta preta do uniforme, até sua calça cheia de bolsos que ficava ótima nele, e enormes botas de combate, ele era uma parede sólida de gostosura. Algo dizia para ela que ele era tão bom em seu trabalho quanto ele era em... tudo.

— Por que você está aqui? — ela perguntou, sem se incomodar em disfarçar a sua irritação.

Conall ergueu uma sobrancelha. — Eu trabalho aqui.

Bem, dá. Mas ele não estava exatamente chateado em vê-la, como ele havia estado no estacionamento. — E?

Um sorriso tímido acendeu em seu rosto, expondo presas sexys. — E talvez eu estivesse esperando te encontrar.

Ela rosnou. — Eu sabia. Eidolon provavelmente pediu para você manter um olho em mim. Ou me conhecer ou alguma merda assim. — Ela espetou o seu *muito* muscular peito com um dedo. — Bem, foda-se você e foda-se ele. E Shade. E Wraith. Eu não quero ter nada a ver com você ou eles ou este hospital, e eu com certeza não quero conhecer nenhum de vocês.

— Eu não quero te conhecer. — A mão de Conall se fechou ao redor dela, e um choque instantâneo de luxúria cintilou com o contato. — Eu quero te foder.

— Oh. — *Oh*. Bem, assim era melhor. Seu sangue esquentou, mas neste ponto, isso não seria muito difícil. Ela estava desejando sexo, e quanto mais ela olhava para Conall, mais ansiosa ela ficava. Isso poderia muito bem ser a distração que ela precisava de seus pensamentos e medos sobre tudo que poderia dar errado na sala de operação. Mas Sin estreitou seus olhos para ele, porque nada aqui parecia ser simples. — Você promete que é só isso que você quer?

Seu olhar a queimou enquanto ele corajosamente encarava seu corpo de cima a baixo. — Eu juro que eu só quero entrar nas suas calças.

Que alívio. Finalmente, alguém neste maldito hospital que não queria conhecê-la ou entrar em seu coração ou em sua cabeça. — Bem, neste caso... — Ela agarrou sua mão e o arrastou pelo corredor, imaginando que ela poderia encontrar um cômodo confortável, mas ele a parou abruptamente do lado de fora da porta de um almoxarifado.

— Aqui dentro — ele disse, empurrando-a para dentro com ele. — Ninguém nunca vai olhar aqui.

Em um instante ele a tinha contra uma parede, sua boca na dela e sua coxa entre suas pernas. Seus lábios eram macios, mas seu beijo era duro, e ele tinha gosto de conhaque e café escuro e exótico. Beijar não era o seu ato favorito, mas Conall exercitava sua língua e presas como armas eróticas que penetravam suas defesas com uma facilidade incrível.

Ele apalpou seu seio, e um gemido escapou dela. Deus, ela nunca gemia, ela sempre foi silenciosa em suas paixões. As suas necessidades sexuais a controlavam, mas ela se recusava a dar qualquer controle a

mais para os machos com quem ela dormia. Determinada a tomar o comando, ela deixou sua mão cair até a braguilha de Conall e apalpou sua ereção. Oh, meu. Isso iria ser *bom*.

Umidade inundou seu sexo enquanto seu sangue se esquentava ainda mais. Conall estava apenas tornando tudo pior ao arrastar seus lábios pelo seu pescoço, mordiscando e beijando enquanto ele massageava seus seios e balançava sua perna contra seu núcleo.

— Eu nunca fiz em um almoxarifado. — Sua voz estava rouca e baixa, pulsando com a mesma excitação que agora fazia seu caminho até o meio de suas pernas.

Seu sorriso fez cócegas em sua clavícula. — Estas salas veem bastante ação. Apesar de que não tanto agora que os irmãos Sem estão com parceiras. — Ele congelou. Seu olhar voltou para ela repentinamente. — Espera. Quem eles são para você? Primos? Amigos?

— Cuzões.

— Sim, mas como você os conhece?

Ela se contraiu frustrada. — Eles são meus irmãos. Nós podemos voltar para aquilo?

— Irmãos? — ele xingou. Afastou-se. — Nós não vamos fazer isso.

O corpo inteiro de Sin ficou com câimbras pelo contato perdido. Ficar excitada assim e ter isso tirado de você levava a dor e sofrimento, e de maneira nenhuma, ela iria deixar este idiota provocá-la e deixá-la. — Nós *vamos* fazer isso. — Ela agarrou seu colarinho e forçou-o de volta até ela.

Suas mãos subiram para arrancar as dela. — Não. Nós não vamos. Aqueles caras são hiper protetores. Uma vez, um cara da limpeza tentou seduzir a irmã do Shade, Skulk, e... vamos apenas dizer que o cara ainda anda mancando. Tenho bastante certeza que ele não tem mais a língua também. Não sei, porque ele não fala mais.

— Droga. — Sin arrancou sua blusa e seu jeans. — Eles não me conhecem, não gostam de mim, e eles não têm voz no que eu faço. — Ela abaixou sua calça, e também a calcinha e saiu dela, amando a maneira como os olhos de Conall se escureciam da cor de prata de lei para um ferro forjado apesar de sua paranoia repentina.

Conall engoliu. Umas duas vezes. — Não.

Pelo menos a convicção desapareceu de sua voz. Mesmo assim, ele se afastou na direção da porta. — Não faça isso vampiro — ela avisou. — Ou o que quer que você seja.

— Eu tenho que ir. — Sua mão desceu na maçaneta.

— Abra, e eu direi para eles que você tentou me estuprar.

Ele sibilou. — Você não faria isso.

— Tente-me. — Seu corpo estava doendo. Quente. Tão quente que ela não podia nem mesmo se sentir mal a respeito da ameaça que ela acabara de fazer. Xingamentos desagradáveis saíram da boca de Con. — Sua cadela.

— Ei, *you* se aproximou de *mim*. Me deixou toda animada. Você precisa trabalhar no seu acompanhamento.

— Oh — ele começou, em um tom rouco, — eu não tenho problemas com acompanhamentos. Eu tenho um problema é com os seus irmãos e o que eles farão com as minhas bolas se eles descobrirem que eu fodi você como um animal em um maldito almoxarifado.

— Um animal? — as imagens dele tomando-a com força e duramente preenchia sua cabeça e na verdade fez ela até suar um pouquinho. — Sério? — ela estava orgulhosa da maneira que ela não soou esperançosa.

— O quê? Você é do tipo amar com carinho? — ele fungou. — Não estou acreditando.

Ela nunca tivera sexo amável e amoroso, então não, ela não era o tipo. Até mesmo o mais legal de seus mestres nunca foram gentis demais, e os parceiros sexuais que ela escolhia para si nunca a machucaram, mas também nunca fingiram que ela era nada a mais do que uma transa. E ela não queria que eles quisessem, porque eles não eram nada a não ser uma transa para ela também.

— Eu definitivamente não sou o tipo — ela disse. — Então vamos fazer o negócio animal. Ou você é muito medroso?

Um rugido decididamente parecido com um lobo irrompeu em seu peito. — Não me teste, fêmea.

Seu queixo subiu, e ela disse clara e distintamente. — Medroso.

O rugido intensificou-se. — Você tem muita sorte que a maré da lua não excitou o meu sangue ainda.

— *Có, có.*

Seu controle se partiu como um mastiff inglês[1] amarrado por uma corda de pipa. Ele deixou sair um rugido e foi em sua direção, e oh, uau... a verdade a atingiu antes que o corpo dele atingisse. Maré da lua. Rugido de lobo. Presas de chupar sangue, mas era sangue quente.

Ele *era* um vampiro, mas ele também era um warg. Ele era um dampiro, um raro cruzamento entre um vampiro e um lobisomem. Tão raro, de fato, que sua existência era pensada por muitos como sendo um mito.

Conall a pegou pelos ombros, a virou, e a colocou contra a parede para que seu peito estivesse quente contra suas costas e sua ereção estivesse dura contra a abertura de seu traseiro.

— Eu te avisei — ele falou roucamente em seu ouvido. — Saiba disso: eu não irei fazer sexo com você porque você me atormentou com xingamentos infantis. — Ela escutou o inconfundível raspar suave de um zíper, e então sentiu o calor escaldante de seu pênis na pele nua de seu traseiro. — Eu irei te foder porque você precisa de uma boa surra.

Ela engasgou de indignação, e ficou sem fôlego de prazer enquanto ele se empunhava dentro dela. Seu núcleo se pressionou ao redor dele, e ela apertou seus dentes. Ela não iria fazer outro som, não iria dar a ele a satisfação de saber que ele poderia afetá-la desta maneira.

De novo, hábito. Hábito nascia da humilhação, do conhecimento de que ela era uma criatura nojenta, horrível, maléfica que chegava ao clímax apenas quando o seu parceiro chegava. Qualquer parceiro. Sob quaisquer circunstâncias. E se isso não fosse a coisa mais fodida existente, ela não sabia o que era.

A respiração de Conall abanou seu ouvido enquanto ele empurrava para dentro dela, seu ritmo era selvagem e bruto. Até mesmo sua aderência nos quadris era feroz enquanto seus dedos a apertavam.

— Me morda. — O comando deslizou para fora antes que ela pudesse reprimi-lo. Ela nunca permitiu que seus parceiros vampiros a mordessem, mas quando ela conseguiu juntar as palavras para pará-lo, era tarde demais.

Suas presas penetraram em seu pescoço, e uma dor doce, abençoada e extasiante a percorreu. Conall deixou escapar um gemido apreciativo, e suas investidas se tornaram mais profundas, com mais força, trazendo-a a beira do êxtase, mas ela não podia cair até que ele gozasse.

— Por favor — ela sussurrou. — Agora.

Ele desengatou suas presas dela e lambeu a mordida antes de dizer em uma voz grossa de luxúria, — eu quero te satisfazer antes de eu gozar. — Sua mão se esticou ao redor dela, e ele roçou um dedo por cima de seu clitóris inchado.

— Não posso... não posso... até... — Oh, Deus, isso era bom. — Até que você faça.

Sua mão apertou com mais força a sua cintura. — Sêmen é um gatilho para você?

Quando ela assentiu, porque a habilidade de falar havia abandonado-a, ele começou um novo e frenético bombeamento que acompanhou um rugir de liberação. Sua semente quente borrifou dentro dela, o combustível que seu fogo requeria, e ela se juntou a ele em um clímax feroz.

Eles caíram juntos contra a parede, o peso dele em cima dela só a poucos centímetros de esmagar. Mas era um bom peso, o tipo que ela nunca gastou tempo para aproveitar. Ela podia apenas suportar ser tocada dessa maneira por pouco tempo.

Logo que ela recuperou sua respiração, ela alcançou seu limite para contato íntimo. — Saia de cima de mim.

— Sua gratidão me impressiona — ele disse sem emoção, mas ele se afastou.

— Eu deveria estar grata por você ter me fodido?

— Você é uma succubus, não é? Você precisa disso, certo? Algum tipo de imperativo biológico? — ele enfiou seu pênis semi-rígido de volta em suas calças.

— Ah. Então você se rebaixou para me servir de bondade de seu coração. Que bom. Então sim, obrigada por realizar este ato tão desagradável. Eu ficarei para sempre em dívida. — Ele riu. — Você conseguiu orgasmo e sangue. Eu diria que você conseguiu mais do que eu.

— Você está certa. — Ele piscou, e a suspeita surgiu. Ela teve uma sensação repentina que ele havia conseguido ainda mais do que um momento de prazer e sustento. — Isso permanece entre nós, certo?

— Contanto que você não me irrite — ela disse enquanto colocava a calça. — Você vai me irritar?

Ele deu um sorriso predatório. — Cada chance que eu tiver. — Com isso, ele se foi, e mais uma vez, ela estava sozinha com seus pensamentos, e loucamente, ela se sentia mais sozinha do que nunca.

* * * *

Conall encontrou Luc na parte traseira aberta da plataforma, sentado no degrau devorando um sanduíche de rosbife bem mal passado. Tão mal passado que sangue escorria no concreto. Con estava tentado a olhar ao redor para procurar pela vaca de onde o sanduíche viera, porque certamente ela deveria estar por perto.

— Shade te alcançou? — Luc perguntou.

Merda. O Sem já sabia que Con havia ficado com sua irmã? — Não. Por quê?

— Outro warg foi trazido no Médico Dois na última corrida.

Médico Dois era a ambulância de Shade com seu parceiro, um Anjo Falso chamado Blasfêmia. — Igual aos outros dois?

— Sim. Shade quer todos os médicos warg longe das chamadas para todas as emergências warg.

Conall xingou. Ele esperava que estes casos fossem isolados, mas era melhor ele informar o Conselho Warg o quanto antes. Como um membro do Conselho, o único representante dos dampiros e o único membro empregado pelo hospital, era o dever dele alertá-los diante de problemas em potencial. Não que eles prestassem atenção a qualquer coisa que ele dissesse. Na hierarquia warg, os dampiros mal ranqueavam acima dos recém transformados wargs, e isso era somente porque havia tão poucos dampiros que eles não eram ameaça de

forma alguma aos nascidos wargs.

— Então? O que aconteceu com a Sin? — Luc ergueu uma sobrancelha, e então a outra quando Conall tirou a calcinha de Sin de seu bolso e a revirou em seu dedo. — Maldito seja — ele disse. — Você a pegou.

Por alguma razão, a maneira que Luc falou tão casualmente, como se Sin fosse alguma qualquer que Conall pegara em um bar de vampiro, o incomodou. Provavelmente porque ele respeitava os irmãos Sem, e ele não podia passar muito bem por cima do fato que a irmã deles fosse uma foda barata, apesar de ter sido desta forma que ele havia a tratado.

— Sim — ele botou para fora, — eu a peguei.

— Onde? — Luc sempre queria os detalhes sórdidos.

— No almoxarifado. — Ele ergueu a mão. — Pague.

Luc fungou e alcançou sua carteira. — Eu realmente fui pego nesta, não é? — ele entregou quatro notas de cem e cinco de vinte.

— Sim, bem, você pode rir por último quando os irmãos Sem me alcançarem. — Con percorreu um polegar pelas notas. — Parece que ela é irmã deles.

— Cara. — Luc esticou a palavra e então assobiou, baixa e longamente. — Foi bom te conhecer.

Con podia cuidar de si mesmo, ele não estava muito preocupado apesar do que ele havia dito para Sin sobre manter suas bolas, mas ele gostava deste trabalho e não queria perdê-lo. Pelo menos, não até que ele ficasse entediado com ele. E ele ficaria. Ele sempre ficava. Em mil anos, não houve nada com a qual ele não ficasse entediado.

Ou ninguém.

— Então — Luc disse, — pelo menos terá valido a pena? Ser estripado pelo Shade, quero dizer. Ela era boa?

Seu corpo esquentou como se estivesse lembrando-se. E querendo novamente.

— Claro que eu fui.

Merda. Con se virou para encontrar Sin parada lá, mãos nos

quadris e fúria em sua expressão. Como uma criança pega roubando doce, ele escondeu o dinheiro atrás de suas costas.

Ela olhou para ele como se ele fosse um idiota e agarrou seu braço, trazendo-o para frente.

[1] Raça de cachorro.

Quinze

Sin não podia esperar. Não podia ficar sentada sem fazer nada a não ser rosnar para a equipe do hospital enquanto seu irmão estava deitado moribundo em uma mesa de operação.

Bile se acumulou na garganta de Sin, amarga e cáustica, porque o que aconteceu a Lore não era inteiramente culpa de Idess. Mas nesse momento, Sin não estava preparada para levar qualquer culpa. Agora? Tente nunca, se Lore morresse.

Picadas venenosas de raiva pinicaram sua pele. Ela não entrava em fúria como Lore quando ele não tinha orgasmos suficientes durante um dia, mas ela ficava irritada e doente se ela não se cuidasse, e ela tinha uma tendência de estourar com bem pouca provocação. Isso certamente não ajudaria seu irmão, e poderia possivelmente tornar as coisas piores se ela irritasse um membro errado da equipe.

Os sinais de aviso serpenteavam por ela, de sua pele ardendo aos músculos que pareciam esticados ao ponto de estourarem se ela não fizesse algo para soltá-los. Ela podia foder algo ou matar algo, e de qualquer forma ela conseguiria a liberação que ela precisava.

Ela olhou Idess. Matá-la definitivamente ativaria a válvula de escape de Sin. Pena que ela não podia fazê-lo, e não por causa do feitiço Haven. Lore levou um golpe por essa vagabunda por alguma razão, e até Sin descobrir a razão, Idess iria manter sua cabeça.

Então, quando Idess finalmente permitiu que os médicos tratassem seu ferimento à faca, Sin fugiu, tentando superar sua raiva, seu medo, e seus pensamentos. Ela não sabia onde ela estava indo, mas qualquer lugar seria melhor do que estar sozinha em sua própria cabeça.

Talvez o hospital tivesse uma academia, onde ela pudesse bater o inferno em um saco de pancada. Ou um pub, onde ela podia bater o inferno em seu fígado.

Ela correu mais rapidamente. Cegamente. Ela precisava ir para *algum lugar*.

Antes que ela chegasse lá, ela deu de cara com Conall. Literalmente. Ele colidiu com ela quando ele saiu de um cômodo que, quando ela deu uma olhada dentro, parecia com um consultório de dentista. E com certeza, a placa na porta confirmava. *Dentistas demônios*? Seus irmãos pensaram em tudo, não é?

— Ei. — Conall pegou seu cotovelo e a fez parar. — Você está bem?

— Para — ela estourou. — Apenas pare! Eu não preciso da preocupação deles ou de qualquer um.

— Opa. — Conall ergueu suas mãos e deu um passo para trás. — Quanta agressividade.

Ela tentou desenterrar um núcleo de culpa por ter estourado com ele, mas ela havia se treinado muito bem para sentir esta emoção. Bem, isso não era verdade. Ela sentia, mas em grande parte manifestada como uma dor física em seu braço mortífero. E este cara não valia a cicatriz.

Sob qualquer outra circunstância, no entanto, ele valeria a pena uma olhada saudável. Homens de uniforme nunca chamaram sua atenção, mas algo sobre a maneira que ele preenchia sua roupa de paramédico chamava muito sua atenção. Desde a gola alta preta embaixo de sua camiseta preta do uniforme, até sua calça cheia de bolsos que ficava ótima nele, e enormes botas de combate, ele era uma parede sólida de gostosura. Algo dizia para ela que ele era tão bom em seu trabalho quanto ele era em... tudo.

— Por que você está aqui? — ela perguntou, sem se incomodar em disfarçar a sua irritação.

Conall ergueu uma sobrancelha. — Eu trabalho aqui.

Bem, dá. Mas ele não estava exatamente chateado em vê-la, como ele havia estado no estacionamento. — E?

Um sorriso tímido acendeu em seu rosto, expondo presas sexys.

— E talvez eu estivesse esperando te encontrar.

Ela rosnou. — Eu sabia. Eidolon provavelmente pediu para você manter um olho em mim. Ou me conhecer ou alguma merda assim. — Ela espetou o seu *muito* muscular peito com um dedo. — Bem, foda-se você e foda-se ele. E Shade. E Wraith. Eu não quero ter nada a ver com você ou eles ou este hospital, e eu com certeza não quero conhecer nenhum de vocês.

— Eu não quero te conhecer. — A mão de Conall se fechou ao redor dela, e um choque instantâneo de luxúria cintilou com o contato. — Eu quero te foder.

— Oh. — *Oh*. Bem, assim era melhor. Seu sangue esquentou, mas neste ponto, isso não seria muito difícil. Ela estava desejando sexo, e quanto mais ela olhava para Conall, mais ansiosa ela ficava. Isso poderia muito bem ser a distração que ela precisava de seus pensamentos e medos sobre tudo que poderia dar errado na sala de operação. Mas Sin estreitou seus olhos para ele, porque nada aqui parecia ser simples. — Você promete que é só isso que você quer?

Seu olhar a queimou enquanto ele corajosamente encarava seu corpo de cima a baixo. — Eu juro que eu só quero entrar nas suas calças.

Que alívio. Finalmente, alguém neste maldito hospital que não queria conhecê-la ou entrar em seu coração ou em sua cabeça. — Bem, neste caso... — Ela agarrou sua mão e o arrastou pelo corredor, imaginando que ela poderia encontrar um cômodo confortável, mas ele a parou abruptamente do lado de fora da porta de um almoxarifado.

— Aqui dentro — ele disse, empurrando-a para dentro com ele. — Ninguém nunca vai olhar aqui.

Em um instante ele a tinha contra uma parede, sua boca na dela e sua coxa entre suas pernas. Seus lábios eram macios, mas seu beijo era duro, e ele tinha gosto de conhaque e café escuro e exótico. Beijar não era o seu ato favorito, mas Conall exercitava sua língua e presas como armas eróticas que penetravam suas defesas com uma facilidade incrível.

Ele apalpou seu seio, e um gemido escapou dela. Deus, ela nunca gemia, ela sempre foi silenciosa em suas paixões. As suas necessidades sexuais a controlavam, mas ela se recusava a dar qualquer controle a mais para os machos com quem ela dormia. Determinada a tomar o

comando, ela deixou sua mão cair até a braguilha de Conall e apalpou sua ereção. Oh, meu. Isso iria ser *bom*.

Umidade inundou seu sexo enquanto seu sangue se esquentava ainda mais. Conall estava apenas tornando tudo pior ao arrastar seus lábios pelo seu pescoço, mordiscando e beijando enquanto ele massageava seus seios e balançava sua perna contra seu núcleo.

— Eu nunca fiz em um almoxarifado. — Sua voz estava rouca e baixa, pulsando com a mesma excitação que agora fazia seu caminho até o meio de suas pernas.

Seu sorriso fez cócegas em sua clavícula. — Estas salas veem bastante ação. Apesar de que não tanto agora que os irmãos Sem estão com parceiras. — Ele congelou. Seu olhar voltou para ela repentinamente. — Espera. Quem eles são para você? Primos? Amigos?

— Cuzões.

— Sim, mas como você os conhece?

Ela se contraiu frustrada. — Eles são meus irmãos. Nós podemos voltar para aquilo?

— Irmãos? — ele xingou. Afastou-se. — Nós não vamos fazer isso.

O corpo inteiro de Sin ficou com câimbras pelo contato perdido. Ficar excitada assim e ter isso tirado de você levava a dor e sofrimento, e de maneira nenhuma, ela iria deixar este idiota provocá-la e deixá-la. — Nós *vamos* fazer isso. — Ela agarrou seu colarinho e forçou-o de volta até ela.

Suas mãos subiram para arrancar as dela. — Não. Nós não vamos. Aqueles caras são hiper protetores. Uma vez, um cara da limpeza tentou seduzir a irmã do Shade, Skulk, e... vamos apenas dizer que o cara ainda anda mancando. Tenho bastante certeza que ele não tem mais a língua também. Não sei, porque ele não fala mais.

— Droga. — Sin arrancou sua blusa e seu jeans. — Eles não me conhecem, não gostam de mim, e eles não têm voz no que eu faço. — Ela abaixou sua calça, e também a calcinha e saiu dela, amando a maneira como os olhos de Conall se escureciam da cor de prata de lei para um ferro forjado apesar de sua paranoia repentina.

Conall engoliu. Umas duas vezes. — Não.

Pelo menos a convicção desapareceu de sua voz. Mesmo assim, ele se afastou na direção da porta. — Não faça isso vampiro — ela avisou. — Ou o que quer que você seja.

— Eu tenho que ir. — Sua mão desceu na maçaneta.

— Abra, e eu direi para eles que você tentou me estuprar.

Ele sibilou. — Você não faria isso.

— Tente-me. — Seu corpo estava doendo. Quente. Tão quente que ela não podia nem mesmo se sentir mal a respeito da ameaça que ela acabara de fazer. Xingamentos desagradáveis saíram da boca de Con. — Sua cadela.

— Ei, *you* se aproximou de *mim*. Me deixou toda animada. Você precisa trabalhar no seu acompanhamento.

— Oh — ele começou, em um tom rouco, — eu não tenho problemas com acompanhamentos. Eu tenho um problema é com os seus irmãos e o que eles farão com as minhas bolas se eles descobrirem que eu fodi você como um animal em um maldito almoxarifado.

— Um animal? — as imagens dele tomando-a com força e duramente preenchia sua cabeça e na verdade fez ela até suar um pouquinho. — Sério? — ela estava orgulhosa da maneira que ela não soou esperançosa.

— O quê? Você é do tipo amar com carinho? — ele fungou. — Não estou acreditando.

Ela nunca tivera sexo amável e amoroso, então não, ela não era o tipo. Até mesmo o mais legal de seus mestres nunca foram gentis demais, e os parceiros sexuais que ela escolhia para si nunca a machucaram, mas também nunca fingiram que ela era nada a mais do que uma transa. E ela não queria que eles quisessem, porque eles não eram nada a não ser uma transa para ela também.

— Eu definitivamente não sou o tipo — ela disse. — Então vamos fazer o negócio animal. Ou você é muito medroso?

Um rugido decididamente parecido com um lobo irrompeu em seu peito. — Não me teste, fêmea.

Seu queixo subiu, e ela disse clara e distintamente. — Medroso.

O rugido intensificou-se. — Você tem muita sorte que a maré da lua não excitou o meu sangue ainda.

— *Có, có.*

Seu controle se partiu como um mastiff inglês[1] amarrado por uma corda de pipa. Ele deixou sair um rugido e foi em sua direção, e oh, uau... a verdade a atingiu antes que o corpo dele atingisse. Maré da lua. Rugido de lobo. Presas de chupar sangue, mas era sangue quente.

Ele *era* um vampiro, mas ele também era um warg. Ele era um dampiro, um raro cruzamento entre um vampiro e um lobisomem. Tão raro, de fato, que sua existência era pensada por muitos como sendo um mito.

Conall a pegou pelos ombros, a virou, e a colocou contra a parede para que seu peito estivesse quente contra suas costas e sua ereção estivesse dura contra a abertura de seu traseiro.

— Eu te avisei — ele falou roucamente em seu ouvido. — Saiba disso: eu não irei fazer sexo com você porque você me atormentou com xingamentos infantis. — Ela escutou o inconfundível raspar suave de um zíper, e então sentiu o calor escaldante de seu pênis na pele nua de seu traseiro. — Eu irei te foder porque você precisa de uma boa surra.

Ela engasgou de indignação, e ficou sem fôlego de prazer enquanto ele se empunhava dentro dela. Seu núcleo se pressionou ao redor dele, e ela apertou seus dentes. Ela não iria fazer outro som, não iria dar a ele a satisfação de saber que ele poderia afetá-la desta maneira.

De novo, hábito. Hábito nascia da humilhação, do conhecimento de que ela era uma criatura nojenta, horrível, maléfica que chegava ao clímax apenas quando o seu parceiro chegava. Qualquer parceiro. Sob quaisquer circunstâncias. E se isso não fosse a coisa mais fodida existente, ela não sabia o que era.

A respiração de Conall abanou seu ouvido enquanto ele empurrava para dentro dela, seu ritmo era selvagem e bruto. Até mesmo sua aderência nos quadris era feroz enquanto seus dedos a apertavam.

— Me morda. — O comando deslizou para fora antes que ela pudesse reprimi-lo. Ela nunca permitiu que seus parceiros vampiros a mordessem, mas quando ela conseguiu juntar as palavras para pará-lo, era tarde demais.

Suas presas penetraram em seu pescoço, e uma dor doce, abençoada e extasiante a percorreu. Conall deixou escapar um gemido apreciativo, e suas investidas se tornaram mais profundas, com mais força, trazendo-a a beira do êxtase, mas ela não podia cair até que ele gozasse.

— Por favor — ela sussurrou. — Agora.

Ele desengatou suas presas dela e lambeu a mordida antes de dizer em uma voz grossa de luxúria, — eu quero te satisfazer antes de eu gozar. — Sua mão se esticou ao redor dela, e ele roçou um dedo por cima de seu clitóris inchado.

— Não posso... não posso... até... — Oh, Deus, isso era bom. — Até que você faça.

Sua mão apertou com mais força a sua cintura. — Sêmen é um gatilho para você?

Quando ela assentiu, porque a habilidade de falar havia abandonado-a, ele começou um novo e frenético bombeamento que acompanhou um rugir de liberação. Sua semente quente borrifou dentro dela, o combustível que seu fogo requeria, e ela se juntou a ele em um clímax feroz.

Eles caíram juntos contra a parede, o peso dele em cima dela só a poucos centímetros de esmagar. Mas era um bom peso, o tipo que ela nunca gastou tempo para aproveitar. Ela podia apenas suportar ser tocada dessa maneira por pouco tempo.

Logo que ela recuperou sua respiração, ela alcançou seu limite para contato íntimo. — Saia de cima de mim.

— Sua gratidão me impressiona — ele disse sem emoção, mas ele se afastou.

— Eu deveria estar grata por você ter me fodido?

— Você é uma succubus, não é? Você precisa disso, certo? Algum tipo de imperativo biológico? — ele enfiou seu pênis semi-rígido de volta em suas calças.

— Ah. Então você se rebaixou para me servir de bondade de seu coração. Que bom. Então sim, obrigada por realizar este ato tão desagradável. Eu ficarei para sempre em dívida. — Ele riu. — Você conseguiu orgasmo e sangue. Eu diria que você conseguiu mais do que eu.

— Você está certa. — Ele piscou, e a suspeita surgiu. Ela teve uma sensação repentina que ele havia conseguido ainda mais do que um momento de prazer e sustento. — Isso permanece entre nós, certo?

— Contanto que você não me irrite — ela disse enquanto colocava a calça. — Você vai me irritar?

Ele deu um sorriso predatório. — Cada chance que eu tiver. — Com isso, ele se foi, e mais uma vez, ela estava sozinha com seus pensamentos, e loucamente, ela se sentia mais sozinha do que nunca.

* * * *

Conall encontrou Luc na parte traseira aberta da plataforma, sentado no degrau devorando um sanduíche de rosbife bem mal passado. Tão mal passado que sangue escorria no concreto. Con estava tentado a olhar ao redor para procurar pela vaca de onde o sanduíche viera, porque certamente ela deveria estar por perto.

— Shade te alcançou? — Luc perguntou.

Merda. O Sem já sabia que Con havia ficado com sua irmã? — Não. Por quê?

— Outro warg foi trazido no Médico Dois na última corrida.

Médico Dois era a ambulância de Shade com seu parceiro, um Anjo Falso chamado Blasfêmia. — Igual aos outros dois?

— Sim. Shade quer todos os médicos warg longe das chamadas para todas as emergências warg.

Conall xingou. Ele esperava que estes casos fossem isolados, mas era melhor ele informar o Conselho Warg o quanto antes. Como um membro do Conselho, o único representante dos dampiros e o único membro empregado pelo hospital, era o dever dele alertá-los diante de problemas em potencial. Não que eles prestassem atenção a qualquer coisa que ele dissesse. Na hierarquia warg, os dampiros mal ranqueavam acima dos recém transformados wargs, e isso era somente porque havia tão poucos dampiros que eles não eram ameaça de

forma alguma aos nascidos wargs.

— Então? O que aconteceu com a Sin? — Luc ergueu uma sobrancelha, e então a outra quando Conall tirou a calcinha de Sin de seu bolso e a revirou em seu dedo. — Maldito seja — ele disse. — Você a pegou.

Por alguma razão, a maneira que Luc falou tão casualmente, como se Sin fosse alguma qualquer que Conall pegara em um bar de vampiro, o incomodou. Provavelmente porque ele respeitava os irmãos Sem, e ele não podia passar muito bem por cima do fato que a irmã deles fosse uma foda barata, apesar de ter sido desta forma que ele havia a tratado.

— Sim — ele botou para fora, — eu a peguei.

— Onde? — Luc sempre queria os detalhes sórdidos.

— No almoxarifado. — Ele ergueu a mão. — Pague.

Luc fungou e alcançou sua carteira. — Eu realmente fui pego nesta, não é? — ele entregou quatro notas de cem e cinco de vinte.

— Sim, bem, você pode rir por último quando os irmãos Sem me alcançarem. — Con percorreu um polegar pelas notas. — Parece que ela é irmã deles.

— Cara. — Luc esticou a palavra e então assobiou, baixa e longamente. — Foi bom te conhecer.

Con podia cuidar de si mesmo, ele não estava muito preocupado apesar do que ele havia dito para Sin sobre manter suas bolas, mas ele gostava deste trabalho e não queria perdê-lo. Pelo menos, não até que ele ficasse entediado com ele. E ele ficaria. Ele sempre ficava. Em mil anos, não houve nada com a qual ele não ficasse entediado.

Ou ninguém.

— Então — Luc disse, — pelo menos terá valido a pena? Ser estripado pelo Shade, quero dizer. Ela era boa?

Seu corpo esquentou como se estivesse lembrando-se. E querendo novamente.

— Claro que eu fui.

Merda. Con se virou para encontrar Sin parada lá, mãos nos

quadris e fúria em sua expressão. Como uma criança pega roubando doce, ele escondeu o dinheiro atrás de suas costas.

Ela olhou para ele como se ele fosse um idiota e agarrou seu braço, trazendo-o para frente.

[1] Raça de cachorro.

Dezesseis

Tirar Lore do hospital não era um problema. Seu quarto estava perto do departamento de emergência, e enquanto Sin criava uma distração muito barulhenta e repulsiva perto do Harrowgate, Idess e Lore fizeram uma louca corrida para o estacionamento, onde Idess os transportou para fora dali.

Mas entrar em contato com a Associação de Assassinos seria muito mais difícil. Sua sede estava localizada em Sheoul, um lugar extremamente perigoso para anjos, especialmente pré-ascendidos, os quais eram mais fáceis de matar e mais vulneráveis a corrupção.

Tornando as coisas mais perigosas, como um não inteiramente anjo, Idess não poderia teletransportar dentro ou fora de Sheoul. Ela só conseguiria chegar lá se o seu Primori estivesse em perigo mortal, forçando-a a reluzir dentro, ou se ela viajasse através do Harrowgate. Mas naturalmente, havia um problema lá também; ela só poderia usar um Harrowgate se ela estivesse com um demônio, porque nenhum ser divino poderia operar os controles.

Então Lore teria que levá-la, mas se ele fosse morto ou se ficasse inconsciente enquanto estivesse lá, ela não poderia sair. E se a Associação estivesse sob um tratado *maltranseo*, nenhum tipo de ser divino de Deus poderia entrar.

Idess e Lore foram a casa dele primeiro, para que ele pudesse tomar um banho e trocar-se, e em seguida, se equipou de couro preto da cabeça aos pés, incluindo suas mãos, ele a levou através do Harrowgate para uma região cavernosa e úmida de Sheoul, onde o solo esponjoso rosnava e sangrava a cada passo. Algum tipo de luz pálida iluminava o lugar, mas até onde ela poderia dizer, não havia nenhuma fonte. Tudo o que ela sabia com certeza era que a luz afetava as sombras, fazendo-as se moverem quando Idess e Lore estavam parados, ou tornando-as imóveis quando Idess e Lore se moviam.

Ignorando o suave comichão em suas omoplatas, Idess convocou

uma foice e a segurou forte enquanto eles escolhiam seus caminhos entre rochas e videiras espinhosas que enrolavam ao redor de seus tornozelos se chegassem muito perto.

— Tem certeza que quer fazer isso? — Lore falou alto para que ela pudesse ouvir sob os sons da Terra furiosa. — Não há um ser em Sheoul que não gostaria de colocar uma cabeça de anjo em sua estante. Aqui em baixo, você se destaca como, bem, um anjo no inferno. Você é uma espécie de... luz brilhante com bondade. Tudo o que você precisa agora é uma porra de um halo para certificar-se que até mesmo o mais idiota dos demônios saiba quem você é.

— Você sabe que posso cuidar de mim mesma.

Ele balançou as sobrancelhas. — Posso cuidar de você melhor.

Oh, ela sabia em primeira mão o quão bem ele poderia cuidar dela. Seu corpo aqueceu com a lembrança indesejada de seus dedos mágicos trabalhando entre suas pernas. Ela limpou a garganta. — Diga-me o que esperar da Associação.

— Você terá que fazer um sacrifício de sangue. — Ele ficou tenso, a única advertência antes de algo escamoso, com enormes fileiras de dentes e cerca do tamanho de um guaxinim saltar neles de uma saliência rochosa. Lore pegou facilmente no ar, evitando por pouco bater em sua mandíbula... e a coisa caiu morta no chão.

Impressionante. E um pouco assustador.

— Como você fez isso?

Ele flexionou sua mão, respondendo a ela sem nunca tomar seu olhar vigilante fora do entorno deles. — Ele funciona mesmo através do couro se eu forçá-lo.

— Oh. — Ela passou por cima da criatura morta ainda se contorcendo, um pouco abalada por ter visto o poder de Lore em primeira mão. Ela não esperou que fosse assim tão... rápido. — Então, uh...você nasceu com esse problema?

— Não — ele continuou andando, com os olhos constantemente verificando por perigo. — Veio com minha *dermoire* quando eu tinha vinte anos. A primeira pessoa que toquei foi Sin, e não a afetou. A segunda pessoa caiu morta. Eu pensei que era um ataque cardíaco ou algo assim. Não que eu me importasse. Eu estava louco no momento.

— Louco?

Ele fez uma pausa, cabeça erguida, olhos pretos verificando, e os cabelos na nuca dela ficaram em atenção. — Junto com a *dermoire* veio uma luxúria incontrollável e aquela fúria divertida. — Ele começou a se mover novamente, como se nunca tivesse parado.

— Tudo aconteceu de repente?

— Sim. — Sua voz ficou rouca. — Sin e eu compartilhamos a casa de nossos avós por um ano após a morte deles. Uma manhã ambos fomos atingidos com essa enorme dor. Foram horas. Quando acabou tínhamos novas tatuagens e eu era um monstro feroz. — Ele chutou danado da vida uma pedra do tamanho de uma bola de softbol. — Eu a assustei muito. Rasguei em pedaços a casa. Acho que decolei, fui embora por dias. Não me lembro muito disso, exceto partes e peças que desejo não lembrar.

Ela começou a alcançá-lo, mas deixou cair sua mão ao lado no último segundo, sem saber se ele apreciaria um gesto reconfortante. — Sinto muito.

— Tanto faz. Foi há muito tempo.

Talvez, mas era obviamente ainda difícil. — O que aconteceu com Sin? Quero dizer, se você enlouqueceu, ela também?

— Eu não sei. — Ele lançou uma estrela da manhã em um movimento suave que mal registrou até que a asa de um demônio caiu do ar em frente a eles, a lâmina no centro de seu terceiro olho. Este lugar estava indo lhe dar um ataque cardíaco. Ele, por outro lado, estava agindo como se eles estivessem passeando por um parque. — Nós nunca conversamos sobre isso.

Nunca conversaram sobre isso? Idess e Rami discutiam sobre tudo. Nada estava fora dos limites para eles. Presumindo que eles passaram séculos juntos, e Sin e Lore tinham apenas uma fração daquilo, mas isso ainda parecia estranho, dado quão protetor eles eram um com o outro.

Ela o viu pegar sua arma e limpá-la na pele de couro da criatura. — O que ela finalmente disse quando voltou para casa?

Enfiando a estrela dentro de um lugar de couro e seu quadril, ele aumentou o ritmo. — Estamos quase lá.

— Lore — ela disse, alcançando-o. — O que ela disse?

Ele revistou sua jaqueta e amaldiçoou. — Esqueci meus dardos de garras. — Silêncio se estendeu enquanto ele continuou andando. Finalmente, um longo e arrastado suspiro veio dele. — Eu a traí e a abandonei. É insuportável, e não gosto de voltar lá.

Ela agarrou seu braço e o forçou a parar. — Diga-me que você se desculpou.

Ele franziu a testa para ela. — O que isso importa para você?

— É só... se você não fizer, você nunca pode ter a chance. E você vai se arrepender para o resto de sua vida.

— Você soa como se soubesse algo sobre isso — ele murmurou, mas de alguma forma ela o ouviu sobre os rosnados da terra e gritos de gelar os ossos que veio para eles de todos os lados.

— Eu sei.

Seus olhos estavam em constante movimento, alerta e buscando potenciais ameaças, mas ele também parecia estar fazendo um esforço consciente para não olhar para ela. — Ela sabe que sinto muito.

— Você tem certeza disso?

Sua carranca aumentou. — Estou pagando pelo que fiz cada dia da minha vida.

— Isso não é a mesma coisa.

— Confie em mim, é. — Algo chiou próximo, fazendo-a pular. — Ela sabe.

— Como?

— Deus, você é persistente — ele murmurou. Ela cruzou seus braços sobre o peito e começou a bater o pé, mas quando o chão começou a protestar com um latido, ela congelou e decidiu que poderia fazer Lore carregá-la o resto do caminho. — Sou um assassino por causa dela, tudo bem? Ela colocou a si mesma em problemas com Derharu trinta anos atrás, e ela veio até mim. Nós não tínhamos visto um ao outro em cerca de setenta e cinco anos, o que deve dizer a você o quão desesperada ela estava. Ele planejava vendê-la a serviço em uma galeria de sangue.

O estômago de Idess virou. *Oh, doce Jesus*. Ela nunca viu o que era uma versão de um prostíbulo de demônio, mas já ouviu o suficiente para entender o medo de Sin. Alguns humanos e demônios participavam espontaneamente, mas outros eram forçados. Eles seriam drogados e em seguida seriam transformados em *caroços*, onde os sugadores de sangue, como vampiros, pudessem beber e ficassem bêbados enquanto usavam os humanos para sexo. Cada galeria tinha regras diferentes governando o tratamento dos humanos, mas mesmo em estabelecimentos severos, acidentes e overdoses aconteciam. No pior dos lugares, os humanos eram descartáveis, raramente sobreviviam mais que um dia, ou mesmo para além de um cliente.

— O que você fez? — ela perguntou com voz rouca.

— Tentei encontrar uma saída da ligação do assassino. Quando nós não pudemos, eu fui até ele e ofereci a mim mesmo como um assassino em troca da vida dela. E agora a vida dela está na linha de novo.

— Eu não entendo.

— Ela é o porquê de eu ter de terminar com Kynan. — Sua voz tornou-se tão profunda e ameaçadora que vibrou. — Se eu fizer isso, ambos estamos livres. Se não, ela morre.

As juntas das mãos de Idess ficaram brancas sobre a arma e de algum modo ela conseguiu falar após um carço de pânico inchar em sua garganta. — Lore? Se o seu mestre não estivesse segurando a vida de Sin sobre você, ainda iria querer matar Kynan?

— *Querer?* Sim. — Ele riu amargamente. — Mas iria? Não.

— Por que não?

Ele olhou para longe, seu olhar indo para algum lugar que ela não poderia seguir. — Porque meus irmãos podem ser idiotas, mas serão bons para Sin. E eu meio que esperava... quero dizer, eles são imunes ao meu toque... mas tanto faz. Matando Kynan vai centralizar todos. Isso já aconteceu.

Emoção se juntou ao carço de pânico que entupia a garganta de Idess, enquanto ele começava a andar novamente. Lore queria algum tipo de relacionamento com seus irmãos, e ele poderia ter tido uma chance se ele não tivesse se voltado contra eles... ela tropeçou em uma parada. Lore se virou.

— O quê agora? Eu já te disse mais do que deveria.

— Não é isso — ela disse. — Escute... o tempo todo eu acreditei que todos os golpes anunciados sobre meu Primori estavam sobre mim. Mas e se isso não for sobre mim? E se for sobre você?

— E por que seriam sobre mim?

— Bem, você ou seus irmãos. Quero dizer, qual é a chance de você ser escolhido para matar Kynan? Você não acha muita coincidência que ele por acaso é ligado ao seu irmão pelo casamento? E olha o que o trabalho está fazendo com você e eles. Está separando-os. Assim, e se isso for sobre chegar a vocês?

Lore assobiou entre os dentes. — Não seria a primeira vez. Eu fui originalmente contratado para matá-los por nosso próprio irmão. Mas porque Sin teria que matar o seu outro Primori? O warg não tem nada a ver comigo ou com meus irmãos.

— Essa é a imperfeição da minha teoria. — Ela balançou a cabeça. — E espere, você disse que foi contratado para matar *seus* irmãos? Por seu irmão?

— Sim. — Ele correu sua mão enluvada sobre seu rosto. — Bastardo doente queria uma vingança sobre eles tão mal que ele arranjou por suas mortes mesmo no caso de sua própria morte.

Idess considerou isso. — Então, ele está morto? Ele não poderia ser quem está por trás disso?

— De acordo com Shade, o cara está praticamente morto. — Eles começaram a andar novamente.

Ela soltou um suspiro. — Tudo bem, então tem que haver outra resposta. Seu envolvimento em algo que está colocando seus irmãos em conflito é muito conveniente.

Ele deu de ombros. — Tenho certeza que descobriremos em breve. A área de convocação está à frente.

— Espere. — Um comichão gritante irrompeu em suas omoplatas. Ela não tinha certeza se deveria estar feliz que seu detector do mal estava trabalhando, ou preocupada porque estava. — Algo está errado.

Um rápido relâmpago, e as mãos de Lore estavam agarrando as

lâminas. — A terra está em silêncio.

— Carne de Anjo é dooooooce.

Idess girou ao redor para ver dois demônios de espécies desconhecidas despregarem-se das bordas das pedras. Cinza escuro e cerca de oito metros de altura, eles eram finos, espichados, com esburacados focinhos de crocodilo, afiadas e pontudas escamas cobrindo seus corpos.

Ela ouviu um sussurro do ar, e então a lâmina de Lore perfurou através no peito de um dos demônios. A coisa riu. O outro rasgou uma escama de seu braço e o lançou como um Frisbee [1]. Idess se jogou no chão, sua respiração chiando fora dela picando enquanto arranhava sua bochecha.

— Para baixo — Lore gritou, mas se ele achava que ela iria se acuar enquanto ele lutava, ele estava louco.

Coração batendo, ela pulou sobre seus pés. Lore curvou um golpe de uma das criaturas, suas garras pegando o ar. O segundo golpe bateu-lhe no rosto, e ele catapultou para trás, batendo na borda de uma rocha.

Enfurecida, Idess atacou, balançando sua foice na criatura mais próxima e a pegando de surpresa. A lâmina decepou o braço da criatura. Uma lama preta jorrou da ferida e esguichou gritando no chão. Ela balançou novamente, mas o segundo demônio atacou, sua mandíbula grampeando sobre o ombro de Idess. Dor explodiu, e enquanto sua concentração se quebrava, a arma convocada cintilava fora da existência.

O demônio a liberou com um grito e contorceu-se no chão. Lore estava em pé atrás dele, seus olhos girando ouro e carmesim, sua mão enluvada flexionando. Aquela coisa mortal era além de assustador.

— Para baixo! — ele gritou, e Idess se curvou, evitando por pouco uma escama Frisbee enquanto ela convocava outra foice. Duas mais escamas assobiaram pelo ar, e ela ouviu um grunhido enquanto Lore pegava um.

Uma mão com garras saiu do nada e a nocauteou sob seus pés. O ar sibilou de seus pulmões e seus ouvidos ressoaram enquanto ela lutava para se reorientar. Outro demônio, um recém chegado, saltou para ela. Ela rolou, varrendo sua arma em um arco violento. Carne rasgou enquanto ela dividia a coisa na metade de sua virilha até o

pescoço. Vísceras e sangue derramaram em uma chuva horrível.

Idess escalou em seus pés para evitar ser esmagada pelo demônio moribundo enquanto caía. Lore, sangrando por um corte horrível em seu peito, estava empenhado com uma criatura sem braços, sua lâmina golpeando enquanto ele tentava se aproximar. O demônio foi capturado, e movia-se em borrões de movimento enquanto evitava o braço assassino de Lore.

Idess balançou sua foice, mas a lâmina atingiu apenas o ar vazio. A coisa dançava ao redor deles, um barulho estranho e estridente emanando de seu peito.

— Ele está chamando mais — Lore arfou. — Temos que matar isso. Agora.

Idess investiu, mas mais uma vez, sua foice pegou o vento. Obrigando-se a se acalmar, ela respirou fundo, estudou seu oponente do jeito que Rami ensinou a ela. Estudou a paisagem. O ar. Qualquer coisa que poderia ser usado em sua vantagem.

As sombras... Idess franziu a testa, e embora ela tivesse pouco tempo para fazer uma pausa, ela observou as sombras se formar e desaparecer... e sim! Aquelas sequências faziam sentido agora. Elas se moviam antes do demônio.

A sombra do demônio cintilou no alcance de sua arma. Ela balançou com toda sua força, e a cabeça da criatura estatelou no chão.

Ofegante, Lore se inclinou, apoiou suas mãos nos joelhos, mas ele olhou para Idess, um sorriso abrindo-se em seu lindo rosto. — Você é demais, bebê. — Ele endireitou-se e agarrou a mão dela. — Vamos. Temos que sair daqui antes que mais dessas coisas venham até nós.

— Você está ferido...

— Você também. Nossas lesões terão desaparecido em um minuto. Rápido.

Ela não entendia, mas agora não era o momento para vinte perguntas. Eles correram até virarem uma esquina que se abria para uma plana planície fumegante.

— Esta é a área de convocação. É chamada de caixa da morte. — Ele gesticulou para dois pilares de enxofre, ao redor do que

pareciam gambás, sátiras criaturas sem olhos. — Aqueles são os guardiões. Qualquer um com pensamentos enganosos é rasgado ao meio. Há o altar. Você precisará oferecer seu sangue.

Cautelosamente, Idess ergueu o punhal deitado sobre uma pedra lisa, manchada de sangue. Ela colocou a parte afiada em sua pele, mas ele agarrou seu pulso.

— Eu mesmo faria isso se pudesse.

Seu olhar era intenso, cheio de promessa masculina que tomou o fôlego dela e fez seu coração disparar. E em seguida, como se ele não tivesse apenas declarado suportar a dor por ela quando ele tinha cada razão para desejá-lhe dano, ele a liberou e se afastou, um silencioso sentinela, todo poder, músculo e confiança. Idess era mais que capaz de cuidar de si mesma, mas pela primeira vez desde que Rami a deixou, alguém a tinha de novo, e isso se sentia bem. Lore estava pronto para protegê-la, mesmo se isso significasse arriscar a si mesmo.

Ele estivera tão errado quando disse que era uma pessoa horrível.

A mão dela tremia enquanto ela sacava a lâmina contra seu pulso e deixava seu sangue pingar sobre a pedra. Uma vez que uma piscina do tamanho de uma borda de uma xícara de café se formou, um anel de luz cintilou ao redor da poça molhada.

— Está feito. — Gentilmente, Lore colocou pressão contra o corte com a palma de sua mão. — Eu desejava ter o dom de Eidolon. Eu desejaria poder curar você.

— Eu gostaria também. — Só que ela não estava falando sobre um mero corte. Seu coração e sua alma doíam, e a única cura seria encontrada no Céu.

Um barulho de beber ruidosamente molhado precedeu uma pele escura, uma fêmea humanóide que surgiu de um arco brilhoso como uma pasta de dente de um tubo. Sufocando um arrepio, Idess se afastou de Lore. Ela odiava Sheoul, os cheiros, os sons, os habitantes. Tudo aqui era deformado.

Vapor girava ao redor dos pés da fêmea enquanto ela parava diante de Idess. — Você está indagando sobre uma única morte? Uma morte em massa? A vítima é humana ou demônio? Uma morte rápida, ou uma dolorosa?

Ótimo. — Nenhuma das alternativas. Eu devo encontrar com a Associação.

O queixo do demônio caiu, revelando uma língua bifurcada e cinza. — Ou você está brincando ou é muito, muito estúpida.

— *Eu verei a Associação.*

— Isso não é possível.

— Então venha à ira de Azagoth abaixo sobre suas cabeças — Idess disse com um encolher de ombros.

A pele do demônio ficou cinzenta. O nome Azagoth era apenas sussurrado entre espécies demônios. Quando um nome era sinônimo de morte, ninguém falava em voz alta. — Você mente.

Idess havia se preparado para isso. Respirando fundo, ela convocou cada grama de sua fúria que ela nunca sentiu, deixou-a condensar e fortaleceu até se sentir como uma garrafa de champanhe agitada. Quando a pressão se tornou insuportável batendo em seus olhos, ela deixou sair em uma liberação dolorosa.

Tudo ao seu redor, a camada do chão preto tremeu enquanto sua pele se separava e seu corpo dobrava de tamanho, metamorfoseou, e explodiu em uma luz brilhante. O demônio se afastou em terror e as coisas protegendo o arco curvaram. Em segundos, Idess era uma criatura esquelética com asas que nenhum demônio ou humano poderiam olhar sem pensar na Morte encarnada.

Ela era, de fato, uma mistura perfeita entre a forma verdadeira de Azagoth e um anjo.

— Você representa a Associação, e eu represento a Morte. — Sua voz era um resmungo profundo e sombrio que colocou fissuras nas faces abruptas das rochas de ambos os lados dela. — Leve-me.

A fêmea se rendeu, fazendo o colar de ossos tinir em seu cabelo. — Entregarei sua mensagem. — Ela desapareceu no portão, espremendo-se através de mais um. Idess retornou para sua forma favorita, e se virou para encontrar Lore boquiaberto para ela. Ops.

— Ah... há algo que você queira me dizer?

— Não realmente — ela murmurou, e divertiu-se pelos assobios para as coisas repugnantes moendo ao redor do arco e fazendo-os

escorregar em terror.

— Idess, quem é Azagoth?

Oh inferno. — Você nunca ouviu falar dele?

— Eu ouvi o nome, mas achei que era algum vilão comandante militar regional de Sheoul.

Ela bufou. — Dificilmente. Ele foi anjo uma vez. Voltou antes que existisse tal coisa como a morte. — Ela vaiou para as coisas repugnantes novamente quando eles avançaram muito perto. — Mas então aquele idiota, Caim, matou Abel, e porque humanos podiam morrer, demônios precisavam perder suas imortalidades também. Algumas espécies, de qualquer maneira. Então depois disso, as almas humanas e demônios estavam correndo ao redor de todos por bem ou por mal e causando destruição. Os anjos estavam designados para escotar as almas humanas para o Céu, mas alguém precisava ser encarregado de outras almas.

— Então, o que... este cara Azagoth se ofereceu?

— Aparentemente — ela respondeu, mantendo um olho no Arco Crest Gel. — Melhor um anjo que um demônio para lidar com o trabalho. Então, segundo a lenda, Azagoth caiu voluntariamente. Ele criou o tanque de redenção, Sheoul-gra, e durante todo o tempo, ele tentou manter sua bondade, mas eventualmente, ele era corrompido. Talvez porque ele começou a se alimentar de demônios, ou talvez porque lidando com almas de demônios e vendo tudo o que eles fizeram em suas vidas lascou sua pureza. Em qualquer caso, ele preside sobre almas *griminius* em sua escolta para Sheoul-gra.

— *Griminiou*? Como em, os pequenos ajudantes do ceifeiro sombrio? Aqueles *griminius*?

— Sim. Azagoth é conhecido como o Ceifeiro Sombrio pelos humanos. — Ela olhou para o portal, que começou a brilhar. — Ele também é meu pai.

Lore fez um som estrangulado, mas não teve a chance de dizer nada, porque um macho Neethul de sete metros de altura se espremeu através do portão e veio direto para eles.

Os Neethulum eram uma raça bonita, mesmo na aparência, o que os tornava mais aterrorizantes. Eles eram a prova de que o mal nem sempre era feio. Este tinha olhos de esmeralda e longo cabelo

branco, com várias cicatrizes faciais irregulares que marcavam sua perfeição.

— Se você está mentindo sobre quem você é — ele disse agradavelmente, — você será esfolada e estripada ainda viva e pendurada nas vigas até morrer.

Lore casualmente tirou sua luva, expondo sua mão assassina, e seu frio sorriso combinava com o do Neethul. Exceto que em Lore, era sexy. Mais sexy do que deveria ser, mas ela estava rapidamente percebendo que Lore era muitas coisas que não deveria ser.

— Siga-me. E saiba que você não pode convocar armas dentro da entrada da Associação. — O Neethul levou-os ao portal, chutando muitas coisas demônios rastejantes em seu caminho.

O portão os transportou para algo que se assemelhava a uma pequena aldeia medieval subterrânea. Espinhosos ratos do inferno corriam sob os pés de várias espécies de demônios, alguns dos quais pareciam estar lá contra suas vontades. Bolas reais e correntes arrastavam atrás deles, e perto de uma cabana, uma preta e fumegante piscina, um diabinho em ação sendo chicoteado.

— Vê? — Lore sussurrou. — Estamos sarando.

Com certeza, as lesões de Lore não mais sangravam, e quando ela tocou sua bochecha, onde a escama cortou, sua pele não estavam nem mesmo frágil. Legal. Mas suas costas comichavam como louca.

Lore pegou sua mão em sua esquerda e seguiu o Neethul para o maior dos edifícios, uma estrutura feita de pedra cor de osso que sangrava uma substância preta. Dentro, tudo era cinza, desde o chão duro de barro até o teto, onde centenas de cabeças estavam penduradas, algumas novas, algumas tão antigas que apodreceram para nada mais que caveiras amareladas.

O estômago de Idess sacudiu enquanto o Neethul os levou através de salas que pareciam não ter propósito nenhum, exceto expor as cabeças e algumas outras variedades de partes do corpo, até eles alcançarem um longo e sombrio corredor. No final, uma porta rolante na vertical dava acesso para uma sala ainda maior. No centro estava uma mesa de cavalete de madeira bruta, em que pelo menos uma centena de demônios estavam sentados, alguns bebendo canecas de cerveja e outros roendo pedaços de carne sangrentas. O Neethul tomou uma cadeira perto do meio.

Um demônio lagarto de espécie desconhecida estava na outra extremidade. — Por que você solicitou esta audiência? — ele perguntou, sua voz crescendo com uma ressonância artificial, um truque da arquitetura da sala, Idess tinha certeza.

— Eu venho para obter informações de um de seus clientes. Devo falar com o mestre conhecido como Detharu.

Houve uma explosão de conversa, e o homem lagarto fez um gesto por silêncio. — Seu pedido é ridículo. Você será, portanto, morta.

— Eu falarei com Detharu, ou você irá enfrentar a ira de meu pai. — Ela trancou olhares com o demônio.

O rosnado ameaçador do homem lagarto vibrou o ar. — Não acho que você entendeu. Nenhum mestre pode revelar o nome de quem registrou um contrato com ele.

— Eu não disse que queria um nome. — Neste ponto, até mesmo uma leve descrição seria melhor que nada.

A conversa sucedeu, e finalmente, o demônio se virou para ela. — O preço até mesmo para o menor grão de informação será grande.

— E esse preço seria? — ela gritou.

— Você se tornará uma assassina.

Eles não poderiam estar falando sério. O jeito que Lore ficou tenso ao seu lado disse que eles estavam. — Não serei.

Um homem sem olhos se levantou, sua pele pálida a lembrou de uma larva. Ou um verme. Suas mãos estavam envoltas em metal, com pregos nas juntas. — Uma morte. Quem nós comandar. Apenas uma. Concorde ou saia.

— Não faça isso, Idess — Lore resmungou em voz tão baixa que ela duvidou que outros pudessem escutar.

Adrenalina corria através de suas veias em uma corrida dolorosa. Ela não podia fazê-lo. Para matar assim... isso a eliminaria como uma candidata da Ascensão. Mas ela seria eliminada se perdesse Kynan também.

— Eu não posso matar — ela disse. — Mas poderia servir de

outra maneira.

— Idess! — Lore apertou seu cotovelo. — *Não.*

Todos olharam para a pele branca. — Concorde.

Oh, Deus, o que ela fizera?

Ele se moveu em direção a ela, tirando uma das luvas enquanto se aproximava. Quando estava em frente a ela ele sorriu, revelando minúsculos dentes afiados. — Durante seis meses você será minha.

Um estrondo sísmico enrolou do peito de Lore. — Oh, ela não vai. — Seu braço enganchou ao redor da garganta dela enquanto a puxava para trás, e então houve uma incrível pressão na garganta dela, e em seguida, nada.

O mundo ficou preto.

* * * *

Merda, merda, merda. Lore tinha realmente pisado nisso nesse momento. Ele correu através da entrada da Associação, Idess em seus braços, após chocar-se com seu frio aperto dormente modificado. Gritos furiosos de Deth o seguiram. O demônio iria torturá-lo a porra da vida inteira dele por isso.

Estimulado por passos atrás dele, ele chutou a porta externa tão forte que estilhaçou, saltando através, e bateu o portal para uma corrida. Quando ele emergiu no que parecia ser uma caixa assassina, ele pausou. E quando sua marca de escravo acendeu como se estivesse pegando fogo, ele respirou através da agonia e correu mais, até ele estar fechado em segurança em um Harrowgate. Ofegando e amaldiçoando, ele bateu de leve o mapa para fora e chegou ao portão mais próximo de sua casa.

Idess começou a se mexer, e merda, ela iria chutar seu traseiro também.

Excêntrica filha do Ceifeiro Sombrio.

Deixe para ele conseguir bagunçar com menininha da Morte.
Porra.

Ele explodiu fora do Harrowgate e não parou até alcançar a porta da frente. Estava destrancada, como sempre, e felizmente, Sin

não estava esperando por ele. A última coisa que ele precisava agora era a preocupação, discursos, ou dramas dela.

Ele colocou Idess no sofá, mas ela já estava desperta suficiente para se contorcer sentada. — O que... o que aconteceu? — ela piscou para ele, seu olhar um pouco opaco.

— Eu salvei você de cometer um erro monstruoso.

Ela piscou novamente, e então veio para seus pés tão rápido que ele teve de dar um passo atrás. — Você o que?

— Eu penso que você se lembra?

— Eles iriam me dizer quem estava tentando matar meu Primori! — ela gritou.

Ele ergueu suas mãos. — Você acorda mal-humorada. Você não é uma pessoa da manhã, não é?

Ela exclamou com ultraje. — Você... você...

Ele espalmou sua nuca, puxou-a para perto e a beijou. Suas táticas de ataque não funcionaram. O chiado dela em ultraje e punhos contra seus ombros eram seu primeiro indício de que isso não era a melhor abordagem para a situação. O joelho em sua virilha foi o segundo.

Ele esteve preparado para isso também, porém, ele se afastou e se retorceu, evitando o que poderia ter sido um golpe doloroso.

— Seu filho da puta!

— O que? — ele disse, limpando sua boca com as costas de sua mão. — Você estava louca.

— Eu não estava falando sobre o beijo.

Ele sorriu. — Isso significa que posso fazer isso de novo?

Ela pisoteou. Na verdade ela pisoteou em fúria indignada. Provavelmente não era para ser bonito, mas foi. — Lore, isso é sério!

— Eu seriamente te salvei do serviço de Detharu. — Esfregando seu peito ardido, ele se moveu em direção a cozinha e teve que morder um sorriso para sua bufada em frustração.

— Eu não precisava ser salva — Idess disse, seguindo-o para o minúsculo espaço da cozinha.

— Sim, você precisava. Você estava enterrando sua pequena cabeça de anjo.

— Tenho dois mil anos de idade. Eu estive ao redor da peça, você sabe.

Ele riu. — Sério? Você tem alguma ideia de para que ele usaria você? Vá em frente e o imagine nu. Porque ele usa seus assassinos mais do que para apenas matar.

— Oh... bom Senhor. — Sua mão voou até sua garganta. — Ele tem... ele...

— Eu tenho tido sorte. — Ele tirou um copo do armário. — Acho que ele tem medo de mim. Nenhum dos assassinos pode machucá-lo com intenção, mas porque apenas tocando meu braço pode matá-lo... ele não corre nenhum risco.

Ela olhou para seus jeans e escovou alguns fiapos invisíveis. — Ainda assim, eu teria resolvido detalhes com ele...

— Ele iria marcá-la. Quando ele a alcançasse, isso é o que ele teria feito. Você teria tido uma marca de mão em seu peito para combinar com o meu e teria sido tarde demais para negociar.

Sua boca trabalhou silenciosamente. — Oh.

— Um agradecimento seria bom — ele falou lentamente, enquanto ele agarrava um jarro de sua bebida barata do refrigerador. Não estava nem mesmo frio. Droga de freezer havia congelado novamente. Mas então, ele tinha o Kelvinator desde 1940, assim como o forno que ele nunca usou.

— Você não poderia ter me avisado? Você precisava me sequestrar ao invés?

Ele riu. — Isso, vindo de você? — ele espirrou uma bebida no copo e tomou um gole. — Quer um?

Ela hesitou, depois balançou a cabeça. — Não, obrigada.

— Está com fome? Tenho sanduíches feitos. Eu acho. Se você gosta de manteiga de amendoim. E mortadela.

— Tão apetitoso como soa, vou ter que passar. Obrigada, estou bem. — Ela arrastou uma mão pelo cabelo, puxando fios fora de seu rabo de cavalo, e afundando-se no sofá. — E agora? Estou ficando sem ideias.

— Eu tenho uma. Mas vai exigir Wraith. Preciso entrar em contato com os caras de qualquer maneira, deixá-los saber que o que está acontecendo pode ser sobre eles ao invés de você.

O plano de Lore para Wraith seria um tiro no escuro, embora... ele não fazia ideia de quão eficaz seria a coisa de invadir mentes de Wraith em um ser como Deth, assumindo que Lore conseguiria os dois juntos. E assumindo que Wraith não matasse Lore antes que pudesse acontecer. Primeiro, porém, ele teria que ir até Detharu e tomar seu castigo por roubar Idess. Seu peito queimava como uma mãe, e a dor estava apenas horas de distância do santa-merda-estou-indo-para-morrer-debilitado.

Em rápida sucessão, ele bateu mais quatro doses de álcool para anestesiá-lo. Ele teria que levar sua outra margem desligada também, a sexual, assim seria menos provável que a raiva saísse durante a tortura. — Olha, eu tenho que sair. Eu apenas vou para, ah, tomar banho lá em cima e sair.

— Onde?

— Eu preciso ver Sin — ele mentiu.

— Vou com você.

— Não, você não vai.

Idess soltou um suspiro agravado. — Não deixarei você ir sozinho.

— Você está com medo que eu vá caçar Kynan. — Culpa colocou sombras nos olhos dela, e ele amaldiçoou. — Eu disse que não irei. — Uma explosão extraordinariamente poderosa em seu peito o fez cerrar os dentes. — Você não acredita em mim?

— Eu quero, Lore. Mas isso é importante.

— Você não pode ir. Estou indo para o covil dos assassinos.

— Não há necessidade. — A voz cantada de Sin veio através da tela da porta. — Estou aqui para uma visita amigável.

Merda. — Agora não é um bom momento Sin.

Ela o ignorou para se estatelar na cadeira. Ela estava vestida como um bandido de rua, em calças largas com correntes, um capuz preto e tênis. Mesmo seu cabelo estava enfiado para trás em um boné dos Yankees. — Então, como foi a ida a Associação?

— Não foi — Idess disse. — Seu irmão sentiu a necessidade de me salvar.

Sin levantou uma sobrancelha. — Salvá-la?

Lore bateu outra dose. — Vamos deixar isso, tudo bem?

— O que você fez? — ele deveria saber melhor do que esperar que Sin deixasse algo em paz.

— Ele me bateu e me jogou por cima de seus ombros como uma espécie de homem das cavernas — Idess disse, e sim, isso era muito verdadeiro. — Ele afirma que se não tivesse, eu seria marcada como vocês dois.

Os olhos de Sin se arregalaram, porque ela sabia exatamente o que salvar Idess custara a ele. — Porra — ela murmurou, e apontou para a garrafa. — Me dá isso.

Ele passou para ela, e ela bebeu direto da garrafa. Delicada, sua irmã não era.

— Estou indo tomar banho e sair — ele murmurou, e se dirigiu ao banheiro.

— Mas Sin está aqui — Idess apontou. — Você não tem razão nenhuma para ir a cova.

Olhos negros cintilantes, Sin plantou a jarra entre suas coxas. — Oh, ele não contou a você?

— Sin...

Ela ignorou seu tom de aviso, mas então, ele não esperava outra coisa. — Ele realmente irritou Deth por levá-la desse jeito. Ele será torturado.

* * * *

Idess sentiu-se doente em seu estômago enquanto Lore conduzia

Sin fora da porta com instruções para trazer Wraith ao lugar de Lore. Quando ele se virou, ela estava em pé, embora não sem esforço. Seu sofá deve ser de uma centena de anos, e se tivesse molas, elas estariam mortas. Ele realmente não se preocupava com seu conforto. Ou talvez ele não pudesse se permitir coisas boas.

Ou coisas pessoais, ela observou com uma careta. As paredes estavam dolorosamente nuas. Ele não tinha artigos decorativos. Nada que revelava qualquer coisa sobre ele, exceto que a ausência de efeitos pessoais revelava sobre ele; a casa estava estabelecida de forma que um intruso não aprenderia nada de crucial sobre ele e sua irmã. Ele poderia partir para sempre em questão de minutos.

— Lore? Diga-me que o que Sin disse sobre você ser torturado não é verdade.

Ele não olhou para ela enquanto se dirigia ao banheiro. — Não é verdade.

— Você está mentindo.

— Você me disse para fazer isso.

— Maldito seja! — ela retrucou. — Pare!

Ele parou, mas ainda não olhava para ela. — Está tudo bem, Idess. Não é como se Deth não tivesse feito isso antes.

A maneira como ele disse isso, como se não fosse grande coisa porque ele era usado por Deth, quebrou seu coração. Quantas surras ele levou antes de ficar entorpecido? Muitas, ela suspeitava.

— Não vou deixá-lo fazer isso — ela tomou uma profunda e cansada respiração. — Vou até meu pai...

— Pare! — Lore a rodeou, mas não parecia zangado. Se ela tivesse que escolher um olhar, ela diria que ele parecia surpreso com seu voto para ajudá-lo. — Eu tenho que fazer isso. Eu sabia no que estava me metendo, e vou lidar com isso.

— Mas por quê? Por que você fez isso? Depois do que fiz para você, deveria gostar de me ver escravizada.

— Você realmente acredita nisso? — ele deu um passo em sua direção. — Estou arriscando a vida de Sin por adiar o que tenho que fazer com Kynan. Estou fazendo isso por você. Não por Kynan ou

meus irmãos. Levei uma facada por você. Beijei-lhe mais e mais quando nunca beijo alguém. Então por que diabos eu iria querer vê-la sofrer?

Sua boca abriu em choque e seu estômago se agitou. Algum instinto feminino idiota que ela nem mesmo sabia que tinha estava acenando com sua estúpida admissão. — O que você está dizendo?

— Eu não sei. — Ele golpeou a jarra de bebida alcoólica fora da mesa de café, onde Sin havia deixado. — Foda-se. Eu não tenho ideia. Esqueça qualquer coisa que eu disse.

Grande chance para isso. Ela se aproximou dele, não querendo perder nem mesmo a mínima nuance de sua expressão quando ela o atingiu com sua súbita suspeita. — Você não beija ninguém porque tem medo de matá-las, não é? O mesmo com o sexo, certo?

Ele se voltou novamente, e ela agarrou seu braço, o direito, protegido por seu fino casaco de couro. — Lore? Diga-me.

— Sim, tudo bem? Você tem alguma ideia de como é assistir seu parceiro cair morto porque você gozou? Não — ele disse indecentemente, — estou supondo que você não saiba.

— Mas e se você usar manga e uma luva...

— Quando atinjo o orgasmo, meu poder atravessa a roupa.

Ela pensou sobre como ele acariciava a si mesmo para terminar e percebeu que ele a tinha prendido entre as pernas dele e segurado a si mesmo longe dela, para evitar que ela se debatesse e acidentalmente tocasse seu braço quando ele chegou.

— Você alguma vez esteve em segurança com uma mulher?

Ele engoliu, e agora provavelmente não era hora para perceber quão sexy sua garganta estava enquanto os músculos trabalhavam sob sua pele bronzeada, mas whoa. — Apenas uma vez. Há muito tempo.

— Você a amava?

Ele bufou. — Eu nem sabia seu nome. Ela me golpeou em um beco enquanto eu firmava meus braços sobre minha cabeça contra um edifício.

— Oh. — Ela poderia ter passado o dia sem saber isso.

— Você está enjoada agora? Porque eu estou. Não porque paguei prostitutas por sexo, mas porque eu estava tão foddidamente solitário que eu arrisquei matá-la. Eu te disse. Sou um pedaço de merda egoísta.

Quebrou seu coração o ouvindo dizer isso, porque ela viu muitas evidências ao contrário. — Uma pessoa egoísta não teria se alistado para ser um escravo para salvar sua irmã. Uma pessoa egoísta não teria trancado a si mesmo longe da sociedade para protegê-los. Você não é egoísta. Você escorregou, como qualquer pessoa.

Ele jogou o jarro através da sala, quebrando-o contra a parede. — Meus deslizamentos matam pessoas, Idess!

Ela olhou para baixo em seu chão de madeira arranhada, na umidade espalhando-se através como sangue derramado. — Você já amou alguém? Além de sua irmã, quero dizer? — Diga não.

— Por que diabos estamos falando sobre isso?

— Estou curiosa.

— Porque esta é uma grande conversa pré-tortura.

O lembrete caiu como uma bola de boliche direto em seu estômago. — Por favor — ela implorou. — Tenho que fazer algo para parar isso. Vou até meu pai e ver se pode ser dado um ataque cardíaco ou algo assim em Deth.

— Sério? — ele levantou uma sobrancelha. — Isso é o que seu pai faz?

— Mais ou menos. Eu não sei quanta atração tenho com ele. Eu não o tenho visto em séculos.

Ela viveu no reino de Azagoth por cem anos, logo depois ela foi retirada de sua vida humana. Ela foi aprendiz de Rami, aprendendo as maneiras de Memitim, como teletransportar e usar suas habilidades inatas, aprendendo as zilhões de regras. Mas uma vez que foi dado um Primori a ela, deixou o reino e não olhou para trás.

Lore estendeu uma mão e colocou uma mecha de seu cabelo atrás da orelha dela. O gesto gentil era um toque de amante, e isso provocou uma profunda dor em seu interior. — Eu disse a você — ele disse calmamente. — Eu sabia no que estava me metendo.

Manchas de ouro perfuraram o preto de suas íris, movendo-se com fluidez, como a luz solar em um riacho. — Por que seus olhos fazem isso? — ela ficou na ponta dos pés para chegar mais perto, encantada pela beleza. — Eles estavam vermelhos quando você estava furioso, mas estão dourados agora.

— Eles fazem isso quando sou levemente contrariado. — Seu olhar se intensificou, de alguma forma crescendo, ambos escuros e mais dourados, e seu cheiro masculino de terra encheu as narinas dela. — Ou excitado.

— Qual deles você está agora? — ela resmungou. Tão logo a questão passou por seus lábios, seu corpo respondeu com uma corrida quente e úmida entre suas pernas.

— Adivinha. — A voz dele era profunda e rouca, ele se virou e se dirigiu ao banheiro.

— Onde você está indo?

— Estou prestes a ser torturado — ele disse, sem olhar para trás. — O que provavelmente me enviará em fúria. Se eu não disparar alguma força antes de ir... isso poderia ser ruim.

— Eu posso ajudar — ela falou sem pensar. Grande parte dela desejava experimentar a intimidade novamente, e parte dela queria apenas fazer algo por ele. Para ser útil. Para compensar o encadeamento dele e quase tê-lo matado.

Ele ancorou para uma pausa na porta. — Não acho que seja uma boa ideia. Na verdade, é um ideia terrível

— Mas você quer, não é? Você quer que eu seja a única a relaxar você.

Seu grande corpo estremeceu. — Deus, sim. — E havia aquele ruído penetrante que fazia o coração dela tremer em seu peito. — É melhor com você.

— Melhor como? — era estúpido continuar pressionando, porque quanto mais ela soubesse, mais próxima ela ficava dele. No entanto, algum lado sombrio e selvagem queria isso. Queria andar na linha entre o amor e o ódio e ver para qual caminho ela se inclinaria.

— Você está perguntando para alimentar seu ego, ou está sinceramente curiosa sobre seu efeito em mim?

— Ambos, eu acho — ela disse honestamente.

A longa e profunda respiração que ele tomou disse que ela dera a resposta certa. — Minha liberação é mais poderosa. Não é que se sinta melhor, quero dizer, é que fico mais aliviado, mais tempo antes de eu precisar novamente. Porra, Idess... não posso.

— Você não teve nenhum problema em me deixar ajudar antes — ela ressaltou, embora sem fôlego.

— Eu estava preso com algemas Bracken na primeira vez. Eu não precisava me preocupar sobre tocar em você. A segunda vez, você estava contida, então eu estava no controle. — Ele revirou seus largos ombros e o couro de sua jaqueta tencionou nas costuras. — Não posso arriscar.

— É difícil me matar. — Ela caminhou ao redor dele para que ela pudesse olhar em seus olhos. — Não estou preocupada.

— Então você é uma tola.

Mantendo contato visual, ela deslizou sua palma por seu braço até sua mão enluvada. Os dedos dele se enroscaram com os dela.

— Idess, isso é estúpido — mas ele deu um passo para ela, tão perto que ela podia sentir o calor vindo dele.

Hesitantemente, ela colocou sua outra mão na cintura dele, sentiu a ligeira tensão em seu corpo. — Eu sei.

[1] NT.: objeto em forma de disco.

Dezessete

As palavras de Idess ressoavam através de Lore, golpeando perto da sua alma, imbecil.

Não é egoísta. Tem tido um deslize. Deslizes. Um *deslize* poderia custar à vida de Idess.

O pânico se converteu em uma pressão em volta do seu peito, e ele a soltou. — Não — disse, com a voz rouca. — Não, não posso fazer isso. Os acidentes ocorrem.

E não tinha modo de que Idess viesse a ser um acidente. Fazia apenas alguns dias, talvez não se importasse. Mas agora ele se importava muito.

— Lore...

— Não! — antes que ela pudesse discutir se fechou em seu quarto. Para sua surpresa ela não irrompeu ou inclusive não bateu. Ela respeitou sua privacidade, e por alguma razão, sua consideração o perfurou de novo.

O peito gritava com dor pelo vínculo, e a virilha apertava pela necessidade que ela havia despertado, caminhava de um lado ao outro, praticamente dando voltas ao redor do seu quarto, tentando se controlar. Estava duro e dolorido, mas quando bateu no seu pau, Deus o ajudasse, sentia-se dormente. Seu último par de sessões no banho foi há muito tempo, mas agora? Não importava o quão forte ou o quão rápido se acariciava, ou quão quentes fossem suas fantasias sobre Idess, não podia gozar.

Igual um Seminus puro sangue. Foda.

Não fazia ideia do que ia acontecer uma vez que a tortura começasse.

Como se seu corpo estivesse tentando prepará-lo, um raio de dor o golpeou, estendendo-se do núcleo para cada extremidade. Amaldiçoando se dobrou de dor, deslizou pela janela e caminhou para o Harrowgate.

Lore odiava deixar Idess, mas tinha um demônio com o qual lutar. Ao menos podia se consolar com o fato de que Idess não podia desmaterializar no Sheoul. De forma nenhuma queria que ela se machucasse com isso.

No momento em que Lore entrou no esconderijo, seu vínculo de dor diminuiu. Detharu esperava em seu quarto, olhando-o fodicamente puto. O fedor do medo de alguém azedava o ar, o qual Lore podia saborear na parte de trás da língua.

— Lore — Deth grunhiu. — Minha paciência está chegando ao fim.

— Pode-se ver que não está no melhor dos humores — Lore disse, dando um passo atrás. — Vou voltar mais tarde.

Os guardas de Deth bloquearam a entrada, e Lore se virou com cuidado, instruindo sua expressão para esconder o fato de que ele estava sofrendo um mundo de dor.

— Onde está a mulher?

— Não sei.

— Está mentindo.

— E você é feio. Qual é seu ponto?

Deth saiu disparado do seu assento. — Vai trazê-la para mim.

— Vai à merda.

— Vou te fazer sofrer — Deth grunhiu.

— Não é por isso que estou aqui?

— Oh sim. — A antecipação brilhava nos olhos do homem enquanto Deth arrastava os pés para ele. — Matou seu objetivo?

— Ainda tenho tempo. — Lore estudou as unhas. — Vou fazê-lo.

— Fazê-lo será difícil se estiver trancado em meu calabouço durante um mês.

— Não pode fazer isso. — Lore cruzou os braços sobre o peito, continuou se fazendo de indiferente. — Estou dentro do prazo.

— Então devia pensar nisso antes de deixar à fêmea ir.

Um calafrio de medo deslizou pela coluna vertebral de Lore. — Olha — disse com calma, embora por dentro estivesse suando, — juro a você que tão logo tenha a cabeça de Kynan, me submeterei ao seu castigo. O que quiser.

O punho de aço de Deth cravou na mandíbula de Lore. A dor arranhou por cima de sua cara até seu crânio, mas ele se negou a mostrar alguma reação.

— Você não vai negociar comigo! — Deth rugiu. — Vou te castigar por ter tomado a mulher. Agora mesmo.

Lore bufou. — Bate feito menina. — Irritar Deth não era o mais inteligente, mas a dor viria, não importando o que dissesse, porque Lore também poderia conseguir dar alguns dos seus golpes.

Desta vez Deth bateu no seu peito, as pontas dos nós o perfuraram, arranhando como garras de águia e tirando o ar dos pulmões. Cambaleou para trás, mas esboçou um sorriso e exclamou, — Amo os jogos preliminares.

Deth grunhiu, jogando sua respiração fétida para Lore. — Sin também ama?

O demônio queria ver medo, mas Lore não lhe daria essa satisfação. — Não sei. Provavelmente.

Deth estava logo em sua cara. Uma vez mais com a respiração podre. — Não posso esperar que falhe na missão. Eu te farei ver como mato Sin. Seus gritos serão a música que encherá esse lugar por semanas.

A pele de Lore ficou apertada, seus músculos tencionaram, ele estava a ponto de estalar. Um grunhido escapou como se através dele houvesse uma válvula de escape. — Vou te matar algum dia. Juro-lhe.

Deth começou a rir. Tremulantes chamas do fogo na lareira e as tochas sobre as paredes jogavam com as sombras sobre sua cara, torcendo sua expressão em algo ainda mais horrível. — Quantas vezes tenho escutado isso? — enfiou um soco nos rins de Lore e retorceu para que as pontas rasgassem. — Agora, trará a fêmea para mim?

A dor atravessava Lore, não de toda física. Nunca traria Idess aqui, e salvaria Sin. De alguma forma, ele iria proteger ambas.

— Vai à merda — gritou enquanto lutava para se manter de pé.

Deth silvou e o alçapão abaixo de Lore cedeu. Depois de uma queda de seis metros aterrisou, rompendo os ossos no piso úmido e frio do calabouço. Uma mulher Nightlash estava de pé perto de uma parede de instrumentos de tortura, sorrindo para Lore como se fosse um presente.

Os jogos prévios terminaram. Já era hora do evento principal.

* * * *

O som da tortura era como o som de alguém tossindo durante um filme. Rariel achava ambos extremamente irritantes.

— Acrescenta uma chicotada extra por mim — disse a Deth. Lore havia fodido seriamente algo que Rariel teria pagado para ver; Idess como escrava assassina. — E se assegure que sua vida não seja colocada em perigo por isso.

Que Idess houvesse aparecido para proteger Lore, agora que era seu Primori, o que era uma surpresa desagradável, sem dúvida seria uma coisa má. Ela não poderia desmaterializar aqui embaixo em circunstâncias normais, mas Rariel não queria colocar a prova sua capacidade de fazê-lo se seu Primori estivesse enfrentando a morte. Apesar de que poderia valer a pena para vê-la forçada a escravidão como assassina...

Deth deu um bufo indignado. — Meu torturador é um mestre treinado em todas as artes e as debilidades de todas as espécies. Ela nunca mataria acidentalmente uma de suas vítimas.

Certo, Rariel escutara isso antes. — Tenha cuidado. E quero seu punhal. Tenho um uso especial para ele.

Deth marcou um sentinela que desapareceu.

— Irá curá-lo depois que isso termine?

— Não gosto disso — Deth grunhiu, — mas está no prazo do seu contrato, vou usar minha recém adquirida Sem assassina para que o cure.

— Bem. — Rariel sorriu enquanto o guarda retornou com o punhal de ossos de Gargantua de Lore.

Agora chegou o momento de cumprir com a obrigação de Roag e arruinar, e *terminar*, algumas vidas inocentes.

* * * *

No momento que Idess desmaterializou no estacionamento do UG, encontrava-se em pânico total. Lore havia escapado dela, e tocar seu *Heraldi* não a levava até ele. O que significava que estava no Sheoul. Provavelmente sendo torturado. Ou talvez se escondendo dela ali embaixo.

Na parte traseira de uma ambulância, Eidolon descarregava uma maca. Quando ele a viu, fechou as portas com tanta força que voltaram a se abrir. — Onde ele está?

— Estou bastante segura de que está no esconderijo do assassino.

— *Bastante segura?* Está brincando? O ajudou a escapar e agora o perdeu?

— Apenas preciso de ajuda para encontrar o esconderijo. Sin está aqui?

— Pareço seu guardião? — Eidolon pegou seu celular no bolso e discou. — Ky? Onde está? Sim está bem, mas deve saber que Lore está em paradeiro desconhecido...

— Não está em paradeiro desconhecido — Idess interrompeu. — Está no esconderijo. — *Sendo torturado.*

Eidolon disse para Kynan se manter a salvo e fechou seu telefone. — Porque não pode encontrá-lo? É seu Primori certo? Não tem algum tipo de linha com ele?

— Sim, mas se está no Sheoul é invisível para mim.

— Tem alguma outra forma em que ele seria invisível? —

quando ela não respondeu, sua tonalidade desabou diretamente ao Sheoul com Lore. — Idess?

Ela respirou. — É possível que ele pudesse encontrar alguém para lançar um feitiço de escudo nele. É por isso que não dizemos a um Primori o que são. — Apenas quebrara um milhão de regras até agora, mas às vezes precisava trapacear para ganhar.

Rami lhe daria uma bofetada se inteirasse desse pensamento em particular. Ele sempre jogou segundo as regras. Ela sempre esteve mais preocupada em ganhar, e quando tudo se reduzia a uma batalha entre o bem e o mal, as regras iam pela janela.

As maldições de Eidolon faziam bolhas em seus ouvidos.

— Sabe — ela estalou, — não forçaria você a escutar uma leitura da Bíblia, assim que agradecería se me mostrasse a mesma cortesia e não amaldiçoasse a mim e minha classe para o inferno.

Eidolon a fulminou com o olhar, mas ao menos já não estava amaldiçoando. — Idess — disse com uma calma muito forçada, — tenho tido um dia realmente mal, e acabei de ver uma criança warg morrer de uma doença que não posso curar. Assim que me desculpe se estou um pouco na borda, porque você perdeu ao irmão que eu jurei que impediria de matar a um dos meus melhores amigos.

— Eu entendo — ela disse em voz baixa. — Sinto muito. Precisava de Lore para que me ajudasse a entrar na Associação dos Assassinos. Se pudesse averiguar quem o contratou...

— Averiguou?

— Infelizmente não. Mas tenho uma ideia. É possível que tudo isso seja sobre você ao invés de mim ou Kynan?

— O que, acredita que Lore foi contratado para matar Kynan apenas para que minha família fosse separada?

— Soa um pouco frouxo, me dou conta. Mas diabos é muita coincidência. Têm inimigos que querem que isso aconteça?

— Somos demônios do sexo — ele disse com ironia. — Incomodamos um montão de homens antes de tomarmos nossas companheiras. E Wraith fez uma carreira para fazer inimigos.

Isso não era muito proveitoso. — Lore mencionou outro irmão.

Aquele que o contratou para matá-los.

— Roag. Ele se foi.

— Foi? Como?

Eidolon deu de ombros. — A maldição *Maluncoeur*. Ele está condenado a uma existência invisível, fome, sede, dor... nada que não mereça.

Idess estremeceu. Falando sobre o tormento eterno. Espera... — Ele é invisível? Mas ainda está ao redor?

— Suponho. Mas não pode incomodar ninguém.

Mas ainda poderia esconder-se. Ver tudo ao seu redor. Oh... oh, não. — É possível que esteja aqui?

Os ombros de Eidolon se agruparam com tensão. — O deixamos na Escócia, mas poderia ter usado o Harrowgate como outros demônios.

— Acredito que... — Ela inalou com dificuldade. — Acredito que ele fez exatamente isso. Sabe que posso ver espíritos? Tenho visto uma figura que parece transparente para mim. Ele está como...

— Queimado?

— Sim.

— Roag. — Os olhos de Eidolon tornaram-se vermelhos, e enfiou o punho no lado da ambulância, deixando um oco do tamanho de uma laranja. — Filho da puta!

— Eidolon! — ela segurou seu braço, e quando ele o afastou dela, ela lhe deu um puxão. — Levei a criatura fora do hospital. Ele não está aqui agora mesmo, a menos que encontre uma maneira de voltar.

Ele ficou tão quieto como um poste de luz. — Aonde o levou?

— Phillips Court... uma espécie de complexo de apartamentos e alojamentos.

— A antiga casa de Shade. Mas porque ele iria ali? — Eidolon falava para si mesmo, o qual era bom, porque ela não sabia a resposta. Ela sentia-se realmente culpada apesar de tudo.

Finalmente ele negou com a cabeça. — Vou verificar. Você precisa encontrar Lore. Eu buscarei Shade.

* * * *

Sin não queria voltar ao hospital. Seus irmãos eram uns imbecis e todo o lugar a colocava de cabelos em pé.

A única coisa positiva que havia acontecido ultimamente era o sexo com Conall e resultou ser uma aposta. Os 260 que conseguiu disso lhe comprariam um novo par de dardos FAE paralisantes feitos a mão.

Exceto... que ela não os necessitava certo? Ela se libertaria de Deth e então poderia... o que?

Algo se apertou dolorosamente em seu estômago, como se uma pedra tivesse pulado através de um lago de ácido. Ela não pensara nisso antes. Desde a idade de vinte anos, ela nunca foi livre, sem dono, e não fazia ideia do que se supunha que faria de si, de repente não havia ninguém que lhe desse ordens.

Saiu do Harrowgate e no serviço de emergências... e diretamente ao caos. Shade e Eidolon rolavam pelo chão dando golpes, e pelo que ela podia ver, sem se conterem.

Conall e Luc olhavam, cada um com um pouco de bilhetes. Outra aposta. *Pergunto-me como poderia entrar nessa.* O olhar de prata fundida de Conall se fechou com o seu, e ela tomou uma respiração repentina, quente. Ele era a fantasia de cada mulher, desde seu corpo perfeito aos seus extraordinários olhos, a sua perigosa masculinidade. As garotas boas tremeriam diante dele, inclusive quando se entretinham com fantasias malvadas, particulares. As garotas más fariam dessas fantasias realidade em qualquer momento e em qualquer lugar.

Sin era uma garota má.

E sua criança má interior, bom, seu demônio interior, morria de vontade de fazer algo que pudesse incomodar seus irmãos.

Foder com um dos seus paramédicos poderia ser o bilhete. Além do mais já sabia que o sexo com Conall não era exatamente uma dificuldade.

A batalha durou enquanto cruzavam todas as deliciosas

possibilidades em sua mente, até que Shade rapidamente se afastou de Eidolon, agarrando seu estômago, sua boca aberta em um lamento silencioso. Sin instintivamente deu um passo adiante para ajudar e se surpreendeu quando Eidolon fez o mesmo. Estiveram lutando como se odiassem um ao outro, estavam ensanguentados e com hematomas, mas o medo na expressão de Eidolon não deixou nenhuma dúvida de que não eram inimigos.

— Shade? — Eidolon estava de joelhos ao lado de seu irmão, sua *dermoire* brilhava. — O que acontece? Maldito seja Shade, fala comigo!

Shade se colocou de joelhos. — Merda — suspirou. — Runa. Ela está... está... com problemas. — Ele se colocou de pé e cambaleou para o Harrowgate. — *E* envia Tay para minha casa. A casa. Merda. Depressa.

Eidolon não perdeu tempo, pegou seu telefone do bolso enquanto Shade desaparecia pela porta.

Sin não fazia ideia do que havia acontecido, mas um sentimento de medo e apreensão dizia que isto era só o começo de algo horrível.

Dezoito

A mulher chamada Runa estava esparramada em uma poça de sangue que se espalhava rapidamente, o punhal de Lore empalado em sua entranha. Ela tentou se transformar em warg, mas Rariel estava preparado e a golpeou no pescoço com um alfinete de prata.

Não a mate, Roag disse. Eu quero que ela viva. Para sofrer pelo resto de sua vida, sempre ouvindo os gritos de seus filhos e sabendo que eles morreram em uma dor excruciante.

Rariel teve que entregá-la ao demônio, ele foi furtivo como um merda, enganando Idess para aparecer com ele no velho apartamento de Shade. A partir disso, ele pôde entrar aqui e deslizar para dentro quando Runa abriu a porta.

Rariel ajoelhou ao lado dela e ajustou a máscara de esqui que vestia para esconder sua identidade. A vadia a arrancou e retorceu em sua luta. — Eu vou matar os seus filhotes agora.

Ele gentilmente alisou seus dedos sobre sua face com uma necessidade estranha e impulsiva para confortá-la apesar do que estava dizendo. Ele desprezava isso sobre si mesmo, os pequenos vislumbres de bondade que ainda não estavam corrompidos pelo mal que o cercava. Felizmente, eles não duravam muito ou aconteciam com frequência.

— Você vai ouvir seus gritos — ele continuou, — mas você não poderá fazer nada sobre isso. Eu vou levar um deles e você vai dizer a Shade que vou trocá-lo por Kynan. Se você não entregar o humano dentro de 24 horas... use sua imaginação.

Ela soltou um grito agonizante e tentou agarrar seu caminho em direção as escadas. Ele admirava sua garra por todo bem que faria a ela

Deixando-a sangrar, Rariel seguiu o som dos bebês chorando.

Eles estavam no topo da escada, três deles, em um berçário decorado de azul e verde profundo. Apesar dos brinquedos espalhados pelo chão e murais de animais cobrindo as paredes, o quarto não configurava de modo nenhum como um berçário humano cheio de babados. Ainda assim, desde as duas cadeiras de balanço até o sofá-cama onde era óbvio que um ou ambos os pais ficavam com as crianças, o lugar foi testemunho do amor que Runa e Shade compartilhavam com sua prole.

Pesar revirou o estômago de Rariel, mas depois de um único e fraco fôlego, ele se recuperou e levantou o filho mais barulhento para fora do berço.

A coisa o mordeu. Talvez torcer o seu pequeno pescoço não seria tão difícil, afinal.

— *Runa!* — Shade gritou, alcançando as escadas assim como o bater de pés. Merda.

Vá, Roag disse. Eu vou entrar no Harrowgate com eles. Eu quero ver o sofrimento de Shade.

— Divirta-se. — Rariel lançou um último olhar para as duas crianças no berço, e saiu de lá com a terceira.

Então, ele não matou os bebês, mas ele ainda conseguiria o que queria: Kynan. Morto. Amuleto. Na mão. Idess. Desonrada.

A vitória estava tão próxima que ele podia sentir o seu gosto. Assim que ele se materializou em seu esconderijo central no Sheoul, ele sorriu para o bebê gritante e pensou que talvez também pudesse permitir a Deth um gosto. Da criança.

* * * *

A necessidade de esticar suas pernas e se sentindo um pouco desamparada, Sin foi pegar um café. Não que ela soubesse onde era o refeitório. No entanto, engraçado como ela encontrou o armário específico onde ela se esbarrou com Conall.

Calor inundou seu corpo com a memória, e ela realmente arrastou seus dedos sobre a porta ao passar.

Idiota.

E onde diabos era o refeitório? Perdida no labirinto das salas do

hospital, ela seguiu os sinais de volta ao departamento de emergência, onde a equipe estava novamente concentrada em torno de um cubículo com cortinas.

Esticando seu pescoço, Sin pode distinguir o topo da cabeça de Eidolon. Agilmente, ela subiu em uma das cadeiras da sala de espera para que ela pudesse ter uma visão melhor. E então ela desejou que não pudesse ver aquela maldita coisa.

Shade e Eidolon estavam na minúscula sala onde uma mulher ensanguentada jazia imóvel sobre a cama. Shade parecia como se fosse sucumbir a qualquer segundo. A fêmea devia ser Runa, sua companheira.

Eidolon e Shade estavam ambos canalizando seus poderes para ela. Eidolon xingando e Shade suplicando. Duas vezes a *dermoire* de Shade queimava tão brilhante que Sin teve que apertar seus olhos. Ambas às vezes, Eidolon se esticou sobre Runa para colocar uma mão em seu irmão.

— Calma, irmão — Eidolon murmurou na segunda vez. — Diminua uma engrenagem. Você vai se queimar todo.

Shade tremeu quando suas marcas diminuíram a intensidade, embora ainda mais brilhante que as de Eidolon.

— Por favor, Runa. — A voz quebrada de Shade. — Volte para mim, baby.

Sin ficou congelada, incapaz de desviar o olhar da mulher lutando por sua vida e os dois homens que estavam tão ferozmente tentando fazer isso acontecer.

— Yo, Sin.

Ela virou em direção a dona da voz e quase caiu das cadeiras. Uma mulher de cabelos vermelhos que trazia as marcas de companheira Seminus em sua mão esquerda parou ao seu lado, mas Sin não sabia dizer a qual dos outros irmãos ela pertencia, uma vez que sua jaqueta de couro e gola alta cobriu o resto da *dermoire*. Mas ela segurava em cada braço um bebê se contorcendo, e assim que Sin desceu da cadeira a outra mulher lhe entregou um bebê.

— Aqui. Segure seu sobrinho.

Muito surpresa para recusar, Sin estendeu suas mãos e a próxima

coisa que sabia, suas mãos estavam cheias de Rugrat. Eles não cheiravam a talco de bebê ou bosta. Bônus.

— Você é Tayla? — Sin lembrou vagamente Lore mencionar que a companheira de Eidolon era uma Guardiã, e esta mulher usava um cinto de armas na bainha de seu quadril sob seu casaco. Sin totalmente respeitava isso.

— Sim. — Tayla distraidamente embalava a criança nos braços enquanto ela observava o trabalho de Shade e Eidolon em Runa. Alguns membros da equipe se dispersaram para lidar com um novo trauma, deixando o local aberto para Sin e Tayla ver tudo acontecendo.

Sin imitou o movimento de balanço da Guardiã. Tentou, de qualquer maneira. Por alguma razão o seu bebê sacudiu muito mais do que o de Tayla. — O que aconteceu com Runa?

— Eu não sei — Tayla disse. — Eu cheguei ao apartamento de Shade logo depois dele. Runa estava inconsciente e Rade tinha ido embora.

— Rade?

Fúria transformou os olhos verdes de Tayla em uma floresta em chamas. — Um dos trigêmeos.

Sin olhou para baixo em direção ao contorcido bebê que ela segurava, incapaz de imaginar alguém roubar algo tão pequeno e inocente. — Você sabe quem fez isso? Ou por quê?

— Não. Mas se alguma coisa acontecer com ele... — Ela parou, e Sin preencheu os espaços em branco. O sequestrador está tão morto. Provavelmente se a criança ficar ou não ferida.

— Sh-Shade? — a voz de Runa era esganiçada e fraca, mas ambos, Eidolon e Shade, pareciam aliviados ao ouvi-la pelo menos.

— Graças a Deus — Shade sussurrou. — O que é *lirsha*? — ele gentilmente acariciou sua bochecha com a ponta dos seus dedos. Sua garganta trabalhou várias vezes para engolir em seco, e Sin tinha a impressão de que ele estava tentando conter as lágrimas.

Runa piscou seu olhar desfocado, mas Sin viu o momento em que tudo voltou a ela com uma clareza terrível. A companheira de Shade gritou e se levantou tão rápido que ninguém teve a chance de

empurrá-la de volta para baixo.

— *Rade!* Onde ele está?

— Runa, acalme-se...

— Onde? — ela puxou a camisa de Shade e arrastou-o para ela.
— Ele o tem. Oh, meu Deus, ele o tem! Tenho que encontrá-lo... —
Soluçando, Runa lutou para sair da cama, mas Eidolon injetou algo em sua veia. Quase instantaneamente, ela ficou atordoada, com os olhos desfocados, e Shade foi capaz de levá-la de volta para a cama.

— Runa? O que aconteceu? Quem tem nosso filho?

— Eu posso senti-lo... mas ele está tão longe...

— Ele está vivo então. Obrigado Deus. — Shade apertou seu ombro suavemente. — Runa, diga-me o que aconteceu.

— Tentei lutar... tão difícil... — Lágrimas escorriam pelo seu rosto enquanto ela estava ali, olhando fixamente para o teto. — Ele disse... ele disse que temos que entregar Kynan dentro de 24 horas. Ou... ou...

Shade a abraçou e usou seu grande corpo para conter seus soluços poderosos. Nos braços de Sin, o bebê chorou.

* * * *

Desespero rasgou Shade como nunca conheceu antes, a sua considerável dor ampliada pela de Runa. Ela era forte, e sua dor física era suportável, mas sua agonia emocional foi uma lâmina quente através da alma.

Temos que entregar Kynan dentro de vinte e quatro horas. Ou então...

Apenas uma pessoa queria o mal de Kynan. A estranha sensação de malevolência que ultrapassara o hospital recentemente parecia penetrar dentro de Shade através da laceração de sua alma, adicionando combustível para a raiva e ódio que borbulhava como metal fundido em seu coração. Gentilmente, ele abaixou Runa, agora com qualquer coisa que *E* injetou nela. Ele mal se mantinha inteiro quando ele pegou o punhal que foi empalado no corpo de sua companheira e seguiu em direção a Sin.

Ela se manteve firme a terra enquanto ele se aproximava, mesmo sabendo que seus olhos mudaram para o vermelho e ela provavelmente poderia sentir a raiva que irradiava fora dele.

— Shade — *E* espalmou seu ombro, mas Shade encolheu-o e plantou-se na frente de Sin. Wraith explodiu do Harrowgate.

Primeiramente, Shade impulsionou o punhal para sua irmã. — De quem isso pertence?

Sin respirou assustada. — Onde você conseguiu isso?

— Responda à pergunta.

Seus olhos brilhavam de irritação, mas ela cheirava a ansiedade.

— *Sin!* — seu latido a fez saltar e fez parar um pouco o choro de Stryke.

— É de Lore. — De alguma forma, ela fez sua resposta soar como um desafio.

Ele poderia ter respeitado isso, se tivesse sido em qualquer outra situação. Porém um vazio escuro e gelado se formou em seu peito. Apesar de tudo o que acontecera, na maioria das vezes ele não tinha realmente esperado pela morte de Lore. Por alguma razão, quando ele estava fora do hospital e de Eidolon, ele realmente podia se acalmar e pensar racionalmente. E, ironicamente, Runa defendera Lore. Não era que ela queria que Kynan morresse, ela só queria que Shade não desistisse de nenhum de seus irmãos.

Era tarde demais para isso.

— Onde ele está?

Recuando, Sin realmente trouxe Stryke mais perto de seu peito, como se Shade pudesse ser um perigo para seu próprio filho. — Você não pode pensar que ele tem algo a ver com as lesões de sua companheira ou o desaparecimento de seu filho.

— Onde. Ele. Está?

— Escute-me...

— *Onde?*

— Ele está sendo torturado agora mesmo, ok? — ela colocou seu

olhar nivelado e com desafio. — Ele não poderia ter feito isso porque ele está sendo torturado.

— Você testemunhou isso?

— Não, mas ele não teria feito isso — ela retrucou. — E, inferno, de modo nenhum ele deixaria o punhal para trás.

— E por que isso?

— Porque eu o dei a ele. Ele nunca teria desistido dele voluntariamente. Nunca.

Shade não deu a mínima para o valor sentimental, e agora, ele não dava a mínima para o que Sin pensava que sabia sobre seu irmão, também. — Vá até ele — Shade rosnou. — Vá até ele e lhe diga que quero vê-lo. Agora.

Sin entregou Stryke. — Eu vou. E eu espero que você rasteje aos seus pés e peça perdão, quando eu provar que você está errado. — Ela olhou para Wraith como se ela tivesse algo a dizer para ele, mas após uma breve agitação da cabeça, ela se foi, desaparecendo no Harrowgate.

No momento em que ela partiu, Shade abraçou Stryke perto e contornou *E*, cujo rosto estava pálido, um olhar assombrado.

— Isso é culpa sua — ele rosnou. — Seu filho da puta, aquele bastardo quase matou Runa, e ele tem o meu filho, porque você se recusou a fazer o que era necessário. — As mãos de Shade se sacudiram com a necessidade de atacar, mas ao invés disso ele apertou ainda mais seu filho. — Se eu não precisasse de você para cuidar de Runa, eu acabaria com você agora mesmo.

— Você precisa se afastar, Shade — Tayla disse com sua voz baixa e calma, para não assustar os bebês, mas a advertência subentendida foi clara. — Antes de você dizer algo que você vá se arrepender.

— Há um monte de coisas que eu me arrependo — disse ele, sem tirar os olhos de Eidolon, — mas confie em mim, nada que eu diga aqui vai ser uma delas. — Ele virou-se para Wraith, que parecia tão chateado, como se seu próprio filho tivesse sido levado. — Não posso deixar Runa ou os bebês, e eu não confio em Sin para fazer qualquer coisa, a não ser dizer a Lore para fugir. Encontre-o, Wraith. Encontre-o, mate-o, e traga o meu filho de volta.

Dezenove

Sin correu pelos corredores do covil dos assassinos, fazendo soar suas armas contra seu quadril, seus peitos, a parte baixa das costas. Precisava encontrar Lore. Precisava ver por si mesma que ele não era responsável pelo que havia acontecido a Runa e o bebê.

Não é que ela tivesse alguma dúvida. Lore nunca machucaria uma criança. Havia sido contratado e ordenaram matá-los antes e ele havia se negado... isto fez com que sangrasse durante dias nas mãos dos torturadores especiais de Deth. Os chamados Descascadores.

Sin estremeceu e silenciosamente amaldiçoou Deth e seus comparsas demônios.

Mas, e se Lore tivesse levado o menino como garantia sem intenção de machucá-lo, apenas para assustar Shade para que renunciasse a Kynan? Não podia imaginar que fosse tão cruel para ferir Runa assim e ele certamente não seria descuidado o bastante para esquecer seu punhal, mas...

Oh, Deus!

Começou a correr descontroladamente, violentamente através da sala, se chocando nas paredes e derrubando Sunil, um metamorfo tigre com caráter geralmente dócil. Ele nem sequer a xingou quando ela caiu de uma só vez. Lyco, no entanto, o fez. O macho warg sempre a desprezou e sua desagradável promessa de vingança ficou suspensa no ar gelado enquanto ela corria.

Adiante, a porta da câmara de Deth se abriu e a luz de cor laranja pálida corria através da abertura, uma figura sombria lançava uma sombra de grande tamanho envolto em traje negro, ele deslizava pelo corredor, longe de Sin, mas não antes que ela o alcançasse para ver algo que se contorcia em suas mãos.

Um pé minúsculo e pálido caído sobre a curva do seu braço. —

Rade — sussurrou ela.

Com seu coração palpitando, ela correu até o demônio. — Hey! Alto! — o homem emitiu um olhar de ódio por cima do ombro, apressou o passo, virou a esquina... e desapareceu.

Merda! Furiosa e a beira da loucura; arrastou seu rabo para a câmara de Detharu onde seu mestre estava perto da chaminé, nu e observando como uma nova assassina Drekevac, estava sendo dominada por dois guardas e forçada a fazer uma perfuração na língua. Os olhos de Deth brilhavam, seu pau estava inchado e Sin sabia que a mulher ajoelhada ia ter uma introdução grosseira no mundo da irmandade Detharu.

— Deth. Onde está Lore?

— Lá embaixo. É livre para ir.

Ela piscou. — Ele pode se mover?

— Ele será curado.

Graças a Deus. Limpou a garganta. — O homem que acaba de sair. Quem é?

— Rariel? — Deth se esticou para acariciar a cabeça espinhosa da fêmea, abrindo-lhe a boca a força. — Por quê?

— Só por curiosidade.

— Você é uma dor no rabo — ele fez uma onda com sua mão. — Vá.

Seu tom não deixava lugar para discussão. Ele já foi muito mais útil do que esperara, provavelmente porque estava distraído com sua nova aquisição. Isso, e porque todo seu sangue havia se dirigido para o sul, deixando-o estúpido.

— Só mais uma coisa... o menino. É seu?

Deth virou a cabeça como se fosse um rolamento de rodas e ela sabia que havia ido longe demais. — Mais uma palavra e você vai se juntar a Ystla de joelhos.

A fêmea gritou quando o piercing perfurou sua língua. Sin escapara há anos deste destino, graças a uma brecha em seu contrato, uma brecha que Deth havia dado a volta desde então. Sin

definitivamente, não queria que ele encontrasse uma destas turvas manobras agora.

— E lembre ao seu irmão que o tempo dele entregar a cabeça do humano está acabando.

Ela assentiu com a cabeça apenas o suficiente para satisfazer sua necessidade de reverências e se dirigiu para as escadas que a levariam para as masmorras.

* * * *

— Lore?

Lore gemeu diante do som da voz de Sin e gemeu mais quando ela cortou o cabo da viga onde ele estava pendurado. — Onde está Idess? — rosnou ele. Tinha a garganta em carne viva como se estivesse gritando há dias e doíam-lhe as mandíbulas por evitar precisamente isso. — Onde?

— Onde você a deixou, eu presumo. — Sin o baixou em seus joelhos na poça de seu próprio sangue e segurou o copo de água em seus lábios ressecados.

Sim... isso era correto. Ele a deixou em sua casa. Ela queria estar com ele e ele a rejeitou. Ele arriscou a raiva em vez de despojá-la de suas roupas, despi-la e tomá-la como deveria.

Você não pode tomá-la. Ela morrerá.

Mas ele precisava dela. A raiva corria por seu sangue como o óleo de um motor, engrossando e fazendo-se cada vez mais contaminado à medida que circulava.

— Ela estará irritada comigo — ele caiu de bruços em suas mãos e joelhos enquanto o cômodo girava. Seus pensamentos giravam também, todos correndo juntos até que ele não estava certo de quais eram lembranças e quais eram fantasias. — É por ela que eu consegui aguentar isso, Sin. Eu só pensei nela. Não posso tê-la, mas continuei pensando nela e eu sei que ela está chateada e porra, eu estou tagarelando.

— Um pouquinho — ela bateu em seus lábios com o copo. — Não se preocupe com isso agora. Vamos.

— Deth não terminou comigo. — O torturador ainda não havia

trabalhado a parte dianteira de Lore e ainda havia uma prateleira completa de ferramentas que ele não havia utilizado. Não, Lore tinha várias horas de pinças nos lugares mais divertidos para vir.

— Deth disse que você pode ir embora.

— Por quê? — ele bebeu a água fresca com gratidão, mas cuspiu um gole quando um horrível pensamento veio até ele. — Que tipo de acordo você fez com ele?

— Nenhum.

A dor o deixou de mau humor e bateu o copo com força para chamar sua atenção. — O que é que você não está me dizendo?

O fato de que Sin não lhe repreendera por sua característica demonstração de caráter, dizia que isto ia ser ruim. Repentinamente, cada uma das lacerações em suas costas parecia como se tivesse seu próprio batimento cardíaco.

— Estiveram a ponto de matar a companheira de Shade e levaram o seu filho — a voz de Sin era grave. — Você foi culpado por isso.

— Droga. — A raiva em seu sangue se transformou em lodo e seus músculos começaram a tremer como se quisessem atravessar sua pele. — *Droga!* — fechando os olhos, respirou profundamente e se perguntou como ia sair desta confusão. — Você disse a Wraith que eu preciso falar com ele para ver se pode conseguir entrar na cabeça de Deth...?

— Uh... você se perdeu quando eu disse que é culpado? Acho que você deveria evitar seus irmãos neste momento. Pelo menos até que tenhamos provas de que você não é responsável.

— Preciso de você mais do que nunca, Sin.

Wow, eu nunca pensei que ele diria isso.

— Não, não. Acho que sei quem o fez.

Lore virou sua cabeça para olhar para sua irmã. — Quem?

— Esse cara chamado Rariel. Eu o vi sair da câmara de Deth com Rade.

— O de cabelo preto longo? Com uma túnica?

— Sim.

Filho da puta. Sabia que esse imbecil tramava alguma coisa. — Tem que dizer aos nossos irmãos.

— Não irão acreditar em mim. Pensariam que estou mentindo para te salvar.

Ela provavelmente tinha razão. — Você acha que poder encontrá-lo? — sua irmã era um dos melhores rastreadores do abrigo.

— Acho que sim. Eu te verei em sua casa em uma hora. Devo ter uma pista até então — ela sorriu tristemente. — Enquanto isso arrume suas armas.

Seus músculos se aqueceram novamente e ele rangeu os dentes respirando através deles enquanto continha a escuridão que queria sair e engolir um monte de gente.

A porta do covil se abriu com um rangido e entrou um Seminus loiro desconhecido. — Sou Tavin. Detharu me enviou para te curar.

Esta era a primeira vez, mas Lore não ia se queixar. — Só não toque na minha *dermoire* — disse ao Sem. Ele não sabia se iria matar o cara ou não, os irmãos de Lore e sua irmã eram imunes, mas não sabia se era porque eram irmãos ou porque eram demônios Seminus e ele não queria colocar isso a prova neste momento.

— Se você puder me nocautear ao mesmo tempo em que está me curando, faça-o. — Lore respirou fundo. — Do contrário, temos um fodido problema.

— Está perto, certo? — Sin perguntou em voz baixa e Lore assentiu com a cabeça.

Tavin arqueou uma sobrancelha loira. — Esta perto de que?

— De te esfaquear com os dentes e isso é apenas o começo. — Sin ficou de pé. — Deixe-o inconsciente ou não terá chance de desejar tê-lo feito.

* * * *

Lore acordou, completamente curado e estendido no solo fora do Harrowgate perto de sua casa. Alguém inclusive o havia limpado e vestido. Provavelmente Sin, ela havia cuidado dele em inúmeras

agressões.

A raiva ainda ardia nele, mas o que Tavin fizera durante a cura aliviou um pouco. O fato de que ele já não tivesse dor ajudava muito também.

Esperava que pudesse manter controlado seu incrível Hulk até que falasse com Idess para descobrir quem demônios o culpou e por que. Sua teoria de que tudo isto era sobre ele e não sobre ela, começava a parecer mais plausível.

Precisava encontrar este cara, Rariel, e trazer Rade de volta. Tão maluco como parecia, nem era porque o menino era seu sobrinho, era somente o que ele deveria fazer. Riu disso à medida que se aproximava de sua casa, Idess estava flutuando sobre ele, infectando-o com suas vibrações de Anjo de benfeitor ou algo assim.

Entrou em sua casa pela porta dos fundos e antes de ter dado cinco passos, Idess estava em sua cara. — Desgraçado! Como se atreve a fugir assim? Tenho te procurado por toda parte. E... — fez uma pausa em seu discurso para olhá-lo direito. — Você não foi torturado. Você está bem. — Ela voou para seus braços, fazendo-o cambalear para trás, surpreso como o inferno. — Graças ao Senhor, você está bem. A culpa estava me matando.

— Sim — disse ele, esperando que ela não percebesse que ele tivera que falar com um nó na garganta, ou que agora tinha uma furiosa ereção. — Eu estou bem.

Ela se afastou. — Então, onde você foi?

— Para o covil. — Suavemente a afastou dele e deu alguns passos ao redor dela. Ele havia subestimado grosseiramente a resposta de seu corpo a ela e mesmo agora, vibrava com a necessidade de puxá-la e possuí-la duro e rápido. Era em parte pela raiva e em parte pelo fato de que se tratava simplesmente de... Idess. Ele a queria e não havia maneira de negá-lo. Ele a queria tanto que quando estava pendurado na câmara de tortura de Deth, se distraiu com ideias loucas, enquanto estava na nuvem de dor.

Queria relacionar-se com ela para que ela fosse sua para sempre. Queria correr dentro dela uma e outra vez, de modo que seu sêmen agisse como uma droga, transformando-se em algo que ela ansiasse quando seus orgasmos se tornassem mais fortes e mais duradouros.

Mesmo se pudesse, ela era um Anjo. Não podiam ficar juntos.

Não de forma permanente. Sem dúvida, o grande cara lá em cima não via com bons olhos as relações Anjo-Demônio e mesmo que sim, ela ascenderia logo. Abandonando-o.

Mas tudo isso era um ponto discutível de qualquer modo. Seu estúpido dom da morte descartava uma relação de qualquer tipo e como se isso fosse pouco, tinham o enorme problema chamado Kynan na sala.

Rangendo os molares com frustração, se dirigiu direto para sua bebida e parou bruscamente na disposição sobre a mesa. Pasta com frango com azeite de oliva cheio de molho vermelho. Pão torrado com alho. Coloridos vegetais ao vapor. Seu estômago roncou como um poço de piche do sul de Sheoul.

— Pensei que você poderia ter fome quando voltasse. — Suas mãos desceram suavemente sobre seus ombros e o nó na garganta ficou maior. — Porque se você foi torturado...

Seu coração apertou. Ela esteve preocupada com ele e desafojou sua energia nervosa cozinhando. Seus dedos começaram uma massagem profunda nos ombros enquanto ele mordida um pedaço de pão e gemia. E ela era uma cozinheira excepcional também, ele mal conseguia fazer um sanduíche.

Ela tinha o material para ser uma companheira, pura e simples. As fantasias que o haviam mantido acordado durante a tortura voltaram a ele em crueis detalhes e a raiva que estivera construindo em seu interior foi substituída por um impulso primário de transar. De fazê-la sua.

— Um Anjo que cozinha — sua voz era áspera pelo esforço que fazia para não saltar sobre ela. — Quem diria que havia isto em você?

Ela se afastou para desligar a televisão, o qual estava no último volume, dando as notícias sobre os problemas sem fim no Oriente Médio. — Nunca cozinhei para ninguém mais além de mim, mas acho que posso fazê-lo bem.

Esse foi o eufemismo do século e o pão se revirou indo para o seu intestino. Ela era tão perfeita, tão decente e tão errada para ele e ao mesmo tempo era agradável fantasiar em tê-la, aquelas pequenas fatias de uma vida com ela só era um estúpido sonho temporário.

— Hey — a voz de Idess era uma suave mensagem da sala de estar. — Eu disse algo errado?

— Sim — ele reclamou. — Quero dizer, não. Você não fez nada errado. — *Fez tudo bem. Demônios.* — Cookie, temos um enorme novo problema. — Esquecendo a comida e anulando temporariamente seus impulsos corporais, virou-se para ela. Ela estava quieta ali, com as mãos cruzadas diante dela, o olhava com preocupação. Desejava que ela parasse de fazer isso, porque ele não queria, não merecia.

— E agora o que? — ela havia trocado de roupa em algum momento. Quando ele saiu, usava um par de calças de cor caqui BDU[1], botas de luta e uma blusa preta com botões presos abaixo de seus peitos, revelando seu ventre plano que ele queria beijar cada vez que o via.

Ela parecia doce e sexy, incendiando-o como um adolescente que acabava de pegar sua primeira revista pornô.

De forma casual ajustou sua ereção e continuou. — A companheira de Shade foi atacada e um de seus filhos sequestrado. Rade está retido como resgate por Kyran.

Cada gota de cor desapareceu de seu rosto. — A companheira de Shade? Onde?

— Não sei. Por quê?

Ela enganchou os polegares nos bolsos e olhou para o chão. — Em primeiro lugar... você sabe quem a atacou e pegou o menino?

— Sim viu Rade com um demônio chamado Rariel.

Franzindo o cenho, Idess o olhou de novo. — Rariel?

A esperança brilhou. — Você o conhece?

— Não... mas isso parece com um nome de anjo. Poderia ser caído.

Era a vez de Lore franzir o cenho. — Se ele é um anjo caído, porque não vai ele mesmo atrás de Kyran?

— Não sei — disse Idess. — Mas a razão pela qual eu pergunto sobre Shade é porque pode ser que eu tenha outra peça do quebra cabeças. Seu irmão, Roag vigia o hospital.

Lore congelou. — Como você sabe?

— Eu vi. Os anjos são capazes de ver aqueles que existem em

dimensões que sua visão limitada não pode captar. Eu o ajudei a sair do hospital — disse com voz rouca. — Eu não sabia quem era e aparentemente, o levei ao antigo apartamento de Shade. O busquei depois que Eidolon me disse, mas... — ela negou com a cabeça. — E se ele teve algo a ver com o ataque?

O impacto fez com que a mente de Lore trabalhasse preguiçosamente já que reproduzia os últimos dias desde o princípio. O cara, Rariel estivera com Deth... e estava com Rade, querendo trocá-lo por Ky, mas se ele era um anjo caído, porque teria armado uma armadilha para Lore para que levasse toda a culpa? Espera...

— Anjo.

— Sim?

— Não você. — Lore sorriu um pouco ao dizer isso, mas ficou sério rapidamente. — Tenha paciência comigo aqui. Encontrei-me com Rariel quando Roag me contratou. Eles se conheciam. Se ele é um anjo caído...

— Ele podia ver Roag assim como eu — ela suspirou.

— Exato. E se eles estão trabalhando juntos para que Roag possa conseguir sua vingança sobre nossos irmãos? Rariel poderia ter me contratado para matar Kynan assim como para me culpar de sequestrar Rade. Roag consegue o que quer e Rariel consegue o colar especial de Kynan — ele franziu o cenho. — O que acontece com o colar, de qualquer modo?

— Colar? Não sei — ela estava mentindo e mudou de assunto antes que ele pudesse voltar a ele. — Mas, porque Rariel também contrataria Sin para matar os meus outros Primori?

Sim, ainda faltava uma peça do quebra-cabeça, mas agora, sua principal preocupação era recuperar Rade.

— Sin está tentando rastrear Rariel. Ela estará aqui em uma hora. Mas se ele fizer mal a este menino... — seria culpa de Lore. Idess apertou-lhe a mão e o fogo disparou por seu braço. Ele sibilou e se afastou tão rápido que bateu contra a parede. — Não!

Ela o seguiu, a preocupação formou linhas delicadas em sua testa. — Lore? Hey, você está bem?

— Não — rosnou, — não estou bem.

Algo sombrio e primitivo vibrava através de Lore como se toda a luxúria que aumentou ao longo dos últimos dias estivesse farta de esperar. Queria sair e queria Idess.

Ela o alcançou. — Quero te ajudar.

Ele se moveu sem pensar, seu corpo se dirigindo para ela antes que seu cérebro até mesmo raciocinasse e a próxima coisa que sabia era que estava sobre ela, pressionando-a entre seu corpo e a parede. Ele a agarrou pelo quadril com sua mão nua e seu pescoço com sua mão enluvada inclinando-lhe a cabeça para que seus lábios roçassem sua orelha.

— Ajudar-me? Você sabe o que me ajudaria? Ficar completamente nua para eu poder mergulhar entre suas pernas e te lambe até que você grite.

— Oh, Lore — ela colocou as mãos em sua cintura e sussurrou contra sua bochecha. — Eu não lutaria com você.

Isso era totalmente o pior que poderia ter dito. Um grunhido sacudiu seu peito ao mesmo tempo em que esfregava sua ereção nela. — Você tem que lutar contra mim, anjo. Porque não me deteria ali — respirou profundamente, respirando seu picante aroma natural que se misturava agora com um odor ainda mais saboroso de excitação. — Antes que você possa respirar, eu estaria dentro de você, te foderia até te encher tanto de mim que me sentiria durante semanas.

Seu gemido de necessidade colocou uma fresta em seu sistema de segurança. Algum impulso profundo, elementar veio sobre ele e ele fundiu seus dentes na suave curva entre seu ombro e pescoço para segurá-la enquanto empurrava contra ela, desejando que estivessem pele contra pele. Idess gritou, mas ela se arqueou para ele para encontrar com cada empurrão de seus quadris.

— Lore... — seus peitos roçaram no peito dele e seus dedos formigavam em sua cintura e ele ia arrancar a roupa dela com os dentes.

Louco pela necessidade arrastou sua mão enluvada até sua caixa torácica. Seu calor praticamente derreteu o couro e depois encontrou seus peitos, e... e merda, ele não podia fazer isso.

Com um rugido afastou-se dela. Seu pau palpitava e as bolas doíam, e em suas veias fluía larva no lugar de sangue. Ela o alcançou e ele a enfrentou com um grunhido demoníaco. — Toque-me e o

último do meu controle quebrará Idess. Eu te tomarei e anjo ou não, você não sobreviverá.

No íntimo, a metade demônio dele uivava de dor e pena. Queria Idess como nunca quisera a ninguém mais. Exigia ela. A metade humana gritava para que se afastasse.

A parte dele que era totalmente masculina queria marcá-la como sua e nunca deixá-la ir. O pensamento o fez estalar em suor frio, porque se não se afastasse dela, a única coisa que ele marcaria seria seu túmulo.

[1]NT.: BDU: (battle dress uniform): calças de camuflagem.

Vinte

Sin correu pelos corredores do covil dos assassinos, fazendo soar suas armas contra seu quadril, seus peitos, a parte baixa das costas. Precisava encontrar Lore. Precisava ver por si mesma que ele não era responsável pelo que havia acontecido a Runa e o bebê.

Não é que ela tivesse alguma dúvida. Lore nunca machucaria uma criança. Havia sido contratado e ordenaram matá-los antes e ele havia se negado... isto fez com que sangrasse durante dias nas mãos dos torturadores especiais de Deth. Os chamados Descascadores.

Sin estremeceu e silenciosamente amaldiçoou Deth e seus comparsas demônios.

Mas, e se Lore tivesse levado o menino como garantia sem intenção de machucá-lo, apenas para assustar Shade para que renunciasse a Kynan? Não podia imaginar que fosse tão cruel para ferir Runa assim e ele certamente não seria descuidado o bastante para esquecer seu punhal, mas...

Oh, Deus!

Começou a correr descontroladamente, violentamente através da sala, se chocando nas paredes e derrubando Sunil, um metamorfo tigre com caráter geralmente dócil. Ele nem sequer a xingou quando ela caiu de uma só vez. Lyco, no entanto, o fez. O macho warg sempre a desprezou e sua desagradável promessa de vingança ficou suspensa no ar gelado enquanto ela corria.

Adiante, a porta da câmara de Deth se abriu e a luz de cor laranja pálida corria através da abertura, uma figura sombria lançava uma sombra de grande tamanho envolto em traje negro, ele deslizava pelo corredor, longe de Sin, mas não antes que ela o alcançasse para ver algo que se contorcia em suas mãos.

Um pé minúsculo e pálido caído sobre a curva do seu braço. —

Rade — sussurrou ela.

Com seu coração palpitando, ela correu até o demônio. — Hey! Alto! — o homem emitiu um olhar de ódio por cima do ombro, apressou o passo, virou a esquina... e desapareceu.

Merda! Furiosa e a beira da loucura; arrastou seu rabo para a câmara de Detharu onde seu mestre estava perto da chaminé, nu e observando como uma nova assassina Drekevac, estava sendo dominada por dois guardas e forçada a fazer uma perfuração na língua. Os olhos de Deth brilhavam, seu pau estava inchado e Sin sabia que a mulher ajoelhada ia ter uma introdução grosseira no mundo da irmandade Detharu.

— Deth. Onde está Lore?

— Lá embaixo. É livre para ir.

Ela piscou. — Ele pode se mover?

— Ele será curado.

Graças a Deus. Limpou a garganta. — O homem que acaba de sair. Quem é?

— Rariel? — Deth se esticou para acariciar a cabeça espinhosa da fêmea, abrindo-lhe a boca a força. — Por quê?

— Só por curiosidade.

— Você é uma dor no rabo — ele fez uma onda com sua mão. — Vá.

Seu tom não deixava lugar para discussão. Ele já foi muito mais útil do que esperara, provavelmente porque estava distraído com sua nova aquisição. Isso, e porque todo seu sangue havia se dirigido para o sul, deixando-o estúpido.

— Só mais uma coisa... o menino. É seu?

Deth virou a cabeça como se fosse um rolamento de rodas e ela sabia que havia ido longe demais. — Mais uma palavra e você vai se juntar a Ystla de joelhos.

A fêmea gritou quando o piercing perfurou sua língua. Sin escapara há anos deste destino, graças a uma brecha em seu contrato, uma brecha que Deth havia dado a volta desde então. Sin

definitivamente, não queria que ele encontrasse uma destas turvas manobras agora.

— E lembre ao seu irmão que o tempo dele entregar a cabeça do humano está acabando.

Ela assentiu com a cabeça apenas o suficiente para satisfazer sua necessidade de reverências e se dirigiu para as escadas que a levariam para as masmorras.

* * * *

— Lore?

Lore gemeu diante do som da voz de Sin e gemeu mais quando ela cortou o cabo da viga onde ele estava pendurado. — Onde está Idess? — rosnou ele. Tinha a garganta em carne viva como se estivesse gritando há dias e doíam-lhe as mandíbulas por evitar precisamente isso. — Onde?

— Onde você a deixou, eu presumo. — Sin o baixou em seus joelhos na poça de seu próprio sangue e segurou o copo de água em seus lábios ressecados.

Sim... isso era correto. Ele a deixou em sua casa. Ela queria estar com ele e ele a rejeitou. Ele arriscou a raiva em vez de despojá-la de suas roupas, despi-la e tomá-la como deveria.

Você não pode tomá-la. Ela morrerá.

Mas ele precisava dela. A raiva corria por seu sangue como o óleo de um motor, engrossando e fazendo-se cada vez mais contaminado à medida que circulava.

— Ela estará irritada comigo — ele caiu de bruços em suas mãos e joelhos enquanto o cômodo girava. Seus pensamentos giravam também, todos correndo juntos até que ele não estava certo de quais eram lembranças e quais eram fantasias. — É por ela que eu consegui aguentar isso, Sin. Eu só pensei nela. Não posso tê-la, mas continuei pensando nela e eu sei que ela está chateada e porra, eu estou tagarelando.

— Um pouquinho — ela bateu em seus lábios com o copo. — Não se preocupe com isso agora. Vamos.

— Deth não terminou comigo. — O torturador ainda não havia

trabalhado a parte dianteira de Lore e ainda havia uma prateleira completa de ferramentas que ele não havia utilizado. Não, Lore tinha várias horas de pinças nos lugares mais divertidos para vir.

— Deth disse que você pode ir embora.

— Por quê? — ele bebeu a água fresca com gratidão, mas cuspiu um gole quando um horrível pensamento veio até ele. — Que tipo de acordo você fez com ele?

— Nenhum.

A dor o deixou de mau humor e bateu o copo com força para chamar sua atenção. — O que é que você não está me dizendo?

O fato de que Sin não lhe repreendera por sua característica demonstração de caráter, dizia que isto ia ser ruim. Repentinamente, cada uma das lacerações em suas costas parecia como se tivesse seu próprio batimento cardíaco.

— Estiveram a ponto de matar a companheira de Shade e levaram o seu filho — a voz de Sin era grave. — Você foi culpado por isso.

— Droga. — A raiva em seu sangue se transformou em lodo e seus músculos começaram a tremer como se quisessem atravessar sua pele. — *Droga!* — fechando os olhos, respirou profundamente e se perguntou como ia sair desta confusão. — Você disse a Wraith que eu preciso falar com ele para ver se pode conseguir entrar na cabeça de Deth...?

— Uh... você se perdeu quando eu disse que é culpado? Acho que você deveria evitar seus irmãos neste momento. Pelo menos até que tenhamos provas de que você não é responsável.

— Preciso de você mais do que nunca, Sin.

Wow, eu nunca pensei que ele diria isso.

— Não, não. Acho que sei quem o fez.

Lore virou sua cabeça para olhar para sua irmã. — Quem?

— Esse cara chamado Rariel. Eu o vi sair da câmara de Deth com Rade.

— O de cabelo preto longo? Com uma túnica?

— Sim.

Filho da puta. Sabia que esse imbecil tramava alguma coisa. — Tem que dizer aos nossos irmãos.

— Não irão acreditar em mim. Pensariam que estou mentindo para te salvar.

Ela provavelmente tinha razão. — Você acha que poder encontrá-lo? — sua irmã era um dos melhores rastreadores do abrigo.

— Acho que sim. Eu te verei em sua casa em uma hora. Devo ter uma pista até então — ela sorriu tristemente. — Enquanto isso arrume suas armas.

Seus músculos se aqueceram novamente e ele rangeu os dentes respirando através deles enquanto continha a escuridão que queria sair e engolir um monte de gente.

A porta do covil se abriu com um rangido e entrou um Seminus loiro desconhecido. — Sou Tavin. Detharu me enviou para te curar.

Esta era a primeira vez, mas Lore não ia se queixar. — Só não toque na minha *dermoire* — disse ao Sem. Ele não sabia se iria matar o cara ou não, os irmãos de Lore e sua irmã eram imunes, mas não sabia se era porque eram irmãos ou porque eram demônios Seminus e ele não queria colocar isso a prova neste momento.

— Se você puder me nocautear ao mesmo tempo em que está me curando, faça-o. — Lore respirou fundo. — Do contrário, temos um fodido problema.

— Está perto, certo? — Sin perguntou em voz baixa e Lore assentiu com a cabeça.

Tavin arqueou uma sobrancelha loira. — Esta perto de que?

— De te esfaquear com os dentes e isso é apenas o começo. — Sin ficou de pé. — Deixe-o inconsciente ou não terá chance de desejar tê-lo feito.

* * * *

Lore acordou, completamente curado e estendido no solo fora do Harrowgate perto de sua casa. Alguém inclusive o havia limpado e vestido. Provavelmente Sin, ela havia cuidado dele em inúmeras

agressões.

A raiva ainda ardia nele, mas o que Tavin fizera durante a cura aliviou um pouco. O fato de que ele já não tivesse dor ajudava muito também.

Esperava que pudesse manter controlado seu incrível Hulk até que falasse com Idess para descobrir quem demônios o culpou e por que. Sua teoria de que tudo isto era sobre ele e não sobre ela, começava a parecer mais plausível.

Precisava encontrar este cara, Rariel, e trazer Rade de volta. Tão maluco como parecia, nem era porque o menino era seu sobrinho, era somente o que ele deveria fazer. Riu disso à medida que se aproximava de sua casa, Idess estava flutuando sobre ele, infectando-o com suas vibrações de Anjo de benfeitor ou algo assim.

Entrou em sua casa pela porta dos fundos e antes de ter dado cinco passos, Idess estava em sua cara. — Desgraçado! Como se atreve a fugir assim? Tenho te procurado por toda parte. E... — fez uma pausa em seu discurso para olhá-lo direito. — Você não foi torturado. Você está bem. — Ela voou para seus braços, fazendo-o cambalear para trás, surpreso como o inferno. — Graças ao Senhor, você está bem. A culpa estava me matando.

— Sim — disse ele, esperando que ela não percebesse que ele tivera que falar com um nó na garganta, ou que agora tinha uma furiosa ereção. — Eu estou bem.

Ela se afastou. — Então, onde você foi?

— Para o covil. — Suavemente a afastou dele e deu alguns passos ao redor dela. Ele havia subestimado grosseiramente a resposta de seu corpo a ela e mesmo agora, vibrava com a necessidade de puxá-la e possuí-la duro e rápido. Era em parte pela raiva e em parte pelo fato de que se tratava simplesmente de... Idess. Ele a queria e não havia maneira de negá-lo. Ele a queria tanto que quando estava pendurado na câmara de tortura de Deth, se distraiu com ideias loucas, enquanto estava na nuvem de dor.

Queria relacionar-se com ela para que ela fosse sua para sempre. Queria correr dentro dela uma e outra vez, de modo que seu sêmen agisse como uma droga, transformando-se em algo que ela ansiasse quando seus orgasmos se tornassem mais fortes e mais duradouros.

Mesmo se pudesse, ela era um Anjo. Não podiam ficar juntos.

Não de forma permanente. Sem dúvida, o grande cara lá em cima não via com bons olhos as relações Anjo-Demônio e mesmo que sim, ela ascenderia logo. Abandonando-o.

Mas tudo isso era um ponto discutível de qualquer modo. Seu estúpido dom da morte descartava uma relação de qualquer tipo e como se isso fosse pouco, tinham o enorme problema chamado Kynan na sala.

Rangendo os molares com frustração, se dirigiu direto para sua bebida e parou bruscamente na disposição sobre a mesa. Pasta com frango com azeite de oliva cheio de molho vermelho. Pão torrado com alho. Coloridos vegetais ao vapor. Seu estômago roncou como um poço de piche do sul de Sheoul.

— Pensei que você poderia ter fome quando voltasse. — Suas mãos desceram suavemente sobre seus ombros e o nó na garganta ficou maior. — Porque se você foi torturado...

Seu coração apertou. Ela esteve preocupada com ele e desafojou sua energia nervosa cozinhando. Seus dedos começaram uma massagem profunda nos ombros enquanto ele mordida um pedaço de pão e gemia. E ela era uma cozinheira excepcional também, ele mal conseguia fazer um sanduíche.

Ela tinha o material para ser uma companheira, pura e simples. As fantasias que o haviam mantido acordado durante a tortura voltaram a ele em crueis detalhes e a raiva que estivera construindo em seu interior foi substituída por um impulso primário de transar. De fazê-la sua.

— Um Anjo que cozinha — sua voz era áspera pelo esforço que fazia para não saltar sobre ela. — Quem diria que havia isto em você?

Ela se afastou para desligar a televisão, o qual estava no último volume, dando as notícias sobre os problemas sem fim no Oriente Médio. — Nunca cozinhei para ninguém mais além de mim, mas acho que posso fazê-lo bem.

Esse foi o eufemismo do século e o pão se revirou indo para o seu intestino. Ela era tão perfeita, tão decente e tão errada para ele e ao mesmo tempo era agradável fantasiar em tê-la, aquelas pequenas fatias de uma vida com ela só era um estúpido sonho temporário.

— Hey — a voz de Idess era uma suave mensagem da sala de estar. — Eu disse algo errado?

— Sim — ele reclamou. — Quero dizer, não. Você não fez nada errado. — *Fez tudo bem. Demônios.* — Cookie, temos um enorme novo problema. — Esquecendo a comida e anulando temporariamente seus impulsos corporais, virou-se para ela. Ela estava quieta ali, com as mãos cruzadas diante dela, o olhava com preocupação. Desejava que ela parasse de fazer isso, porque ele não queria, não merecia.

— E agora o que? — ela havia trocado de roupa em algum momento. Quando ele saiu, usava um par de calças de cor caqui BDU[1], botas de luta e uma blusa preta com botões presos abaixo de seus peitos, revelando seu ventre plano que ele queria beijar cada vez que o via.

Ela parecia doce e sexy, incendiando-o como um adolescente que acabava de pegar sua primeira revista pornô.

De forma casual ajustou sua ereção e continuou. — A companheira de Shade foi atacada e um de seus filhos sequestrado. Rade está retido como resgate por Kyran.

Cada gota de cor desapareceu de seu rosto. — A companheira de Shade? Onde?

— Não sei. Por quê?

Ela enganchou os polegares nos bolsos e olhou para o chão. — Em primeiro lugar... você sabe quem a atacou e pegou o menino?

— Sim viu Rade com um demônio chamado Rariel.

Franzindo o cenho, Idess o olhou de novo. — Rariel?

A esperança brilhou. — Você o conhece?

— Não... mas isso parece com um nome de anjo. Poderia ser caído.

Era a vez de Lore franzir o cenho. — Se ele é um anjo caído, porque não vai ele mesmo atrás de Kyran?

— Não sei — disse Idess. — Mas a razão pela qual eu pergunto sobre Shade é porque pode ser que eu tenha outra peça do quebra cabeças. Seu irmão, Roag vigia o hospital.

Lore congelou. — Como você sabe?

— Eu vi. Os anjos são capazes de ver aqueles que existem em

dimensões que sua visão limitada não pode captar. Eu o ajudei a sair do hospital — disse com voz rouca. — Eu não sabia quem era e aparentemente, o levei ao antigo apartamento de Shade. O busquei depois que Eidolon me disse, mas... — ela negou com a cabeça. — E se ele teve algo a ver com o ataque?

O impacto fez com que a mente de Lore trabalhasse preguiçosamente já que reproduzia os últimos dias desde o princípio. O cara, Rariel estivera com Deth... e estava com Rade, querendo trocá-lo por Ky, mas se ele era um anjo caído, porque teria armado uma armadilha para Lore para que levasse toda a culpa? Espera...

— Anjo.

— Sim?

— Não você. — Lore sorriu um pouco ao dizer isso, mas ficou sério rapidamente. — Tenha paciência comigo aqui. Encontrei-me com Rariel quando Roag me contratou. Eles se conheciam. Se ele é um anjo caído...

— Ele podia ver Roag assim como eu — ela suspirou.

— Exato. E se eles estão trabalhando juntos para que Roag possa conseguir sua vingança sobre nossos irmãos? Rariel poderia ter me contratado para matar Kynan assim como para me culpar de sequestrar Rade. Roag consegue o que quer e Rariel consegue o colar especial de Kynan — ele franziu o cenho. — O que acontece com o colar, de qualquer modo?

— Colar? Não sei — ela estava mentindo e mudou de assunto antes que ele pudesse voltar a ele. — Mas, porque Rariel também contrataria Sin para matar os meus outros Primori?

Sim, ainda faltava uma peça do quebra-cabeça, mas agora, sua principal preocupação era recuperar Rade.

— Sin está tentando rastrear Rariel. Ela estará aqui em uma hora. Mas se ele fizer mal a este menino... — seria culpa de Lore. Idess apertou-lhe a mão e o fogo disparou por seu braço. Ele sibilou e se afastou tão rápido que bateu contra a parede. — Não!

Ela o seguiu, a preocupação formou linhas delicadas em sua testa. — Lore? Hey, você está bem?

— Não — rosnou, — não estou bem.

Algo sombrio e primitivo vibrava através de Lore como se toda a luxúria que aumentou ao longo dos últimos dias estivesse farta de esperar. Queria sair e queria Idess.

Ela o alcançou. — Quero te ajudar.

Ele se moveu sem pensar, seu corpo se dirigindo para ela antes que seu cérebro até mesmo raciocinasse e a próxima coisa que sabia era que estava sobre ela, pressionando-a entre seu corpo e a parede. Ele a agarrou pelo quadril com sua mão nua e seu pescoço com sua mão enluvada inclinando-lhe a cabeça para que seus lábios roçassem sua orelha.

— Ajudar-me? Você sabe o que me ajudaria? Ficar completamente nua para eu poder mergulhar entre suas pernas e te lambe até que você grite.

— Oh, Lore — ela colocou as mãos em sua cintura e sussurrou contra sua bochecha. — Eu não lutaria com você.

Isso era totalmente o pior que poderia ter dito. Um grunhido sacudiu seu peito ao mesmo tempo em que esfregava sua ereção nela. — Você tem que lutar contra mim, anjo. Porque não me deteria ali — respirou profundamente, respirando seu picante aroma natural que se misturava agora com um odor ainda mais saboroso de excitação. — Antes que você possa respirar, eu estaria dentro de você, te foderia até te encher tanto de mim que me sentiria durante semanas.

Seu gemido de necessidade colocou uma fresta em seu sistema de segurança. Algum impulso profundo, elementar veio sobre ele e ele fundiu seus dentes na suave curva entre seu ombro e pescoço para segurá-la enquanto empurrava contra ela, desejando que estivessem pele contra pele. Idess gritou, mas ela se arqueou para ele para encontrar com cada empurrão de seus quadris.

— Lore... — seus peitos roçaram no peito dele e seus dedos formigavam em sua cintura e ele ia arrancar a roupa dela com os dentes.

Louco pela necessidade arrastou sua mão enluvada até sua caixa torácica. Seu calor praticamente derreteu o couro e depois encontrou seus peitos, e... e merda, ele não podia fazer isso.

Com um rugido afastou-se dela. Seu pau palpitava e as bolas doíam, e em suas veias fluía larva no lugar de sangue. Ela o alcançou e ele a enfrentou com um grunhido demoníaco. — Toque-me e o

último do meu controle quebrará Idess. Eu te tomarei e anjo ou não, você não sobreviverá.

No íntimo, a metade demônio dele uivava de dor e pena. Queria Idess como nunca quisera a ninguém mais. Exigia ela. A metade humana gritava para que se afastasse.

A parte dele que era totalmente masculina queria marcá-la como sua e nunca deixá-la ir. O pensamento o fez estalar em suor frio, porque se não se afastasse dela, a única coisa que ele marcaria seria seu túmulo.

[1]NT.: BDU: (battle dress uniform): calças de camuflagem.

Vinte e Um

Idess junto com Lore apareceu no estacionamento do UG. Eles correram para dentro, onde pelo menos duas dezenas de espíritos estavam em um frenesi, atacando as paredes, aos prantos e encolhidos nos cantos. Eidolon estava de pé no balcão de triagem, e em seguida viu Lore, seus olhos ficaram vermelhos e ele rosou como um tigre furioso.

— Não! — Idess correu para frente e bateu com as mãos em seu peito. — Lore não atacou a companheira Shade, e ele não tem o bebê. Wraith estará aqui em um momento. Ele vai confirmar isso.

Falar no demônio, o Harrowgate brilhou, e Wraith disparou para fora, logo atrás de Kynan. Kynan, como um ser humano, não deveria ter sido capaz de viajar através do Harrowgate a menos que ele estivesse inconsciente, mas seu status de encantado o protegeu da morte certa.

— O que aconteceu? Onde está Gem?

— Em exame — disse Eidolon. — Ela foi encontrada inconsciente e sangrando de um ferimento na cabeça na sala de pessoal.

— Será que o feitiço Haven está fraco? — Wraith perguntou.

— Não.

Idess respirou. — Foram os fantasmas.

— Mãe. Foda-se. — Wraith rosou. — Este é o único lugar que deveria ser seguro do filho da puta que atacou Runa, e temos que nos preocupar com essa merda de fantasma. Serena e Stewie ainda estão aqui?

Eidolon assentiu. — Eles estão com Tay no meu escritório.

— Vou levá-los para casa. Não os perderei de vista. — Ele apontou o polegar para Lore. — Grande mano aqui não foi responsável por Runa e Rade. Alguns chamam este babaca de Rariel. — Eidolon soltou um longo suspiro. — Você precisa dizer a Shade. Ele não vai me escutar.

— Onde ele está?

— Ele está na caverna com Runa e os meninos. É muito arriscado para tê-los aqui quando temos wargs doentes chegando.

Wargs doentes?

— Ele deve estar seguro, então. Estou fora daqui. — Wraith decolou no final do corredor em uma corrida, correndo direto através de um dos espíritos, que gritou alto o suficiente para Idess olhar. Eidolon passou mão sobre o rosto e se virou para Lore.

— Onde você estava?

— Oh, hey, não se preocupe em pedir desculpas por pensar que eu ataquei a tua cunhada e roubei teu sobrinho nem nada.

Um músculo se contraiu na mandíbula Eidolon, e Idess teve a sensação que ele estava tentando manter seu temperamento sob controle.

— Seu punhal foi enterrado em seu intestino, e a mensagem dada a ela foi para entregar Kynan. O que deveríamos pensar? Você está tentando matar o cara. Por dinheiro.

— Por sua irmã — Idess disse firmemente. Estava cansada desses caras culparem a Lore, odiá-lo, combatê-lo. — Sin vai morrer se Lore não fazê-lo.

— Foda-se. — Eidolon olhou para Lore. — Como você planejava sair com ela? — a voz do médico era legal, profissional e apenas plana o suficiente para mostrar o quanto ele estava tentando esconder sua preocupação com a situação de seus irmãos.

— Precisamos encontrar Rariel. Ele tem que estar por trás do contrato. Matá-lo, e que o contrato seja anulado.

— E o que dizer dos fantasmas? — Eidolon perguntou. — Isso tudo é muita coincidência para pensar que não está relacionado.

Idess afastou a atenção de dois espíritos perto do Harrowgate que agarravam os postes, suas tentativas desesperadas para obter o portão para trabalhar o coração.

— É Roag. Ele é o mais aterrorizante dos espíritos. — Ela examinou o quarto, e com certeza, o fantasma negro se escondia na junção de dois corredores, ainda envolto em um manto, ameaça emanando dele em uma nuvem turva.

Quando Idess se moveu em direção ao demônio, o Harrowgate brilhou e de repente, uma nova sensação se derramou sobre ela. Familiar. Mas, como uma sua canção favorita sendo tocada na velocidade errada. Sua pele queria saltar para fora dela.

— Será que o Harrowgate faz muito isso? Flash, mas nada acontece?

— Ultimamente, sim — disse Eidolon. — É estranho.

A familiaridade passando sobre ela novamente, e lágrimas brotaram de seus olhos. Lore agarrou-a.

— Idess? Tudo bem? O que há de errado?

— Eu não... eu não consigo explicar. Parece com Rami. E dói.

— Oh, querida irmã — veio uma voz toda-demasiada-familiar atrás dela. — Como eu amo lhe causar dor.

* * * *

Lore chamou por Idess quando ela entrou em colapso. Ela ficou tão branca quanto os fantasmas que ela tinha falado, e embora ela lutasse fracamente para ficar sozinha novamente, ela não tirava os olhos de Rariel.

Mas... querida irmã?

Lore se mantinha perto de Idess, segurando-a apertada contra ele. — Onde está Rade?

Ao nome do bebê, Eidolon enrijeceu. — Este é o maldito que tomou o meu sobrinho?

— Não — sussurrou Idess. — Não pode ser. Rami... não.

— Rami? — Lore gritou. — Quando isso, o irmão que Ascendeu?

— Ela contou sobre mim para você? — sorrindo, o homem enfiou as mãos nos bolsos da calça jeans. — Estou lisonjeado.

Nos braços da Lore, Idess tremeu. — Como isso é possível?

— Obviamente, irmãzinha, eu caí. Por causa de você.

— Como e por quê? — ela deu de ombros, se livrando dos braços de Lore, mas permaneceu ao lado dele.

— Quieta — ele sussurrou, e Lore teve que segurar-se para não brigar com o filho da puta, havendo mágica ou não. — Você me traiu. *Você me arruinou.*

Membros da equipe começaram a se aproximar, todos olhando esperançosos para Eidolon, como se a espera de uma ordem.

— O que eu fiz — Idess disse, — foi terrível. Eu vou fazer o que você quiser, para compensar isso. Só não machuque a criança.

Ambos, Lore e Eidolon simultaneamente rosnaram: — Onde está ele?

— O filhote está... seguro. Relativamente. — Rami balançou os ombros, fazendo seus músculos ficarem tensos sob sua camisa preta. — Sua irmã, no entanto...

O ar dos pulmões de Lore ficou preso e suas pressas doeram. — O que você fez com ela? — Rami arreganhou os dentes. — Está brincando com arame farpado. Agora eu tenho uma caverna para visitar. — Fez uma pausa, oferecendo uma carranca falsa a Eidolon, cuja expressão congelara. — Oh, você pensou que eu não sabia sobre a caverna de Shade ou como chegar lá? Roag é um tesouro de informações.

Lore se lançou sobre o anjo caído. Rami estalou os dedos como rainha fashion do drama, e a seguir a mão de Lore se fechou no ar vazio. — Como ele consegue fazer isso?

— Ele não pode! — Idess correu em direção ao Harrowgate. — Mas ele pode ficar invisível.

O portão está fechado, e ela derrapou até parar. — Ele se foi. Filho da puta, ele se foi. — Eidolon se atrapalhou com seu telefone celular. Seus dedos tremiam quando ele apertava os botões. — Vamos, Shade. Responda. Responda... — ele esperou, e então, — Shade! Saia

daí. Não desligue... *merda!* — ele ligou outra vez, andando loucamente e amaldiçoando sem parar. Então, com um rosnado vicioso, ele atirou o telefone contra a parede. Pedacos de plástico explodiram no ar.

— Temos que ir até eles — disse Lore.

— Eu sei. — Eidolon abaixou atrás do balcão de triagem e apertou um botão. — Médicos do Pronto-Socorro, Código Verde.

Quase que instantaneamente, dois paramédicos do sexo masculino passaram através de uma porta perto da saída do estacionamento, sacos pendurados nos ombros. O macho loiro com olhos de prata parou na frente de Eidolon, que fez um gesto para eles seguirem.

Lágrimas brilhavam nos olhos do Idess. — Isso não é culpa sua — Lore disse e roçou os lábios nos dela. Ele pegou a mão dela com a sua e entrou no portão com Eidolon e os médicos.

O portão se abriu em uma selva vaporosa, e Eidolon correu rapidamente, deixando uma trilha brilhante para trás. Eles seguiram em uma corrida de vida ou morte. Ramos batiam em seus rostos, raízes e cipós pareciam sair do chão para agarrá-los, mas eles não abrandaram o ritmo, continuaram a correr até chegarem a uma cachoeira no alto de uma rocha enorme. Eidolon girou em torno dele, chegou em um buraco, e uma seção enorme de parede mudou de lado.

— Shade! — Eidolon gritou em pânico, ao mesmo tempo em que sons de gelar o sangue chegavam até eles devido a batalha que acontecia dentro da caverna.

Eles entraram através de uma cozinha estranhamente moderna e foram até um quarto enorme, onde Shade lutava com Rami. Os golpes de Rami eram fortes e rápidos, enquanto os socos poderosos de Shade pareciam ser uma inconveniência menor para o anjo caído. Sangue, a maior parte de Shade, Lore poderia dizer, o piso revestido e as paredes manchadas. Em um canto, um enorme warg de pêlo caramelo estava agachado protetoramente sobre uma criança. Perto dali, Sin era um monte imóvel de sangue e hematomas.

Ele a viu assim antes, e sua cabeça rodou quando a memória voltou para seu cérebro.

Lore não reconheceu a mulher que ele bateu na parede. Ela se deitou no chão, sangrando e enrolada em si mesma. Sede de sangue rugia em suas veias, inflamando sua pele já em chamas. Seu braço estava em chamas, a

estranha nova marca brilhando.

Matar.

A mulher no chão tinha as mesmas marcas. Ela choramingou.

Matar.

Suor frio sobre seu corpo, mas isso não impediu a queimadura. A fêmea choramingou novamente.

Executar.

Lore cambaleou para trás, embriagado com memórias. Através da névoa da visão que teve viu Eidolon e os médicos se lançando para a batalha, atirando Shade para longe do anjo caído e se colocando diretamente na luta. Em menor número, Rami rosnou e tentou sair lá. Tudo parecia tão distante, enquanto a memória do dia que ele ganhou suas tatuagens e dom ainda se agarrava às paredes de sua mente.

Sin. Ele não se lembrava de nada. Até agora. Deus, ele, não ela. Mais e mais, e ele nunca seria capaz de fazer isso para ela. Ele caiu de joelhos ao lado dela, sentindo um crack doloroso em seus joelhos como uma penitência inadequada. Idess e o médico loiro se juntaram a ele.

No fundo, seus irmãos falavam palavras duras e murmúrios suaves... e, em seguida, Runa, agora em sua forma humana, estava ajoelhada ao lado de Sin.

Lore agarrou o ombro de sua irmã. Seus braços estavam dobrados desajeitadamente debaixo dela, e ela estava estranhamente curvada para cima. Gemendo, ela se virou. Debaixo dela, embalado contra seu estômago, estava o segundo bebê.

Lágrimas escorriam pelo rosto Runa quando ela aninhou o bebê ao peito. — Obrigada — ela soluçou. — Você salvou a vida dele.

— Sim. — A voz sarcástica de Sin era um sussurro de dor. — Eu sou uma heroína. — Ela virou de lado, e o estômago de Lore se torcia com a visão de seus pulsos sangrando, os quais foram amarrados com arame farpado, cortando profundamente sua carne. Ele resistiu ao impulso de esfregar os próprios pulsos em simpatia.

O médico amaldiçoava, e olhava surpreso para Sin que piscava para ele. — Con — ela murmurou. — Não foi possível ficar longe,

hein?

Con grunhiu e moveu as mãos enluvadas sobre o corpo de Sin com segurança e prática. — O que dói?

— Arame farpado não é tão confortável — ela respondeu asperamente.

— Basta segurar firme. Preciso da ajuda do doutor *E* para removê-lo.

Lore amaldiçoou. — Sin, me desculpe...

— Cale a boca — disse ela, mas não havia raiva em sua voz, — a culpa é minha por deixar que a escória me capturasse de surpresa. Ele me trouxe aqui para que eu pudesse ver os meus sobrinhos morrer. — Estremecendo, ela virou. — Debaixo de mim. O punhal. — Cuidadosamente, Lore colocou a mão debaixo dela, saiu com seu punhal de osso de Gargantua... que estava coberto de sangue. — É este...

— Sim. — Ela deu um sorriso trêmulo. — Eu esfaqueei o filho da puta. Agora vá buscá-lo. — Seu sorriso desapareceu. — Mano, você está correndo contra o tempo.

Ela não estava falando sobre Rariel, e ele sabia disso. Seu ferimento palpitava sem parar, tanto que a dor era quase constante agora. Ou Rariel morreria, ou teria que matar Kynan, e mal havia 24 horas para ele fazer acontecer a morte de alguém.

— Eu sei, Sin. Eu tenho que ser rápido. — Lore trocou olhares com Con. — Cuide dela.

— Não se preocupe. — Lore olhava Eidolon e o outro médico trabalharem em Shade, ele encostou-se em uma cruz de Santo André... e foi quando percebeu que todos os apetrechos... interessantes... que revestiam as paredes. Algemas de pelúcia, chicotes de couro macio e máscaras... e sim, isso era muita informação. Ele não conseguia imaginar a delicada Runa, que se sentava tranquilamente na cama, observando Shade com olhos preocupados e segurando seus filhos apertadamente, segurando um chicote de couro.

— Como Sin está? — Eidolon não tirou os olhos do ferimento maciço na coxa de Shade.

— As funções vitais estão boas — Con respondeu. — As

principais lesões são contusões e lacerações superficiais, mas ela tem arame farpado embutidos em seus pulsos. A circulação sanguínea está boa.

Eidolon deu um aceno de cabeça afiado. — As lâminas provavelmente não atingiram nenhum grande vaso.

Aliviado que Sin não estava em perigo imediato, Lore virou-se para Idess, mas ela havia desaparecido. Encontrou-a na sala de TV, cabeça inclinada, braços em torno de si mesma.

— Hey — ele disse, puxando-a para seus braços. Deus, ela se sentiu bem contra ele. Como ela pertencia. Como, desde que ficasse assim, tudo ficaria bem.

— Meu irmão. — Ela soltou um soluço, estava tremendo. — Como isso pôde ter acontecido? Como eu pude deixar isto acontecer?

O coração de Lore estava apertado. — Não é culpa sua, meu anjo. Ele não é o cara que você conheceu. Ele está furioso e insano... — Ele parou quando a imagem de Sin sangrando no chão da casa de seus avós veio novamente para ele, e a sua voz tornou-se um sussurro. — Todo mundo está bem. Chegamos aqui a tempo.

Ela balançou a cabeça tão forte que seu rabo de cavalo bateu em seu braço. — Mas, Rade. Oh, Lore ... se ele ferir a Rade...

— Ele não vai — Lore jurou. — Vamos pregar a bunda dele na parede. Meu punhal provou seu sangue. Você pode levar-nos até ele.

— Bom — ela sussurrou. — Isso é bom.

O bater de botas no chão anunciou duas chegadas. Mantendo Idess sob o braço dobrado protetoramente, Lore virou.

Eidolon arrancou um telefone por satélite da mesa perto do sofá. Shade estava a poucos metros de Lore, ainda coberto de sangue e seu olhar sombrio. — Então esse cara, Rariel, levou Rade. — Não era uma pergunta, e quando Lore assentiu, Shade falou. — Eu pensei que você estava com ele.

— Você estava errado.

Mais desculpas. Não iria engolir. — Mas você foi contratado para matar Ky.

Contratado não era a palavra certa. *Forçado* estava mais perto, mas agora não era o momento de se desesperar. — Sim.

Shade fechou as mãos em punhos, e Lore colocou Idess de lado e se preparou para um golpe. — *E* disse que se você não fizesse isso, Sin iria morrer. — Ele falou em um tom abafado, para o qual Lore foi grato.

— Sim.

— Não podemos deixar isso acontecer. — O tom de Shade foi frio. Letal. Mas pelo menos ele viu a verdade da situação e queria ajudar a salvar sua irmã.

— É por isso Idess e eu estamos indo matar Rariel. — Ao lado dele, Idess ficou tensa como um fio de garrote, e merda, era melhor ela estar a bordo para matar o desgraçado.

— Você disse que seu nome é Rami. Por que ele está chamando a si mesmo Rariel?

— Nós recebemos novos nomes na Ascensão. — Ela abaixou a cabeça e os ombros caíram. — Eu ainda não posso acreditar nisso.

Shade agarrou uma jaqueta preta de motoqueiro que estava pendurada em um gancho na parede da caverna. — Eu vou com você.

— Você não pode — Idess disse. — Só posso transportar uma pessoa para sua localização.

— Inferno, sinos do caralho. — A maldição proferida por Shade ecoou pela câmara. — Eu quero saber como ele encontrou na caverna. — Ele jogou sua jaqueta, batendo com força no sofá e derrubou um chocalho. Quase com reverência, ele pegou o brinquedo, que estava gravado o nome, *Rade*.

Eidolon colocou o telefone por satélite de sua base. — Roag. — Ele hesitou antes de acrescentar em voz baixa, — É o que eu estava tentando dizer-lhe pouco antes de Runa ser atacada, e em seguida um pouco antes, quando eu chamei.

A tensão estava no ar, e Lore prendeu a respiração, sem saber se Shade ia atacar Eidolon ou não, Shade é teimoso e se recusava a ouvir a advertência de Eidolon.

A tempestade passou quando Shade rosnou. — Queimar essa

viscosa caveira filho da puta. — Ele agarrou o chocalho e Lore esperava a explosão. Mas pelo menos ele não explodiu. — Ele está praticamente morto, e ainda está fodendo com a gente.

— Quem está fodendo com a gente? — Runa entrou na sala. Seu cabelo caramelo como uma moldura em torno de seu rosto pálido, mas Lore suspeitava que ela estivesse longe de ser tão frágil como ela aparecia.

Shade foi até ela. — Não é importante. Você precisa cuidar dos meninos, e eu vou lidar com isso.

— O inferno que vai! — ela espetou o ombro dele. — Meu filho está em perigo, e eu quero saber de tudo.

— Runa...

— *Tudo.*

Shade suspirou. — *E* diz que é Roag. Ele tem algo a ver com tudo isso.

Runa perdeu o pouco de cor que ela tinha, mas sua voz era firme e mortal quando ela disse, — Eu quero vê-lo morto. Dolorosamente morto.

Idess atravessou a sala, e quando ficou diante de Runa, ela pegou a mão da mulher. — Farei isso por você — ela jurou suavemente. — Juro a todos vocês, eu de alguma forma vou fazer isso acontecer.

— Idess — Lore disse: — Eu já te disse. Isso não é culpa sua.

— Mas é. Meu irmão quer se vingar de mim, e de alguma forma ele conseguiu atrair todos vocês para ele.

— Se tudo isso é verdade — Eidolon começou, — eu gostaria de saber como Roag e Rariel conseguiram se ligar.

— Eu não sei como eles conseguiram se ligar depois que Roag foi amaldiçoado — Lore disse, — mas eles se conheciam antes disso. Rariel estava lá quando Roag me contratou para te matar.

Isso valeu um olhar ameaçador de todos para ele, menos de Idess. — Hey. Eu disse que estava arrependido. — Na verdade, ele achava que não disse, mas talvez eles não se lembrassem.

Provavelmente era hora de ir embora antes deles lembrarem. Olhou para o relógio.

Eles tinham uma hora antes de saírem para caçar Rami. — Idess, temos que ir. A hora do diabo está chegando, e precisamos nos preparar.

Ela virou-se para Eidolon. — Você pode enviar Kynan ou Tayla junto como Lore e algumas armas tratadas com *qeres*?

— Você tem isso.

— *Qeres*? — Lore perguntou. — Algum tipo de veneno anti-anjo?

Ela assentiu com a cabeça. — É o que me afetou tão mal quando Tayla atirou em mim. Ele vai incapacitar Rami com a mesma eficácia.

— Eu não o quero incapacitado — Shade latiu. — Eu quero vê-lo morto.

Fechando os olhos, Idess engoliu em seco, antes que ela pudesse dizer qualquer coisa em defesa de Rami; Shade e Runa poderiam não apreciar, Lore agarrou a mão dela. — Vamos lá, docinho. Rápido para a minha casa. Temos uma batalha para preparar.

* * * *

Idess ainda estava entorpecida quando chegaram à casa de Lore. Eles ficaram no meio da sala, e quando Lore tentou puxá-la para seus braços, ela não permitiu, incapaz de suportar sua bondade depois de tudo que ela fizera.

— Hey. Esta não é sua...

— Pare com isso! Você não sabe. Você não entende o que eu fiz!

— Então me diga — disse ele suavemente. — Diga-me o que você poderia ter feito de tão horrível e insano que justificasse ele conseguir ser expulso do Céu.

— Lore, isto é sério. O traí. E agora ele está preso à Terra e disposto a me machucar, e a todos que estão envolvidos comigo. — Ela olhou para baixo, com vergonha de sequer olhar para Lore.

— Oi. — Ele pegou seu queixo e forçou-a a encontrar o seu olhar. — Mesmo que você esteja certa, a coisa com Roag definitivamente não é sua culpa. O demônio estava maluco antes de

qualquer coisa acontecer. Ele estava apenas esperando alguém para ajudá-lo a obter sua vingança.

Uma batida na porta anunciou a chegada de Tayla e Kynan. Eles entraram, e pela primeira vez Kynan não olhou como se quisesse matar Lore. Tayla trazia um arco, Kynan uma espada. Entregou-a para Lore com o cabo voltado para ele.

— A espada e duas flechas do arco foram revestidas com qeres — disse Kynan. — Eu gostaria que tivéssemos mais, mas o Aegis tem estoque muito limitado.

— Por que isso? — Lore perguntou.

— A receita foi perdida. O pouco que temos é tudo que nos restou.

— Então a use sabiamente. — Tayla entregou o arco para Idess. — Tem certeza que não podemos ir?

— Positivo. — De muitas maneiras, Idess estava feliz por isso. Menos pessoas para o seu irmão ferir. Menos testemunhas para presenciar sua vergonha. — Só posso transportar uma pessoa.

— Então me leve — disse Kynan. — Sou eu quem ele quer. Fico no lugar de Rade. Sei me cuidar, uma vez que você esteja fora de lá com Rade.

Idess suspirou. — Não posso arriscar fazer o que você quer. E, finalmente, ele quer você morto, mas não por sua própria mão. Seu objetivo é destruir-me, o que só acontecerá se você for morto por alguém que não seja ele.

— Droga — ele respirou.

Ela concordou com a maldição. — O Aegis sabe o que está acontecendo?

— Não é segredo que estou em perigo... — Kynan olhou para Lore —... mas nós estamos considerando esta ameaça do anjo caído. Porque se este idiota está morto, eu não preciso me preocupar com você, certo?

— Você deve se preocupar — Lore murmurou, e Idess limpou sua garganta. Deu-lhe um olhar envergonhado. — Sim, sim. Uma vez que o contrato é nulo, você não tem nada a temer de mim.

Kynan bufou. — Nunca tive medo.

— Conversa. Você estava se mijando de medo.

Idess meio que esperava sua reação para começar a se defender, então quando Kynan riu, ela pensou que estava ouvindo coisas. — Se eu não te odiasse tanto, eu acho que eu poderia realmente gostar de você.

— Eu provavelmente iria preferir que você continuasse a me odiar.

Kynan deu um sorriso torto. — Você só está louco, porque eu tenho a garota.

— Não — disse Lore, mudando seu olhar para Idess com a posse quente de modo que sua respiração ficou presa na garganta, — eu tenho o que eu quero.

Com o coração batendo e o rosto quente, ela limpou sua garganta. — Se vocês dois já acabaram, devemos nos preparar para o que temos que fazer. — Ela não ia dizer, *Matar Rami*, porque ela orou para que não chegasse a isso. Talvez ela pudesse negociar com ele. Ou salvá-lo de alguma forma.

Porque destruí-lo poderia muito bem destruí-la também. — Como está Gem, a propósito?

— Como eu sempre disse, ela tem uma cabeça dura — Kynan disse, o afeto em sua voz grave inconfundível. — Aparentemente, quando ela se abaixou para pegar algo no chão, a cafeteira caiu do balcão e a atingiu.

Não havia *caído*, Idess tinha certeza. Um dos fantasmas a empurrou, provavelmente sob as ordens de Roag.

— É melhor ir embora — Tayla disse. — Eu quero checar com Shade e Runa. Ah, e *E* disse que Sin vai ficar bem. Ela está no UG fazendo alguns exames.

— Sem dúvida, ela está amando isso — Lore disse ironicamente.

— Bem, eu ouvi um monte de xingamentos ao fundo... — Tayla encolheu os ombros. — Vocês, tenham cuidado. E, por favor, pegue Rade de volta.

— Vamos pegar — Lore jurou. — Ou será a última coisa que eu faça, vou entregar essa criança para Shade.

Tayla balançou a cabeça, e então ela e Kynan saíram de lá.

— Isso vai ser perigoso — disse Idess. — Mesmo com as armas com *qeres*, Rami tem uma vantagem, Lore. Como um anjo caído, ele está aproveitando o poder do Sheoul. Eu não sou um anjo verdadeiro, e eu sou muito mais fraca que ele.

— É por isso que foi afetada tanto pela flecha?

— Exatamente. — Ela esfregou distraidamente o esterno. — Mas, realmente, você ter um buraco do tamanho de um punho aberto através de vocês, e ver como você está.

— Vai passar. — Ele tirou as luvas e jogou-a na mesa da cozinha. — Você melhorou logo em seguida. E se ele fizer o mesmo?

— Ele não vai. Eu tenho um truque na manga.

Sua jaqueta foi retirada, deixando os braços nus nas mangas curtas da sua camiseta, o que lhe deu água na boca.

— Qual é?

— Pó de vinho dos monges beneditinos.

— Pó... vinho? — ele parou no meio do ajuste das armas presas com couro em seu peito. — Como vinho feito por monges?

Ela assentiu com a cabeça. — Vinho feito em uma câmara secreta na Adega Abbey na Inglaterra e abençoado por monges. Uma vez em pó, pode ser usado como uma arma anti-desmaterialização temporária contra anjos caídos e anjos, foi por isso que foi mantido sob sete chaves. Se caísse nas mãos erradas, poderia ser usado para imobilizar o exército dos anjos de Deus durante a Batalha Final.

— Quanto tempo dura?

— Vai nos dar apenas alguns minutos.

— Isso é péssimo, mas é melhor que nada. — Lore expôs suas armas e sistematicamente verificou cada uma. Se eles não estivessem indo atrás de seu irmão, ela realmente acharia sua eficiência e confiança ao manusear as armas incrivelmente sexy. — Então, onde você acha que ele vai estar?

— Sheoul. O Abyssal Proibido. — Sua voz era mais forte do que ela se sentia por dentro.

Lore soltou uma maldição. — Esse é um bom nome para ele. Sabe onde é? O que é?

— Eu já ouvi falar. — Quem não ouviu falar disso?

— É conhecido como Parque do Butchers. — Sua voz era sombria. — Diz-se que nada está fora dos limites lá. Não há regras, exceto que nada pode morrer rapidamente.

É também um dos poucos lugares no *Sheoul* onde os anjos não podem entrar em tudo. Alguns alegaram que o próprio Satanás gostava de ir lá. Sem dúvida que é um local de férias ideal para alguém como ele.

— É por isso que eu sei que ele vai estar lá. Ele nunca foi de meias medidas, e se ele era mal, ele era mal.

— Caramba — Lore murmurou. — Se ele realmente está em Sheoul, você não pode nos colocar lá, e se os rumores são verdadeiros, o mais próximo Harrowgate é um dia de distância. Isso poderia jogar *King Kong* nas coisas. Vinte e quatro horas é muito para mim, meu anjo.

Idess olhou para o relógio na parede. Eles tinham 45 minutos. E mesmo se Rami não estivesse no Parque, se não o encontrassem dentro de uma hora, eles teriam que esperar mais um dia.

O que os colocava muito perto do final do prazo de Lore.

Ela olhou para o demônio de pé na frente dela, um demônio que tinha mais honra e amor em seu coração do que muitos dos seres humanos, que eram mantidos seguros ao longo dos séculos, o destino pregara uma peça neles, e ela pagava por isso há mais de cento e trinta anos.

O destino também o fez Primori, o que significava que ela precisava protegê-lo. Ele não seria capaz de encontrar Rami sozinho no Parque.

Se isso for um teste, ela passaria... mas ela teria que trapacear para consegui-lo. Ela poderia ir com ele, mas somente se ela não fosse mais um anjo.

— Lore?

— Sim?

Lambendo os lábios, ela colocou a palma da mão sobre o peito dele, a direita sobre a sua marca assassino, e depois arrastou sua mão para baixo. Lentamente. Pelo tempo que ela levou para chegar ao cócs da calça jeans, suas narinas queimaram quando sentiu o aroma da excitação que provocara no momento em que ela tocou nele.

— Faça amor comigo.

Vinte e Dois

— Idess... — Seu nome saiu às pressas e com falta de ar.

— Por favor.

Dar um passo para trás foi a coisa mais difícil que ele já havia feito. — Agora não é hora. — O que ele estava dizendo? Qualquer hora era a hora. Especialmente desde que ambos poderiam morrer e isso poderia ser a última chance de fazer sexo com alguém.

— É o momento perfeito.

— Acho que essa coisa de Parque do Butchers não é um grande negócio se você está olhando de frente para a face da morte, hein?

— Acho que não.

— Mas... o seu voto. O que acontece se você quebrá-lo?

Ela o encarou novamente. — Algum tipo de penitência. Nada que eu não possa lidar.

O bom senso disse a ele que a punição para um anjo quebrar seu voto de celibato não ia ser pequena, e ele não podia permitir que ela sofresse, não importando o quanto ele ansiava por ela. Mas quando ele tentou se afastar, ela o agarrou em seus quadris e pressionou seu corpo muito sexy contra o dele. Ainda assim, ele poderia ter tido uma chance contra ela... até que ela sem jeito tocou sua virilha.

Ternura o inundava. Ela o queria, mas não sabia como iniciar o sexo. Não que ele fosse tão melhor do que ela nisso. Nenhum deles era tecnicamente virgem, mas emocionalmente? Ele também era.

Ele havia fodido. Ele foi chupado. Mas ele nunca fez amor com ninguém.

Ele olhou em direção a ela, dentro de seus olhos inocentes que

até mesmo agora brilhava com uma espécie de honestidade desesperada. Ela cedeu a algo, provavelmente sua morte, e ela estava preparada para enfrentá-la.

Sua força o abateu. Devastou-o. Fez querer que ela fosse sua, não importando a que custo.

— Minha — ele rosnou, levando-a em seus braços a caminho do quarto. Ele não fazia ideia de que tipo de instinto de homem das cavernas ocorreu com ele, mas a arrebatou e agora estava no controle, e a única coisa que podia fazer era deixar se levar no piloto automático. E não foi como se Idess tivesse lutado contra ele.

Seu peito oscilava com respirações ofegantes, sua pele era banhada com excitação, e o contorno de seus mamilos contra sua blusa deixou picos minúsculos que imploravam por seu toque. Sua língua. Direto através do tecido.

Minha.

Incapaz de suportar a sensação das roupas contra a sua pele por mais um segundo, ele a colocou na cama e tirou a camiseta, mas antes que pudesse desabotoar sua calça, ela estava de joelhos no colchão batendo suas mãos do caminho.

— Eu consigo fazer isso.

Longe dele argumentar. Além disso, ele estava realmente quente, a forma como a ponta cor de rosa de sua língua escorregou entre seus lábios enquanto trabalhava seu zíper. Seu pau saltou livre, nem sequer teve tempo para desfrutar o choque do ar frio antes de sua mão quente fechar em torno dele.

Ele conteve uma respiração irregular em seus pulmões. — Idess...

Sua boca perto da cabeça de seu pau e ele condenado perto de engolir sua língua. Ela o chupou de forma que faziam seus olhos rolares para trás de sua cabeça, e depois o soltou com um pop suave.

— Eu desejava *tanto* fazer isso — disse ela, num áspero murmúrio matutino, agarrando-o bem entre as pernas com mais força na mão do que ela jamais poderia.

Ela o olhou com um olhar sonolento, sedutor, e caramba, isso foi como algo saído de um filme pornô. Com um sorriso furtivo, ela o

levou para as profundezas da sua quente e molhada boca novamente. Oh, droga, isso foi incrível. Tão surpreendente que seus joelhos iam amolecendo à medida que ela o chupava. Quando ela deu uma atenção especial ao redemoinho que sua língua fazia na fenda, pegando as esferas de cristal que se formava lá, ele teve de morder a bochecha para não gritar.

Uma mão acariciava suas bolas, seu polegar acariciando a divisão entre elas. Ela soprou um pouco de ar frio sobre o seu eixo úmido, e ele estremeceu com prazer. Ela era uma provocadora má, mas ele não a teria de nenhuma outra maneira.

Lentamente, ela arrastou a superfície de sua língua na sua extensão, todo o caminho até suas bolas. Seus músculos tensos, o seu gozo crescendo como um vapor em seu saco, que o fez ainda mais quente quando ela chupou seus testículos com sua boca e os saltou para sua língua.

— Idess — ele gemeu.

Ele sentiu seus lábios esticarem em um sorriso, e ela deu início a um sussurro incrédulo que enviou um choque de estimulação de sua virilha ao seu crânio. Sua cabeça flutuava e sua pele enrijecia. Sua audição se tornou mais aguda, o seu olfato mais nítido. As cores eram mais brilhantes, suas emoções mais intensas.

Sua boca deslizou de volta até seu pênis, seus dentes raspando suavemente e mordiscando à medida que ela prosseguia. Como ela aprendeu essa magia?

Ela o chupou profundamente, tão profundo que ele sentia o fundo da garganta... e, em seguida, ela engoliu. Jesus, ela engoliu, criando um turbilhão de sensação na ponta do seu pau enquanto o seu indicador e polegar cercavam a base e bombeava para cima e para baixo, e a outra mão apertava suas bolas.

— Pare, oh, merda pare... — Ele não conseguia segurar, não pôde resistir as sensações que o transformava de dentro para fora. Ele dirigiu suas mãos a seu cabelo, mas como o clímax se aproximava, andava sobre um fio de navalha, ele afastou sua mão direita a uma distância. Ele sabia que não iria lhe afetar, mas cem anos de paranoia não ia ser extinto durante uma noite.

Sem quebrar seu ritmo, ela tomou sua mão e retornou-a para seus cabelos. Pela primeira vez, ele realmente percebeu o quão especial ela era. Ele poderia deixar fluir... ela queria que ele deixasse.

Para ser livre. Para estar com ela.

Ela o chupou de cima e a baixo enquanto sua mão acariciava seu saco. Sua *dermoire* se contorcia, o poder queimava do seu ombro a sua mão, mas Idess estava segura. Não afetada. O conhecimento e a liberdade condensavam todas as suas emoções, todas as sensações, concentrando-as tão completamente que ele não podia acreditar que seus pés ainda estavam no chão. Seu gozo ferveu em seu pau, um tiro fluído e ardente. Brotando, perdendo o controle, ele o bombeava para sua boca. Ela tomou tudo e se mantinha lambendo e chupando até que ele estava tão sensível que ele teve que afastá-la.

Seu sorriso quando ela o olhou foi de satisfação e carinho. Desejo queimando lá também, e um batimento cardíaco mais tarde, ela foi tirando suas calças.

— É verdade — disse ela com a voz rouca.

— O que?

Ela lançou um sorriso sensual à medida que ela deitava no colchão e levou sua mão para dentro de sua calcinha. Ele quase chegou lá novamente. — As histórias sobre o sêmen da sua raça. É um afrodisíaco. Mais branda que eu poderia imaginar, mas... mmm... isso é incrível...

— Minha metade humana provavelmente afeta a potência... — Ele parou quando ela pôs sua cabeça para trás e começou a dar prazer a si mesma. — Então, novamente, talvez não.

— Você quer ver? Você sabe, me ver gozar?

— Foda, sim... — Ele precisava limpar a garganta, porque ele estava prestes a engasgar com sua luxúria.

— Certo... agora... oh, sim... — Seu corpo veio para fora da cama em pânico quando ela chegou ao clímax, e se esta não foi a coisa mais quente que ele já tinha visto, ele não sabia o que era.

Ele mergulhou na cama, agarrou suas coxas e as abriu. O cheiro de sua excitação feminina fez sua cabeça girar, sua boca encher de água e ele não esperou nem mais um segundo. Ele levou sua boca sobre seu sexo, sobre a seda que o cobria, e lambeu, direto através do tecido.

Murmúrios de prazer acompanhado dos frenéticos movimentos

de seus quadris enquanto ele a invadia com sua boca. Ela veio forte, duas vezes, antes de sua impaciência o fazer arrancar sua calcinha e mergulhar sua língua dentro dela. Um doce mel encheu sua boca e preencheu seu cérebro. O gosto dela era como uma droga, e ele se viciou imediatamente, precisaria disso todos os dias. Duas vezes por dia. Manhã e noite. Talvez à tarde também.

Seus orgasmos vieram um após o outro, acumulando-se até que ele perdeu a conta e ela o puxou pelo seu cabelo para arrastá-lo junto a ela. Atordoada e saciada como um grande gato bem alimentado, ela o viu se aproximando do seu corpo, e então ela o acolheu entre as suas pernas.

Seu pênis era duro como pedra como uma ponta bruta sondando sua entrada, mas ele não estava pronto ainda. Ele queria que isso fosse especial. Queria saborear cada momento.

Beijando-a, ele tirou seu suéter. Ele fez isso lentamente, tomando seu tempo, um pouco atrapalhado, porque seus dedos tremiam. Suas mãos ainda estavam emaranhadas em seus cabelos, suas línguas se enroscavam à medida que seu desespero subiu mais um grau.

— Faça amor comigo — ela disse contra sua boca, arqueando sua pélvis em uma tentativa de encaixar-se ao seu pau.

— Nada pode me parar. — Ele beijou uma trilha do queixo até sua cremosa garganta. Ela era um presente, e ele estava indo desembrulhá-lo lentamente. Seu hálito era quente enquanto ele desabotoava seu sutiã de renda fina. Ele não queria parar de beijá-la até mesmo para remover a última peça de sua roupa, mas ele a queria nua. Pele sobre pele, sem nada entre eles, nunca mais.

Seu telefone celular tocou. O toque de Sin. Ele ignorou. Ele precisava entrar dentro de Idess. Ninguém estava ficando entre ele e o que era dele. Como se ela sentisse seu desespero, ela colocou os braços em volta do seu pescoço e as pernas ao redor de seu quadril com tanta força que, mesmo se ele quisesse, achava que não poderia se libertar.

Suspirando com prazer, ele afundou dentro de seu corpo macio e pronto. Idess engasgou, se agarrou a ele ferozmente, e sussurrou comandos doces e quentes em seu ouvido.

Sensações elétricas invadiram através dele, quando ele começou a empurrar. Ele e Idess conectaram-se mais do que seus corpos, e agora ele entendia por que seus irmãos escolheram companheiras. A

diferença entre foder uma mulher aleatória e fazer amor com alguém com todo o seu corpo e coração só pode ser medido por algo semelhante à escala Richter.

Fazer amor com Idess sacudiu seu centro e arrasou cada uma de suas paredes. Ela era nota dez, com certeza, e enquanto ela abalava seu mundo, ele estava pronto e disposto a assumir os danos.

* * * *

Idess nunca conheceu algo tão perfeito. Lore a beijava enquanto ele entrava dentro dela, levando-a a uma nova altura que abalou sua alma, e ela finalmente entendeu a beleza de dar a si mesmo para outro.

Desde Rami, sua vida foi sobre punir a si mesma, se comprometendo em uma imposta autopenitência enquanto esperava por uma recompensa que ela não tinha certeza se merecia.

Ela finalmente tinha esta recompensa, embora não da forma como ela esperava.

— Idess. — A voz de Lore era maravilhosamente grave.

Ele empurrou tão profundo como ele poderia ir, e ela arqueou para cima, seu corpo o apertando e o segurando lá. Na sua paixão, ela marcou com suas unhas suas costas, e ele sussurrou de prazer.

— *Sim*. Oh, droga... — Ele mudou, segurou sua bunda e a trouxe com mais força contra ele. Deixando sua testa contra a dela, ele olhou em seus olhos quando ele metia nela como um furacão selvagem e primitivo.

A chama do atrito queimando, e então um prazer que a levou para as nuvens. Lore exalou um grito que ela mal ouviu através do barulho de seus batimentos cardíacos em seus ouvidos. Parecia durar para sempre, e quando seus sentidos caíram sobre ela, eles se fundiram juntos com tantas emoções que ela não tinha certeza de como separá-los.

Isso tudo foi tão incrivelmente certo. Fechando os olhos, ela segurava Lore, quando ele caiu em cima dela. Seu peso foi esmagador, mas ela nunca se sentiu mais feliz em ser sufocada antes.

— Desculpe — ele murmurou contra sua garganta. — Eu não tenho a energia para sair. — Ela riu, tentou rir, de qualquer maneira,

e ele gemeu e rolou, puxando-a para perto. — O que há de tão engraçado?

Abençoado o ar que encheu seus pulmões, e o riso finalmente saiu. — Você. Um demônio mau e grande reduzido a uma porção de exaustão por uma simples mulher.

Sua mão acariciou o braço dela. — Não há nada simples sobre você. Você me fez correr desde o início.

Ela sorriu contra o peito, amando como, pela primeira vez em séculos, ela poderia finalmente ser ela mesma novamente, poderia quebrar as restrições que a mantinha tão contida. Ela queria enlouquecer, sair para dançar em um clube, nadar pelada no oceano, beber uma margarita, e depois tentar um monte de coisas sexuais e exóticas com Lore. — Nós somos um par e tanto, não somos?

Por um tempo, o silêncio arrastado se passou. No primeiro momento, Idess se enroscou nele, satisfeita e saciada. Mas, gradualmente, ela se deu conta de uma crescente tensão.

— É hora de ir, não é?

— Sim. — Ele a apertou com tanta força que suas articulações estalaram. — Quanto tempo você tem? Na Terra, eu quero dizer.

— Eu honestamente não sei.

Seu corpo inteiro se paralisou. — Eu não quero perder você. Eu sei que me faz soar como um mesquinho, mas eu não quero. — Sua garganta trabalhou em uma engolida seca. — Eu até... — Ele balançou a cabeça. — Não se preocupe.

— O quê? — ela se apoiou sobre um cotovelo para que pudesse olhar para ele. — Você pode me dizer.

Ele jogou um braço sobre os olhos. — Você vai me odiar.

— Não, eu não vou. — Ela afastou seus braços dali. — Diga.

Ele engoliu de novo e olhou para o ventilador de teto girando círculos preguiçosos sobre a cama. — Eu realmente pensei que se eu matasse Kynan, não seria tão ruim, porque você teria que ficar mais tempo.

Seu peito gelou não deixando espaço para o seu coração bater.

— Você faria isso? Estragar meu futuro? — ela não tinha direito de ficar chocada, uma vez que ela fizera a mesma coisa com Rami, mas como o gelo, a dor se espalhou por ela, e ela realmente começou a entender como seu irmão deveria ter se sentido traído e ferido.

Lore sentou-se em um movimento rápido e constante que a surpreendeu. — Inferno que não. Era um pensamento, aleatório e desesperado. Eu sou um babaca egoísta, mas eu nunca poderia fazer algo tão imperdoável para você. — Ela chorou, mas ele interpretou de forma errada e enquadrou seu rosto com as palmas de suas mãos quentes, encostando os seus lábios sobre o dela. — Eu não estou mentindo, Idess. Juro para você, eu nunca tiraria algo tão importante quanto suas asas para longe. Eu morreria primeiro.

Lágrimas queimaram seus olhos. Horror, lágrimas ácidas que ela merecia. Ela sabia que o quê fizera para Rami era imperdoável, mas ouvir Lore, um demônio, dizendo quão terrível era com tanta convicção, oh doce, doce Senhor, ela merecia o que Rami fez a ela.

— Idess? Desculpe-me, eu não deveria ter dito a você...

— Não é isso. — Ela realmente queria vomitar. — Você não precisa se preocupar em eu ter minhas asas. Eu não irei mais obtê-las. — Ela não as merecia de qualquer maneira, estava enganando a si mesma por séculos, achando que ela ia chegar ao Céu.

Uma carranca puxou suas sobrancelhas escuras para baixo. — O que você não está me dizendo?

— Nós só temos uma chance de encontrar Rami antes do prazo. Anjos não são permitidos no Parque, então eu quebrei meu voto e deixei claro que estou arruinada. Agora posso aparecer em Sheoul.

— Arruinada? — ele se pôs de joelhos e agarrou os seus ombros como se fosse para sacudi-la. — Oh, merda. Não me diga que eu arruinei você por fazer amor com você.

— Foi a minha escolha. Era a única maneira que teríamos para chegar a Rami. Foi à única maneira de você e Kynan serem salvos. Até que eu seja convocada oficialmente, ainda tenho os meus poderes. Apenas não mais o status de anjo.

— Droga — ele sussurrou. — Eu sabia que não deveria ter feito amor com você. Você é muito melhor do que eu e eu a tentei...

Ela o deteve com um dedo pressionado em seus lábios

pecaminosos. — Você não está me ouvindo. E não, eu não sou melhor que você. Você não vê, Lore? Você está se punindo por ser o que é. Por amar tanto sua irmã, você fez o que pensou que era o melhor, mesmo achando que possa ser visto como uma traição. Você deu tudo para sua irmã e é hora de tomar algo para si mesmo. Leve-me. Eu posso estar com você agora. — Ele não precisava saber que *agora* provavelmente não significava mais do que algumas horas antes de ela ser chamada perante o Conselho Memitim... e provavelmente destruída.

Ele engoliu em seco. — Você percebe o que você acabou de dizer, meu anjo? Tomando tudo novamente para si mesmo.

Uma lenta realização forjou o seu caminho através dela. Ela se puniu durante séculos por Rami, colocando toda a sua energia na sua culpa. Fazendo a mesma coisa que ela acabara de acusar Lore. Mas sua traição foi muito, muito mais prejudicial para seu irmão.

Ela engoliu em seco miseravelmente. — Não é o mesmo.

— Como você pode me dizer para tomar alguma coisa para mim mesmo, para me perdoar, quando você mesma não faz o mesmo caminho?

Ele estava certo, e ela quase engasgou com sua própria hipocrisia. — Eu vou pegar algo para mim então. Depois de lidarmos com Rami.

— Prove-me. Se ligue a mim — ele desabafou. — Jure ser minha companheira.

Seu coração bateu contra suas costelas. Ela não viu *o que* estava por vir. Ela estava pensando mais em algo como o roteiro de um cruzeiro tropical ou uma casa maior. Engolindo em seco, ela olhou para o relógio da cabeceira, porque ela não conseguia olhar para Lore, com muito medo que ele interpretasse errado a dúvida em seu rosto como uma rejeição *a ele*, quando na verdade era que ela ainda não tinha certeza de que ela merecia ter nada tão maravilhoso.

— Nós temos que ir. — Sua voz falhou, e a dúvida escoou através dela.

— Eu sei. — Ele segurou seu queixo e trouxe seu rosto para ele de novo. — Eu quero isso Idess. Eu continuo dizendo que eu sou egoísta, e isso só comprova. Eu não posso criar um vínculo com ninguém enquanto eu estiver ligado a Deth, mas assim que nós

derrotarmos seu irmão, eu estarei livre. Nós vamos voltar aqui, e eu vou te fazer minha. Para sempre. Não diga não.

Talvez ela não merecesse isso, mas ele sim. E ela não poderia negar qualquer coisa a ele. — Sim — ela sussurrou. — Eu vou me vincular a você. — Ela sorriu, esperando que ele não percebesse o tremor nos lábios, porque definitivamente eles não tinham o para sempre.

* * * *

Duas e cinquenta e nove da manhã. Hora da Venezuela.

Lore respirou fundo e entregou a Idess o punhal.

— Você está pronta para fazer isso?

— Nem um pouco. — Ela agarrou apertado o pequeno saco de vinho em pó dos monges. Ela tele-transportou dentro e fora da abadia, sem problemas, e admitiu que estava feliz em testar seus poderes. Rami disse que os Memitim arruinados retiam suas habilidades até a sua convocação oficial no Conselho, no entanto ela estava nervosa quanto a isso.

— Você *pode* fazer isso?

Ela desviou o olhar, e o medo afiado através dele. Ele entendeu, pois estava indo matar seu irmão querido. Mas se eles não o matassem, o contrato com Deth permaneceria, e Lore, mais uma vez ia ser pego em uma situação impossível com Kynan e Sin.

Embora... Se Idess se arruinou por dormir com Lore, será que ela continuava sendo necessária para proteger Kynan?

Foda-se. Ele ainda não conseguia acreditar que ela tivesse feito isso, se condenando assim, quando ela passou dois mil anos sonhando em ganhar suas asas. E agora ela não podia.

Por causa dele.

Ele teria que fazer valer a pena para ela de alguma forma, mesmo que ele só pudesse ter a certeza de que ela passasse o resto de sua vida feliz. Ele poderia mimá-la, fazer amor com ela e tratá-la como uma maldita rainha.

Eles só precisavam matar seu irmão em primeiro lugar.

— Idess?

— Sim — ela sussurrou. — Sim. Eu posso fazer isso. — Ela segurou apertado seu arco, pegou a sua mão que segurava o punhal e, de repente, eles estavam em uma caverna no fundo de Sheoul. As paredes eram revestidas por demônios vivos crucificados em cruzes torcidas, alguns sendo comido vivo por várias criaturas do inferno.

Rami ficou a apenas três metros de distância de Lore e Idess, queixo caído e boquiaberto.

— Como...

Idess soltou Lore e lançou o vinho em pó no rosto de Rami. O anjo caído gritou e agarrou seus olhos. Aproveitando-se do sofrimento de Rami, Lore enterrou sua espada nas entranhas do anjo, e Idess gritou com a visão horrível de seu irmão sendo empalado. Vapor assobiou da ferida, um som molhado e grotesco que foi acompanhado pela junção do osso sobre o aço na medida em que Rami tropeçou para trás e para fora da lâmina.

Perseguindo o momento, Lore lançou um golpe que teria decapitado o anjo se tivesse acertado. Mas o bastardo desviou em um borrão, e a ponta da espada apenas cortou sua garganta.

Ele se apoiou contra a parede, dentes à mostra, segurando a barriga e olhando para Idess, que o tinha na mira de seu arco. — Sua *cadela*.

— Rami, por favor. Ouça-me. Desculpe-me. O que fiz foi estúpido. Egoísta. Eu sei que...

— Você *sabe*? Sua façanha egoísta me manteve no inferno desse planeta durante dois séculos extras! — ele gritou. — E então me expulsaram do Céu, sua puta chupadora de pau!

O arco começou a tremer. Lore aproximou-se mais de Idess quando tudo que queria fazer era enfiar a espada no cu de seu irmão. Sua voz tremeu tão dura como sua arma o fez. — O que fiz foi imperdoável. Mas isso te afetou na Terra, e não no Céu.

— Você não tem ideia. — Rami os rodeou, seus movimentos sinuosos como uma serpente, apesar do buraco em seu intestino. — Eu descobri sobre os seus dias de traição depois da minha ascensão. Você sabia minha irmã, que uma vez que a amargura se enraíza em um anjo, ela cresce como uma erva daninha? Cresce até que sua alma

torna-se seca e poluída com o ódio, o que não é bem-vindo no céu. A culpa é *sua* por eu ter sido expulso.

— Não. — Idess queria cobrir seus ouvidos, para bloquear a feia verdade. — Não!

— Cale sua maldita boca! — Lore balançou a espada revestida com *qeres*, mas Rami desviou de novo, e Lore pegou somente um golpe de relance sobre o ombro de Rami. Ainda assim, a ferida queimou e assobiou, e Idess sabia muito bem o quanto doía.

— Tão protetor e possessivo. — Rami laçou a ferramenta de duas vertentes, uma forquilha de um barril e esfaqueou um daqueles ratos ou coisas que roíam o pé de um demônio crucificado. — Como um animal — ele disse, enquanto observava a criatura se contorcer em agonia, indefeso sobre os dentes. — Porque isso é o que todos os demônios são, Idess. Insignificantes. Menores até do que aquilo que os animais dos humanos se alimentam.

Ela poderia ter concordado com isso em um tempo não tão distante, mas ao longo de dois mil anos ela viu animais com mais coração do que alguns seres humanos, e, recentemente, ela testemunhou demônios com mais compaixão.

Diminuindo o passo, ela se concentrou em manter sua voz suave e calma. — Rami, você costumava dizer-me que havia sempre o equilíbrio no mundo. Se isso for verdade, e você sabe que é, então, nem todos os demônios são maus. Como aquele que você pegou. Rade é inocente. Você tem que entregá-lo a nós.

Rami zombou. — Inocente? Ele é um inseto. Você nunca pisou em uma barata?

— Oh, Rami. — Desespero cortou seu coração. — O que você se tornou?

— O que eu sou é por *sua* causa! — ele trovejou.

— Nós podemos fazer melhor. Nós podemos ir ao Pai...

— *Melhor?* — ele riu, mas não havia alegria em seu som. — Você sabe o que vai me tornar melhor? Sua ruína completa e absoluta. Eu quero todos os seus Primori mortos para que você nunca Ascenda. Eu quero que você falhe. Para sentir a humilhação que senti quando soube o que você fez para mim.

Lore lançou-se como uma estrela da manhã, e apesar de Rami girar para fora do caminho, ele acertou seu ombro. Rami arrancou a arma da sua carne e atirou-a ao chão. — Estou decepcionado com você, assassino. Roag jurou que era competente, apesar do fato de ter falhado com ele. Agora eu mesmo vou ter que abater Kynan. E uma vez que tiver o amuleto, eu vou negociar meu caminho de volta para o Céu.

— Você é louco — Idess engasgou. — Eles nunca irão aceitá-lo.

— Então Satanás irá — ele ronronou. — Ele vai querer o colar, e vai me dar o que eu quiser. Você conhece o ditado, é melhor governar no inferno do que servir no Céu.

Lore bufou. — Eu nunca conheci imbecis maiores do que os anjos caídos. Por que então trabalhar com Roag? — a mão de Lore escorregou debaixo de sua jaqueta, e Idess percebeu que ele estava indo para outra arma. — Qual é o seu interesse para que meus irmãos sejam punidos?

— Certamente você entende contratos vinculativos. — Atrás dele, um dos demônios empalados guinchou, e Rami fechou os olhos como se saboreando o som, e sua voz estava quase em transe quando respondeu. — Eu tenho um com Roag. Ele usou o mercado negro e seus contatos subterrâneos para descobrir quais eram os Primori de Idess, e em troca, eu deveria dar a ele tudo o que quisesse. Quando ele desapareceu, eu pensei que estava fora da jogada.

— Porque você acreditou que ele estivesse morto. — Em um movimento tão rápido Idess não viu até que ocorreu, Lore arremessou uma faca na cabeça de Rami.

— Sim. — Rami deslizou para a esquerda, e a lâmina passou inofensivamente pela sua orelha. Seus olhos ainda fechados. — Mas, como se vê, o meu contrato ainda é válido. Os termos são duros. Se eu não conseguir destruir a vida de seus irmãos e separá-los, eu vou... desintegrar.

— Isso seria muito ruim — Lore desdenhou.

A mente de Idess estava agitada em alta velocidade. — Foi por Roag que você descobriu o encantamento de Kynan — ela pensou. — Ele ouviu através de seus irmãos. — Kynan recebeu o seu encanto bem depois de Rami cair, então ele não poderia saber sobre o status de Sentinela Marcado do humano. Ela agarrou seu arco de forma segura e ergueu sua voz, porque em última análise, nada disso importava, e

eles não tinham muito tempo até o vinho em pó se desgastar e Rami poder desaparecer de lá. — Onde está a criança? Eu preciso devolvê-lo à sua família.

— Você não precisa fazer nada, mas sofrer. — Os olhos de Rami se abriram, e com eles veio um brilho profano e ofuscante. Em uma explosão de calor e sangue, ele explodiu para fora de sua bonita pele em uma criatura preta espectral, pingando com a carne retalhada. O próprio ar gritou com fúria, e os demônios crucificados contraíram-se como papel picado. Suas almas escaparam de seus corpos e mexeram ao redor da sala, com mais medo agora do que quando estavam pendurados nas paredes.

Um vento escurecido uivou de dentro de uma caverna escura na parte traseira da câmara. O chão debaixo dos pés do Idess tremeu e retumbou. O vento serpenteava para fora da abertura em uma densa nuvem de fumaça rodeando em torno deles, misturado com o rugido, sons de gritos de agonia das almas dos demônios. Idess tapou os ouvidos, mas dentro de segundos, os barulhos horríveis pararam. As almas haviam desaparecido.

Querido Deus, Rami os destruiu. Ele tinha o poder de *destruir* almas. Assim como seu pai.

— Agora — ele rosnou: — Eu vou fazer você ver o seu amante morrer lentamente. — Ele pulou, bateu com o punho na garganta de Lore. O impacto derrubou a espada das mãos de Lore e o levou a parede. Seu crânio estalou contra a pedra, e ele deslizou lentamente, uma pilha ao chão.

— Lore! — Idess correu em sua direção, mas Rami bateu nela. Ele mergulhou a espada para baixo, parando quando mordeu a ponta do pescoço de Lore. Sangue correu como um riacho lento em sua garganta.

— Você se alimentou dele quando transou com ele? — Rami perguntou. — Você pode sentir o seu terror? Você vai sentir a sua dor? — ele lambeu os lábios como se antecipando o sabor da morte de Lore. E Lore incandesceu-se em desafio enquanto Idess levantou seu arco.

— Não faça isso! — ela se aproximou, desejando que seus joelhos não tremessem e sua voz não fizesse o mesmo. — Eu vou matar você.

Rami riu. — Eu já ganhei. Você fodeu com sua pureza e não

pode mais Ascender. *Eu. Ganhei.*

Com um piscar de olhos, ele recuou a espada e facilmente a mergulhou para frente em um movimento. Chorando, Idess puxou o arco.

Rami gritou quando a flecha rasgou através de sua caixa torácica, logo abaixo de sua axila, até sair do outro lado. O impulso para frente do golpe dado por Rami impeliu a entrada da espada. Em um movimento terrivelmente lento, Idess viu como Lore tentou bloquear a lâmina. O som da união da carne com o metal ressoou quando o pouco da espada entrou em seu antebraço. Sangue pulverizou, mas Lore não vacilou quando ele caiu a seus pés e meteu seu punho no rosto de Rami.

Rami voou para longe com o ataque de Lore, ainda segurando a espada. Rios vermelhos idênticos escorriam pelos lados. Seus olhos vidrados, chocados, se deslocaram para Idess. — Você... atirou em mim. — Sua voz estava crua, descrente, murmurada, como as feridas em suas costelas.

Ela acoplou outra flecha na câmara do arco. — Vou atirar novamente, Rami. Diga-me onde está Rade.

Um sorriso torto nos lábios, a única advertência antes dele agitar a espada. Lore caiu sob o ataque, e a dor queimou no coração de Idess quando ela disparou mais uma vez. A flecha perfurou a coluna de Rami, centrada mortalmente entre seus ombros. Seu uivo de agonia era como ácido para seus ouvidos, e ela deixou escapar um soluço ao vê-lo cambalear para Lore.

— Puta — ele falou asperamente. Sua mão serpenteava para fora com mais velocidade do que ele deveria ter sido capaz, dado seus ferimentos, e ele pegou Lore pela garganta.

Lore rosnou, e com eficiência brutal, levou o punho através da ferida no lado de Rami. Rami gritou, sacudiu como se ele estivesse sendo eletrocutado, e dobrou-se ao chão. Contraindo-se, ele deitou sob suas costas, olhos abertos e com difícil respiração, enquanto Lore arrancou a espada de suas mãos.

Querido Deus, ela sabia que Rami era corrupto e não era mais o caridoso e afetuoso irmão que ela amou, mas enquanto ele estava deitado, ferido e sangrando, seus olhos fluindo com a dor, ela viu somente o irmão que a confortou quando seus pais humanos morreram, o irmão que lutou contra demônios ao seu lado.

— Rami, por favor. Ainda há tempo para se fazer a coisa certa.
— Ela se ajoelhou ao seu lado. — Há bondade dentro de você. Eu sei que há. Onde está a criança? Diga-nos o que você fez com ele.

Lentamente, Rami estendeu a mão em direção Idess. Seu corpo inteiro tremeu quando ele agarrou seus dedos. Lágrimas escorriam pelo rosto Idess, e ela chorou quando ele tossiu, jorrando sangue como um gêiser. Por um momento, Lore pensou que Idess realmente superara o cara. Mas quando sua respiração ofegante chegou ao fim, o olhar frio de Rami encontrou com o de Lore, e seu sorriso deu calafrios em sua a coluna.

— A criança demônio... — ele respirou borbulhando, — dei a seu chefe para uma bela refeição.

Ódio puro e legítimo suprimiu cada pensamento no cérebro de Lore e os substituiu com apenas um. *Matar*. Com um rugido, Lore trouxe a lâmina para baixo no pescoço do anjo. Sua cabeça separada do corpo e rolando em direção as botas de Lore. Mas mesmo quando o sangue derramou-se como um rio dos ombros de Rami, ele formou cordas vigorosas que prenderam na cabeça e puxaram-na para o corpo.

Idess tirou uma lâmina da bainha da parte de baixo das suas costas. — Você realmente se foi, meu irmão — ela sussurrou.

Embora sua mão tremesse, ela não hesitou quando cortou seu próprio pulso e segurou seu braço sangrando para que seu sangue se misturasse com de Rami. Assobios de vapor explodiram para cima, e um batimento cardíaco mais tarde, o corpo do ex-anjo subiu em uma nuvem de fumaça e cinzas.

Lágrimas saíam dos olhos de Idess enquanto ela ficou de pé acima da pilha dos restos carbonizados, segurando o pulso com o sangue escorrendo entre os dedos.

Ela não precisou dizer nada. Lore a alcançou nos braços e a segurou quando ela desabou em soluços.

Vinte e Três

Idess não perdeu muito tempo chorando. Destruíra seu irmão e de alguma maneira teria que lidar com isso, mas assim como ela, Lore sangrava muito e precisava dizer aos seus dois pais que seu filho estava morto.

— Temos que ir — ela grunhiu e Lore assentiu com a cabeça.

Ela os transportou ao estacionamento do hospital. Juntos entraram no PS e no interior encontraram Eidolon limpando uma das várias cabines divididas por todo o serviço de urgências, equipamentos quebrados, cadeiras viradas, remédios esparramados no chão. Os espíritos tinham sido ativos.

Eidolon correu até Lore e Idess, freando um pouco antes de alcançá-los, a expressão devastada dizia a Idess que ele havia lido a eles.

— Sinto muito — disse Lore com voz áspera.

Durante um longo momento, ela pensou que Eidolon ia quebrar. Ele engoliu em seco, várias vezes, seus olhos injetados em sangue e líquidos. Mas quando o sangue de Lore começou a gotejar no chão, mudou para o modo médico.

— Venham comigo — não lhes deixou alternativa a não ser segui-lo a uma sala de exames, onde fez um gesto a Idess para que se sentasse na cama e para Lore que se sentasse. — Suponho que o filho da puta está morto — disse, enquanto colocava as luvas.

— Muito — Lore colocou o braço ferido protetoramente contra seu corpo. — Cure Idess primeiro.

Antes que ela pudesse protestar, Eidolon pegou o pulso dela. — Mantenha pressionado sobre a ferida — disse a Lore. Idess apertou os dentes quando ele começou o doloroso processo de cura de seu corte e quando terminou, ele suavemente limpou o sangue e cobriu a ferida

praticamente curada com uma gaze e esparadrapo.

Eidolon afundou em uma cadeira diante de seu irmão. — Você conseguiu... os restos?

Idess fechou os olhos e ofereceu uma oração para o pequeno menino que seu irmão matou.

— Vou tê-los tão logo termine aqui — Lore disse seriamente.

Muito suavemente, Eidolon descansou o braço de Lore em sua coxa. — Com que te feriram? — murmurou ele. — Uma espada?

— Wow — disse Lore quando Idess se transportou até ele e pegou sua mão boa na sua. — Você está bem.

— Vejo muito disso — Eidolon disse ironicamente. — Geralmente, em Wraith. Está pronto?

— Sim — olhando para ela, Lore lhe apertou a mão. — Sim, eu estou.

Algo em seu peito balançou. Lore geralmente apenas sofria e não dependia de ninguém e provavelmente preferia assim. Mas ele estava pegando força e conforto dela.

A *dermoire* de Eidolon se iluminou e quando Eidolon terminou, limpou o sangue.

Idess se deixou cair junto a Lore quando o bip do doutor soou. Ele o checkou e xingou sonoramente.

— O que é isso? — Lore perguntou.

— Estrangulamento — disse. — Há dois entrando na ambulância e três próximos pela Harrowgate. — Eidolon fechou os olhos e deixou escapar um longo suspiro. — Isto faz um total de oito em questão de dias. Temos uma epidemia em nossas mãos. — Abriu os olhos e dirigiu um olhar para Lore que assustou a Idess até os ossos. — Sin tem alguma habilidade de cura? Qualquer poder de reversão?

— Não, por quê? — mas Idess tinha a sensação de que sabia e ela viu no rosto de Lore que ele sabia também. — Oh, Deus. Sin. Ela começou isso, certo?

— Sim.

Lore xingou. — Não podemos ter um descanso por aqui, não é?

Eidolon ajustou seu estetoscópio no pescoço. — Eu gostaria de dizer que isto é incomum, mas os dois últimos anos têm sido nada mais do que um caos. E apenas vai piorar se não pudermos nos livrar de Roag e seu alegre bando de fantasmas.

Estúpido filho da puta! Não podem se livrar de mim. Você me fez isso!

Idess virou bruscamente sua cabeça para a porta, onde Roag estava escondido, o capuz jogado para trás para revelar uma cara horrível, disforme. Sua pele era uma massa de tecido de cicatriz escura esticada sobre o que era seu osso, em alguns lugares, visíveis. A loucura brilhava em seus olhos mortos.

— Na realidade — Idess disse em voz baixa. — Acho que posso fazer algo a respeito.

Você pode me ajudar? Por favor. Esta maldição... é uma agonia que você não pode entender. Não fiz nada para merecê-la.

— Você contratou seu irmão para matar os seus próprios irmãos — eu disse. — Seus irmãos.

— Ah... Idess? — a voz de Lore veio de trás, mas ela levantou a mão para deter tanto ele como Eidolon.

— Você me ouviu, Roag? Você queria os seus irmãos mortos.

Porque me queimaram vivo! Arrancou seu manto e ela quase exclamou pelas rugas, restos retorcidos que eram seu corpo. E agora me dói. Morro de fome. Tenho sede. Nada me alivia. Por favor, me ajude. Seus lábios se desprenderam em um sorriso malvado que ela nunca viu. Massacrei os meus irmãos e as suas famílias para que seu sangue corresse como um rio pelas ruas. Os destripei, separei as extremidades de seus corpos e seus olhos das órbitas!

Seu sorriso lhe atravessou como uma lança de gelo esculpido. — Você quer ajuda? Sério? — ela agarrou Roag pelo braço. Apesar de ele não ser sólido como ela, sua energia se agarrou a sua eletricidade estática. — Posso te tirar de seu sofrimento. Completamente. Não tenho o poder para destruir almas, mas conheço alguém que tem.

Ela o arrastou para fora do hospital e para o estacionamento. Olhou vagamente para Lore e Eidolon chamando-a por seu nome, mas

ela continuou seu caminho. Seu irmão havia destruído esta família e ela não pôde fazer nada a respeito, mas ela podia sim fazer algo sobre isto.

Vinte e Quatro

Por alguma razão, a *heraldi* de Lore não funcionava mais. Idess ficou fora do templo de seu pai, passando repetidamente o dedo sobre o vergão circular.

Nada.

Já estava perturbada pela fala de seu pai sobre a luz vindo para ela, ela respirou devagar para acabar com o pânico usurpador enquanto tocava a ponta do dedo com a marca de Kynan.

Nada ainda.

Oh, não. Isso era ruim. Muito, muito ruim. Rapidamente, ela surgiu na casa de Lore, mas ele não estava dentro. Ela disparou para a varanda. Nenhum sinal dele, mas os cabelos da nuca dela se arrepiaram. Em volta dela, o ar estava calmo e os animais da floresta ficaram em silêncio. Ficando em uma posição defensiva, ela se moveu lentamente, esperando... o quê? A sensação que ela sentia não era ruim. Na verdade, sua pele começou a formigar de forma agradável.

E então, explodindo diante dela, num jorro de raios silenciosos, estava uma coluna vertical de luz. Caía do céu numa cascata brilhante, chamando por ela. O puxão foi direto para a alma dela, como um grande e mole abraço.

Um calor tranquilo e lindo pairou sobre ela enquanto ela se dirigia a ele. Tão amável. Tão convidativo.

Venha para casa.

A voz musical cantou não só em sua cabeça, mas em seu corpo inteiro.

É a hora.

Não. Ela cambaleou e parou, dedos esticados e quase tocando o jato de luz. Ela sonhou com esse dia, e agora que chegou, ela só queria correr. Esse deveria ter sido o melhor dia de sua vida, mas isso não era

uma convocação para Ascender. Isso era um chamado para responder por seus atos. Ela perdeu um Primori e dormiu com um demônio.

O jato de luz deslizou na direção dela. Ela desviou para o lado, mas o jato a seguiu. Não importava aonde ela fosse. Ela viu o que aconteceu com Rami e Roag quando sua plena existência foi sugada. Eles foram para sempre. E se seu destino fosse pior? Condenada à solidão e guardando Primori todo o tempo.

E Lore? Perder Rami todos esses séculos atrás a deixou sofrendo, sangrando por feridas que nunca se curaram.

O que ela sentia por Lore era milhares de vezes mais forte. Viver sem ele a mataria.

A luz se aproximou. Com um grito, ela foi para sua casa na Itália. A luz a seguiu, atravessando o teto e brilhando no meio da sala de estar. Ela sumiu de novo, desta vez para o topo do Monte Ararat.

A luz estava lá.

O pânico borrou os cantos de seus olhos enquanto ela surgia em Pompéia. Stonehenge. A Grande Muralha da China. E aonde quer que fosse, a luz a seguia. Um choro de desespero escapou dela enquanto ela apertava os olhos e surgia no estacionamento do Underworld General. Tremendo como um chihuahua nervoso, ela abriu os olhos e se virou em um círculo. *Nenhuma luz.*

O que, agora que ela pensou no assunto, fazia sentido, já que os fantasmas humanos ficaram presos em um hospital demoníaco porque a luz celestial não penetrava.

O ronco de um motor de carro soou como um grunhido de dragão no espaço subterrâneo. A ambulância preta saiu devagar de seu posto e foi em direção à parede distante, que começou a brilhar como um Harrowgate. Claro... aquela devia ser a abertura por onde os veículos passavam.

Como esperado, foi como se a parede inteira se tornasse vidro, deixando a ambulância passar e entrar no estacionamento humano do outro lado.

Um estacionamento onde um jato de luz concentrada se escondia. Esperando por ela.

O portão do veículo se fechou, deixando uma parede sólida no

lugar.

O fato de ela não conseguir mais ver a luz não a confortou, pois ainda estava lá. Sempre estaria lá, e as palavras de seu pai voltaram para assombrá-la.

Não corra.

Vinte e Cinco

Lore ia matar Deth. Ok, com certeza, ele disse isso o tempo todo. Mas depois de dois dias de não fazer nada, só se sentar em seu casebre e beber, Lore percebeu que ele não tinha nada melhor para fazer de qualquer maneira. E se Lore morresse durante a tentativa, que assim seja. Ele não poderia se importar menos sobre si mesmo, porque a melhor parte dele foi embora.

O vínculo com Idess foi quebrado. O que significava que ela estava morta.

Você ferrou ao perder sua pureza e não pode Ascender. Você provavelmente vai ser destruída.

As palavras proferidas por Rami giravam em torno de sua cabeça desde o momento em que ela desapareceu na luz. Ela mentiu sobre ser convocada para receber suas asas, maldita. Lore foi estúpido o suficiente para acreditar nisso, e agora ela estava morta. Então, sim, se ele morresse também, e se ele sobrevivesse, Sin não estaria mais à mercê daquele bastardo do mal. Idess o ajudou a perdoar a si mesmo pelo o que ele fez para Sin, mas isso não significava que ele não ia continuar a tentar fazer isso para ela.

Lore apenas esperava que sua irmã estivesse bem. Ela não tinha contato com ele, nem respondeu seus textos ou devolveu suas chamadas. Se Deth a machucou...

Sua alma queimava de remorso e juntou-se ao buraco negro de tristeza que existia dentro dele e que nenhuma luz poderia preencher.

Você não deveria ter deixado Sin para trás novamente. Você não deveria ter deixado Idess ir. As duas estão mortas por sua causa.

Ele tomou um gole de álcool, saboreando a queimação em sua garganta. Se ele não podia se livrar da tristeza, pelo menos ele poderia

saborear a dor. Ele levantou a garrafa para o ar.

— Para você, Deth. Um de nós vai morrer pela manhã.

Lore encontrou o demônio num bar de demônios à meia-noite. Ele sabia exatamente quem ele estava procurando, e com certeza, ele encontrou o shifter tigre, Sunil, numa mesa de pôquer, fazendo seu melhor para limpar um vampiro, um Sora, uma coisa laranja com chifres de espécie desconhecida.

— Ei, cara, eu posso falar com você?

Sunil jogou suas cartas. — Eu estou fora de qualquer maneira. — Ele seguiu Lore para uma mesa de canto. — Ouvi dizer que está livre. Parabéns.

— Sim. Como está Sin?

— Não a tenho visto.

Um arrepio pulsava nas veias da Lore. — O que quer dizer, você não a viu? Como você sabe que eu estou livre?

— O novo Sem me disse. Ele veio até mim para alguma cura após Deth ter ido através dele. — Sunil balançou a cabeça, fazendo seu tempo, agitando sua franja amarelada em seus olhos como escovas. — O bastardo esperou até Tavin estar louco de tesão, e então ele trouxe uma prostituta. Tav se transformou e assistiram ao show. Eu não sei o que aconteceu com a fêmea, mas porra, Tav está quebrado. Depois, Deth me chamou para consertar.

Que filho da puta doente. Lore se vingaria por Tavin, bem como por Sin. — Você pode me levar no covil?

Sunil tomou um gole de sua cerveja. — Foda-se. — Ele limpou a boca com as costas da sua mão. — Eu gosto da minha cabeça sobre meus ombros, muito obrigado.

— Sin pode estar em apuros.

— Você sabe que eu gosto da tua irmã, homem. Mas eu não posso arriscar minha vida por ela. Tenho filhos para alimentar.

— Eu sei, e eu não iria pedir isso se não fosse importante. Eu pretendo falar com Deth — ele mentiu.

— Então vá através dos canais normais.

Ele não podia fazer isso, porque Deth queria encontrá-lo no Guild Hall, que estava sob um feitiço Haven semelhante ao que protege Underworld General.

— Eu preciso ver Sin primeiro.

— Dane-se, Sem...

— Por favor. — Merda, Lore odiava implorar. Mas ele engoliu e acrescentou: — Eu farei qualquer coisa.

Sunil amaldiçoou. Longo e árduo. Finalmente, ele rosnou: — Eu vou levar você através da barreira. Você é responsável pelo que acontecer lá dentro e por Deth. E se for pego, eu vou salvar minha própria pele e dizer que você me obrigou.

Lore sorriu. — Eu não esperaria outra coisa.

Seria tão bom com Deth morto. Tudo que Lore precisava fazer era pagar uma visita a Eidolon.

Vinte e Seis

Materializaram-se no Sheoul, na frente de uma porta gigante que estava protegida por dois Ramreels idiotas. As bestas nem sequer tiveram tempo para sacar seus machetes[1] antes que Reaver bancasse o Exterminador com os demônios. Ele não lutou contra eles, os *demoliu*.

Quando não eram mais que montes esfumaçados de carne trêmula no chão, sacudiu as mãos e abriu a porta.

— Não posso entrar sem uma ordem direta. Boa sorte.

— Obrigada, Reaver.

Com uma inclinação de cabeça, se foi.

Os pés descalços de Idess golpeavam no solo do covil de Deth enquanto corria, a túnica vermelha ondeando em suas pernas e tornozelos. O terror retumbava através dela, batendo contra a esmagadora fúria e dor que a ligação trazia de Lore.

Oh, por favor, não! Idess irrompeu através das portas... e derrapou até parar. Seu coração bateu contra sua caixa torácica e permaneceu ali, colado nos ossos e sem bater.

Lore estava furioso, era um caos sangrento que lutava contra vários demônios. Sin estava no chão, lutando contra o domínio feroz de três Ramreels. As feridas sangrentas e as armas espalhadas ao redor de Sin, diziam sobre sua valente tentativa de matá-los antes que a derrubassem.

Deth, situado em seu trono, grunhiu como um cachorro furioso. — Você! — disse a ela entre dentes. — Tínhamos um trato!

Ela se virou, porém seu novo corpo humano carecia da força a qual estava acostumada, e Deth a capturou facilmente. Deu-lhe um

puxão contra ele, sua mão golpeou contra seu peito, e o fogo derreteu o casaco e queimou sua pele. Ela gritou... e o mesmo fez Lore. Em sua visão periférica, o viu investir contra Deth, só para ser derrubado ao chão por um Ramreel.

— Mate-o! — mandou Deth, e enquanto o vínculo com Lore se perdia, o vínculo fresco em seu peito queimava com calor. — Mate Lore. — A voz de Deth era aguda pelo pânico e fúria. — Faça agora!

Matar não estava nos termos que haviam negociado na Associação, mas a necessidade de cumprir acertou Idess de todos os modos. Contra sua vontade, seus pés se arrastaram até Lore.

Não. Apertando os dentes, ela lutou contra a ordem de Deth. O suor caía de sua testa, e suas unhas se cravavam profundamente em suas palmas. Enquanto ela chegava ao final, sua resistência a ordem de Deth se convertia em uma dolorosa picada de agulhas debaixo de sua pele.

As maldições de Sin e os sons duros da batalha ressoavam em seus ouvidos. Lore lutava com tudo o que tinha, a partir de um machete de demônio Ramreel, até seus dentes. Seus olhos brilhavam vermelho, brasas de ódio dentro de seu crânio.

— Cadela! — gritou Deth, enquanto Lore derrubava um dos Ramreels e ia atrás do principal assassino. — *Eu disse que o matasse!*

Seu vínculo se converteu de uma marca branca ao vermelho vivo que cavou até o final da sua coluna vertebral. Inexpressivamente recuperou um machete do piso. Os Ramreels aprisionaram de alguma maneira o braço da morte de Lore debaixo dele. Ele estava vulnerável.

Mate-o!

Idess oscilou. A perda de sua força Memitim fazia a arma parecer mais pesada e seus movimentos mais lentos, porém ela decapitou a cabeça do demônio mais próximo.

Liberando-se, Lore se lançou sobre Deth, golpeando-o completamente no peito. O mestre demônio voou na parede, sua armadura se torceu como uma lata esmagada. Os Ramreels foram atrás de Idess, com a boca gotejando espuma.

Oh, o que não daria por uma gadanha[2] Memitim, ligeira como uma pluma neste momento. Com o coração batendo em sua garganta, saltou e girou, balançando a pesada folha com prática e

habilidade. Os demônios se dispersaram, porém a segurou para cortar a um deles, abrindo-o através de seu abdômen. O outro caiu para trás com uma mão cortada.

Ela foi por Deth, porém Lore já estava ali, cortando o demônio maior, os golpes do metal golpeando a carne faziam eco através da câmara. As feridas maciças do mestre assassino não lhe impediram de golpear com seu punho ensanguentado a Lore, que caiu para trás com um silvo de dor.

Idess o golpeou com sua espada, e ele gritou com fúria e dor. Ela golpeou de novo. E outra vez. O Ramreel sem braço disparou contra ela pelas costas, e ela tropeçou, momentaneamente fora do jogo.

Todo o seu corpo gritava por vingança. Girando, o cortou, abrindo-o como fizera com o outro. Caiu no chão com um ruído surdo, com as mãos tratando inutilmente de conter suas tripas.

Idess reuniu até a última gota de sua força e se girou para Deth. Seu machete lhe atravessou o peito.

Os olhos de Deth se abriram com incredulidade, e logo se nublaram com a morte, enquanto seu corpo se enrugava. Antes de cair no chão, a espada de Lore atravessou seu pescoço em um sussurro lúgubre. A cabeça do demônio golpeou o chão uma fração de segundos antes que seu corpo.

Atrás dela, ouviu outro golpe; o Ramreel de Sin havia sido derrubado. Ela estava de pé sobre seu corpo, nua e arquejante, com uma lâmina ensanguentada na mão.

Um grunhido inumano atravessou o silêncio. Pouco a pouco, com medo do que seria, Idess foi até Lore. Ele estava nas sombras, maior que a vida, o sangue correndo em riachos por sua jaqueta de couro e suas calças, como fluxos de lava.

— *Matar.* — A palavra em si era suficientemente fria, mas foi a forma como a disse, o tom selvagem de sua voz, que converteu o sangue de Idess em lama.

A morte de Detharu não fizera nada para acalmar a ira de Lore. A fúria contorcia sua expressão, e seus olhos eram lasers vermelhos cujo objetivo era sua aniquilação.

— Lore — sussurrou, sua voz crua e dolorosa. — Lore, sou eu.

Ele foi até ela. Sin gritou, sem nenhum efeito. Agarrou Idess, descendo sobre ela e empurrou a ponta de sua espada em sua garganta.

— Lore! — Idess agarrou sua mão, utilizando toda a força que tinha para evitar que a apunhalasse. — Sou eu, Idess.

Sin correu até eles, e a cabeça de Lore girou. Sibilando para ela, preparando-se para o ataque.

— Sin! Pare! — Idess tragou, fazendo uma careta pelo aperto do metal em seu pescoço. — Para trás!

Sin obedeceu, mas seus olhos negros eram selvagens pelo medo.

Idess golpeou com seu pé a perna de Lore, trazendo sua atenção para ela. — Hey. Olhe para mim. Pode lutar contra isto. — Ternamente, passou seu pé em sua panturrilha em uma carícia suave. — Sei que não quer me machucar.

A pressão na garganta diminuiu, apenas um pouco. Um fio quente corria por seu pescoço do corte que ele havia feito.

— Bem — suspirou ela. — Isso é bom. Te amo, você sabe, certo? — Pouco a pouco, para não assustá-lo, levantou o colo para cima, criando um berço para o corpo dele entre suas coxas. Estava duro, como esperava, sua raiva tinha um efeito secundário sexual e vice-versa.

As fossas nasais de Lore se abriram, e um músculo de sua mandíbula tremeu, enquanto a olhava. Podia ter sido sua imaginação, mas parecia que o brilho demente em seus olhos havia se atenuado. Então, um grunhido estalou no peito e sua cabeça girou de novo para sua irmã.

— Sin — disse Idess, mantendo sua voz suave, para acalmar a besta selvagem e todo isso. — Saia. Por favor. Apenas... espere lá fora.

— Mas...

O violento cerrar de dentes de Lore a calou. Mantendo o olhar em Lore, Sin retrocedeu até a porta, fechando-a atrás dela. Quando havia ido, toda a atenção de Lore se voltou para Idess. Seus olhos voltaram a cor de brasas ardendo intensamente, mas subiu ainda mais a lâmina.

— Não me machucará — repetiu, e ainda que acreditasse, uma pequena parte dela se encolhia de terror. Como ser humano agora, era vulnerável, e isto podia ter sido algo realmente estúpido. — Tem tanto medo de fazer, mas te conheço melhor. — Orando para que estivesse fazendo o correto, ela inclinou a cabeça para um lado, deixando seu pescoço ainda mais descoberto. — Beije-me aqui. Põe tua boca onde está a espada.

Seu olhar caiu na garganta, e passou a língua pelos lábios com uma jogada surpreendentemente sensual. Seus sentidos cambalearam um pouco, uma reação totalmente inadequada, dadas as circunstâncias, mas assim era como lhe afetava, e ela não iria sentir vergonha por isso.

— Isso mesmo — murmurou. — Beije-me, me ame. Aqui mesmo, nesta sala, onde a sua vida foi um inferno. Pode mudar tudo. — Ela se arqueou contra ele, e desta vez o ruído que ele fez foi um torturado gemido.

— Me ame, Lore.

A lâmina caiu, e ela deixou escapar um suspiro de alívio quando ele baixou a cabeça e arrastou os lábios da clavícula até a mandíbula.

— Idess? — sua voz ressoava profunda, e totalmente estranha. — *Idess?* É você realmente?

— Sou eu, Lore.

Ele piscou. — Estou morto?

— Não, mas não por falta de tentativas.

De repente, ele a tomou em seus braços e a abraçou tão forte que apenas podia respirar. — Você é real — se embargou. — Posso te sentir. Por dentro e por fora. — Enterrou a cara contra seu pescoço e a sacudiu. A umidade desceu por sua pele, e ela soube que ele estava chorando.

Seu demônio grande e forte chorava por ela. Sacudida até a medula, se uniu a ele, e quando as lágrimas rodaram por suas bochechas, suas emoções se infiltraram nela, o laço que compartilhavam os uniu mais uma vez. A queimadura em seu peito pela marca de Deth aliviou, tornando-se meramente sensível, e logo desapareceu por completo.

— Como aconteceu isso? — perguntou por fim, sentando-se e limpando secretamente seus olhos. — Recebeu suas asas?

— Eu passei. Tenho você em seu lugar. E a mortalidade. Modificada.

Ele se sacudiu como se houvesse sido picado. — Deixou de ser um anjo? Idess, tem que voltar!

— Shh. Já deixei de castigar-me. É hora de tomar o que quero, e o que quero é você. — Ela acariciou sua bochecha, com cuidado de não tocar nenhuma de suas feridas. — Estamos vinculados, e nossas esperanças de vida estão conectadas. Vamos estar juntos nesta vida e na seguinte. E posso usar os Harrowgates contigo. — Algo passou voando e ela franziu a testa. — E ao que parece, ainda posso ver fantasmas. — *Há um preço. Um dever, se você quiser.*

Ele apoiou sua testa contra a dela. — Maldita seja — sussurrou. — Está segura de que é o que quer?

— Claro que sim. A menos que você não?

— Anjo, agora que está de volta, nunca te deixarei ir.

Produziram batidas insistentes na porta, seguidas pelo grito surdo de Sin. — Hey! Estão bem?

Lore se colocou de pé enquanto Sin entrava através da porta.

Ainda segurava uma espada, mas havia encontrado roupa, uma túnica tosca e grossa feita para alguém duas vezes o seu tamanho. O bruto alívio pôs um brilho em sua cara e um sorriso em seus lábios enquanto corria até Lore e o envolvia em um forte abraço. — Graças a Deus que está bem. — Ela deslizou um olhar até Idess. — E que não matou meu novo chefe.

— Desculpe-me? — Idess se colocou de pé, esperando que a nova altitude apurasse suas orelhas.

— Ah, sim... — Lore se aproximou de Deth e arrancou um anel de seu dedo. — Aquele que der um golpe mortal a um mestre assassino assume o seu lugar. É por isso que eles mantêm uma segurança tão alta.

— Mas foi você que cortou a cabeça dele.

— Depois que você desferiu o golpe mortal. O que fiz foi por diversão. — Lore encolheu os ombros. — O anel dele é seu. Também tem que esquartejar seu corpo e enviar as partes a seus quatro maiores inimigos, e colocar a cabeça sobre a entrada da Associação por noventa e dois dias. — Disse como gente normal diria: Também é necessário levar salada de batata para o piquenique.

De repente, ser humana e normal soava muito bem. — Assim que, se tomo o trabalho, posso liberar todos os assassinos e acabar com isto de uma vez?

Sin encarou Deth com tal malícia que Idess pensou que ele tinha sorte de estar morto. — Não. Seus contratos são vinculados e devem ser cumpridos. Se eles rompem os termos, você pode modificar os contratos, mas isso é tudo.

— Posso dar o trabalho para você?

— De verdade? — os escuros olhos de Sin se incendiaram e logo se estreitaram. — Por que não o quer? É um grande trabalho.

— Sou uma espécie de humana agora. — Olhou todos os cadáveres, a morte e a destruição. — E dirigir uma organização assassina não é exatamente o trabalho dos meus sonhos.

Encolhendo de ombros, Sin estendeu a mão. — Está bem.

— Está bem? — Lore começou a rir e atirou o anel pelo ar até ela. — Isso foi fácil.

— Te disse que isto é tudo o que sei — disse, e um flash de tristeza cruzou a face de Lore. — Assim que bem que poderia ser a chefe. — Colocou o anel em seu dedo indicador. — Hey, eu sei tudo sobre os contratos de todos! — sorrindo, olhou a Idess. — O seu está cumprido.

— Porém, ele me ordenou que matasse a Lore, e não o fiz.

— Desde que sou a nova dona do contrato, eu digo que o desaparecimento de Deth conta como o assassinato que havia ordenado você a fazer.

A felicidade inundou Idess, e ela esmagou Sin em um abraço. Sin se pôs rígida como uma tábua, porém deu uma palmadinha estranha nas costas de Idess antes de afastá-la e pôr alguns centímetros de distância entre elas, claramente incômoda com o afeto.

— Bom, e agora o que? — Idess perguntou a Lore.

— Agora — disse com um olhar lascivo, — nos dirigimos a casa.

Sua fome bateu contra ela através do vínculo, intensificando a sua até que estivesse queimando por dentro. — Minha casa ou a sua? — respirou.

— A que for mais próxima — disse asperamente, e ela estava definitivamente de acordo com essa sugestão.

Sin revirou os olhos. — Fora daqui, já!

Lore sorriu. — Não pode me manter aqui. Se eu não tiver que ver este lugar de merda outra vez... bem, já fazem uma ideia. — Ele se pôs sério, então, como se talvez o que havia dito não fosse certo. Com um movimento espasmódico, meteu a mão debaixo de sua jaqueta e sacou seu punhal de osso de Gargantua. — Sin, isto é teu agora.

— Mas eu que a dei a você.

— E não há presente que tenha significado mais — disse Lore em voz baixa. — Mas já não a necessito mais. Você sim.

— Mas...

— Te direi algo — disse, cortando-a. — Pode me dar novamente, uma vez que esteja livre desta vida.

O brilho feroz nos olhos de Sin dizia que nunca seria livre dela, algo do qual Lore deveria ter se dado conta, porém sua expressão não vacilou. Sustentou a arma, e depois de um momento, Sin a tomou.

— Obrigada. — Sin esclareceu a garganta da trava emocional nela, e de repente, era a despreocupada e fria assassina de novo. — É o melhor irmão.

— Falando de irmãos — disse ele em um tom de irmão maior. — Você precisa ver Eidolon imediatamente.

— Eu também — disse Idess. — Agora que estou de volta, posso jogar de exterminador de fantasmas todo o tempo, depois de tudo.

Lore começou a rir. — Ele quer que eu jogue com seus

pacientes mortos.

— O fará? — perguntou Sin, e havia uma preocupação subjacente em sua voz que Idess não entendia.

— Sin...

— Está bem. — Ela lhe ofereceu um sorriso trêmulo. — Quero que trabalhe ali. Que os conheça. — Deslizou o punhal em seu cinturão com um firme empurrão. — Agora, tenho um negócio que atender. Nos vemos.

Idess envolveu seu braço ao redor da cintura de Lore, e se fundiu com ele quando ele a puxou para mais perto. — Estará bem?

— Sim — suspirou, enquanto Sin saía da habitação. — É uma sobrevivente.

Idess não podia deixar de se perguntar se isso era realmente suficiente. Havia sido uma sobrevivente por dois mil anos, porém tudo isso significava que havia existido. Agora, enquanto abraçava a Lore, ela sabia que estava *vivendo*.

[1] Sabre com dois gumes

[2] Foice de cabo comprido usada para cortar erva.

Vinte e Sete

Sin bateu na porta do escritório de Eidolon, mesmo estando aberta. Franzindo a testa, ele olhou por cima de uma pilha de papéis, mas sua severa expressão suavizou quando ele a viu.

— Sin. Entre.

Ela hesitou. Todos os problemas que ela causou, empilhado em cima do fato que Eidolon era um dos homens mais intimidantes que ela já conheceu, a deixou um pouco insegura, quando ela nunca foi assim. Nunca.

Ele era apenas tão... diferente. Lore, Shade, Wraith irradiavam perigo com variados graus de humor e mau humor. Ela esteve ao redor do perigo toda a sua vida e podia lidar com isso. Estava confortável com isso. Mas com Eidolon era impossível dizer onde os pensamentos dele estavam e parecia como quanto mais calma ele estivesse, mais irritado estava. Além disso, ele tinha um lado lógico, inteligente, que ela não poderia identificar-se em tudo.

Não, caos e as ruas espertas eram o que a guiavam.

Ele não disse nada quando ela não entrou de imediato, simplesmente ficou lá com aquela expressão fechada e seus olhos que não revelavam nada. Finalmente, ela caminhou até sua mesa.

— Você aprendeu alguma coisa?

— Sobre por que você é... como se chama... Smurfette? Ou sobre a praga?

— Praga — ela disse suavemente. Ela não dava a mínima sobre as razões por trás de sua existência. Ela estava viva, e isso era tudo o que importava.

— Eu não tenho nada — Eidolon admitiu. — Seu sangue não revelou qualquer pista. E esta doença é nada que eu já tenha visto. Essa é uma proporção de merda do inferno de Sheoul.

Oh Deus, ela causou uma merda do inferno de uma praga. Lore

sempre dizia que quando ela fazia algo, ela fazia bem. Ela usara suas palavras como um distintivo de honra, mas ela apenas não conseguia encontrar o orgulho no que fizera dessa vez.

— Normalmente cada um que infecto desenvolve algo único... nenhum morre da mesma coisa. Os wargs que você tem visto tiveram sintomas diferentes?

Eidolon encostou-se a sua cadeira. — Tudo tem sido idêntico ao da primeira vítima, pelos sintomas e sinais, a forma como seus capilares dissolveram, levando a uma hemorragia interna e finalmente, a parada cardíaca. Tudo o que você fez com o primeiro warg tem sido passado para os wargs que entram em contato com ele, embora o modo de transmissão seja desconhecido.

Ela franziu o cenho. — Conall entrou em contato com ele, então por que ele não ficou doente?

— Estou achando que a metade vampiro dele está dando a ele imunidade ou resistência.

— Talvez haja alguma coisa em seu sangue que possa ajudar a criar uma vacina?

Um pequeno sorriso levantou no canto da boca de Eidolon. — Você está desperdiçando seus talentos como uma assassina. Você deveria estar trabalhando aqui.

Isso era uma piada e meia. — Eu mato, irmão. É aí que meus talentos mentem.

— Não tem de ser assim — ele disse, em uma voz que escorria com superioridade moral e julgamento.

— Você não sabe nada sobre mim ou minha situação — ela retrucou. — Então, não se atreva a me dizer o que não tem que ser.

Embora sua expressão não dissesse nada, ele bateu seus dedos descontroladamente em sua mesa. — Você está exagerando um pouco...

— Exagerando? Morda-me, idiota. A próxima vez que você iniciar uma praga que ameça extrair uma espécie inteira, você verá como reagir. — Ela bateu suas palmas na mesa. Ele nem sequer vacilou, apenas manteve aquela calma enlouquecedora. — Tudo o que sei fazer é foder e matar, e agora eu tenho infectado não apenas um

warg, mas possivelmente uma população inteira. Então me diga como devo reagir?

— Isso é verdade? — a voz profunda e estrondosa fez que ambos, Sin e Eidolon, torcessem suas cabeças em torno da porta, onde Conall e outro macho mais velho estavam em pé.

Nenhum parecia feliz.

Eidolon olhou para seu relógio. — Valko. Você está adiantado.

O macho de cabelos vermelhos rosnou e seguiu para dentro do escritório, seu olhar assassino, e Sin tinha uma pequena sensação de que ele era warg. — Isso é verdade? — ele apontou um dedo para ela. — Ela é a causa da doença que está dizimando nosso povo?

Eidolon virou-se para ela. — Sin, por que você não volta mais tarde? — isso não era um pedido.

Engolindo secamente, ela assentiu, mas quando ela tentou sair, o warg a bloqueou. — Eu não penso assim.

Eidolon explodiu fora de sua cadeira, olhos dourados, dentes à mostra. Então, seu irmão não era sempre o cara recolhido e legal que ele provavelmente gostava de pensar que era. Bom saber.

— Deixe-a ir. *Agora*. — Sua voz era uma fala letal, e naquele momento, ela sabia que ela subestimou seriamente Eidolon. Ele era tão perigoso quanto qualquer um de seus irmãos, talvez o mais perigoso, porque com ele, você não via o machado até que estivesse em sua garganta.

Houve um silêncio torturante, que Sin estranhou, porque a tensão crepitando no ar deveria ter feito barulho. Eventualmente, como... quando seus pulmões estão prestes a explodir de sua respiração presa, o warg se afastou. Infelizmente, isso significava que ela precisava enfrentar Conall agora. Ele permaneceu no corredor, e enquanto ela se apressava por ele, ele agarrou seu cotovelo.

O rosnar de Eidolon seguiu, mas ela ergueu uma mão para pará-lo. — Está tudo bem — ela disse, mas ela sabia que ele ficaria de olho nas coisas.

Os olhos de Conall brilharam como punhais de prata. — O que você fez?

— Você não ouviu? Eu comecei uma praga que parece que vai dizimar todo o lamentável povo de vocês.

— Por quê?

Ele fez soar como se ela tivesse feito de propósito. Tudo bem. Ela poderia jogar seu jogo. — Por diversão. Por que mais?

Um músculo em sua mandíbula fez tique, e ela poderia ouvir o raspar de esmalte sobre esmalte. Tudo que era triturável era horrível para suas presas. — Você me infectou?

— Você está muito indignado para um cara que apostou 500 dólares que poderia entrar em minhas calças.

Ele a agarrou pelos ombros e a sacudiu. — Responda-me.

Ela sorriu docemente. — Se eu tivesse, você já estaria morto. E se você não remover suas mãos, é exatamente isso que vai acontecer.

A expressão dele escureceu ainda mais, e ela resistiu ao impulso de tremer enquanto ele inclinava suas presas arranhando um lóbulo de sua orelha. — Reze para que ninguém que eu conheça morra.

— Eu teria cuidado em me ameaçar — ela disse, puxando-se do aperto dele.

— Por quê? Seus irmãos virão atrás de mim?

— Não. Porque eu vou.

Com isso, ela se afastou, cabeça erguida, mas por dentro, seu estômago estava agitado. Ela não conseguia afastar a sensação que ela acabara de fazer o homem errado como seu inimigo.

Vinte e Oito

— Derroto você lá — Idess se arremessou fora do Harrowgate e correu em direção a sua casa. Lore amaldiçoou e a seguiu, acompanhado por passos pesados que fechavam a distância entre eles.

— Idess — seu grito segurou um aviso predatório e ameaçador.
— Quando eu pegá-la, vou te levar onde pousarmos.

E aquilo era suposto ser uma ameaça? — Quando? Se — ela gritou.

Rindo, ela aumentou o ritmo, esquivando-se de galhos de árvores e saltando sobre as raízes que teciam veias no caminho desgastado para sua vila. Ela arriscou um olhar sobre seu ombro e gritou de prazer. Ele estava quase em cima dela. Fome intensa queimou nos olhos escuros dele, e ela de repente sentiu o que devia ser como um coelho correndo de um lobo.

De alguma forma ele furtou-se até a última acelerada, suficiente para deixá-la na frente da porta. Ele a pegou lá, prendendo-a contra a madeira com seu enorme corpo. Em algum momento ele perdeu a luva que ele usava, embora regularmente ela drenasse seu poder da morte para dar-lhe pedaços temporários de liberdade.

Uma mão pegou em seu seio e a outra agarrou seu quadril e seu corpo inteiro zumbiu com antecipação.

— Eu avisei você. — Sua voz estava sem fôlego com a corrida e com a necessidade, o último ela podia sentir todo o caminho até sua alma.

Ela levantou sua perna para colocar seu dolorido sexo contra sua ereção, e ele sibilou em uma respiração. — Aqui mesmo, contra a porta?

— Sim. — O olhar dele ardendo a desafiava enquanto seus dedos encontravam os botões de seu jeans. Mas ela não iria impedi-lo. Na verdade, ela quase chorou em alívio com o ainda macio urgente som de raspagem de suas juntas roçando sua pele enquanto ele rasgava sua braguilha. — Você deveria usar saias.

— Sem calcinhas?

Um sorriso perverso subiu em sua boca, roubando a capacidade dela falar. — Com calcinhas. Dessa maneira posso arrancá-la com meus dentes.

As palavras, as imagens, foram vertiginosas.

— E se eu estiver com muita pressa de tirá-la — ele disse, enquanto ele dirigia sua mão abaixo, na frente de sua calça, — eu posso movê-la para o lado. — O que ele provou puxando a seda para o lado e enfiando dois dedos em seu centro.

Ela gritou com a maravilhosa invasão. — Lore...

Ele firmou seu antebraço contra a porta perto da cabeça dela e inclinou-se enquanto seus dedos começaram um deslize dentro e fora. Ela esperava que ele a beijasse, mas ao invés ele a observou, sua respiração ofegante, seus olhos meio fechados. Sob seu olhar de admiração ela se sentia como um tesouro bonito.

— Nunca vou cansar de olhar para você — ele sussurrou. — Eu quero ver você gozar todos os dias. Dez vezes ao dia. Cem.

— Você diz as coisas mais maravilhosas — ela ofegou. — Você nunca se livrará de mim agora. — Passou uma semana desde que eles deixaram a cova assassina para sempre, e ela disse a mesma coisa todos os dias.

— Bom. — Ele fez uma torção pecaminosa com seus dedos, e ela arqueou em sua mão, pendurando-se bem na borda. — Droga Idess. Você está encharcada, tão molhada, e tudo por mim.

— Por você — ela concordou.

— Minha — ele rosnou.

— Sua.

Seus dedos varreram um profundo ponto sensível que a incendiou, enviando chamas correndo através dela, até mesmo queimando em sua garganta. Cada pulso de seu clímax cantou com notas puras e ricas enquanto seu corpo batia para vida.

Lore a trouxe para baixo com golpes leves e gentis sobre seu centro, nem uma vez tirando seus olhos dos dela. Antes de ele a

acompanhar, ela nunca acreditou que ser observada durante um momento tão íntimo e privado pudesse ser tão sexy, mas a maneira que seu olhar crescia mais quente, sua expressão mais intensa, e seu corpo tão duro... sim, isso era algo que ela desfrutava e queria repetir frequentemente. A mente dela começou a folhear através de cenários futuros, mais coisas que ela poderia fazer enquanto ele observava, e o fogo faiscou novamente.

— Dentro — ele falou asperamente. — Agora.

— O que aconteceu contra a porta? — ela disse atrevidamente.

— Quero você tão forte que vou quebrá-la. — Ele mordeu sua garganta antes de girar ao seu redor e deu-lhe um tapa brincalhão nas nádegas. — Cama. Preciso da sua cama.

Ela abriu a porta e parou na entrada. — Nossa cama agora.

Forte orgulho masculino e possessão tomou conta da expressão dele. Ela se arrepiou com a estima enquanto ele a varreu em seus braços e a carregou para o quarto. Com uma gentileza que ela não esperava, ele a colocou na cama em que ambos foram acorrentados. Ainda estavam, de certa forma, e ela não mudaria uma coisa.

Ela arrastou um dedo ao longo das espirais de sua *dermoire*, e ele ficou maravilhado com a sensação abençoada, não sabendo se já se acostumara a sentir algo que ele há décadas parara de rezar. — Você disse uma vez que nem sempre foi um assassino. Que você foi mais que isso. Você estava certo.

— Na época que eu disse isso, estava mentindo.

— E agora que você não é um assassino? Você ainda acha que é uma mentira?

— Não — ele disse, enquanto ele trilhava beijos ao longo do ombro dela. — Sou um homem com um futuro e uma família. Por causa de você. Minha antiga vida acabou, e não posso te agradecer o suficiente.

Ela sorriu. — Eu me sinto exatamente da mesma maneira. — A mão dela desceu até a cintura dele, e depois mais baixo, até ele estar arfando de prazer. — Para nós, o fim é apenas o começo.

Fim...

Continua em **Demonica 05-Sin
Undone**



Esta obra foi traduzida pelo grupo de Tradução After Dark (TAD), com o intuito de propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição da obra literária física ou em formato ebook. O grupo é ausente de qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto. A Comunidade tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto. No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, a Traduções After Dark, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download do livro cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao **uso pessoal e privado**, e que deverá abster-se de postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, blog, sites e bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho do grupo, sem prévia e expressa autorização do mesmo. O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderão individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo-se os grupos citados no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.